

Adriana Nascimento Bodolay

**Pragmática da entonação:
a relação prosódia/contexto em atos
diretivos no Português**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009

Adriana Nascimento Bodolay

**Pragmática da entonação:
a relação prosódia/contexto em atos
diretivos no Português**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística
Linha de Pesquisa: Linha D - Organização Sonora da Comunicação Humana

Orientador: Dr. César Reis

Belo Horizonte
Faculdade de Letras

2009



Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos

Tese intitulada “*Pragmática da entonação: a relação prosódia/contexto em atos diretivos no Português*”, defendida por Adriana Nascimento Bodolay e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. César Reis – FALE/UFMG (Orientador)

Prof. Dr. João Antônio de Moraes - UFRJ

Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari – UNESP/Araraquara

Prof. Dr. Rui Roethe-Neves – FALE/UFMG

Prof. Dr. Tommaso Raso – FALE/UFMG

Suplentes:

Profa. Dra. Leandra Batista Antunes - UFOP

Profa. Dra. Luciana Mendonça Alves – Faculdades Metodistas Integradas Izabella
Hendrix

Belo Horizonte, 02 de abril de 2009.

*Para Alexandre, Thais e Nathália:
meus três amores,
minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida e pelas bênçãos imensas que já recebi.

À minha pequena família: Alexandre, Thais e Nathália, por terem aguentado os longos períodos de minha ausência.

À minha grande família: mamãe, papai, que não se encontra mais entre nós, meus irmãos e sobrinhos, que sempre torceram por mim.

Ao professor Dr. César Reis, por acreditar em mim e pelos conhecimentos que adquiri no Laboratório de Fonética.

A todos os meus amigos, representados aqui por Leandra e Luiz Fernando, que sempre me deram forças para caminhar e chegar até aqui.

Aos colaboradores do Laboratório de Fonética, sobretudo Vanessa, Anaíde, Leandro e Cristiano pelo trabalho primoroso de transcrição e análise estatística.

Aos meus alunos da FAMINAS-BH, que muito colaboraram discutindo os dados da tese e que sempre foram curiosos para entender o que é prosódia.

A todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

“Pedido e ordem têm uma diferença tênue. Dependendo da autoridade, um pedido tem a força de uma ordem expressa. A possibilidade de dizer “não” é que vai determinar como aquilo será recebido”.

Regina Célia Peres Borges, ex-diretora do Prodasen, sobre a determinação clara para extrair a lista de votação da cassação do então senador Luiz Estevão (PMDB-DF).

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise sobre a relação entre o uso de parâmetros prosódicos e os atos de fala diretivos de ordem e pedido no Português brasileiro. SPERBER & WILSON (1995), HIRST (2005), WICHMANN (2005) demonstram que a produção do sentido, no momento da enunciação, não depende do conteúdo lexical, mas sim de uma correlação entre fatores internos e externos ao ato de linguagem. De modo a demonstrar de que forma tais aspectos, informações prosódicas, informações semânticas e informações contextuais, estão interligados, propomos neste trabalho a investigar, orientados pela Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1990, SEARLE, 1981) os atos diretivos. Como recorte metodológico, e de forma a garantir a qualidade do sinal acústico, selecionamos um *corpus* de dados da novela *Belíssima*, com personagens interagindo em contextos diferenciados. Os dados foram captados por antena UHF e gravados em aparelho de DVD. Do ponto de vista da análise instrumental, optamos pela extração da curva de F0 e pela medida da duração segmental, uma vez que a literatura apresenta ambos como os correlatos acústicos que melhor representam a entonação. Os resultados demonstram uma tendência de uso dois padrões para enunciados de ordem e dois para o pedido. Em termos de duração total do enunciado, as ordens são produzidas com duração menor que os pedidos. Há uma correlação significativa, no que diz respeito ao uso de uma força ilocucionária em função do alocutário, bem como uma tendência de alinhamento do pico de F0 na parte inicial dos enunciados, tanto de ordem quanto de pedido. No que se refere às atitudes, observamos que aquelas relacionadas à polidez e cortesia são as mais recorrentes. Propomos, também, uma discussão a respeito do parâmetro pontos-alvo, que é medido na curva melódica, uma vez que apenas três pontos não representam determinados tipos de padrão entonativo.

Abstract

This study aims to present an analysis on the relationship between the use of prosodic parameters and directive speech acts of order and request in Brazilian Portuguese. SPERBER & WILSON (1995), HIRST (2005), WICHMANN (2005) show that the production of sense at the enunciation, does not depend on the lexical content, but a correlation between internal and external factors to the act of language. In order to show how these aspects, prosody, semantic information and contextual information, are linked, we propose in this work to investigate the directive acts, driven by the theory of speech acts (AUSTIN, 1990, SEARLE, 1981). As methodology, and to ensure the quality of the acoustic signal, we selected a corpus of data from the soap opera *Belíssima*, interacting with characters in different contexts. Data were collected by UHF antenna and recorded on DVD player. From the perspective of instrumental analysis, we chose the extraction of the curve of F0 and the extent of segmental duration, since the literature presents both as acoustic correlates that best represent the intonation. The results show a tendency to use two prosodic patterns for order and two for the request. In terms of total duration of the statement, the orders are smaller than the requests. There is a significant correlation, with regard to the use of illocutionary force according to the listener and a trend towards alignment of the F0 peak in the early part of the statements, both in order and request. As regards attitudes, we found that those related to politeness and courtesy often occur. We also propose a discussion on the acoustic parameters of pitch, which is measured in the melodic curve, since only three points do not represent certain types of prosodic pattern.

Listas de ilustrações

FIGURA 1: CURVAS ESTILIZADAS PARA O ENUNCIADO "FECHA A PORTA" (APUD MORAES, 1998).....	42
FIGURA 2: PERFIS ENTONATIVOS DE 3 DIFERENTES ATOS DE FALA: UM ASSERTIVO, UMA PERGUNTA E UMA ORDEM ("MANGIA").....	59
FIGURA 3: MODELO DE ANÁLISE PROSÓDICA DE AUBERGÉ (2002).....	75
FIGURA 4: RELAÇÃO ENTRE OS NÍVEIS INFORMACIONAIS NUM ATO DE FALA.....	80
FIGURA 5: ATOS DIRETIVOS DE ACORDO COM VANDERVEKEN (1990)..	92
FIGURA 6: DIVISÃO DOS ATOS DIRETIVOS DE ORDEM E PEDIDO SEGUNDO LE BERRE (2007).....	94
FIGURA 7: DISTINÇÃO DE MODALIDADES ASSERÇÃO (A) E PERGUNTA (B). FONTE: BOLINGER (1985, P. 9).....	97
FIGURA 8: CURVA DE F0 E FORMA DA ONDA DO ENUNCIADO "ELA CHEGOU" NA MODALIDADE DECLARATIVA E INTERROGATIVA.....	98
FIGURA 9: INFLUÊNCIA DE ELEMENTOS PARALINGUÍSTICOS NA ESTILIZAÇÃO DA CURVA DE F0.....	99
FIGURA 10: FORMA DE ONDA E CURVA DE F0 DO ENUNCIADO "TRAZ CAFÉ"	100
FIGURA 11: FORMA DE ONDA E CURVA DE F0 DO ENUNCIADO "TRAZ CAFÉ"	101
FIGURA 12: CURVA DE F0 PARA O ENUNCIADO "DESTRANCA A JANELA" PRODUZIDO COMO UMA ORDEM. FONTE: MORAES (2008, P. 391).....	104
FIGURA 13: CURVA DE F0 PARA O ENUNCIADO "DESTRANCA A JANELA" PRODUZIDO COMO UM PEDIDO. FONTE: MORAES (2008, P. 392).....	105
FIGURA 14: FUNÇÕES DA PROSÓDIA, SEGUNDO AUBERGÉ (2002).....	111
FIGURA 15: PLANEJAMENTO DO ATO DE FALA A PARTIR DAS INTENÇÕES COMUNICATIVAS.FONTE: LEVELT (1993, P.110).....	120
FIGURA 16: FORMA DE ONDA E CURVA DE F0 PARA O ENUNCIADO "COME O FEIJÃO".....	123
FIGURA 17: USO DO PLEASE EM SENTENÇAS IMPERATIVAS (WICHMANN, 2004).....	126
FIGURA 18: USO DO PLEASE EM ENUNCIADOS INTERROGATIVOS (WICHMANN, 2004).....	126

FIGURA 19: USO DO PLEASE EM PEDIDOS INDIRETOS (WICHMANN, 2004).....	127
FIGURA 20:ESQUEMA DAS MEDIDAS MELÓDICAS FEITAS POR MOZZICONACCI. FONTE: MOZZICONACCI, 1998, P. 55 (APUD ANTUNES, 2007).....	135
FIGURA 21: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0, TRANSCRIÇÃO E MARCAÇÃO DE SÍLABA TÔNICA DO ENUNCIADO: “DEIXA EU FALAR COM VOCÊ, AMOR” (LOCUTOR ALBERTO): EXEMPLO DE ALINHAMENTO TARDIO.....	137
FIGURA 22: FORMA DE ONDA E CURVA DE F0 PARA O ENUNCIADO “FALA PRA ORNELA”.(LOCUTOR ALBERTO): EXEMPLO DE ALINHAMENTO ADIANTADO.....	137
FIGURA 23: SCRIPT ORIGINAL DA PRIMEIRA CENA DA NOVELA BELÍSSIMA. AUTOR: SÍLVIO DE ABREU.....	144
FIGURA 24: FORMA DA ONDA, ESPECTROGRAMA E CURVA DE F0 DO ENUNCIADO "TRAZ O CAFÉ".....	156
FIGURA 25: FORMA DA ONDA E CURVA DE F0 (VALORES EM HZ) DO ENUNCIADO “PÁRA”, DO LOCUTOR BIA.	157
FIGURA 26: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO DO ENUNCIADO “TRAZ” (LOCUTOR BIA).....	170
FIGURA 27: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0, TRANSCRIÇÃO E MARCAÇÃO DE TONICIDADE PARA O ENUNCIADO “DIGA PRA ELA FAZER AS MALAS E IR EMBORA”.....	183
FIGURA 28: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO ENUNCIADO “JÚLIA, ME DEIXA EXPLICAR”.....	197
FIGURA 29: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO ENUNCIADO “FALA PRA ORNELA LIGAR PRA JÚLIA ASSUMPÇÃO A QUALQUER HORA”. LOCUTOR ALBERTO.....	212
FIGURA 30: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO ENUNCIADO “VAMOS CONVERSAR”.....	223
FIGURA 31: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DE “PEGA AS MINHAS MALAS”. LOCUTOR BIA.....	237
FIGURA 32: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO ENUNCIADO “E LEVA PRO MEU QUARTO”. LOCUTORA: BIA.....	238
FIGURA 33: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DE “ME VÊ UM COPO D’ÁGUA”. LOCUTOR: BIA.....	247
FIGURA 34: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO DO ENUNCIADO “POR FAVOR, ACOMPANHE OS SENHORES”. LOCUTOR: JÚLIA.....	258
FIGURA 35: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0 E TRANSCRIÇÃO DO ENUNCIADO “FALA PRA ELA NÃO DIZER NADA POR ENQUANTO”. LOCUTOR: JÚLIA.....	268

FIGURA 36: PADRÃO MELÓDICO 1 - ORDEM SEGUNDO GEBARA (1976).	273
FIGURA 37: PADRÃO MELÓDICO 2 - ORDEM.....	274
FIGURA 38: PADRÃO PROSÓDICO DOS PEDIDOS, SEGUNDO GEBARA (1976).....	276
FIGURA 39: PADRÃO MELÓDICO DOS PEDIDOS.....	276
FIGURA 40: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0, TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E MARCAÇÃO DE PROEMINÊNCIA DO ENUNCIADO “ME TRAZ UMA XÍCARA, POR FAVOR, TRAZ”.....	279
FIGURA 41: FORMA DE ONDA, CURVA DE F0, TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA E FONÉTICA E MARCAÇÃO DE SÍLABA PROEMINENTE DO ENUNCIADO “VAMOS DEIXAR ISSO PRA DEPOIS, POR ENQUANTO”.....	280
GRÁFICO 1: OCORRÊNCIA DE ORDENS E PEDIDOS EM FUNÇÃO DE FATORES CONTEXTUAIS PÚBLICO/PRIVADO E FORMAL/INFORMAL.	166
GRÁFICO 2: OCORRÊNCIAS DE ORDENS E PEDIDOS EM FUNÇÃO DO STATUS DO LOCUTOR.....	167
GRÁFICO 3: OCORRÊNCIA DE ORDENS E PEDIDOS EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE OS LOCUTORES.....	169
GRÁFICO 4: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE ORDEM (LOCUTOR ANDRÉ).....	174
GRÁFICO 5: F0 MÍNIMA E MÁXIMA DOS ENUNCIADOS DE ORDEM.....	175
GRÁFICO 6: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA (ORDEM):.....	176
GRÁFICO 7: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL NA PROEMINENTE EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	178
GRÁFICO 8: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL NA TÔNICA EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	179
GRÁFICO 9: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA NA PROEMINENTE (ORDEM).....	180
GRÁFICO 10: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO.....	185
GRÁFICO 11: FREQUÊNCIA FUNDAMENTAL MÁXIMA E MÍNIMA (ENUNCIADOS DE PEDIDO).....	187
GRÁFICO 12: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DO ENUNCIADO (PEDIDO).....	189
GRÁFICO 13: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL EM RELAÇÃO À POSIÇÃO DA PROEMINENTE NO ENUNCIADO (PEDIDO).....	190
GRÁFICO 14: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DA PROEMINENTE EM ENUNCIADOS DE PEDIDO NA MESMA FUNÇÃO SOCIAL.....	192
GRÁFICO 15: SEQUÊNCIA MELÓDICA DAS SÍLABAS TÔNICAS E PROEMINENTES DE EP1, EP2 E EP3.....	193

GRÁFICO 16: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA NA PROEMINENTE (PEDIDO).....	194
GRÁFICO 17: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL NA TÔNICA EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	195
GRÁFICO 18: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE ORDEM (LOCUTOR ALBERTO).....	203
GRÁFICO 19: F0 MÁXIMA E MÍNIMA DOS ENUNCIADOS DE ORDEM.....	204
GRÁFICO 20: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA (ORDEM).....	205
GRÁFICO 21: MÉDIA DE F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DAS SÍLABAS PROEMINENTES (ORDEM).....	206
GRÁFICO 22: MÉDIA DE F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DAS SÍLABAS TÔNICAS (ORDEM).....	208
GRÁFICO 23: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA NA PROEMINENTE (ORDEM).....	208
GRÁFICO 24: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO (EP1 A EP12).....	214
GRÁFICO 25: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO (EP13 A EP23).....	215
GRÁFICO 26: F0 MÁXIMA E MÍNIMA DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO (LOCUTOR ALBERTO).....	216
GRÁFICO 27: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DO ENUNCIADO (PEDIDO).....	217
GRÁFICO 28: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL EM RELAÇÃO À POSIÇÃO DA PROEMINENTE NO ENUNCIADO (PEDIDO).....	218
GRÁFICO 29: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DAS SÍLABAS TÔNICAS EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO (PEDIDO).....	220
GRÁFICO 30: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA NA PROEMINENTE (PEDIDO).....	221
GRÁFICO 31: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE ORDEM (EO1 A EO14).....	228
GRÁFICO 32: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE ORDEM (EO15 A EO27).....	228
GRÁFICO 33: F0 MÍNIMA E MÁXIMA DOS ENUNCIADOS DE ORDEM – EO1 A EO14 (BIA).....	229
GRÁFICO 34: F0 MÍNIMA E MÁXIMA DOS ENUNCIADOS DE ORDEM – EO15 A EO27 (BIA).....	229
GRÁFICO 35: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA (ORDEM).....	230
GRÁFICO 36: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL NA PROEMINENTE EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	232
GRÁFICO 37: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DAS SÍLABAS TÔNICAS EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	233

GRÁFICO 38: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO (EP1 A EP15).....	240
GRÁFICO 39: F0 MÍNIMA E MÁXIMA DOS GT DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO (LOCUTOR BIA).....	241
GRÁFICO 40: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA (PEDIDOS).....	242
GRÁFICO 41: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL EM RELAÇÃO À POSIÇÃO DA PROEMINENTE NO ENUNCIADO.....	243
GRÁFICO 42: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DAS SÍLABAS TÔNICAS EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	244
GRÁFICO 43: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DA PROEMINENTE (PEDIDO).....	246
GRÁFICO 44: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE ORDEM (LOCUTOR JÚLIA).....	251
GRÁFICO 45: F0 MÍNIMA E MÁXIMA DOS ENUNCIADOS DE ORDEM (LOCUTOR: JÚLIA).....	252
GRÁFICO 46: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA (ORDEM):.....	253
GRÁFICO 47: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL DA PROEMINENTE EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	254
GRÁFICO 48: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA NA PROEMINENTE (ORDEM).....	255
GRÁFICO 49: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL NA TÔNICA EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	256
GRÁFICO 50: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO (EP1 A EP9).....	260
GRÁFICO 51: F0 INICIAL E FINAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO (EP10 A EP18).....	260
GRÁFICO 52: F0 MÍNIMA E MÁXIMA DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO – EP1 A EP9(LOCUTOR JÚLIA).....	261
GRÁFICO 53: F0 MÍNIMA E MÁXIMA DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO – EP10 A EP18(LOCUTOR JÚLIA).....	261
GRÁFICO 54: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DO ENUNCIADO (PEDIDO).....	262
GRÁFICO 55: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL EM RELAÇÃO À POSIÇÃO DA PROEMINENTE NO ENUNCIADO (PEDIDO).....	263
GRÁFICO 56: AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA NA PROEMINENTE (PEDIDOS).....	264
GRÁFICO 57: F0 INICIAL, MEDIAL E FINAL NA TÔNICA EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO ENUNCIADO.....	265

Listas de quadros

QUADRO 1: EXPRESSÃO INDIRETA DE PEDIDOS (SEARLE, 1995: 57-64).	.51
QUADRO 2: MELODIAS UTILIZADAS EM ENUNCIADOS IMPERATIVOS, SEGUNDO KINGDON (1958).	54
QUADRO 3 : PRINCÍPIOS DE ANÁLISE CONTEXTUAL	69
QUADRO 4: CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS E CONTEXTUAIS DE ORDENS E PEDIDOS	103
QUADRO 5: CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS DE PEDIDOS E ORDENS	106
QUADRO 6: QUADRO COMPARATIVO DAS FUNÇÕES EXPRESSIVA E ATITUDINAL DA ENTONAÇÃO	117
QUADRO 7 - FATORES CONTEXTUAIS POR LOCUTOR	154
QUADRO 8: DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS A (ENUNCIADO)	159
QUADRO 9: DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS B (SÍLABAS PROEMINENTES)	159
QUADRO 10: DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS C (SÍLABAS PROEMINENTES/ ALINHAMENTO)	159
QUADRO 11: MATRIZ DE CO-OCORRÊNCIA ENTRE TRAÇOS PROSÓDICOS E CONTEXTUAIS (ESPECIFICAMENTE A RELAÇÃO LOCUTOR/ALOCUTÁRIO) PARA ORDENS E PEDIDOS	167

Listas de tabelas

TABELA 1: IDENTIFICAÇÃO DO ATO DE FALA. LOCUTOR: ALBERTO SABATINI.....	152
TABELA 2 OCORRÊNCIAS DE ESTRUTURAS PRECEDENTES ÀS ORDENS E AOS PEDIDOS.....	162
TABELA 3: TOTAL DE ENUNCIADOS POR LOCUTOR.....	164
TABELA 4: OCORRÊNCIA DE ORDENS E PEDIDOS POR PAPEL SOCIAL	171
TABELA 5: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DO ENUNCIADO (ORDEM).....	176
TABELA 6: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	177
TABELA 7: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA TÔNICA (VALORES EM HZ).....	178
TABELA 8: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (ORDEM).181	
TABELA 9: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS TÔNICAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (ORDEM).....	181
TABELA 10: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (ORDEM).....	181
TABELA 11: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO.....	189
TABELA 12: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	190
TABELA 13: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (PEDIDO) 191	
TABELA 14: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	195
TABELA 15: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS TÔNICAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (PEDIDO).....	196

TABELA 16: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (PEDIDO).....	196
TABELA 17: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA DURAÇÃO TOTAL DO ENUNCIADO E PAPEL SOCIAL.....	200
TABELA 18: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA FREQUÊNCIA INICIAL E FINAL DA PROEMINENTE E FORÇA ILOCUCIONÁRIA.....	201
TABELA 19: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA DURAÇÃO DA PROEMINENTE E FORÇA ILOCUCIONÁRIA.....	202
TABELA 20: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DO ENUNCIADO (ORDEM).....	206
TABELA 21: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	206
TABELA 22: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA TÔNICA (VALORES EM HZ).....	207
TABELA 23: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (ORDEM).	210
TABELA 24: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (ORDEM).....	210
TABELA 25: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO.....	217
TABELA 26: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	218
TABELA 27: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (PEDIDO)	219
TABELA 28: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA TÔNICA (VALORES EM HZ).....	220
TABELA 29: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (PEDIDO).....	221
TABELA 30: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA DURAÇÃO DA PROEMINENTE E RELAÇÃO ENTRE OS LOCUTORES	226
TABELA 31: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DOS ENUNCIADOS DE ORDEM.....	231
TABELA 32: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	231
TABELA 33: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA TÔNICAS (VALORES EM HZ).....	233
TABELA 34: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (ORDEM).	234

TABELA 35: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS TÔNICAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (ORDEM).....	234
TABELA 36: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (ORDEM).....	235
TABELA 37: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DO ENUNCIADO (ORDEM).....	242
TABELA 38: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	243
TABELA 39: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (PEDIDO)	244
TABELA 40: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA TÔNICA (VALORES EM HZ).....	244
TABELA 41: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS TÔNICAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (PEDIDO).....	245
TABELA 42: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (PEDIDO).....	246
TABELA 43: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA DURAÇÃO TOTAL DO ENUNCIADO E CONTEXTO PÚBLICO/PRIVADO.....	249
TABELA 44: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA FREQUÊNCIA INICIAL E FINAL E CONTEXTO FORMAL/INFORMAL.....	249
TABELA 45: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DO ENUNCIADO (ORDEM).....	253
TABELA 46: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	254
TABELA 47: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (ORDEM).....	255
TABELA 48: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA TÔNICA (VALORES EM HZ).....	256
TABELA 49: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS TÔNICAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (ORDEM).....	257
TABELA 50: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (ORDEM).....	257
TABELA 51: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO TOTAL DOS ENUNCIADOS DE PEDIDO.....	262
TABELA 52: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA PROEMINENTE (VALORES EM HZ)	263
TABELA 53: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS PROEMINENTES EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (PEDIDO)	264

TABELA 54: VALORES DA MÉDIA E DESVIO PADRÃO DOS PONTOS INICIAL, MEDIAL E FINAL DE F0 NA TÔNICA (VALORES EM HZ).....	265
TABELA 55: MÉDIA E DESVIO PADRÃO DA DURAÇÃO DAS TÔNICAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA (PEDIDO).....	266
TABELA 56: TAXA DE VELOCIDADE DA VARIAÇÃO MELÓDICA DAS SÍLABAS PROEMINENTES (PEDIDO).....	266
TABELA 57: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA DURAÇÃO FREQUÊNCIA INICIAL DA PROEMINENTE E CONTEXTO FORMAL/INFORMAL.....	270
TABELA 58: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA AMPLITUDE DA VARIAÇÃO MELÓDICA E AMBIENTE PÚBLICO/PRIVADO.....	270
TABELA 59: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA F0 INICIAL E FINAL DA PROEMINENTE E RELAÇÃO ENTRE OS LOCUTORES.....	271
TABELA 60: CORRELAÇÃO E VALOR DE P PARA F0 INICIAL E MEDIAL E PAPEL SOCIAL.....	271
TABELA 61: CORRELAÇÃO E VALOR P DOS ASPECTOS CONTEXTUAIS E PROSÓDICOS (SEM AGRUPAMENTO DE PAPEL SOCIAL).....	281
TABELA 62: CORRELAÇÃO E VALOR P DOS ASPECTOS CONTEXTUAIS E PROSÓDICOS (COM AGRUPAMENTO DE PAPEL SOCIAL).....	283

Listas de abreviaturas e siglas

AE: alinhamento do enunciado com a sílaba proeminente

AS: alinhamento dentro da sílaba proeminente

DTE: duração total do enunciado

Dur: duração

F0fe: frequência fundamental final do enunciado

F0fs: frequência fundamental final da sílaba proeminente

F0ie: frequência fundamental inicial do enunciado

F0is: frequência fundamental inicial da sílaba proeminente

F0me: frequência fundamental medial do enunciado

F0ms: frequência fundamental medial da sílaba proeminente

FI: força ilocucionária

GT: grupo tonal

TAF: Teoria dos Atos de Fala

SN: sintagma nominal

SP: sílaba proeminente

ST: sílaba tônica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO 1: MODO, MODALIDADE E MODALIZAÇÃO: IMPERATIVO, ORDENS E PEDIDOS.....	33
1.1 ORDENAR E PEDIR.....	33
1.2 O MODO VERBAL IMPERATIVO.....	36
1.3 MODALIDADE.....	42
1.4 MODALIZAÇÃO.....	47
1.5 EXPRESSÃO DA ORDEM EM OUTRAS LÍNGUAS.....	53
1.6 DISCUSSÃO.....	61
CAPÍTULO 2: TEORIA PRAGMÁTICA E ANÁLISE DA FALA.....	64
2.1 SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA.....	64
2.2 NOÇÃO DE CONTEXTO.....	67
2.3 IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS.....	72
2.4 CONSTRUÇÃO DO SENTIDO.....	74
2.4.1 <i>Prosódia e produção de sentido</i>	78
2.4 DISCUSSÃO.....	81
CAPÍTULO 3: PROSÓDIA E TEORIA DOS ATOS DE FALA.....	83
3.1. O ATO DE FALA.....	84
3.2 PARÂMETROS DE REALIZAÇÃO DOS ATOS DE FALA	87
3.2.1 <i>Tipos de atos diretivos</i>	91
3.2.2 <i>Crítica à Teoria dos Atos de Fala: teoria da polidez</i>	95
3.3 PROSÓDIA E ATOS DE FALA.....	96
3.4 DISCUSSÃO.....	108
CAPÍTULO 4: PROSÓDIA E EXPRESSÃO DA ATITUDE.....	110
4.1 CONCEITO DE ATITUDE.....	114
4.2 FUNÇÃO ATITUDINAL DA PROSÓDIA.....	116
4.2.1 <i>Rótulos das atitudes</i>	118
4.2.2 <i>Expressão da autoridade</i>	121
4.2.2 <i>Expressão da cortesia</i>	124
4.3 PISTAS PROSÓDICAS NO PROCESSO DE MODALIZAÇÃO.....	128
4.3.1 <i>Proeminência silábica</i>	129
4.3.2 <i>Movimento melódico</i>	132
4.3.3 <i>Ritmo acentual e silábico</i>	133
4.3.4 <i>Níveis de tessitura e registro</i>	135
4.3.5 <i>Alinhamento do pico de F0</i>	136
4.4 DISCUSSÃO.....	138
CAPÍTULO 5: FALA ATUADA.....	140
5.1. A TELENOVELA BRASILEIRA.....	141
5.2. DO SCRIPT À SONORIZAÇÃO.....	143

CAPÍTULO 6: METODOLOGIA.....	146
6.1 COLETA DOS DADOS.....	147
6.1.1. <i>Escolha das variáveis</i>	149
6.1.1.1 Informantes.....	149
6.1.1.2 Enunciados.....	151
6.1.1.3 O contexto.....	153
6.2. ANÁLISES.....	155
6.2.1. <i>Critérios para mensuração</i>	155
6.2.2 <i>Análise instrumental</i>	155
6.2.3. <i>Testes estatísticos</i>	160
CAPÍTULO 7: RESULTADOS E ANÁLISES.....	161
7.1 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS.....	161
7.2 CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS.....	173
7.2.1 <i>Locutor 1: André</i>	173
7.2.1.1 A ordem.....	173
7.2.1.1.1 Características do enunciado.....	174
7.2.1.1.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	176
7.2.1.2 O pedido.....	184
7.2.1.2.1 Características do enunciado.....	185
7.2.1.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	189
7.2.1.3 Ordens e pedidos do locutor 1.....	198
7.2.2 <i>Locutor 2: Alberto</i>	201
7.2.2.1 A ordem.....	202
7.2.2.1.1 Características do enunciado.....	202
7.2.2.1.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	205
7.2.2.2 O pedido.....	211
7.2.2.2.1 Características do enunciado.....	212
7.2.2.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	216
7.2.2.3 Ordens e pedidos do locutor 2.....	222
7.2.3 <i>Locutor 3: Bia</i>	225
7.2.3.1 A ordem.....	225
7.2.3.1.1 Características do enunciado.....	226
7.2.3.1.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	229
7.2.3.2 O pedido.....	237
7.2.3.2.1 Características do enunciado.....	237
7.2.3.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	241
7.2.3.3 Ordens e pedidos do locutor 3.....	246
7.2.4 <i>Locutor 4: Júlia</i>	248
7.2.4.1 A ordem.....	248
7.2.4.1.1 Características do enunciado.....	248
7.2.4.1.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	251
7.2.4.2 O pedido.....	257
7.2.4.2.1 Características do enunciado.....	257
7.2.4.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas.....	261
7.2.4.3 Ordens e pedidos do locutor 4.....	267
7.3 CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	269
7.3.1 <i>A ordem</i>	270
7.3.2 <i>O pedido</i>	273
7.3.3 <i>As atitudes nos enunciados de ordem e pedido</i>	275

7.3.4 <i>Partículas modalizadoras</i>	276
7.4 CORRELAÇÃO ENTRE ASPECTOS PROSÓDICOS E CONTEXTUAIS.....	279
CONCLUSÕES	282
REFERÊNCIAS	287
ANEXOS	294
APÊNDICES	297

INTRODUÇÃO

Estudar a linguagem humana compreende descrever e analisar aspectos relacionados à fala, desde a produção do som, no que se refere à anatomia e fisiologia, até o significado, que os ouvintes podem depreender de uma sequência sonora. Se, por um lado, o falante, ao produzir os enunciados codifica mais do que o significado lexical, cabe ao ouvinte, por outro, a tarefa de considerar, dentre as inúmeras informações do sinal de fala, aquelas que são relevantes para a interpretação dos enunciados. Dessa forma, é necessário destacar que para se proceder num trabalho em que se observem esses aspectos é preciso levar em conta que tanto a cadeia segmental quanto a suprasegmental são responsáveis pela veiculação do sentido.

Assim, para interpretar o que se diz num enunciado, a prosódia passa a ser um ponto relevante na análise Linguística. Em situações cotidianas, é possível identificar de que forma a prosódia é tomada como um ponto chave na interpretação dos enunciados (HIRST, 2005; WICHMANN, 2005). O fato de se utilizar uma melodia específica para o chamado, por exemplo, pode revelar, além do tipo de enunciado, uma atitude específica por parte falante em relação ao ouvinte: no caso de uma advertência, a repetição do nome numa única unidade prosódica e o uso de um padrão melódico específico são dados que o ouvinte leva em conta para compreender o que falante quer dizer (NASCIMENTO, 2000). Além desses fatores aos quais nos referimos, é importante salientar que o contexto, a situação de comunicação entre falante e ouvinte, não pode ser desprezado pela análise Linguística, já que todos esses fatores em conjunto nos permitem atribuir significado às sentenças.

No que se refere à interpretação da carga semântica, assim como citado anteriormente, REIS (2001) nos chama atenção para os fatos prosódicos, os quais podem fornecer pistas de significação do enunciado. Assim como SEARLE (1981), o autor defende que seja

considerada, nesse tipo de análise, a “intenção de significação”, da mesma forma como já mencionamos.

Dessa forma, no que concerne ao presente trabalho, procuramos identificar quais os aspectos pragmáticos envolvem a produção de atos de ordem e pedido, observando a sua relação com os padrões entonativos, a partir dos correlatos acústicos da duração e da frequência fundamental, em certos contextos. Adotar essa perspectiva nos permitiu verificar tendências de usos de determinados fenômenos prosódicos nos atos de fala que buscamos compreender. Para tanto, elaboramos um *corpus* a partir da fala da novela televisiva *Belíssima*, da qual selecionamos quatro personagens, sendo dois homens e duas mulheres.

Além disso, procuramos caracterizar as diversas atitudes que podem estar vinculadas aos atos de ordem e pedido. Procuramos argumentar, nesta proposta, a respeito dessas alterações e, inclusive, sugerir como elas podem ser reconhecidas auditivamente. Tomando por base os parâmetros acústicos, poderemos afirmar com maior precisão o quanto se pode modificar um ou outro correlato de modo a se obter um efeito, por exemplo, de forças ilocucionárias diferentes na perspectiva da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1990; SEARLE, 1981). De modo a complementar a nossa análise, buscamos também subsídios na Teoria do Contexto (VAN DIJK, 1992; GUMPERZ, 1992) e na Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1995). Assim, a nossa proposta parte da integração entre contexto e ato de fala, no que se refere à produção dos enunciados, e nos aspectos inferenciais na produção do sentido dos atos de ordem e pedido.

Assim, além de servir de base a estudos do comportamento humano que busquem relacionar linguagem e contexto de comunicação, procuramos relacionar os mecanismos prosódicos utilizados pelo falante na demarcação de atitudes numa categoria de enunciados, a saber os atos diretivos com força de ordem e pedido.

Pretendemos, sobretudo, contribuir para o estudo da prosódia do Português, do ponto de vista da fonética acústica, uma vez que buscamos encontrar no uso os aspectos prosódicos que estão relacionados às atitudes possíveis num mesmo contexto, em especial, àquelas associadas aos atos de fala citados anteriormente. Ainda, analisamos a

interferência dos papéis sociais na produção de estruturas entonativas, bem como inter-relacionamos os níveis de análise Linguística, a saber, a prosódia, a semântica e a pragmática.

Buscamos, também, avaliar a influência do contexto na determinação de atitudes e na escolha de padrões prosódicos e, por último, propomos uma metodologia de coleta de dados, para que se possa fazer uma análise instrumental levando-se em conta a situação comunicativa, no momento da produção do enunciado.

A partir do exposto, delimitamos como objetivos gerais e específicos:

Objetivos gerais

- a) servir de base a estudos do comportamento humano que busquem relacionar linguagem e contexto de comunicação;
- b) relacionar os mecanismos prosódicos utilizados pelo falante na demarcação de atitudes numa categoria de enunciados;
- c) contribuir para o estudo da prosódia do Português, do ponto de vista da fonética acústica.

Objetivos específicos

- a) descrever aspectos prosódicos relacionados à atitude, em especial, àquelas associadas aos atos de fala com força ilocucionária de ordem e pedido possíveis nesses mesmos contextos;
- b) analisar a interferência dos papéis sociais na produção de estruturas entonativas;
- c) relacionar os níveis de análise Linguística, a saber, a prosódia, a semântica e a pragmática;
- d) avaliar a influência do contexto na determinação de atitudes e na escolha de padrões prosódicos;
- e) propor uma metodologia de coleta de dados, para que se possa fazer uma análise instrumental levando-se em conta os parâmetros acústicos.

Justificativa

Na tentativa de compreender o significado das sentenças, no que se refere à fala, o ouvinte procura por pistas que o orientem nesta tarefa. Nesse sentido, não é possível ainda identificar quais são as informações que primeiro são selecionadas: se se parte da cadeia segmental, a partir de elementos fônicos, mórficos ou sintáticos, ou se a situação de comunicação é mais relevante.

Contudo, pensamos que analisar cada um desses aspectos separadamente não nos leva a uma resposta para o problema de como é possível interpretar uma sentença. Uma análise Linguística sobre tal questão deve levar em conta o que REIS (2001) chama de *pragmática da entonação*. É necessário que sejam feitas pesquisas de forma a se compreender a relação existente produção do enunciado – que compreende os níveis citados acima – com a atribuição de sentido feita por interlocutores.

Destacamos que uma das principais relevâncias deste trabalho encontra-se no fato de que este consiste numa proposta de análise da prosódia como parte integrante do discurso. Pretendemos que os resultados obtidos na execução deste sirvam de base a teorias do discurso que se preocupem com a significação dos atos de fala. Assim como SEARLE (1981), assumimos que tal postura nos leva a considerar que a prosódia faz parte do sistema linguístico, sendo um dos fatores que podem levar o ouvinte à construção de significados que não estão registrados, por exemplo, em dicionários, mas que fazem parte da compreensão de todos os falantes da língua.

Além desses aspectos, procuraremos proceder numa análise que reúne os aspectos da análise instrumental, feita a partir de conhecimentos de fonética acústica, no que se refere à produção do falante, interessando-nos especificamente aqui os atos de ordem e pedido.

No que se refere ao estudo da prosódia da língua portuguesa falada no Brasil, não há referências bibliográficas que visem a relacionar prosódia/contexto/atitude do falante, conforme proposto aqui. Há estudos recentes sobre aspectos prosódicos (cf. referências), cujo tratamento para os dados de fala tem objetivos diferenciados do que temos neste trabalho.

Vale a pena ressaltar que o desenvolvimento de metodologias de coleta de dados que garantam tanto a naturalidade da situação de comunicação quanto uma boa qualidade do sinal acústico para uma análise instrumental é uma preocupação nos estudos prosódicos. Salientamos que a metodologia selecionada para este trabalho nos garante tanto uma quanto a outra.

É importante frisar também que a nossa proposta de trabalho vem ao encontro dos demais trabalhos na área de estudos entonativos sobre a Língua Portuguesa desenvolvidos atualmente pelo grupo de pesquisa do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da UFMG, uma vez que procuramos analisar, em princípio, pelo menos dois aspectos da prosódia do Português, a saber, no nível acústico, a duração e a curva de frequência fundamental, bem como relacioná-los às atitudes recorrentes em situações do dia-a-dia.

Problemas e hipóteses

De uma forma intuitiva, os falantes do Português têm conhecimento do uso de atos de ordem e pedido. Segundo a gramática tradicional, por exemplo, a presença de um verbo flexionado no modo imperativo é o suficiente para caracterizar esse tipo de sentença do ponto de vista morfossintático. Contudo, percebemos atualmente que, no registro coloquial, essa marca vem desaparecendo, dando lugar a enunciados como o verbo no presente do indicativo, como ocorre em “traz o café”.

Em várias situações cotidianas, como em ambientes de trabalho ou em casa, esse tipo de sentença é bastante comum, facilmente compreendida como pertencente aos atos diretivos ordem ou pedido. O que nos questionamos, então, diz respeito a como os falantes percebem que se trata de uma ordem e não de uma declaração, já que, do ponto de vista da estrutura morfológica não há diferença entre as duas formas.

Além disso, há outra questão, relacionada à prosódia: que tipo de modificações, no nível da entonação, o locutor pode produzir de modo que esse mesmo enunciado possa ser entendido como uma atitude autoritária ou não? No caso específico desse problema, acreditamos que o fator linguístico responsável por essa interpretação é o conjunto de traços prosódicos utilizados pelo falante, tais como movimento melódico, prolongamento silábico, mudança no padrão rítmico, dentre outros, os quais se somam a fatores

extralinguísticos, como, por exemplo, a relação de hierarquia existente entre os interlocutores.

O que nos propomos a estudar, então, diz respeito à análise e compreensão dos tipos de alterações que podem ocorrer no nível prosódico, tanto em termos acústicos - de frequência fundamental e duração - produzidos pelo falante de modo que o alocutário compreenda ser uma ou outra força ilocucionária, quanto no nível perceptivo - que interpretação o alocutário faz dessas modificações melódicas produzidas pelo locutor, bem como essas alterações podem ser interpretadas como uma determinada atitude. Interessa-nos, sobretudo, o fato de que o ouvinte executa a tarefa explícita no enunciado, mas que o uso de determinado padrão prosódico pode explicitar o tipo de relação de autoridade entre locutor e alocutário.

Nas observações preliminares deste trabalho, verificamos que a relação entre esses fatores parece ser determinante na caracterização desses atos de fala. Parecer educado e cortês, nesse contexto, depende muito mais da escolha prosódica que da escolha dos itens lexicais, já que nem mesmo a presença do verbo é necessária para dar uma ordem ou fazer um pedido.

Outra questão, no que diz respeito a essas alterações que visamos descrever e analisar, é a de que, para que o locutor ao produzir o efeito de um enunciado de pedido é necessário utilizar uma maior elevação na curva de F0 sobre a sílaba proeminente do enunciado do que ocorre nos enunciados de ordem. Nossa hipótese para esse caso é que padrões mais elevados de frequência fundamental estão relacionados a uma expressão de afetividade e que essa é mais recorrente nos atos de pedidos.

Em uma análise preliminar, com dados experimentais, feita para testarmos a relação entre os parâmetros acústicos e a estrutura sintática da sentença, mostrou-nos a existência de um sujeito marcado ou mesmo a presença de um vocativo não são fatores responsáveis pela mudança de F0. Verificamos que tanto o contexto quanto a relação existente entre os locutores são os fatores que realmente influenciam a escolha de uma ou outra estrutura prosódica para ordens e pedidos.

A partir do exposto, então, teríamos, inicialmente, que a expressão da força ilocucionária do pedido é distinta da ordem, da mesma forma como afirma SEARLE (1981). A questão que nos colocamos, no entanto, refere-se a que tipo de alteração nos parâmetros acústicos é o suficiente para que o ouvinte interprete cada um desses atos de fala diferenciadamente, bem como que tipo de influência o contexto de fala pode exercer sobre a escolha feita pelo locutor e na interpretação do enunciado pelo alocutário.

Assim, vamos assumir que é a atitude do falante que leva a uma configuração específica dos parâmetros prosódicos e que essa configuração pode ser variável para cada os dois atos de fala. Isso significaria, então, que o estudo proposto não pode se deter nas questões de produção de enunciados, mas também em como esses enunciados são interpretados. Desse ponto, advêm as perguntas que nos colocamos preliminarmente: o que caracteriza a produção dos enunciados diretivos de ordem e pedido do ponto de vista prosódico e como esses atos seriam interpretados pelos ouvintes.

Ainda colocamos como questionamento nessa seção a influência dos papéis dos falantes e ouvintes na produção/interpretação dos enunciados diretivos de ordem e pedido. No nosso meio social, por exemplo, a relação patrão/empregado mostra que uma hierarquia deve ser respeitada e que essa, portanto, terá reflexos nas construções Linguísticas de ambos os discursos. Dessa forma, deveremos investigar em que tipo de relações sociais encontraremos as atitudes relacionadas à expressão da cortesia e como essas atitudes refletem nos papéis sociais, do ponto de vista prosódico.

Restrições do trabalho e sugestões para futuras pesquisas

Ao desenvolvermos este trabalho, notamos que, por uma questão de recorte metodológico, não foi possível contemplar uma série de informações contextuais. Seria interessante que outros estudos fossem feitos de forma que outros aspectos fossem considerados, tais como o uso intencional de pausas ou mesmo de outros parâmetros prosódicos na análise do contexto.

Outro ponto relevante seria compreender o ato de fala diretivo a partir de um maior número de dados, o que possibilitaria a aplicação de mais testes estatísticos. O uso de outras metodologias de coleta pode facilitar pesquisas futuras que tenham por objetivo

entender o funcionamento da prosódia para esses atos. Vale notar que outros atos diretivos podem e devem ser alvo de novos trabalhos, pois pouco se sabe a respeito da relação entre prosódia e esses macro-atos de fala.

Como os nossos dados advêm de uma amostra gravada da novela já editada, muitos deles foram descartados. Caso sejam feitos novos estudos com esse tipo de metodologia, sugerimos que os dados sejam gravados antes da edição, de modo a aumentar, assim, o número de parâmetros acústicos para serem correlacionados.

Um fator interessante e que pode ser alvo de novas pesquisas é a elaboração de testes de percepção para julgamento das atitudes por um maior número de ouvintes. Esse aspecto pode demonstrar, por exemplo, a relação entre os traços prosódicos e expressão de atitudes, que não foi alvo desta presente pesquisa.

Acreditamos, também, que outras áreas do conhecimento poderiam se apropriar desse objeto de pesquisa, não apenas a Linguística. Sugerimos, assim, que estudiosos das artes cênicas, por exemplo, procurem aplicar os conhecimentos deste trabalho no aprimoramento de técnicas para melhorar o desempenho de atores. Além disso, especialistas em estudos da fala, tais como fonoaudiólogos, terapeutas, antropólogos, dentre outros, podem aprofundar as questões que aqui tenhamos deixado em aberto.

Estrutura do texto

Para discutirmos as questões apresentadas até aqui, a discussão inicial, apresentada no capítulo 1, está relacionada aos conceitos de modo, sobretudo no que tange ao imperativo, modalidade e modalização. Nossa abordagem parte da hipótese de que a prosódia é um elemento modalizador, assim como formas verbais e adverbiais, já que existem traços a ela relacionados que são interpretados como manifestação da atitude do falante (WICHMANN, 2000, 2002; REIS, 2001).

No capítulo 2, procuramos abordar a discussão sobre como o falante constrói sentido(s) para os enunciados, bem como ressaltamos a importância das teorias pragmáticas para a análise da fala. A nosso ver, é necessário vincular enunciado e contexto de produção, de modo a se obter uma visão mais abrangente do uso da linguagem. Dessa forma, a

abordagem da Teoria dos Atos de Fala, além dos aspectos relacionados à Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1995) e da Teoria do Contexto (VAN DIJK, 1992; GUMPERZ, 1992) compõem nosso quadro teórico. A reflexão diz respeito às informações que o ouvinte leva em conta na produção do sentido, sobretudo considerando o contexto e o processo inferencial, no que tange à compreensão desse fenômeno, à luz da Pragmática.

De forma a complementar o quadro teórico, procuramos demonstrar, no capítulo 3, o papel da prosódia, tendo como pressuposto a Teoria dos Atos de Fala. Nesse sentido, compreender a função expressiva da prosódia (FÓNAGY, 2003) é uma questão relevante, já que percebemos a inter-relação entre atitude do falante, força ilocucionária e contexto de enunciação nos atos de ordem e pedido.

No capítulo 4, apresentamos a discussão sobre a relação entre prosódia e expressão da atitude. Para tanto, os trabalhos de PIKE (1945), COUPER-KUHLEN (1996) HIRST (1998), FONÁGY (1993, 2003), WICHMANN (2000) e ANTUNES (2007) são retomados como referência teórica. Os objetivos centrais do capítulo são definir o que é atitude, bem como identificar quais são os parâmetros prosódicos utilizados para esse fim nos enunciados de ordem e pedido.

Uma vez que a nossa proposta é compreender em que medida os fatores contextuais influenciam nas escolhas prosódicas, a nossa metodologia de coleta de dados é, de certa forma, inovadora. Para garantirmos as condições de análise instrumental, gravamos capítulos de uma novela televisiva, assunto que tratamos no capítulo 5. Procedemos dessa forma porque a novela nos fornece informações contextuais, bem como identificamos a naturalidade do uso da prosódia pelos atores.

O tratamento metodológico é o tema do capítulo 6. Nele demonstramos como foram feitos os procedimentos de coleta e análise dos dados, do ponto de vista prosódico. Abordamos também como foi feito o tratamento estatístico.

Os nossos resultados, apresentados no capítulo 7, apontam para uma relação estreita entre força ilocucionária e duração total do enunciado. Além disso, percebemos que o uso de enunciados com força de ordem ou pedido relaciona-se com o alocutário. Notamos

também que estratégias prosódicas específicas são utilizadas com falantes específicos, dependendo do papel social que ocupam os locutores.

É interessante notar que em termos de padrão prosódico, os pedidos apresentam maior variação no que se refere à melodia. Do nosso ponto de vista, essa questão pode indicar que o pedido está sujeito a uma maior variação prosódica porque estaria associado à expressão da afetividade, ao contrário das ordens, que estariam relacionadas à expressão de autoridade.

Assim, compreender de que forma a prosódia relaciona-se com as diversas informações contextuais é um conhecer um aspecto importante do funcionamento da linguagem. Descrever e analisar como funcionam esses parâmetros, bem como propor novas alternativas metodológicas para esse fim são pontos que devem ser considerados em trabalho linguístico, já que é na interação entre locutores e alocutários constroem e interpretam textos, concretizando a comunicação.

CAPÍTULO 1: MODO, MODALIDADE E MODALIZAÇÃO: IMPERATIVO, ORDENS E PEDIDOS

1.1 Ordenar e pedir

Usar a linguagem significa interagir palavras, ações, atitudes, percepções e opiniões em situações diversas. A comunicação verbal pode ser utilizada para representar eventos ocorridos no mundo real, expressar desejos e emoções, ou mesmo modificar o contexto em que os usuários se encontram. Assim, a língua é parte da comunicação humana que empregamos com a função de afirmar, questionar, expressar estados mentais, ordenar, pedir, comunicar pensamentos, dentre outros (cf. SPERBER e WILSON, 1995). Interessamos, neste trabalho, compreender de que forma é possível ordenar e pedir, na Língua Portuguesa.

De modo a verificarmos tais ocorrências, buscamos inicialmente compreender, em termos morfológicos, como as ordens e pedidos são utilizados em Português. Nessa busca, verificamos que as descrições dos estudos tradicionais reduzem os atos de fala ordem e pedido ao modo verbal imperativo. Além desse aspecto, os compêndios gramaticais indicam que o modo imperativo pode ser usado para ordenar, pedir, suplicar, convidar, sugerir, dentre outros. Isso significa que não há diferença de estrutura sintática ou morfológica nos enunciados que podem ser utilizados para quaisquer dessas intenções comunicativas.

Na sua dissertação de mestrado, GEBARA (1976) afirma que a ordem (e consequentemente o pedido) é definida, do ponto de vista gramatical pelo modo e flexão do verbo e pela presença de um sujeito de segunda pessoa (tu ou você). Entretanto, em cada situação comunicativa específica, entendemos que não é apenas a presença de um verbo com a terminação de imperativo que produzirá o efeito de ação a ser executada pelo interlocutor.

Acreditamos que é imprescindível que haja um contexto de onde se inferem informações, tomando como base critérios pragmáticos, que auxiliam os locutores na construção do sentido. Perguntamo-nos, então, quais seriam os parâmetros de interpretação para se compreender o enunciado como uma ordem ou como um pedido. No que se refere ao escopo deste trabalho, interessa-nos saber que tipo de informações – segmentais, não-segmentais e contextuais – são consideradas relevantes para se compreender um enunciado como uma ordem ou um pedido.

Um exemplo que ilustra o início de nossa discussão é o uso de um enunciado como “Feche/fecha a porta”. É possível notar que a forma assumida pelo verbo é o modo imperativo por duas razões: a primeira, pela desinência verbal, e a segunda, pela ausência de um sujeito marcado¹, conforme apontado por GEBARA (1976). Nas diversas possibilidades de uso desse enunciado, podemos identificar pelo menos duas, mais específicas, em que um mesmo locutor, em contextos diferenciados, por exercer papéis sociais diferentes, dá uma ordem ou faz um pedido. Nesse caso, o locutor pode utilizar a mesma sequência segmental, entretanto, os padrões prosódicos distintos podem ser um indício de que o conteúdo proposicional pode ou deve ser cumprido pelo alocutário.

O que se percebe, dessa forma, é que, do ponto de vista pragmático, existem condições não Linguísticas que determinam a enunciação de ordens e pedidos. Tais características, no entanto, não são determinadas numa estrutura Linguística, como é o caso da marca morfológica do imperativo, mas são determinadas socialmente no uso de parâmetros prosódicos que podem acrescentar informações ao conteúdo proposicional de um enunciado.

Ainda fazendo referência ao trabalho de GEBARA (1976), a autora apresenta quais são as características entonativas de ordens e pedidos. Por um lado, as ordens “têm tonicidade marcada (...) no primeiro item lexical do grupo tonal”, além de serem caracterizadas pela melodia descendente. No exemplo da autora, temos:

// > Abre a porta //

¹ É possível encontrar enunciados imperativos com a presença do pronome de tratamento *você*, utilizado como 2ª pessoa do discurso em alguns dialetos e ainda assim termos um enunciado de ordem. Essa questão merece uma reflexão posterior.

em que o tom descendente recai sobre a primeira tônica do enunciado. De outro lado, a autora descreve que os pedidos “são codificados gramaticalmente” como uma sentença interrogativa polar (ou uma questão total). Existem duas formas de implementação prosódica para os pedidos, de acordo com GEBARA (1976, p. 83). O primeiro é assim descrito pela autora:

A emissão do enunciado (...) realiza o ato de pedir ou solicitar (pedido com insistência), intonacionalmente expresso pela subida de altura da sílaba inicial do grupo tonal (que é a tônica proeminente), em comparação com o ponto inicial de altura do tom descendente do grupo tonal que incide sobre o enunciado imperativo (...), portanto, o tom selecionado (...) tem âmbito de altura largo.

O exemplo dado pela autora é

// \ Fecha a porta //

em que o nível melódico do início do enunciado é mais alto do que a autora apresenta para o exemplo anterior. É interessante notar que, na análise de GEBARA (1976), aparece o termo “com insistência” acompanhando o item “pedido”. O uso dessa expressão é um indicativo de que o ato de fala, além de possuir um ponto e um modo de produção, também compreende uma atitude, no caso do exemplo citado, insistência. Apesar disso, não é objetivo da autora descrever e/ou analisar tal fenômeno.

Outra possibilidade de realização do pedido, segundo GEBARA (1976), é a forma prosódica da interrogativa não-polar: um padrão “descendente-ascendente, com dois elementos tônicos no grupo tonal”

A direção descendente da curva de altura é dada pela primeira sílaba tônica que, no caso da sentença imperativa, incide sobre o verbo flexionado no modo imperativo (que se encontra em posição temática) e a direção ascendente da curva de altura é determinada pela localização do segundo elemento proeminente, que é a última sílaba portadora de acento de intensidade do grupo tonal.

Para exemplificar, a autora apresenta o enunciado:

// \ Fecha a porta //

Na conclusão de GEBARA (1976), a autora demonstra que a diferença existente entre os enunciados de ordem e pedido encontra-se apenas nos níveis suprasegmental e paralinguístico, pois do ponto de vista gramatical as sentenças seriam ambíguas. Apesar dessa indicação, não encontramos no texto da autora que influências paralinguísticas seriam essas, nem mesmo de que forma elas podem interferir nos aspectos prosódicos.

Ainda sobre essa questão, encontramos em KEMPSON (1980) algumas ideias interessantes sobre a forma como ordens e pedidos são utilizados. KEMPSON (1980, p. 68) apresenta uma análise relevante para a relação existente entre alguns tipos de sentenças e o seu uso. Nas palavras da autora, “enquanto as declarativas são usadas tipicamente para dar informação, as interrogativas são usadas para pedir informação e as imperativas para pedir ação”. De certa forma, as palavras de KEMPSON confirmam a ideia de GEBARA (1976). Entretanto, alguns contra-exemplos apresentados por KEMPSON (1980) (“diga-me se estou certo ou não” ou “podia me passar o leite e o açúcar?”) demonstram que nem sempre as questões são pedidos de informação ou que as imperativas são pedidos de ação. É interessante notar que enunciados como “podia me passar o leite e o açúcar?” é tanto uma pergunta quanto um pedido de ação.

Os exemplos de KEMPSON (1980) remetem ao que SEARLE (1995) rotularia mais tarde de atos de fala indiretos. De qualquer forma, a discussão proposta pela autora revela que a interpretação de um enunciado não deve se restringir apenas aos aspectos explícitos na cadeia segmental e que as inferências fazem parte do processo da construção do sentido.

Embora essas reflexões sejam importantes para a caracterização de enunciados de ordens e pedidos, a pergunta sobre como ordenamos e pedimos em Português merece maior investigação. A seguir, buscamos elucidar de que forma ocorre esse fenômeno.

1.2 O modo verbal imperativo

Algumas considerações fazem-se necessárias sobre a relação entre ordem/pedido e a forma imperativa. É necessário discutir, por exemplo, o conceito de modo. CRYSTAL (1985) define que um modo encontra-se relacionado tanto a um tipo de oração ou sentença, do ponto de vista morfossintático, quanto a uma atitude do falante em relação

ao conteúdo proposicional de um enunciado, no que diz respeito à semântica. Ao afirmarmos que, em uma sentença, um verbo encontra-se no modo indicativo, subjuntivo ou imperativo, de certa forma estamos observando de que forma o locutor se posiciona sobre o conteúdo proposicional, uma vez que esse pode estar certo do acontecimento (morfologicamente indicada pelo modo indicativo), pode ter dúvidas quanto ao fato (representada com a marca do modo subjuntivo) ou pode expressar uma demanda por alguma ação do interlocutor (utilizando o modo imperativo).

Assim, o autor defende que o modo imperativo refere-se à forma verbal ou às sentenças que exprimem ordem. Essa análise, porém, é bastante restrita, pelo menos no que tange às possibilidades de se comunicar uma ordem, um pedido, uma súplica, uma advertência, um convite, uma ameaça, que podem ser expressas pela forma verbal ou por outros elementos linguísticos que os interlocutores podem utilizar para fazer compreender enunciados.

Além disso, a expressão da atitude extrapola o sentido veiculado pelo modo verbal. É possível ao falante dar uma ordem com veemência ou fazer um pedido com insistência, por exemplo. Contudo, nos estudos tradicionais, não se faz referência a essas possibilidades de uso, nem mesmo de que forma os falantes deixam explícitas suas atitudes em enunciados dessa categoria.

Como uma língua românica, o português também utiliza a forma verbal do imperativo para expressar ordens. No que se refere ao ponto de vista histórico, TOVAR (1946), MONTEIL (1970) e VIARO (1997) apresentam o funcionamento do imperativo, do latim *iniungere*, “ordenar”, “impor uma coisa a alguém”. Nessa língua, existem duas categorias temporais diferentes para o imperativo: o presente, em que as ordens são referenciadas no tempo imediato (como na forma *scribe*) e o interlocutor encontra-se presente ao ato de fala; e o futuro, em que existe a dependência de uma ação anterior e cujo tempo para a execução do conteúdo proposicional é mais prolongado. Ainda sobre essa forma, os autores frisam que o interlocutor não é um único indivíduo, mas toda a comunidade, como é o caso dos textos de lei, por exemplo. Morfologicamente, é acrescida a terminação *-to* (como em *scribito*). No que se refere ao uso, são vocábulos encontrados em textos de lei, o que confere o caráter de ação futura, não necessariamente imediata.

Vale frisar que MONTEIL (1970, p. 269) traduz o termo *modi* como “maneiras”. Os modos, expressos, sobretudo em verbos, são concretizados em morfemas e agregados aos itens lexicais. São utilizados para expressar vontades, eventualidades, crenças, valores, dentre outros (cf. *atitude proposicional* no capítulo 4). O autor define o imperativo como uma vontade traduzida em ordem. Como o subjuntivo, em latim, é o modo verbal que expressa vontade, a base para a sua formação morfológica nessa língua consiste nas formas do subjuntivo.

Nas gramáticas normativas da língua portuguesa (cf. SAID ALI, 2001; CUNHA E CINTRA, 2001), postula-se que o imperativo afirmativo é formado a partir das flexões do presente do indicativo, para a 2ª pessoa do singular, sem a terminação -s, e do presente do subjuntivo, para a 3ª pessoa do singular. Dentre os exemplos dados, temos o caso do verbo cantar, que assumiria, teoricamente, as formas *canta tu*, *cante você*, valendo a mesma regra para as demais conjugações verbais. É interessante notar, de acordo com o que demonstra MONTEIL (1970), que, no latim, não há uma forma do imperativo para as terceiras pessoas do singular e do plural, já que é inviável dar uma ordem para quem se encontra ausente.

No uso, as regras para a formação do imperativo não são tão rígidas. Conforme relata SCHERRE (2002), o imperativo é uma forma Linguística que sofre variação dialetal. Nos dialetos do nordeste brasileiro, é comum o falante utilizar um padrão próximo ao que prevê a gramática normativa. Uma hipótese provável, à qual não nos dedicamos neste trabalho, pode ser o uso do pronome de 2ª pessoa do singular nesses dialetos.

Por sua vez, nos dialetos do sudeste, como é o caso de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, a forma frequentemente utilizada é o pronome da segunda pessoa do singular (*você*) com a forma verbal da 2ª pessoa do singular do modo imperativo. Assim, por exemplo, o uso previsto pela gramática normativa seria “cante você”, que não corresponde aos dados de SCHERRE (2002), a qual encontra dados correspondentes a “canta você”, em diversos textos desses dialetos. Esse fato pode ser um indício de uma permuta entre presente do indicativo e o modo imperativo. Ao utilizar a forma da 3ª pessoa do indicativo (*canta*) e o pronome de segunda pessoa (*você*), há uma aparente tendência a se manter o paradigma de conjugação do modo imperativo, cuja forma para

a 2ª pessoa toma como base a forma do presente do indicativo, conforme apresentamos anteriormente neste capítulo.

De forma diferente do que propõe SCHERRE (2002), PERINI (2002) afirma que o enunciado “cante, menino” possui um caráter formal, ao passo que “canta, menino” é informal. Contudo, acreditamos que a partir das evidências apresentadas por SCHERRE (2002) e dos dados que discutimos neste trabalho é possível observar que o uso da estrutura morfológica do presente do indicativo é muito mais frequente em certos dialetos. Outro fator relevante: um locutor necessariamente não muda o item verbal por se tratar de um contexto mais ou menos formal. Do nosso ponto de vista, as estratégias prosódicas utilizadas consistem no fator que difere uma situação de outra.

Uma questão que nos parece relevante é encontrar parâmetros que diferenciem, portanto, os usos dessa forma, em princípio, semelhantes. Aparentemente, o fenômeno que ocorre no português não-padrão relatado por SCHERRE (2002) corresponde à análise de MONTEIL (1970, p. 270): o português não-padrão funcionaria em consonância com o grego e com o proto-indo-europeu:

(...) l'impression qu'il traduit une volonté en intimant un ordre naît uniquement de l'intonation insistante avec laquelle il est prononcé : entre λέγετε “vous parlez” et λέγετε “parlez”, toute différence se ramène à une réalisation distincte dans la parole (intonation).

Conforme se pode notar, a entonação seria, no ponto de vista de MONTEIL (1970), o único fator que diferencia a forma do presente da forma imperativa. Seguindo o raciocínio de que o imperativo não é um modo verbal, o autor ainda apresenta três indícios dessa condição no indo-europeu: não há formas para todas as pessoas do discurso, não há um morfema específico que o marque nos itens lexicais, além do fato de não se exprimir, com o imperativo, uma modalidade do processo verbal.

Merece destaque o segundo argumento apresentado por MONTEIL (1970). O fato de que não haver marcas do imperativo para aquela língua pode-se aliar à ideia de SCHERRE (2002) sobre a ausência de uma marca morfológica específica para indicar o imperativo, no português não-padrão. Tal questão nos remete a BENVENISTE (1976, p. 139) para quem “há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados por procedimentos rigorosos, separados por classes, combinados em estruturas e sistemas; de outro, a

manifestação da língua na comunicação viva”. Assim, na perspectiva da enunciação, a intenção de expressar ordens e pedidos necessita de uma reflexão mais ampla, considerando, de fato, como os falantes se fazem entender ao proferirem enunciados dessa categoria. Nessa perspectiva, surge uma nova pergunta: quais formas morfosintáticas podem ser utilizadas em Português para se exprimirem ordens ou pedidos nas mais diversas situações comunicativas?

É necessário distinguir, primeiramente, que é possível utilizar tanto formas diretas quanto formas indiretas para se dar uma ordem ou fazer um pedido. Ao fazer a escolha por uma maneira direta, não há dúvida de que a forma verbal imperativa é a opção do locutor. No entanto, do ponto de vista pragmático, quando a intenção é dar uma ordem ou fazer um pedido indiretamente, as possibilidades são outras².

Para compreendermos melhor esse questionamento, procuramos verificar, além do modo imperativo, quais as outras maneiras de se expressar a ordem ou o pedido em Português. Da mesma forma que a marca verbal imperativa, o uso de enunciados com verbos no infinitivo, como “não pisar na grama”, podem ser compreendidos pelos falantes como ordens (“você não deve pisar na grama”), pedidos (“por favor, não pise na grama”) ou como advertências (“se pisar na grama, você estará cometendo uma infração”). Ainda, o uso de sentenças condicionais, com a presença de verbos modais (“você poderia não pisar na grama”) também configura em uma possibilidade de expressão de ordens e pedidos.

Esses exemplos corroboram a tese de que não é exclusividade da semântica do modo imperativo significar ordem ou pedido. Até aqui, tratamos dos atos diretivos diretos, em que há a presença do verbo, bem como sugerimos a necessidade de se investigar o que ocorre no caso dos atos indiretos. Para considerarmos esse aspecto, no que diz respeito à pragmática, além de levar em conta os níveis morfológico e sintático, é necessário considerar o que ocorre também no âmbito da prosódia.

Um exemplo dado por REIS (2001) nos permite abordar essa questão. É comum, na língua portuguesa, numa situação de comunicação entre balconista e cliente, numa

² Sobre essa questão vale ressaltar o que Searle (1995, p. 56) afirma: “as exigências conversacionais comuns de polidez normalmente acarretam ser inconveniente a formulação de sentenças imperativas categóricas”.

lanchonete, pedir um café apenas utilizando o SN “um café”, sem a presença do verbo “trazer”. Nesse caso, o locutor pode querer parecer menos autoritário e, para isso, usar um padrão prosódico específico para denotar essa intenção. Ou então, de outra maneira, pode expressar a sua indignação pelo atendimento que não está de seu agrado e procurar parecer mais autoritário, usando, para tanto, outro padrão prosódico. Devemos notar, então, que a marca verbal não é imprescindível para que o locutor faça-se entender. É nessa dimensão que compreendemos a relação entre prosódia, enunciado e contexto, quer seja para expressar uma ordem ou um pedido de forma direta ou indireta.

Como podemos observar, do ponto de vista pragmático, é necessário redimensionar as possibilidades de formas de expressar ordens e pedidos. Na análise a que nos propusemos aqui é de fundamental importância identificar esses usos, já que nossa hipótese está relacionada ao uso dos parâmetros prosódicos como modalizadores na produção de enunciados cuja força ilocucionária seja ordenar ou pedir, independente da forma gramatical que o falante utilize. Vale frisar que é necessária uma discussão mais aprofundada sobre a questão do modo, sobre o *status* do verbo na expressão imperativa, bem como sobre o uso das partículas que exprimem polidez.

Ainda sobre essa questão do modo, vale citar o trabalho de MORAES (1998). Nesse texto, o autor demonstra que um enunciado como “fecha a porta” é ambíguo, pois pode ser interpretado como uma declarativa, uma ordem, um pedido, uma questão total, um pedido de confirmação, dentre outras possibilidades. Num experimento de síntese, foram obtidas as seguintes curvas estilizadas:

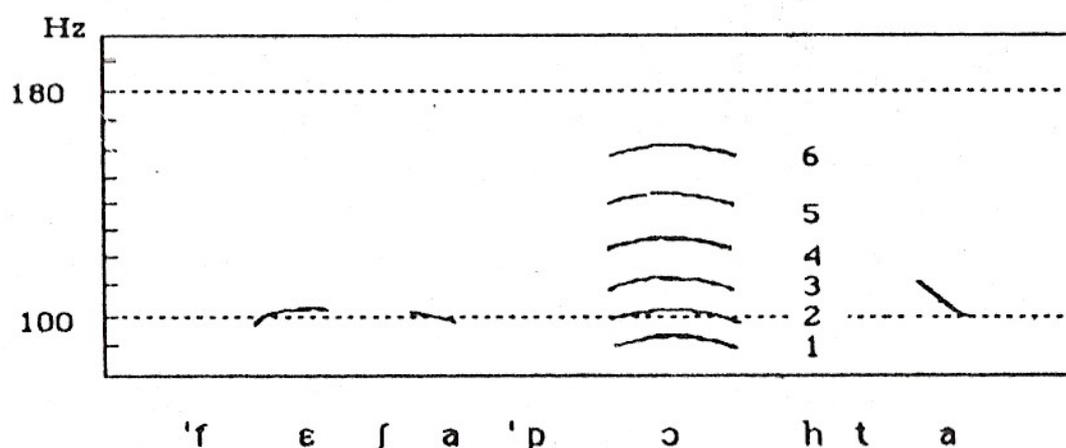


Figura 1: Curvas estilizadas para o enunciado "fecha a porta" (*apud* MORAES, 1998).

Os resultados do teste de julgamento demonstraram que quando o nível melódico nas sílabas tônicas é alto, os ouvintes tendem a interpretar o enunciado como uma pergunta, enquanto se o nível for baixo, existe uma tendência para se interpretar o enunciado como uma asserção.

Uma hipótese que pode ser levantada a partir das constatações de MORAES (1998) é que, na situação comunicativa de pedido, o alocutário infere que pode ou não executar a ação do conteúdo proposicional. Utilizar uma melodia próxima de uma pergunta poderia, então, ser mais adequada a esse contexto. Por outro lado, a melodia das ordens estaria próxima de enunciados declarativos e sua interpretação é a de que se deve executar a ação.

Entretanto, não podemos garantir que utilizar um ou outro padrão prosódico a ação será executada. A execução da ação depende muito mais da relação entre os locutores do que qualquer outro fator. Nesse caso, a escolha do padrão pode ser um fator para se criar uma forma de expressar afetividade entre os locutores ou para demarcar papéis sociais hierarquicamente diferentes.

Notamos até aqui que a análise de ordens e pedidos não pode se restringir apenas ao âmbito dos aspectos lexicais e sintáticos, uma vez que esses não se mostram suficientes para compreendermos de que forma se pode ordenar e pedir em Português. Como o conceito de modo, do ponto de vista tradicional, está ligado muito mais à flexão verbal, é necessário buscar um novo conceito, levando-se em conta, sobretudo, os aspectos enunciativos: quem fala, para quem o faz e com que objetivo, bem como é necessário compreender de que maneira o locutor pode fazer usos de parâmetros prosódicos em atos indiretos.

1.3 Modalidade

Assim como modo, outro conceito ao qual conferimos destaque é modalidade. Do ponto de vista do significado, ambos os conceitos partem do mesmo princípio da maneira como o locutor se posiciona em relação ao conteúdo proposicional. Entretanto, a abrangência do conceito de modalidade é maior do que o conceito de modo.

PAVEAU & SARFATI (2006) retomam BALLY (1944) ao afirmarem que os enunciados comportam um conteúdo (*dictum*) e uma operação cognitiva dada pelo locutor sobre esse conteúdo (*modus*). Segundo os autores, essa relação subjetiva estabelecida entre locutor e alocutário é a modalidade. Assim, a adoção desse conceito implica num escopo amplo, que compreende o processo de enunciação (quem diz, para quem diz e com qual objetivo o faz) de forma mais abrangente do que o conceito de modo, tratado na seção anterior.

Vale ressaltar também que o termo é bastante utilizado nos estudos prosódicos para se referir ao tipo de sentença produzido pelo falante (REIS, 1995; FONÁGY, 2003). Assim, asserções e questões são chamadas de modalidades, uma vez que, segundo FONÁGY (2003), é possível distinguir que, em um enunciado assertivo, o locutor fornece uma informação para o alocutário ao passo que, em uma pergunta, há uma demanda por uma informação. Dessa forma, verificamos que, em ambas as situações, o locutor insere uma marca no enunciado que caracteriza seu posicionamento diante do conteúdo proposicional: se se trata de um dado que ele (o locutor) conhece ou se essa é uma informação nova.

O que é interessante notar é que essa diferença, no que diz respeito ao português, é possível a partir do uso de parâmetros prosódicos específicos para as duas modalidades. Um exemplo que ilustra essa situação são enunciados como “ela vem” e “ela vem?”. Do ponto de vista prosódico, o movimento melódico que indica tratar-se de uma asserção neutra é o uso de uma melodia com um final descendente, enquanto, no segundo caso, utiliza-se um padrão com final ascendente, também em se tratando de uma questão total neutra³.

Ainda nesse trabalho, FONÁGY cita ALTMANN (1988) que distingue modalidade de emoção e de atitude. De acordo com ALTMANN, a presença de marcas linguísticas permite identificar uma modalidade, o que não ocorre com as emoções, tampouco com as atitudes⁴. Essa constatação nos permite afirmar que as modalidades, nesse sentido,

³ É notável na literatura que nem sempre existe correspondência entre o padrão entonativo e a modalidade. Para uma discussão mais ampla, ver o tratamento dado no capítulo 4 para essa questão.

⁴ Vale frisar que a atitude proposicional expressa pela modalidade não é equivalente a outras atitudes, como a atitude do locutor em relação ao alocutário e em relação à situação comunicativa.

encontram-se num grau já gramaticalizado, em seu uso. Assim, é possível que os falantes percebam determinadas atitudes proposicionais sem que sejam necessárias outras marcas linguísticas, apenas informações prosódicas. É o caso do exemplo dado “ela vem/ela vem?”: inseridos numa situação comunicativa, os alocutários são capazes de distinguir em qual enunciado há um pedido de informação e em qual o locutor fornece uma informação.

Por outro lado, na perspectiva enunciativa, o conceito de modalidade encontra-se relacionado à lógica aristotélica: trata-se da forma como se relaciona possibilidade e necessidade ao conteúdo proposicional (LOPES, 1992; LE QUERLER, 1996; PAPAFRAGOU, 1998). De acordo com as autoras, a modalidade pode ser alética, no que se refere ao valor de verdade; ou deônticas, expressando obrigações e permissões. Numa situação comunicativa, o valor de verdade de um enunciado imperativo, com ou sem o verbo, depende de ação de o enunciado ser ou não factível. Assim, “mãe, me compra um brinquedo” pode ser um pedido inexequível, caso o alocutário (a mãe) não possa adquirir o objeto em questão.

A mesma ideia não é válida na situação em que se pede “fecha a porta” e o alocutário não executa a ação simplesmente porque não vê obrigatoriedade em fazê-lo: ou porque não quer a porta fechada, ou mesmo como uma atitude de desafio em relação ao locutor. Assim, observando os exemplos citados, é necessário destacar a reflexão sobre a modalidade deôntica: uma ordem é uma proposição cuja carga semântica denota uma obrigatoriedade (você deve fazer X) enquanto um pedido, por sua vez, está relacionado a uma possibilidade (você pode fazer X).

Outras modalidades ainda são observadas por LE QUERLER (1996), a saber *i*) modalidade zero, que corresponde a uma asserção, *ii*) modalidade temporal, em que acrescentam marcadores temporais à asserção, informando sobre passado e futuro, *iii*) modalidade axiológica, que corresponde à inserção de um juízo de valor sobre o conteúdo proposicional, e *iv*) modalidade volitiva, que expressa a vontade do sujeito. Interessamos nesse trabalho essa última modalidade, uma vez que tratamos de ordens e pedidos que, de certa forma, estão ligados a uma demanda do locutor. Por outro lado, a modalidade deôntica, que se refere às regras sociais também está relacionada às situações comunicativas em que se faz uso de ordens e pedidos, já que pressupõem que

haja regras que obrigam o alocutário a executar ou não a ação prevista no conteúdo proposicional⁵.

PAPAFRAGOU (1998) propõe a inclusão de outra forma: a modalidade dinâmica, que representa intencionalidade. Para o inglês, o modo se realiza com a categoria marcada de verbos que equivaleriam no português a “dever” e “poder”. No que se refere ao imperativo, numa sentença como “traz o café”, o significado epistêmico (ou alético) é considerado, conforme afirmamos anteriormente, apenas do ponto de vista de ser uma ação executável ou não. Vale ressaltar que a possibilidade de realização da ação prevista, assim como afirma SEARLE (1981), é uma condição para o sucesso de um ato de fala dessa categoria.

O que mais nos interessa, entretanto, é a modalidade dinâmica a que se refere PAPAFRAGOU (1998). No que diz respeito à intencionalidade, que pode ser expressa por meio de itens lexicais, como é o caso dos verbos ou mesmo de palavras como “por favor”, ou que pode ser inferida pela interpretação de fatores prosódicos, como melodia, tempo e intensidade. Utilizar parâmetros prosódicos intencionalmente para redimensionar os significados dos enunciados consiste numa estratégia complexa do ponto de vista da construção do sentido, uma vez que a certeza de compreensão pode ser comprometida⁶.

MARTINS-BALTAR (1977), citado por FONÁGY (2003), indica a relação existente entre os termos modalidade e atitude proposicional. Para MARTINS-BALTAR (1977) são conceitos homônimos que estão relacionados à expressão de julgamento e de sentimentos. Vale ressaltar que a atitude modal, assim como define o autor, é diferente de outros tipos, como a atitude do locutor em relação ao alocutário. No exemplo de FONÁGY (2003), o medo é compreendido como uma atitude proposicional, pois representa o posicionamento do locutor diante do conteúdo da proposição, ao passo que a ternura encontra-se no campo das atitudes do locutor face ao alocutário.

⁵ Essa questão relaciona-se com as condições preparatórias do ato de fala (cf. capítulo 3 deste trabalho).

⁶ Sabemos que muitos outros fatores podem interferir na compreensão dos enunciados. Entretanto, salientamos aqui o fato de expressar uma intenção utilizando apenas pistas prosódicas pode dificultar ainda mais a comunicação de uma intenção.

O conceito de modalidade também se aplica à questão do uso do modo verbal. Interessa-nos, sobretudo, o que se encontra em ŽARNÍČ (2003), a propósito da forma lógica do imperativo no inglês. O autor afirma que uma situação em que se utiliza a forma imperativa implica em duas possibilidades de ação: uma primeira, para trazer mudança ao contexto, e uma segunda, em que o contexto se mantém inalterado. Podemos exemplificar tal proposição com a situação (1) descrita a seguir:

Situação 1: Na sala de visitas, uma mãe recebe uma visita. O filho se encontra no mesmo ambiente. Dirigindo-se a ele, a mãe profere:

Mãe : Filho, traz o café!

O filho se dirige à cozinha e traz duas xícaras servidas com café.

No contexto descrito acima, pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores, a tendência é que o enunciado da mãe provoque uma mudança: inicialmente, sem o café, e, posteriormente, já servida com o café pelo filho. Nesse caso, em acordo com o que prevê ŽARNÍČ (2003), temos um ponto inicial em que a situação é definida: o enunciado da mãe; e um ponto final: a execução da ação prevista na forma verbal utilizada pelo locutor.

Notamos, assim, que as situações de ordem ou pedido não são determinadas pela presença ou ausência do item verbal. Para a análise que propomos neste trabalho, a relação entre enunciado e a execução da ação, da forma como define ŽARNÍČ (2003), é o que, para nós, consiste em um enunciado de ordem ou pedido. Entretanto, a conotação que o termo imperativo possui dentro da tradição gramatical (cf. CUNHA & CINTRA, 2001, LUFT, 2000) não representa de fato as possibilidades de significação que enunciados dessa categoria podem alcançar nas situações de comunicação.

Assim, de acordo com o que apresentamos até aqui, percebemos que ordenar e pedir são enunciados distintos utilizados pelo falante que, de início, podem ser associados exclusivamente à forma verbal do imperativo. Contudo, o modo imperativo também se encontra relacionado a outras possibilidades comunicativas: pode-se utilizar tal modo para expressar convite, por exemplo: “vamos sair daqui”, ou ainda sugestões, como em “saia daqui (será melhor para você)”, consistem em ilocuções que podem ser expressas por esse mesmo modo verbal.

Notamos também que o significado do termo modalidade é variável. OLIVEIRA (1997), citada por NEVES (2006), argumenta que o termo modalidade é utilizado pela Lógica para designar a noção de verdade, enquanto na Linguística diz respeito à “gramaticalização de atitudes e opiniões do falante”. Em quaisquer dos casos, seja do ponto de vista da Lógica ou da Linguística, o conceito de modalidade encontra-se muito mais relacionado a uma expressão que se encontra no nível do enunciado, não evidenciando o que ocorre no processo de inserir as marcas de modalidade no momento da enunciação. Dessa forma, é interessante discutir a modalização.

1.4 Modalização

Na perspectiva discursiva, o conceito de modalização, assim como o de modalidade, está relacionado à forma como o enunciador se posiciona face ao conteúdo da proposição que profere (PAULIUKONIS, 2003). Da forma como define a autora, não existe diferença entre modo, modalidade e modalização, uma vez que todos os três conceitos conduzem ao mesmo sentido. Vale ressaltar, entretanto, que o termo modalização, bastante utilizado na análise do discurso, refere-se geralmente ao uso de partículas ou operadores que gramaticalizam determinadas atitudes do locutor⁷ (ver capítulo 4).

TUCCI (2006, p. 462), no seu trabalho sobre a modalização do italiano, identifica oito desses operadores, conforme se encontra a seguir:

- verbos modais (poder, dever, desejar);
- verbos de credulidade (saber, crer, imaginar);
- alguns construtores analíticos ou perifrásticos (dever + infinitivo);
- verbos de aparência: parecer, andar
- verbos de necessidade e desejo (esperar);
- predicativos nominais com o agentivo (é certo, é possível);
- advérbios e locuções adverbiais modalizantes (provavelmente, seguramente);
- modos verbais (indicativo futuro, construções condicionais).

Neste trabalho, procuramos demonstrar de que forma a prosódia pode funcionar como um elemento modalizador, da mesma forma que as categorias citadas por TUCCI (2006).

⁷ LYONS (1995) *apud* NEVES (2006) define que a modalidade gramaticaliza uma atitude.

Isso equivale dizer que, mais do que reafirmar a função modal, que distingue tipos frasais, os parâmetros prosódicos são utilizados pelos locutores para demarcar seu ponto de vista, tanto no que diz respeito ao conteúdo proferido no enunciado, quanto ao alocutário com quem estabelece uma situação comunicativa e, inclusive, em relação à própria situação em que se encontram os interlocutores.

A esse respeito, vale citar tanto MEYER (1980) quanto LE QUERLER (1996) *apud* NEVES (2006) que argumentam no sentido de que a prosódia funciona como marcadores de modalidade. Vale ressaltar a defesa de MEYER que “a entonação é um dos mais frequentes processos modalizadores empregados na língua”.

Diante do exposto, a questão que nos colocamos é por que o locutor, numa situação comunicativa qualquer, não utiliza o nível lexical para expressar a atitude. A resposta a essa pergunta está ligada ao plano da intencionalidade. É o que afirmam WILSON e WHARTON (2006, p. 1559) “a point less often noted in the literature is that the effects of prosody may be either accidental or intentional, and if intentional, either covertly or overtly so”. Na perspectiva dos autores, notamos que os locutores podem utilizar a prosódia para intencionalmente encobrir ou não suas atitudes, sejam elas proposicionais ou ilocucionais. O exemplo dado pelos autores é o do falante que, no seu tom de voz, pode criar uma impressão de enfado ou de impaciência sem estar ciente disso e que, ao tomar conhecimento desse aspecto, pode manipular os fatores prosódicos para desfazer essa impressão.

Tal observação nos remete, no que se refere às ordens e aos pedidos, ao fato de o falante querer tornar pública sua autoridade – e, para isso, deixa explícita no nível prosódico, no momento da enunciação, essa atitude – ou se pretende parecer menos autoritário, mesmo que a situação comunicativa seja favorável a essa demonstração, utilizando, também, estratégias prosódicas de modalização. Assim, a modalização encontra-se relacionada a essa manipulação intencional de que tratam WILSON e WHARTON (2006) para deixar implícita ou explícita a autoridade do locutor.

WILSON e WHARTON (2006) ainda argumentam que uma demonstração indireta de raiva ou de nervosismo é diferente de uma demonstração direta. Essa afirmação nos permite uma analogia com as formas diretas e indiretas de transparecer a polidez em atos de

linguagem de pedidos, por exemplo. Uma das formas convencionadas para transparecer essa polidez é a presença da partícula modalizadora “por favor”, que marca uma atitude menos autoritária para esse ato. Entretanto, mesmo sem a presença dessa expressão, é possível ao falante demonstrar, indiretamente, uma atitude de menor autoridade, a partir da manipulação intencional de fatores prosódicos para essa finalidade.

A distinção retomada pelos autores corrobora a ideia de que, ao proferir uma ordem, o que está em questão não diz respeito apenas ao conteúdo proposicional. Dizer “feche a porta” pode significar muito mais do que “estou ordenando que você feche a porta”. Aqui se encontram outros aspectos como a convenção social que regulariza a produção de uma ordem. É necessário compreender quais são as formas convencionais para esse tipo de ato de fala.

No uso, para que o falante possa dar uma ordem, espera-se que a relação entre os locutores seja, de certa forma, de níveis hierárquicos diferentes. No caso da ordem, é preciso que o locutor (aquele que ordena) ocupe um nível superior na hierarquia dos papéis sociais. Assim, dentro das situações comunicativas, as regras do que FOUCAULT (1987) chama de formação discursiva⁸ permitem, por exemplo, que um pai ou uma mãe possam ordenar que seu filho faça algo. Caso os locutores ocupem os mesmos papéis sociais, por exemplo, se forem amigos, as convenções sociais não permitem que um ordene ao outro, mas que façam pedidos.

Assim, uma ordem não configura como um ato de fala dessa categoria exclusivamente por causa dos parâmetros prosódicos utilizados, mas sim porque existe uma interação entre regras sociais e fatores prosódicos. Caso essas regras sejam ignoradas, a sensação que se tem é de estranhamento ou mesmo repúdio por parte do alocutário. É o que ocorre comumente em situações em que o ouvinte reage a uma ordem se perguntando “quem é você para mandar em mim?”.

Assim, a prosódia é uma estratégia utilizada pelo falante para demonstrar, nesse ato de fala, uma atitude de autoridade, demonstrando que aquele conteúdo proposicional deve ser cumprido. Dessa forma, a prosódia tem como função modalizar, indicar para o

⁸ Segundo Foucault(1987) a formação discursiva são constituídas de práticas que determinam, sobretudo, as modalidades de enunciação dos sujeitos, compondo regras daquilo que pode ou que deve ser dito.

alocutário, de uma forma indireta, essa atitude. No caso dos pedidos, porque a relação entre os locutores é diferente da ordem, os aspectos prosódicos são marcadores de um menor grau de autoridade, conferindo outra modalização: a de que o conteúdo proposicional pode ser cumprido ou não.

Ainda sobre a intencionalidade, vale ressaltar que a discussão tange o que é mais gramatical e o que menos gramatical. GUSSENHOVEN (2002) postula que:

Grammaticalisation not only implies that the form is discretely coded in phonological structure, but also that meanings are systematised. Intonation is used to route the semantic contents of particular morpho-syntactic constituents to semantic categories of information status.

Percebemos que na afirmativa de GUSSENHOVEN (2002), de uma certa forma, os rótulos que definem a expressão de atitudes ou modalizações estão relacionados a usos mais constantes, que já estejam gramaticalizados. Isso não significa que essa codificação não esteja vulnerável a possíveis mudanças, mas pode ser um indício de que a representação lexical de uma modalização representa um significado que é sistematizado no uso da língua.

Vale comentar que a ideia de GUSSENHOVEN (2002) nos leva a pensar que o locutor se apropria de formas relativamente estáveis para gerar efeitos de sentido por ele visados. Dependendo da face que pretende estabelecer com seu alocutário, o locutor pode optar por associar o enunciado a formas prosódicas mais polidas, menos autoritárias. O inverso também é verdadeiro: quando pretende demonstrar sua autoridade, utiliza de formas que explicitam tal atitude. Dessa forma, a modalização é feita tanto no nível segmental (inserindo-se partículas que tenham esse efeito) tanto no nível prosódico (maior ou menor tessitura, registro largo ou estreito, dentre outros).

Por sua vez SEARLE (1995, p. 50) apresenta um aspecto relevante para o que estamos denominando modalização e as formas indiretas de se fazer um pedido. No conceito do autor, num ato de fala indireto, “o falante comunica ao ouvinte muito mais do que realmente diz”. O que chama a atenção de SEARLE (1995) é o fato de que, em atos diretivos, utilizar a forma verbal imperativa pode acarretar uma quebra das regras de polidez que as conversações normalmente exigem.

Para discutir a questão dos atos indiretos, SEARLE (1995) apresenta usos de enunciados que literalmente não são ordens ou pedidos, mas, quando inseridos num dado contexto conversacional, o ouvinte interpreta, com base no processo inferencial, como possuindo força ilocucionária de pedido. Sumarizamos, a seguir, a ideia de SEARLE (1995):

Quadro 1: Expressão indireta de pedidos (Searle, 1995: 57-64)

GRUPOS	CATEGORIAS	EXEMPLOS
1	Habilidade do ouvinte para realizar o ato.	Você pode passar o sal? Você pode ir agora.
2	Desejo ou vontade do falante de o ouvinte execute o ato.	Eu gostaria que você fosse agora. Eu espero que você o faça.
3	Sugestão para que o ouvinte execute o ato.	Você pararia de pisar no meu pé? Você não vai comer seus cereais?
4	Desejo ou disposição do ouvinte em executar o ato.	Você quer me passar o martelo? Seria conveniente para você vir na quarta-feira?
5	Razões para se executar o ato.	Você deveria sair imediatamente. Por que você não fica quieto?
6	Possibilidade de encaixamento de verbos ilocucionários diretivos explícitos	Poderia pedir-lhe que tire o chapéu? Eu apreciaria se você pudesse fazer menos barulho.

Nos exemplos de SEARLE (1995), podemos perceber o uso dos verbos como um elemento modalizador, cuja função é inserir uma marca de polidez a enunciados denotando certa atitude do locutor. Apesar disso, na página 69, o autor argumenta que:

É importante notar que a entonação dessas sentenças, quando emitidas como pedidos indiretos, frequentemente difere de sua entonação quando emitidas apenas com sua força ilocucional literal, e frequentemente o padrão da entonação será aquele característico das diretivas literais. (SEARLE, 1995, p. 69)

Não fica claro, entretanto, de que forma a entonação é utilizada para essa finalidade. Encontramos, nesse ponto, uma questão que deve ser relevada no estudo relativo à modalização de ordens e pedidos: os parâmetros prosódicos seriam utilizados como estratégia para demonstrar uma atitude? Acreditamos que a resposta para essa pergunta é positiva, o que nos leva a concluir que essa seria uma forma de o falante, indiretamente, dizer que a sua vontade deve ou pode ser atendida.

O argumento dado por SEARLE (1995) de que dizer indiretamente não implica em modificar o conteúdo da sentença, mas sim acrescentar a ela um significado que o falante quer atribuir naquele contexto, parece-nos um ponto que merece maior reflexão. Entendemos que atos de fala como ordens e pedidos apresentam uma modalidade volitiva, um desejo que o alocutário cumpra o conteúdo proposicional. Sabemos, também, que dar uma ordem ou fazer um pedido depende das relações sociais entre locutor e alocutário. Entretanto, percebemos que, em várias situações, os locutores demonstram sua vontade de uma forma diferente e, para isso, utilizam os parâmetros prosódicos.

Há ainda situações em que o falante, mesmo ocupando um papel social hierarquicamente superior, opta por um padrão prosódico típico de pedido. Propomos que ocorre, nesses casos, um deslocamento, não na relação entre os locutores, mas na demonstração da autoridade numa dada situação. Esse deslocamento é feito intencionalmente pelo locutor que utiliza diversas marcas modalizadoras, como “por favor”, a entonação, dentre outros. Acreditamos que essas mudanças podem ser feitas no sentido de dar a oportunidade de o alocutário recusar ou atender prontamente a vontade do locutor.

Em resumo, como as relações sociais permanecem as mesmas, mas os parâmetros prosódicos podem ser alterados. Temos que uma ordem, dada por um locutor que, numa dada situação pode executar esse ato de fala, pode ter características prosódicas de um pedido, caso o locutor, intencionalmente faça uso de modalizadores que expressem, de alguma forma, que ele está ou não demonstrando sua autoridade. Dessa forma, nesse caso, temos um ato de fala indireto – uma ordem implícita – visto que o alocutário deve executar a ação proposta no conteúdo proposicional.

Procuramos, assim, apresentar de que forma podemos caracterizar prosodicamente um ato de fala em que o locutor demonstra diretamente sua atitude de autoridade em relação à situação comunicativa e de que forma o inverso também pode ser possível. Isso implica compreender o que ocorre nos atos diretivos indiretos de pedido ou de ordem nos quais existem usos prosódicos diferenciados daqueles utilizados em atos diretivos diretos.

Sobre essa questão vale ressaltar o que afirma WICHMANN (2004) sobre o uso de estratégias, como o uso da partícula “por favor”. Mais do que uma marca de polidez, essa é uma marca ilocucionária que pode “reduzir” a força de uma ordem à força de um pedido. O uso do termo “reduzir” pela autora ao tratar dessa situação denota aquilo que denominamos anteriormente de marca de autoridade. Assim, para atenuar o poder que possui de controlar os parâmetros da situação comunicativa, o locutor utiliza não apenas partículas modalizadoras, mas também os padrões prosódicos, para demonstrar mais ou menos autoridade.

1.5 Expressão da ordem em outras línguas

Vimos até aqui que a diferença entre ordenar e pedir é mais determinada por regras socialmente construídas e menos por formas linguisticamente marcadas. Além disso, afirmamos que os padrões prosódicos são utilizados de forma sistemática pelo falante de modo a demonstrar, direta ou indiretamente, uma modalidade deôntica: ou que o alocutário deve executar a ação ou que ele possui um grau de liberdade, podendo optar por executar ou não a ação prevista no conteúdo proposicional. Isso nos leva a acreditar que a prosódia consiste, então, numa estratégia do locutor para parecer mais ou menos autoritário numa situação comunicativa, transformando uma obrigação numa possibilidade ou vice-versa.

Apesar de ser um uso comum em diversas línguas, no que se refere ao estudo sistematizado de ordens e pedidos, não se encontram muitas referências de trabalhos. Para o inglês, encontramos a descrição de KINGDON (1958), para quem a melodia pode ser dividida em três níveis de variação e pode ser agrupada em tons estáticos e dinâmicos. No que se refere aos tons dinâmicos, KINGDON (1958, p. 8) os subdivide em função do movimento melódico, da seguinte forma:

1. Tons simples

- a) tom I: baixo ou ascendente baixo;
- b) tom II: descendente;
- c) tom III não-dividido: descendente-ascendente;
- d) tom III dividido: descendente-ascendente com pausa ou prolongamento do nível baixo.

2. Tons compostos

- e) tom IV: ascendente-descendente;
- f) tom V: ascendente-descendente-ascendente

Ainda faz parte da descrição de KINGDON (1958) adjetivos como *enfático*, que representa uma extrapolação dos níveis máximos mínimos da tessitura do falante, e *baixo*, quando o nível de realização do tom baixo também é menor que a tessitura usual do falante. A partir da descrição feita pelo autor, é possível descrever, para o inglês, como se realizam prosodicamente diversos enunciados, como vocativos, questões, sintagmas preposicionados, dentre outras formas.

Esse trabalho se estende ainda à classificação melódica para o uso de enunciados imperativos. Na classificação de KINGDON (1958), percebemos que tanto a modalidade quanto a modalização são critérios para agrupar as seis categorias citadas pelo autor, uma vez que, segundo sua argumentação, não há diferença na estrutura gramatical, além de ordens e pedidos serem utilizados com a mesma finalidade. Apesar dessas características, além de ordens e pedidos, KINGDON (1958) sugere uma terceira classe, chamada de advertência.

São listados seis subgrupos de imperativos: comandos, comandos impacientes, pedidos, imperativos perfunctórios, advertências, advertências amigáveis. Para cada subgrupo, o autor apresenta em que circunstâncias eles são utilizados, qual a melodia mais comum e qual o significado a melodia possui nesse contexto. A seguir, resumimos a ideia de KINGDON (1958):

Quadro 2: Melodias utilizadas em enunciados imperativos, segundo Kingdon (1958)

	<i>Uso mais típico</i>	<i>Tom utilizado</i>	<i>Interpretação do autor</i>
Comando	Comando militar	II	Ordem incontestável
Comando impaciente		IV	Impaciência
Pedido	Com/sem partícula negativa	III não dividido	Demonstração de polidez
		III dividido	Pedido mais urgente; pedido de um grande favor.
	Interação com crianças	III dividido	Impaciência
		II baixo/enfático	Advertência amigável
Imperativos perfunctórios		Sem cabeça (“head”) ou com cabeça em tom baixo	Desinteresse
Advertência	Momento de perigo	III	Pedido/exclamação
		IIIL	Sugestão
		IIIE	Advertência futura
	Pouca urgência	Dois elementos descendentes do tom III na sílaba adjacente	Advertência pouco enfática, impaciência
Discurso familiar	IIIE	Emergência repentina	
Advertência amigável		V	Sentimento de amizade, simpatia

O texto de KINGDON (1958) apresenta, de forma sistematizada, uma análise semelhante ao que pretendemos neste trabalho. Apesar de não mencionar o estudo do uso da entonação e das atitudes como ideia central, notamos que os contornos melódicos são não apenas associados a um significado, mas também a contextos em que esses podem ocorrer.

Percebemos que, na classificação proposta pelo autor, não há separação entre o ato de fala (comando, pedido ou ordem), o modo verbal (imperativo) e a atitude (impaciência, desinteresse). Essas informações, a nosso ver, são imprescindíveis para uma descrição

do contexto de produção, no entanto fazem parte de categorias que são distintas. O ato de fala, por exemplo, encontra-se no nível da enunciação, enquanto o modo verbal está mais próximo do nível do enunciado. Apesar de existir uma interação entre essas categorias, acreditamos que o agrupamento delas da forma como sugere KINGDON (1958) pode comprometer a análise dos dados.

Outro fator negativo da proposta de KINGDON (1958) é a pouca clareza no significado de determinados rótulos (“advertência pouco enfática”, “emergência repentina”). Não há uma preocupação do autor em explicar as categorias ou mesmo justificar o uso dos termos por ele escolhidos.

Vale ressaltar que, na análise de KINGDON (1958), as advertências fazem parte dos enunciados imperativos. Tal perspectiva nos parece interessante porque as advertências contêm também, no seu conteúdo proposicional, aspectos da ordem. Numa situação enunciativa em que, por exemplo, o locutor diz algo como “melhor não pisar na grama”, podemos entender que esse tem por intenção impedir o alocutário de executar uma ação. Entretanto, um ato de advertência não se restringe a isso, pois se pode inferir que o locutor faz um julgamento sobre a ação do alocutário.

Do ponto de vista melódico, o trabalho de KINGDON (1958) associa padrões melódicos às situações comunicativas. Na descrição do autor, é possível notar que tons com finais descendentes estão relacionados a atitudes como impaciência ou urgência. De forma diferente, os tons com finais ascendentes são relacionados ao uso com crianças ou ao sentimento de amizade ou simpatia.

Esse aspecto descrito por KINGDON (1958) é uma indicação de que determinadas atitudes em determinados contextos favorecem o uso de certas melodias. Vale ressaltar que os objetivos do texto desse autor não é fazer uma correlação entre atitudes, modalidades e/ou atos de fala, mas as interpretações feitas pelo autor demonstram que a análise prosódica não deve se restringir a uma descrição dos fatos supra-segmentais. Deve-se buscar compreendê-los dentro de seu contexto de uso.

Por sua vez, HALLIDAY (1967, 1970) faz menção ao tipo de padrão entonativo encontrado para o comando em inglês. Primeiramente, HALLIDAY esclarece que os comandos, todos

os tipos de ordens e/ou pedidos, são expressos por sentenças completas⁹, fazendo parte, assim, das funções maiores da fala. Nas funções menores, encontram-se sentenças que contém, por exemplo, uma elipse. Portanto, o autor considera que, no caso de um enunciado como “um café”, em que o verbo encontra-se elíptico, temos aplicado no comando uma função menor da fala, o que modificaria potencialmente o tom a ser utilizado pelo falante, pelo menos no que o autor compreende por uma ordem “neutra”. No trabalho de 1967, é utilizado um tom simples descendente para se expressar o imperativo. Por outro lado, no texto de 1970, o autor apresenta que o comando se associa a um tom primário descendente e, em outras situações, um tom composto, formado por uma tônica descendente e uma segunda tônica baixa ascendente.

HALLIDAY (1970) subdivide o comando em três categorias: um positivo, um negativo e uma terceira chamada apenas de comando. Para os comandos positivos, o autor apresenta como prováveis melodias o tom 1 (descendente), no seu uso neutro; o tom 3 (a sílaba pré-tônica é descendente média-baixa e a sílaba tônica é média nivelada por salto), usado para expressar comandos suavizados, um pedido; e o tom composto 13, para súplicas ou persuasões.

Como exemplos, o autor apresenta os enunciados, conforme a seguir:

//1 tell me/ all a/bout it// (instruction)
 //3 tell me/ all a/bout it// (invitation)
 //13 do tell me/ all a/bout it// (want you, please?)

Nos comandos negativos (ou proibições) são utilizados o tom 1 (descendente) para se demonstrar uma ordem enérgica; o tom 3, para expressar uma proibição com polidez, semelhante a um pedido; e novamente o tom composto 13, para expressar súplicas ou uma forma de se convencer sobre uma ação contrária. Os exemplos de HALLIDAY (1970) são:

//1 don't stay/ out too / long// (“I mean it”)
 //3 don't stay/ out too / long// (“I know you won't”; “I don't really mind”; “I'm not serious”)
 //13 don't stay/ out too / long// (“like you did last time”; “please – I know you probably will”)

⁹ O termo é utilizado pelo autor para se referir a um enunciado cujas funções sintáticas estejam todas preenchidas, por exemplo, com sujeito, verbo e complemento.

A terceira categoria citada pelo autor é denominada de comando. Nessa, são utilizados os tons 1, para uma expressão neutra; e um tom 4 (sílabas pré-tônica descendente alta, meio alta e sílaba tônica descendente meio-alta, média, alta) que expressa compromisso ou concessão. Os exemplos dados são:

// 1 give him a/ chance //

// 4 give him a/ chance // (“at least”; “even though he may fail”)

Notamos no trabalho de HALLIDAY (1970) uma preocupação em apresentar não somente um padrão entonativo para o uso do imperativo no inglês, mas também de associá-lo a uma atitude, contextualizando, assim, de alguma maneira as formas de comando, pedido, súplica, convite. Entretanto, percebemos em todos os exemplos do autor a presença do verbo, o que necessariamente não ocorre em português. Outro fator interessante no trabalho de HALLIDAY (1970) é que apenas um dos exemplos não está contextualizado. Em todos os outros exemplos percebe-se uma indicação entre parênteses que remete à enunciação. Vale ressaltar que a intenção de HALLIDAY (1970) era descrever os usos da entonação, procurando encontrar os padrões e quais os prováveis significados a que os tons poderiam remeter.

Diferentemente de HALLIDAY (1970), CRUTTENDEN (1986) argumenta que o imperativo possui marcas morfológicas que o caracteriza como essa categoria: seja pela presença de uma partícula sentencial ou verbal, seja pelo uso de clíticos. De qualquer forma, nas diferentes línguas citadas pelo autor (alemão, francês, italiano, norueguês, russo), é comum a ausência de um sujeito marcado.

Do ponto de vista melódico, segundo CRUTTENDEN (1986), os imperativos assemelham-se às declarativas, já que o uso da melodia descendente é o padrão mais utilizado. Contudo, o autor admite que é possível suavizar o comando presente nas ordens mudando-se a melodia. Nesse caso, o autor admite que o padrão mais recorrente é o da questão total, em que o final da melodia é ascendente. A menção ao uso do imperativo não é amplamente discutida pelo autor, que não demonstra de que forma esses perfis melódicos foram encontrados ou mesmo como a autoridade pode ser modalizada pelo falante no uso desse tipo de enunciado.

No que diz respeito ao italiano, do ponto de vista da ilocução, o uso do modo verbal imperativo é um fator relevante que condiciona a formação de enunciados de ordens e pedidos. Um trabalho relevante dessa língua é o de CRESTI (2000), sobre o italiano falado. Nele, a autora associa o uso do imperativo aos atos de fala. Utilizando a curva melódica como parâmetro, a autora faz a distinção entre uma asserção, uma pergunta e uma ordem, com uma mesma sequência segmental. A figura a seguir ilustra o trabalho da autora:

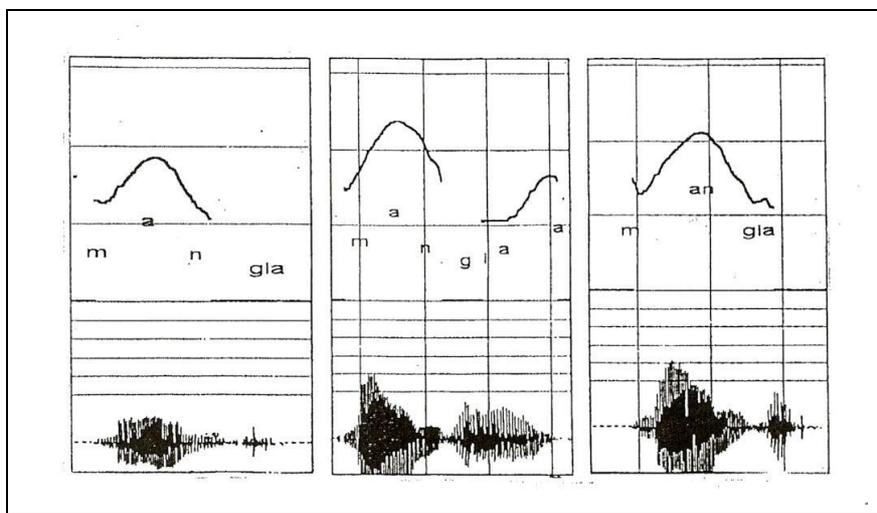


Figura 2: Perfis entonativos de 3 diferentes atos de fala: um assertivo, uma pergunta e uma ordem (“mangia”).

É interessante notar, na figura apresentada, as diferenças entre a configuração melódica da asserção (“Mangia.”) e do imperativo (“Mangia!”). Os traçados ascendente/descendente são idênticos, mas percebemos que, apesar de não terem sido informados os valores em Hertz dessa realização, o nível de tessitura utilizado parece encontrar-se muito próximo daquele em que é realizada a pergunta (“Mangia?”). Além disso, o fato de o movimento melódico se estender à última sílaba átona também indica uma diferença entre as duas modalidades.

Outro fator que deve ser assinalado nos dados de CRESTI (2000) diz respeito ao alinhamento do pico de F0. Observando a figura 2, percebemos que o alinhamento do pico para enunciados assertivos é adiantado, ao contrário do que ocorre com o

imperativo, enunciado em que esse alinhamento é tardio. Dessa forma, esse parece ser um indício acústico para se diferenciar essas duas modalidades de enunciados.

Vale notar ainda, conforme discutimos anteriormente, que o uso do modo imperativo não significa que se esteja realmente dando uma ordem. A autora não faz referência ao fato de poder se tratar de um pedido, uma vez que a autora utiliza a exclamação para representar, no nível escrito, o que denomina como imperativo. Chamamos a atenção para esse dado porque, mesmo que se trate de um ato diretivo, o uso de uma força ilocucionária pode modificar o traçado da curva melódica.

Tomando como ponto de referência o uso de atitudes de polidez, WICHMANN (2004) apresenta dados relevantes para o estudo das formas de dizer de enunciados que denotam pedido para o inglês. A autora demonstra que o uso da partícula *please* está ligado a diferentes modalidades. É possível associá-lo a sentenças imperativas, declarativas, questões totais, modais e parciais. O padrão mais usual, segundo os resultados de WICHMANN é, num pedido com o uso do *please*, a forma da interrogativa modal, com duas sequências de contornos: uma terminando com um tom alto de fronteira ou com o tom baixo na fronteira. Os exemplos retirados deste trabalho, baseados num estudo de *corpus*, são:

- (1) Can you [H* open the [H*L% door please]
- (2) Can you open the [H*L door [L*H% please]

Segundo a interpretação de WICHMANN (2004), o tom de fronteira alto é utilizado como final numa situação em que estão apenas locutor e alocutário, ao passo que o tom baixo é utilizado em situações públicas. Nessas últimas, são utilizados com maior frequência os imperativos positivos, com uma realização prosódica consistente. De acordo com os dados da autora, o padrão utilizado é com uma melodia alta, focalizando a partícula *please*, seguido de um acento H*L%. Por outro lado, nas situações privadas, em que os falantes possuem uma equivalência de status, o padrão mais utilizado é o que termina com um tom alto de fronteira (H%).

A formalidade da situação também foi investigada por WICHMANN (2004). Nas situações formais, o nível melódico utilizado pelo falante é o baixo, enquanto nas situações

informais, o mais usual é o final alto. Na análise da autora, isso ocorre porque níveis melódicos mais baixos são interpretados como potencialmente ligados a atitude autoritária; em contrapartida, níveis mais altos são associados a atitude de submissão. A conclusão da autora revela-nos uma investigação que se torna necessária, no que se refere ao português. Segundo WICHMANN (2004), o final ascendente está ligado a uma atitude pouco impositiva, em que o interlocutor pode escolher ou não executar uma ação. Por outro lado, o uso de final descendente está relacionado a situações formais e impessoais, da qual faz uso o participante de maior nível hierárquico, na situação. Nesse caso, a recusa é inaceitável.

1.6 Discussão

De acordo com o que apresentamos neste capítulo, o conceito de modo pode ser compreendido como um tipo de sentença ou atitude do falante diante do conteúdo proposicional. Essa visão mais tradicional possui um escopo de análise restrito à categoria verbal.

Nesse sentido, a conclusão de GEBARA (1976, p. 84) nos faz repensar o *status* dos verbos imperativos no Português:

(...) dada uma sequência segmental gramaticalmente definida como sentença imperativa, diferenças no seu componente supra-segmental (plano da expressão) acarretarão diferenças de categorias no sistema de modalidades, mas especificamente, diferenças no nível dos atos ilocucionais (plano do conteúdo).

Conforme apresenta a autora, existem semelhanças na produção dos atos de pedido e de ordem. Em ambos os casos, o locutor deseja que o alocutário execute a ação. Entretanto, se por um lado o pedido oferece a opção de ser recusado, o mesmo não se espera de uma ordem. Vale ressaltar que essa visão é a partir do ponto de vista do falante. Se, na real situação comunicativa, o alocutário vai ou não realizar a ação é outra questão.

A visão da autora, contudo, mostra-se insuficiente para os objetivos que pretendemos neste trabalho. Entendemos que o tratamento de enunciados com força de ordens ou de pedidos deve levar em conta os aspectos enunciativos (quem fala, para quem fala, com que objetivo fala). Apesar de apresentar as distinções dos dois atos de fala, percebemos

que existem outras questões que precisam ser compreendidas para se possa descrever, do ponto de vista prosódico o que ocorre na enunciação de ordens e pedidos.

Propomos, assim, incorporar à definição de GEBARA (1976) tais aspectos, de forma a demonstrar que o contexto define muito mais a produção/compreensão de ordens e pedidos que os aspectos morfossintáticos. Por essa razão definimos que tanto ordens quanto pedidos são enunciados produzidos por um locutor que ocupa um papel social cuja hierarquia deve ser observada na interpretação desse ato de fala: se o nível do locutor é mais alto que o alocutário, trata-se de uma ordem; se o nível entre os dois é o mesmo, trata-se de um pedido. Em ambos os casos, o efeito de ação, previsto no conteúdo proposicional, é alcançado.

Para incorporarmos tais elementos à nossa análise é interessante adotar o conceito de modalidade: é mais abrangente, o que nos permite observar, em primeiro lugar, a relação entre locutores; e, em segundo lugar, o processo enunciativo. Adotar esse ponto de vista nos permite várias possibilidades de se observar a atitude, seja em relação ao conteúdo proposicional, ao alocutário ou ao contexto.

Nessa perspectiva, os enunciados de ordem e pedido se relacionam a duas modalidades lógicas: volitiva e deôntica. Essa última, relacionada às normas que regulam os atos enunciativos, determina quem pode e deve ordenar e quem apenas pode pedir. Interessamos, entretanto, compreender de que forma aqueles que podem e devem ordenar utilizam de estratégias, sobretudo prosódicas, para ter seu desejo cumprido pelo alocutário.

Essa forma indireta nos conduz à análise dos parâmetros prosódicos como elemento modalizador, da mesma forma que os verbos, certos advérbios, construções com o uso de adjetivos, dentre outros. Dessa forma, os elementos prosódicos podem ser utilizados pelos locutores num ato de fala de ordem, por exemplo, para demonstrar ao alocutário uma atitude de autoridade numa situação comunicativa. Isso significa afirmar que o conteúdo proposicional deve ser cumprido. Por outro lado, num pedido, esse uso pode ser feito para amenizar o efeito de comando: consiste numa estratégia do locutor para se fazer menos autoritário, trazendo para o campo da possibilidade o efeito perlocutório de seu ato de fala.

Vimos, neste capítulo, que as concepções de modo, modalidade e modalização nos ajudam a compreender o funcionamento dos enunciados em contextos comunicativos. Entretanto, não são suficientes para nos fazer compreender outras informações que se sobrepõem às três já citadas. Assim, a discussão que apresentamos até aqui nos trazem novas questões, tais como a necessidade do conceito de atitude, para explicarmos, por exemplo, a expressão da autoridade nos atos diretivos de ordem. Outros aspectos, igualmente relevantes, serão tratados nos capítulos 2 e 3 a seguir.

CAPÍTULO 2: TEORIA PRAGMÁTICA E ANÁLISE DA FALA

Como princípio de comunicação, é fato que utilizamos a linguagem de forma a fazer com que o interlocutor saiba o que queremos. Resguardadas as situações em que a intenção é contrária a esse princípio, em geral, desejamos que o outro seja capaz de interpretar o que estamos dizendo. Várias são as teorias que buscam elucidar de forma produzimos sentido para os enunciados. Dentre elas, destacamos a Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1995), a Teoria do Contexto (VAN DIJK, 1992; GUMPERZ, 1992) e a Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1990; SEARLE, 1985; VANDERVEKEN, 1990).

Assim, elegemos como principal objetivo deste capítulo buscar compreender, a partir da perspectiva das teorias pragmáticas, como produzimos sentido para os enunciados e de que forma a prosódia interage com o texto e com o contexto nessa tarefa. Para tanto, destacamos aspectos específicos nessas teorias, como o conceito de contexto, a noção de inferência na produção do sentido. No que se refere à Teoria dos Atos de Fala, mais especificamente, buscamos identificar como se realizam os atos de fala de ordem e pedido, caracterizando-os e relacionando a ideia de contexto e inferência no processo de sua interpretação.

Além dessas questões, integra-se à discussão a expressão das atitudes do falante. A nosso ver, esse é um ponto que se integra às pistas que são interpretadas pelos ouvintes na situação comunicativa e na qual a prosódia exerce um papel fundamental, uma vez que traz outras informações que colaboram na produção do sentido.

2.1 Semântica e Pragmática

Uma das questões fundamentais para a Linguística, e especificamente para o campo da Semântica, é o que é sentido e como ele é produzido. Historicamente, nos estudos linguísticos, a natureza da relação entre forma e conteúdo é uma indagação para a qual

não existe uma resposta definitiva. Na Grécia Antiga, Aristóteles procurou demonstrar que existe uma relação intrínseca entre nomes e objetos, no mundo real. No que se refere à tradição gramatical latina, difundida pelas escolas europeias ao longo da Idade Média e Idade Moderna, o significado é fruto do tempo, da história que a palavra representa numa comunidade. No século XX, na visão estruturalista saussureana, significante e significado encontram-se atrelados um ao outro, constituindo duas faces do signo linguístico. Do ponto de vista gerativista, o componente semântico foi inicialmente desconsiderado; posteriormente, a análise dos traços semânticos foi, aos poucos, tomando maior importância.

Correntes teóricas inovadoras, sobretudo de origem francesa, inglesa e alemã, oriundas da concepção estruturalista/gerativista, contestaram a visão abstrata e desvinculada da realidade difundida pelos estudiosos até então. A necessidade cada vez mais crescente de se incorporarem novos elementos da comunicação à análise Linguística redefiniram novos parâmetros para o *corpus* linguístico: a unidade de estudo não mais se restringia às estruturas sintáticas, como a frase ou a oração. A percepção de que a comunicação se estabelece em textos, cujo tamanho é variável, redimensionou o campo de descrição e de compreensão dos fenômenos da linguagem. Para tanto, a definição do conceito de enunciação (BAKHTIN, 1986; BENVENISTE, 1976), numa visão pragmática, aliada à concepção de linguagem enquanto ato (AUSTIN, 1990; SEARLE, 1981), foram aspectos fundamentais para os estudos linguísticos.

Dessa forma, na perspectiva das teorias enunciativas, o sentido é produzido tanto pelo locutor quanto pelo alocutário, os quais se encontram inseridos num contexto de comunicação. Essa tarefa se dá não apenas pela interpretação semântica das sentenças, mas sim, a partir de uma interação entre palavra, aspectos prosódicos e elementos paralinguísticos, como expressão facial, gestos corporais, percepção do contexto comunicativo, conhecimentos armazenados na memória, dentre outros (VAN DIJK, 1992).

Foi a partir da década de 70 do século XX que teóricos aderiram à pragmática Linguística com o propósito de responder à questão de como utilizamos a linguagem nas situações cotidianas (LEECH & THOMAS, 1990, ELLIS, 1994. AKMAJIAN *et alii*, 1995, citados por SILVA & SILVA, 2007). Orientados pela premissa de que a língua é um instrumento de comunicação e interação, notamos no conceito de pragmática desses

autores noções em comum, tais como “língua em uso”, “expressão oral” e “ato de fala”. Assim, a reunião desses aspectos configura num novo olhar sobre o objeto de estudo da Linguística.

Observar a linguagem a partir da perspectiva pragmática implica em agregar à análise do *corpus* itens como locutor e alocutário, intenção comunicativa e, principalmente, a noção de contexto. SPERBER e WILSON (1995), bem como WILSON e WHARTON (2006), propõem que a interpretação do enunciado não depende apenas de fatores linguísticos, mas sim numa interação entre esses e fatores contextuais. Na discussão sobre o papel do contexto na produção do sentido, FRANCK (1979, p. 149) *apud* WELKER (1990) avança ainda mais. A autora afirma que “o contexto interacional é sempre necessário, porque é na interação que os enunciados ganham seu verdadeiro sentido”. Tais proposições nos conduzem à hipótese de que o contexto fornece pistas que contribuem para a interpretação de enunciados, apesar de esse, nos estudos prosódicos, não ser considerado até então como uma questão relevante.

Entretanto, não há dentre as teorias pragmáticas da linguagem uma que trate, exclusivamente, da relação entre interlocutores, do contexto e da função da prosódia na produção de sentido. Assim, nossa proposta é demonstrar que esses três aspectos estão interligados, o que implica em buscar, dentro dos conceitos básicos das teorias da Relevância, do Contexto e dos Atos de Fala uma orientação para se proceder numa análise Linguística que explique, com o maior número de informações, como se processa a comunicação.

Por essa razão consideramos, neste estudo, que o contexto e a prosódia são as fontes principais de informação que são acionadas para a compreensão dos enunciados pelos participantes do ato de linguagem. Dessa forma, cabe-nos aqui definir esses conceitos, sobretudo o que é o contexto, de que forma as informações contextuais contribuem para a interpretação de enunciados, bem como quais são as informações relevantes que o ouvinte leva em conta para a produção de sentidos.

2.2 Noção de contexto

Se um enunciado é sempre produzido em uma situação – é, assim, precedido por eventos e sucedido por outros, então para se compreender como se produz o sentido é necessário observá-lo no momento da interação. Dessa forma, torna-se imprescindível definir o que é o contexto comunicativo e de que forma esse interfere na produção do sentido.

Na perspectiva pragmática, a noção de contexto pressupõe uma prática comunicativa situada (DURANTI e GOODWIN, 1992). Fatores como cultura, conhecimento partilhado, afetividade e atitudes são aspectos que, ao interagirem com outros elementos linguísticos, funcionam, na perspectiva dos autores, como uma moldura que envolve os atos de linguagem. Para uma análise da linguagem, portanto, faz-se necessário compreender de que forma falante e ouvinte utilizam essas informações para estabelecer a comunicação.

VAN DIJK (1992) define contexto como um aspecto dinâmico da situação comunicativa, uma “abstração teórica e cognitiva (...) derivada da verdadeira situação físico-biológica”. Na concepção do autor, a ideia de contexto não se restringe à situação *per se*, pois existem fatores como as regras socialmente impostas e aspectos culturais, por exemplo, que interferem no cenário físico-biológico e que dele fazem parte.

Assim, não basta serem observados os aspectos físicos do ambiente. É preciso abstrair outras relações, como as que apontamos anteriormente, para analisar o contexto. Ora, num ato de fala, inúmeras são as informações contextuais (roupas, cor do cabelo dos interlocutores, nível de ruído ao qual ambos, locutor e alocutário, estão expostos, dentre outros), contudo, nem todas essas informações são relevantes na interpretação dos enunciados.

Cabe-nos, a partir do que define VAN DIJK (1992), levantar uma questão: se nem todas as informações contextuais são relevantes na produção do sentido, o que considerar numa análise Linguística, então? No intuito de responder essa pergunta, buscamos no trabalho de GUMPERZ (1992) algumas reflexões.

Partindo do recorte antropológico-linguístico, GUMPERZ (1992) afirma que a interpretação dos enunciados é produzida a partir do processo inferencial. Sobre o trabalho do autor, vale ressaltar que o termo “contextualização” é utilizado “to refer to speaker’s and listener’s use of verbal and nonverbal signs (...) in order to retrieve the presuppositions they must rely to maintain conversational involvement and assess what is intended” (GUMPERZ, 1992, p. 230).

Para tanto, o autor assume que: *i*) a interpretação é sempre uma questão inferencial; *ii*) inferências são baseadas em pressuposições, o que faz a interpretação, portanto, ter um caráter sugestivo e não assertivo; e *iii*) apesar de o conhecimento compartilhado ser parte do conhecimento de mundo, e portanto um fator extralinguístico, em qualquer conversação esse conhecimento é reinterpretado como parte do processo conversacional.

Notamos, assim, que relacionar produção de sentido e contexto no conduz ao raciocínio de que, na comunicação, o locutor, na tentativa de explicitar suas intenções, deixa nos enunciados marcas que ajudam o interlocutor na produção de um sentido. Dessa forma, os pressupostos de GUMPERZ (1992) conduzem à elaboração de um novo conceito: o de *pistas contextuais*.

Tomando como base a interação entre falantes de duas línguas diferentes, o autor demonstra que as pistas contextuais são construídas, primeiramente, no nível da fala. GUMPERZ (1992) defende que o conhecimento gramatical, o conhecimento da língua e as convenções retóricas estão implícitos nos sinais comunicativos, contudo eles afetam significativamente a compreensão das conversações cotidianas.

Partindo desse pressuposto, voltamos à questão de quais seriam as informações relevantes para os ouvintes construírem sentido? A resposta de VAN DIJK (1992) é que possuímos esquemas (*frames*) socialmente construídos para a interpretação dos contextos. Para o autor, o ouvinte leva em conta o tipo específico de contexto, os *frames*, as propriedades/relações das posições sociais, as funções e os membros envolvidos. Assim, o autor propõe sejam consideradas quatro categorias globais e quatro sub-categorias derivadas, conforme a seguir:

Quadro 3 : Princípios de análise contextual

CATEGORIAS
Público ou privado
Institucional/formal ou Informal

SUB-CATEGORIAS
Posição (papel social, <i>status</i>)
Propriedades (sexo, idade)
Relações (dominação, autoridade)
Funções (pai, garçomete, juiz)

Adaptado de VAN DIJK (1992)

Segundo VAN DIJK (1992), se o contexto privado é aquele do qual participam apenas o locutor e o alocutário, o contexto público subentende a participação de outras pessoas, não apenas aquelas que estão interagindo verbalmente na situação. Esses outros falantes podem ou não estarem envolvidos na conversação. Na análise que fizemos dos nossos dados, seguimos o mesmo critério de VAN DIJK (1992).

No que se refere ao item forma/informal, o autor define que as situações formais são aquelas em que o falante monitora o seu discurso, ao passo que as situações informais são consideradas como menos monitoradas, como ocorre nas situações familiares, em que o estilo é coloquial. Ao assumirmos que os fatores contextuais influenciam nos parâmetros prosódicos, devemos considerar que a relação entre essas categorias favorecem a ocorrência de formas prosódicas específicas. O contexto público formal ou privado formal, segundo as regras sociais, favorecem a expressão de autoridade¹⁰. Por outro lado, as situações público informal e privado informal podem favorecer a expressão da afetividade¹¹.

Entretanto, é necessário observar que esses não são os únicos fatores que influenciam as escolhas prosódicas dos falantes. Assim, é preciso considerar qual o *status* de L na situação, se é um falante do sexo masculino ou feminino, quais as funções sociais de L e A, qual o grau de autoridade de L sobre A. É preciso considerar, sobretudo, as intenções

¹⁰ Essa discussão será retomada na seção 4.2.2.

¹¹ Ver mais sobre o assunto na seção 4.2.3.

comunicativas de L: se esse tem a intenção de demonstrar suas atitudes, seja autoridade, polidez, paciência ou qualquer outra.

A partir desses princípios de análise do contexto, o autor defende ainda que, o que foi dito anteriormente pelo falante, mais as inferências que são feitas acerca de conhecimentos e crenças, desejos e preferências, atitudes e sentimentos e emoções contribuem para a interpretação dos enunciados. Portanto, acreditamos ser relevante trazer para análise dos atos de ordem e pedido os princípios propostos por VAN DIJK (1992) e GUMPERZ (1992), uma vez que pretendemos investigar de que forma o contexto interage com os enunciados de ordem e pedido.

Assim, podemos aplicar os princípios de VAN DIJK (1992) a uma situação comunicativa que envolva esses atos. Tomemos como exemplo um enunciado como “dois cafés” Existem várias possibilidades de análise contextual para esse enunciado. Interessamos aqui, demonstrar dentro da proposta de VAN DIJK (1992), uma dessas possibilidades. Consideremos as seguintes informações:

Tipo de contexto social: institucional privado
 Instituição: empresa
 Esquema: reunião de negócios

Observando a estrutura do esquema, poderíamos tê-lo na forma como temos a seguir:

- A. Estrutura do esquema
 - a) Cenário: sala de reuniões
 - b) Funções: L é chefe de um setor
 A é secretária de L
 - c) Propriedades: A já trabalha há um tempo com L, A é subordinada a L, uma das funções de A é executar as ações propostas por L, L é reconhecido como ocupante de um cargo superior a A.
 - d) Relação: L tem autoridade sobre A

- B. Convenções do esquema (regras, normas etc)
 1. Numa empresa, cada ocupante de um cargo exerce uma função específica;
 2. A função do cargo de chefia permite que seu ocupante expresse seus desejos e vontades para seus subordinados;
 3. Os subordinados devem executar as tarefas expressas nos conteúdos proposicionais de seus superiores;
 4. Levar e trazer objetos faz parte das obrigações das secretárias;
 5. A não obediência à ordem de um chefe pode custar o emprego.

Assim, temos que nesse contexto descrito, o alocutário (no caso, a secretária) infere, a partir do esquema conhecido tanto por A quanto por L que “dois cafés” trata-se de uma ordem.

A proposta de VAN DIJK (1992) é, do nosso ponto de vista, bastante interessante, pois nos permite compreender a dinâmica do contexto comunicativo. Entretanto, falta agregar à análise o fator prosódico, ou seja, a forma como L se dirige a A. Utilizamos, nesse trecho, a expressão “forma” como o que se define, no senso comum, o uso dos parâmetros prosódicos com uma dada intenção comunicativa, expressando-se certa atitude.

Isso significa que as informações morfosintáticas e contextuais são relevantes na interpretação de enunciados, desde que não sejam desprezadas as informações prosódicas, tais como ritmo, velocidade de fala, entonação, duração, dentre outros, uma vez que elas podem revelar outros aspectos do sentido não inseridos nesses dois níveis.

Em seu trabalho, GUMPERZ (1992) enumera quais as pistas contextuais convencionalizadas em alguns sinais não-verbais. De acordo com o autor, é possível para o locutor, através dos níveis prosódicos, dos sinais paralinguísticos, da escolha do código e da escolha de formas lexicais e expressões formuláicas, trazer para o momento da enunciação marcas que devem ser consideradas pelo alocutário no processo inferencial.

Interessa-nos, sobretudo, as pistas prosódicas e os sinais paralinguísticos de que trata o autor. Contudo, na classificação feita por GUMPERZ (1992), a prosódia se restringe ao uso da melodia enquanto pausa e duração encontram-se alocadas no nível paralinguístico. Trata-se, portanto, de um uso particular desses conceitos.

Embora haja essa restrição, GUMPERZ (1992) apresenta uma lista do que considera como pistas contextuais marcadas nos enunciados. São elas: pistas de finais de frase, transições entre frases e pistas dentro das frases.

Dentre essas pistas, para o estudo de ordens e pedidos, consideramos mais relevantes aquelas que ocorrem dentro da frase, uma vez que esses enunciados, dentro do nosso *corpus*, ocorrem como uma unidade prosódica, com um acento frasal. O uso de pausas e prolongamentos de certos segmentos dentro dos enunciados, por exemplo, podem ser utilizados pelo locutor para demonstrar uma atitude de impaciência. Outro fator é a elevação da melodia que ocorre, diferentemente para os dois atos, na primeira sílaba proeminente das ordens e dos pedidos. Esse tipo de estratégia é possivelmente uma pista para a interpretação do alocutário.

Tendo em vista, portanto, o que apresentamos sobre a influência que o contexto exerce na produção dos enunciados, procuramos a seguir analisar como essas informações podem ser utilizadas pelo alocutário na produção do sentido. Para tanto, é necessário trazer para a nossa discussão a noção de implicatura conversacional.

2.3 Implicaturas conversacionais

Num ato de fala, nem sempre o locutor deixa explícitas suas intenções comunicativas. Dessa forma, outro conceito dos estudos pragmáticos que se mostra relevante para este trabalho diz respeito às *implicaturas*. ILARI & GERALDI (1990, p. 76) definem que

O uso do termo implicatura se deve ao desejo de distinguir dois fenômenos linguísticos: o fenômeno do acarretamento, o que se infere de uma expressão com base apenas no sentido literal de outra; e o fenômeno em que a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional.

Retomando LEVINSON (1983, p. 99), uma implicatura consiste, então, naquilo que não se traduz numa estrutura sintática ou numa regra semântica. As conversações são, assim, mantidas: informações sobre o sentido dos enunciados estão interligadas a outros níveis de informações, não necessariamente Linguísticas. Mais do que isso, a ideia de implicatura encontra-se baseada no que GRICE (1975) conceituou como máximas. Segundo os princípios de GRICE - quantidade, qualidade, relevância e maneira - as conversações são mantidas de uma forma lógica, nas quais se baseiam os locutores.

Interessa-nos comentar aqui a última máxima (maneira) que está relacionada à forma como os locutores organizam as informações dos enunciados de modo que não haja

ambigüidade, bem como prolixidade, obscuridade e desordem nos contextos de comunicação. Hipoteticamente, se o sistema linguístico fosse utilizado exatamente da mesma forma por todos os falantes e que esses tivessem sempre a intenção de dizerem a verdade (máxima da cooperação), é provável que a comunicação funcionaria da forma como prevê GRICE (1975). Entretanto, nas práticas conversacionais, nem sempre se pode aplicar esse princípio.

O princípio da cooperação está interligado ao conceito de *face*, de GOFFMAN (1967), citado por WILSON (2008), para quem essa consiste no “valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico”. Isso implica que, ao interagirem, os locutores procuram, a partir da máxima da cooperação e da preservação da face, manter uma face positiva, bem como preservar a face de seu interlocutor, o que resulta no uso de estratégias de cortesia e polidez.

MOESCHLER (1996) agrupa as ideias de GRICE (1975 e 1979) e de SPERBER e WILSON (1995) sob o rótulo de *teorias pragmáticas inferenciais*. Segundo o autor, a abordagem desses autores se baseia em três princípios fundamentais:

- 1) Le sens communiqué d'un énoncé est généralement implicite;
- 2) La récupération du sens communiqué se fait via un calcul inférentiel;
- 3) Le calcul inférentiel est déclenché par des règles pragmatiques (principe de coopération et maximes conversationnelles – de quantité, de qualité, de pertinence et de manière, (...) et principe de pertinence (...))

Pensando na proposta da pragmática inferencial, podemos levantar questões como “o que leva uma pessoa a fazer um pedido, em vez de dar uma ordem”, ou “por que dar uma ordem e não fazer um pedido”, se do ponto de vista das condições preparatórias o contexto permite ambas as possibilidades. Que diferenças podem existir entre um convite, uma sugestão e uma ameaça? Para responder a essas questões, vamos nos remeter a uma situação hipotética: considerando que os participantes de uma situação comunicativa desempenham papéis sociais distintos, sendo o locutor o patrão do alocutário, e que a conversa ocorra no local de trabalho. O enunciado é “traz o café”.

Como se encontra numa posição hierárquica superior ao do alocutário, o locutor poderia, em princípio, ordenar que seja trazido o café, pedir pelo café, sugerir que seja

trazido o café. Se existe o fato de L expressar sua vontade (que o café seja trazido por A) e L o faz utilizando recursos prosódicos característicos de um pedido, vale notar que não há mudança quanto ao *status* dos papéis desempenhados por L ou por A. O que podemos perceber é que L usa tal padrão intencionalmente, talvez para que A não seja intimidado por sua autoridade, ou para que execute a ação.

O fato é que, mesmo utilizando um padrão prosódico característico de um pedido isso não muda o ato de fala. Nesse contexto, L continua dando uma ordem para A, porque não se pode dizer que A tenha a oportunidade de recusar executar a ação. Outro motivo que poderia levar a esse uso é a manutenção da face positiva, em que L não tem a intenção de demonstrar a sua autoridade sobre A. De qualquer forma, a escolha do padrão prosódico muda as condições de produção e o significado.

Podemos afirmar que a interpretação que A faz do enunciado de L certamente é assegurada pelo conhecimento compartilhado (KEMPSON, 1980, VAN DIJK, 1992). Dessa forma, A sabe se o enunciado é uma ordem ou um pedido. Entretanto, é necessário compreender por que razão L escolhe um ou outro padrão prosódico num determinado contexto. Nossa hipótese é de que, numa situação comunicativa, existem alguns fatores como cortesia e polidez que determinam as escolhas Linguísticas, no âmbito do léxico e, sobretudo, no que se refere ao nível prosódico.

Essas constatações nos levam a pensar sobre que tipo de alteração prosódica L pode fazer para demonstrar ou não sua autoridade numa situação comunicativa. Uma vez que a forma indireta de dizer alguma coisa é uma estratégia utilizada pelos falantes de modo a atenuar o poder, procuramos descrever as características, no que diz respeito aos parâmetros acústicos frequência fundamental e duração, relacionadas aos pedidos e às ordens e de que forma esses correlatos são utilizados para demonstrar maior ou menor autoridade, conforme apresentaremos mais adiante.

2.4 Construção do sentido

Vimos, até aqui, que isolar o enunciado do contexto de produção pode nos induzir a uma interpretação apenas parcial dos fatos linguísticos. Ao mesmo tempo, sabemos que, num contexto enunciativo, o sentido de um enunciado como “Traz o café” não é

construído pelo somatório do significado de cada item lexical: alguém que enuncia imagina que aquele a quem se dirige deverá praticar a ação de trazer café. Neste trabalho, entendemos que, além desses aspectos, é necessário considerar também quem enuncia, para quem o faz, com qual propósito produz o enunciado, em que contexto o faz e, sobretudo, como enuncia as palavras.

Dessa forma, vale compreender como são interpretados os enunciados e quais são as informações Linguísticas relevantes para que o alocutário construa o sentido. A propósito dessa questão, vale ressaltar a ideia de AUBERGÉ (2002), que apresenta um modelo de análise prosódica, cujo primeiro princípio é ilustrado pela figura a seguir:

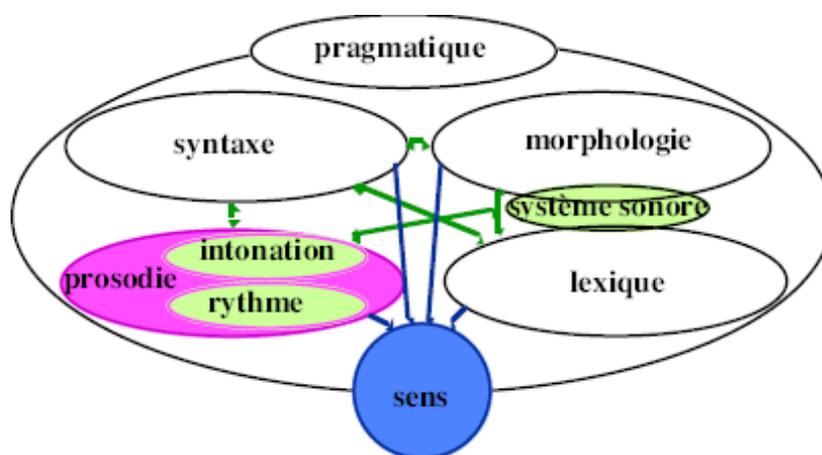


Figura 3: Modelo de análise prosódica de Aubergé (2002).

A figura 3 demonstra que o sentido, segundo AUBERGÉ (2002), encontra-se relacionado ao nível pragmático, o que confirma o que afirmamos anteriormente. A sua construção, portanto, engloba de outros níveis informacionais, dentre eles a prosódia, a sintaxe, a morfologia e o léxico. Tomando como base a ideia da autora, desvincular o estudo do significado desses outros fatores pode nos conduzir a uma visão equivocada de como o significado é atribuído aos enunciados, pelos falantes, dentro das situações comunicativas.

Dentre as informações contextuais que são consideradas pelo alocutário para a interpretação encontra-se a prosódia (cf. AUBERGÉ, 2002; HIRST, 2005). Conforme discutimos no capítulo anterior, compreender, por exemplo, o que FONÁGY (2003)

conceitua como função modal¹², é, num ato de fala, condição para o locutor demonstrar para o alocutário se se trata de uma asserção (uma informação está sendo dada ao alocutário) ou de uma pergunta (o locutor não detém uma informação e indaga o alocutário). Um exemplo que ilustra esse caso é o par de enunciados “ela vem/ela vem?”.

Além da função modal, o nível prosódico pode contribuir de outra forma para a interpretação dos enunciados. Acrescentamos que, ao produzi-los, o locutor deixa transparecer, intencionalmente ou não, suas atitudes, as quais podem estar relacionadas ao alocutário (a ilocução), ao conteúdo proposicional ou ao contexto comunicativo. Sobre esse aspecto, vale ressaltar a questão levantada por FONÁGY (2003): a partir de quais índices pode-se distinguir uma modalidade de uma emoção e essas de uma atitude?

A pergunta de FONÁGY (2003) nos remete ao uso muitas vezes confuso dos termos modalidade e atitude. Uma distinção interessante é a de ALTMANN (1988), citado por FONÁGY (2003), que é bastante semelhante ao que defendem outros autores (WICHMANN, 2000; REIS, 2001; ANTUNES, 2007): a modalidade se distingue pela presença de marcadores linguísticos. No próximo capítulo, trataremos do conceito de atitude de forma mais aprofundada. Por ora, reafirmamos que as modalidades encontram-se no nível das informações gramaticalizadas, dependentes da estrutura sintática.

Retornando ao exemplo do início do capítulo, ao proferir um enunciado como “Traz o café”, o locutor pode fazê-lo de forma educada, para que o alocutário não passe por um constrangimento ao executar a ordem semanticamente implícita no contexto. Ou, de forma oposta, deixar explícito que, na relação social ali presente, o alocutário não tem outra opção a não ser cumprir o que foi ordenado. Em ambos os casos, os traços prosódicos utilizados na produção do enunciado consistem na marca Linguística a ser utilizada intencionalmente pelo locutor. No capítulo 4, a seguir, tratamos mais especificamente a relação entre prosódia e expressão da atitude.

¹² Segundo o autor, a função modal da entonação permite diferenciar asserções de questões totais em número considerável de línguas. O autor, entretanto, não cita quais seriam as línguas que apresentam essa distinção. Tal função é um fator que os falantes utilizam para identificar modos enunciativos (modalidades) sem a presença de outros índices (morfemas ou inversões sintáticas) (cf. FONÁGY, 2003)

Na perspectiva pragmática, conforme apontamos anteriormente neste capítulo, entender o funcionamento do *ato de linguagem*, assim como definido por SEARLE (1981, p. 26), é fundamental. De acordo com o autor, esse é “a menor unidade que realiza, pela linguagem, uma ação (ordem, solicitação, asserção, promessa) destinada a modificar a situação dos interlocutores”. Na visão tanto de SEARLE quanto de AUSTIN (1990), a língua é utilizada pelos falantes com o objetivo de executar ações. Os autores demonstram que afirmar, perguntar, ordenar, dentre outros, são ações enunciativas das quais derivam novas ações: responder, cumprir ordens, fazer novas afirmativas etc.

Podemos citar como exemplo a situação em que um locutor profere um enunciado como “Fecha a porta, por favor”, ou “A porta está aberta [mas não deveria]”, até mesmo “A porta”. Esses enunciados podem provocar um efeito tal que o alocutário, tendo em vista que tais sequências foram produzidas por um locutor específico, numa situação específica, com uma entonação específica, na qual cada um dos atores da enunciação desempenha um papel específico, dirige-se até a porta para cerrá-la. Dessa forma, todas as informações textuais e contextuais são processadas pelo alocutário de modo que o locutor presencia a ação enunciada ser concretizada.

É notável, assim, que a prosódia consiste num dos fatores que efetivamente contribui para a construção do sentido pelos interlocutores numa situação comunicativa. Entretanto, notamos também que poucos autores compreendem o papel que tais parâmetros podem exercer na interação verbal. Dentre eles, destacamos AUSTIN (1990) e SEARLE (1981) que defendem existência de uma função para os aspectos prosódicos em sua teoria, sem, no entanto, determinar, de fato, como esses aspectos funcionam, que relação estabelecem com o enunciado e, principalmente, o que exatamente, na prosódia, interfere na construção do sentido pelos locutores. Por essa razão, no capítulo 3 apresentamos, separadamente, a TAF e como podemos tratar os enunciados de ordem e pedido dentro dessa teoria.

Nesse âmbito, vale salientar que, para os discursos construídos na modalidade oral, os atores das situações enunciativas utilizam diversos recursos não-linguísticos para interpretar as proposições. A interrelação semântica dos itens lexicais, além de fatores sintáticos e da modalização prosódica, complementam-se a fatores contextuais, tais como relação entre locutores, papel social dos atores enunciativos, presença ou

ausência de outros interlocutores não citados nos enunciados, os quais fazem parte do escopo de significação que é considerado por falantes e interpretado por ouvintes a todo momento.

Assim, a leitura, no sentido mais amplo, é feita ininterruptamente: informações verbais e não-verbais são alvos constantes de interpretação dos usuários da língua. Uma teoria Linguística não pode, dessa forma, desconsiderar, na análise dos fatos, fatores relacionados ao contexto de enunciação.

2.4.1 Prosódia e produção de sentido

Conforme afirmamos na seção anterior, os locutores utilizam a prosódia como um aspecto de veiculação de sentido. Por muito tempo, e o advento da tecnologia foi fundamental nesse sentido, o estudo da prosódia, sobretudo no âmbito da fonética experimental, restringiu-se a delimitar, em laboratório, aspectos quantitativos relacionados ao sinal acústico. Esse modelo contribuiu, inegavelmente, para que hoje pudéssemos contar com uma descrição acústica com base em análise instrumental de várias línguas.

Entretanto, ao considerarmos a perspectiva da enunciação, principalmente após BENVENISTE (1976) e BAKHTIN (1986), vemos que, ao isolar o sinal da fala da situação de interação, perde-se a função primordial da linguagem, que é a interação entre locutores. Portanto, estudar a fala em uma situação de uso é uma opção metodológica, tão válida quanto determinar apenas, do ponto de vista físico, valores numéricos em que se pode traduzir o sinal da fala.

Apesar de podermos considerar certa regularidade de padrões entonativos, nos usos intencionais de pausas ou nas mudanças de tessitura em alguns contextos, não é possível, porém, determinar que aspectos prosódicos sejam exclusivamente determinantes do alvo de sentido pretendido pelo falante. PAKOSZ (1982), COUPER-KUHLEN (1986), HIRST (1998), WICHMANN (2000) demonstram que não são padrões prosódicos que delimitam o significado. Antes, o mesmo padrão pode ser encontrado em situações diferentes para os quais os locutores podem atribuir diferentes significados. Por outro

lado, numa mesma situação, padrões diferenciados podem ser passíveis de uma mesma interpretação.

Vale ressaltar o que HIRST (1998) argumenta sobre essa questão. Mudar o movimento melódico de um enunciado não implica transformá-lo em outra modalidade. O exemplo dado pelo autor é que usar a entonação ascendente não é uma forma de converter uma declarativa em questão total. O uso dos padrões entonativos do inglês, segundo o autor, aponta para o fato de que, em determinados contextos, é possível uma asserção ser utilizada com uma melodia ascendente. De acordo com HIRST (1998), essa é uma maneira de transformar uma afirmativa num pedido de informação, em uma determinada situação comunicativa.

Em quaisquer dos casos, é inegável que a prosódia contribui, de uma forma ou de outra, para a construção do sentido. É comum, em situações cotidianas, que interlocutores afirmem algo como “não gostei da forma como você disse X”, ou mesmo “você poderia ter dito X de outra maneira”. O uso de palavras como “forma” e “maneira” revelam um juízo de valor sobre modulações prosódicas que fazemos ao falarmos. O modo como afirmamos, perguntamos, pedimos ou ordenamos é um ponto relevante para que nossos enunciados sejam bem interpretados, ou pelo menos, que nossas intenções sejam compreendidas por aqueles que são alvo de nossos enunciados.

FIORIN (2002, p.168) afirma que

(..) a pragmática deve explicar como os falantes são capazes de entender não literalmente uma dada expressão, como podem compreender mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de maneira direta.

É justamente nessa acepção que compreendemos a prosódia dentro de uma visão pragmática da linguagem: um aspecto não-verbal capaz de modalizar, produzir efeitos de sentidos aos enunciados dentro de uma situação de comunicação.

Ainda sobre a afirmativa de FIORIN (2002), é possível que se pense que a prosódia seria, então, uma forma indireta de se dizer alguma coisa (conforme discussão no item 1.3). Tal raciocínio significaria atribuir à prosódia um papel secundário no contexto comunicativo, o que não corresponde à nossa perspectiva. O uso do recurso prosódico é,

no nosso ponto de vista, um fator que funciona de forma integrada à estrutura da sentença – o que quer dizer que não é a forma lexical e sintática que determina o uso de parâmetros prosódicos – mas que, no momento da enunciação, esse se soma às informações lexicais e sintáticas, bem como às informações contextuais para conduzir aos participantes da situação à produção de sentido(s).

Entretanto, os fenômenos linguísticos não ocorrem de forma exata. Cada comunidade, a seu tempo e de modo peculiar, escolhe que forma é, do ponto de vista pragmático, mais interessante se veicular o sentido. O que não deixa de ser interessante é que tais fenômenos não ocorrem ao acaso, eles tendem a se repetir, em grupos linguísticos distintos e que nem sempre passaram por alguma situação de contato.

Assim, ressaltamos a questão da interação entre níveis informacionais diferenciados. Com base no que apresentamos na figura 3 deste capítulo, apresentamos um esquema, em que teríamos, então, uma representação triangular, na qual se percebe uma interação entre níveis de informação diferenciados para a produção de sentido:

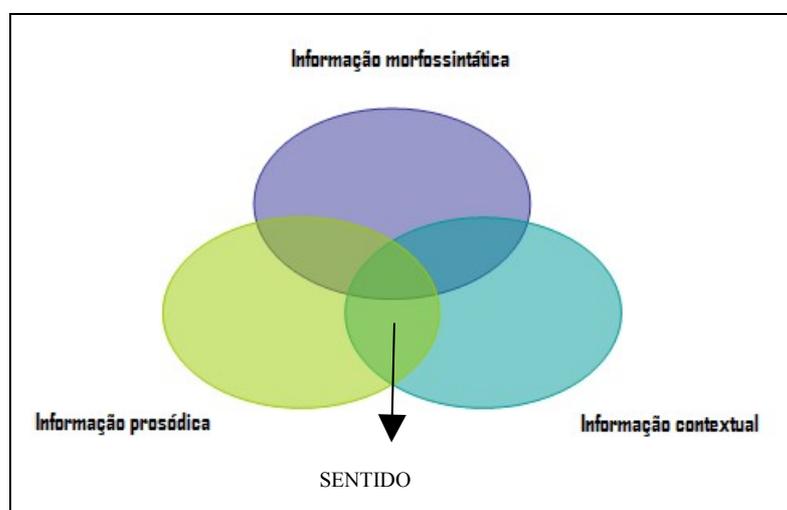


Figura 4: Relação entre os níveis informacionais num ato de fala.

A representação anterior representa três tipos de informação com os quais os locutores e alocutários precisam lidar para construir e reconstruir o(s) sentido(s) em situações de fala. Assim, temos os níveis lexical e sintático, mais gramaticalizados, nos quais se estrutura o enunciado. Nesses níveis, o significado de palavras e sentenças consiste em um dos parâmetros a ser utilizado pelos interlocutores para a compreensão.

Por outro lado, no plano não-verbal, a cadeia segmental do enunciado é associada a fatores prosódicos, tais como melodia, tempo, intensidade, pausas, dentre outros. A interação entre as informações desses dois planos pode gerar nova carga semântica para o enunciado, revelando intenções e atitudes que podem ser depreendidas a partir da cadeia suprasegmental. No plano real, temos as informações contextuais, sobre papéis sociais e discursivos desempenhados pelos locutores, além do lugar físico em que se encontram. Interligadas às dos outros planos, as informações contextuais redimensionam o significado no nível discursivo, no qual aspectos não-linguísticos são considerados pelos interlocutores para a produção do sentido.

Diante do exposto, verificamos que a tarefa de compreender como os interlocutores usam a língua para estabelecerem comunicação não pode ser desvinculada de fatores contextuais, uma vez que o processo inferencial por parte do alocutário não acontece apenas por meio da identificação de itens lexicais ou de estruturas sintáticas ou do significado.

2.4 Discussão

Apresentamos neste capítulo a relevância da Pragmática para os estudos da linguagem, sobretudo no que se refere à fala. Os pressupostos da Pragmática ajudam a compreender a integração entre texto e atores da enunciação e qual a importância de serem considerados em conjunto como essência do ato da comunicação.

Vimos também que a compreensão dos enunciados não depende exclusivamente de fatores verbais. Antes, a integração entre texto, prosódia e outras pistas contextuais são consideradas pelos falantes para serem produzidos efeitos de sentidos. Não considerar tais fatores numa análise da atividade comunicativa pode nos fornecer uma ideia incompleta de como, de fato, ocorre tal processo.

Dessa forma, devemos considerar que, se o falante usa intencionalmente a forma prosódica para salientar informações segmentais, para separar informações conhecidas de informações novas, distinguir informações importantes de outras menos importantes, bem como qualificar informações (GUMPERZ, 1992), então podemos afirmar que a

prosódia constitui uma pista na produção dos sentidos. Assim, é necessário numa análise Linguística vincular prosódia, texto e contexto de uso

Além disso, podemos afirmar que não apenas as informações Linguísticas podem ser interpretadas no nível prosódico. Outros fatores, como atitude e polidez, são intencionalmente marcadas no nível prosódico pelo falante. Acreditamos que essas pistas não se encontram nesse nível aleatoriamente. O locutor deixa transparecê-las para que, possivelmente, sua comunicação seja mais eficaz, ou mesmo porque intencione ser atendido em sua ordem, como é o caso dos enunciados que nos propomos a estudar.

Assim, temos que o falante nem sempre transforma em palavras suas intenções. Já que não o faz, como é possível ao alocutário compreender o que está sendo dito? Segundo o que defende VAN DIJK (1992) e conforme o que defendemos neste trabalho, o alocutário é capaz de compreender porque possui esquemas mentais socialmente construídos, os quais são baseados em aspectos contextuais. Assim, a interpretação é possível pois é um processo inferencial. Por essas e outras questões o conceito de inferência torna-se imprescindível numa teoria que busque compreender a comunicação.

Entendemos também que outros fatores influenciam nas escolhas lexicais, sintáticas e, principalmente, prosódicas. Dentre eles destacamos o contexto público e privado, situações formais, informais, os papéis sociais, as relações entre os falantes (VAN DIJK, 1992). Nosso trabalho consiste, então, em correlacionar tais aspectos ao estudo da prosódia, buscando compreender em que medida esses aspectos podem influenciar nas estratégias utilizadas pelos locutores e de que forma esses mesmos aspectos podem ser considerados pelos alocutários como pista para a construção do sentido.

CAPÍTULO 3: PROSÓDIA E TEORIA DOS ATOS DE FALA

Apresentamos, no capítulo anterior, a necessidade de se agregar à análise da fala aspectos como contexto e inferência na produção do sentido. Para tanto, buscamos na teoria da relevância e na teoria do contexto conceitos que são complementares à teoria dos atos de fala, uma vez que essa última se mostra um referencial importante para explicar o que são e de que forma são produzidos enunciados de ordem e pedido.

Contudo, verificamos que, separadamente, as três teorias não explicam de que forma a prosódia é utilizada pelo falante, por questões de restrições das próprias teorias. Assim, defendemos que é na interação entre contexto, inferência, ato de fala e prosódia que encontramos as relações mais relevantes que explicam como nos comunicamos.

Assim, da TAF, procuramos destacar como acontece a enunciação: quem participa do ato e, principalmente, o que diferencia um ato de ordem de um pedido. Da teoria do contexto, procuramos evidenciar quais os parâmetros podemos incluir na análise dos enunciados. Por último, a partir da teoria da relevância buscamos compreender o processo de produção de sentidos, no qual a prosódia desempenha um papel fundamental.

Passamos, então, aos principais pontos da TAF, o que nos fornece subsídios para a identificação do que venham a ser ordens e pedidos.

3.1. O ato de fala

Nas mais diversas situações de comunicação, nas quais se realizam os atos de fala, é possível verificar que uma mesma sequência segmental pode ser proferida de diversas maneiras diferentes, tornando-se, assim, um novo enunciado. Não necessariamente em função das palavras ou mesmo da sintaxe escolhida pelo falante, mas, sobretudo, por causa de fatores prosódicos que interagem nesses enunciados. Tais fatores não somente interferem na construção do sentido a partir do item lexical, como também podem expressar outros tipos de relações não determinadas no nível linguístico, mas que, através dele, podem ser compreendidas.

Contudo, não é tarefa fácil determinar que configuração prosódica é responsável pela determinação de um ou outro significado. Parece nem ser esse o caso, já que não se pode estabelecer que somente um aspecto dentro de todos os que envolvem a fala seja o responsável por causar um efeito específico de sentido. Assim, torna-se necessário interligar uma teoria que explique não apenas de que forma locutor e alocutário se relacionam num determinado contexto, fazendo uso de determinadas proposições, valendo-se de determinada forma expressiva no nível prosódico, mas que também tenha como objetivo compreender de que forma essas relações podem estar explícitas no nível da enunciação.

Dessa forma, é necessário demonstrar que os fatores prosódicos não existem separadamente na língua. Conforme demonstramos no capítulo anterior, esses estão articulados ao domínio sintático, lexical, semântico e pragmático, de modo que a inter-relação entre esses níveis é re-interpretada pelo alocutário dentro de um contexto comunicativo.

Sabemos também que existem teorias que explicam de que maneira o locutor é capaz de utilizar padrões entonativos, acentuais, rítmicos, dentre outros, em situações específicas com um efeito específico¹³. Falta-nos, porém, uma teoria que agregue conhecimentos sobre o funcionamento da relação locutor/alocutário em conjunto com a descrição de pistas prosódicas que sejam capazes de provocar um ou outro sentido, modificar um ou

¹³ Haja vista CRYSTAL (1969); HALLIDAY (1970); COUPER-KUHLEN (1986); LADD (1996), dentre outros.

outro estado de coisas entre ambos. Por essa razão optamos pela Teoria dos Atos de Fala.

A Teoria dos Atos de Fala foi primeiramente elaborada por AUSTIN (1990)¹⁴. A principal inovação da teoria está no fato de que AUSTIN propõe, de forma diferente do que defendia a semântica tradicional, o conceito de *ilocucional*: o enunciado que se realiza como uma ação no momento em que é proferido. A noção de AUSTIN na atualidade é bastante contestada, pois nem sempre é possível afirmar que esse efeito perlocutório de certos atos foi, de fato, o resultado da enunciação de outro ato, a menos que o alocutário o admita ao interlocutor. De qualquer forma, é inegável a contribuição do autor para o desenvolvimento dessa teoria.

As ideias de AUSTIN são mais detalhadas por SEARLE (1981). Em *Os atos de fala*, Searle faz uma análise das configurações de diversos atos de fala, sua estrutura e uso, classificando-os. No trabalho de 1995, SEARLE aponta alguns aspectos linguísticos (ordem das palavras, acento tônico, entonação, pontuação, modo do verbo e verbos performativos) que demarcam a força ilocucional. Entretanto, o autor afirma que “frequentemente, nas situações concretas do discurso, é o contexto que permitirá fixar a força ilocucional da enunciação, sem que haja necessidade de recorrer ao marcador explícito apropriado” (SEARLE, 1981, p. 44).

Se por um lado, a Teoria dos Atos de Fala aponta para a prosódia como fator relevante para a determinação da força ilocucional, por outro lado o principal interesse dos estudos prosódicos em relação à Teoria dos Atos de Fala está relacionado ao aspecto de poder inserir, na análise da significação, a influência do contexto e da relação entre locutor/alocutário.

Contudo, o lugar da prosódia na Teoria dos Atos de Fala¹⁵ não nos é revelado nem por AUSTIN (1990), nem por SEARLE (1981). Ambos os teóricos deixam lacunas e indicações pouco claras de qual seria a função da prosódia na TAF. A não ser por indicarem que certos significados são ressaltados ou mesmo modificados por fatores não segmentais, fica evidente que tal discussão não ocupa lugar central na teoria (REIS, 2001).

¹⁴ Originalmente, o texto foi publicado nos anos 60. Trata-se de um coletânea de conferências feitas pelo autor nas quais se discutem os fundamentos da teoria.

¹⁵ Doravante, TAF.

A TAF defende que um *ato ilocucional* consiste no ato de dizer um enunciado com um certo sentido e referência, acrescido de uma determinada força. É possível que seja modalizada, nesse contexto, a atitude – utilizando o conceito de FONÁGY (1983) “um estado psicológico sob o controle do locutor” – que se sobrepõe à força já determinada pelo contexto e que expressa de que forma o locutor a) ou se relaciona com o alocutário; b) ou com o contexto enunciativo; c) ou com o próprio enunciado.

Por sua vez, a expressão das atitudes necessariamente não se dá por meios linguísticos: um gesto com as mãos, um movimento de sobrancelhas ou um leve sorriso podem cumprir essa função. Esses casos, entretanto, não nos interessam diretamente. Cabe-nos investigar quando as atitudes são expressas na fala a partir de modulações prosódicas – mudanças na direção do movimento da curva melódica, deslocamento de acentos lexicais ou frasais, alterações no ritmo e na velocidade de fala – usados na intenção de expressar um significado específico para aquele enunciado, naquela situação, para aquele alocutário.

Entretanto, é necessário discutir sobre onde a prosódia deveria ser inserida no âmbito da TAF: se em conjunto com os atos ilocucionais ou como um recurso dos atos perlocucionais. Nessa última categoria, pode tanto ser intencionada pelo locutor como pode ser interpretada pelo alocutário. Contudo, é preciso considerar que, se ao produzir um ato ilocucional, por exemplo, a ordem, ordena-se por estar o locutor em posição hierarquicamente superior ao alocutário, é necessário que esse enunciado possua uma característica prosódica – quer seja por uma menor tessitura melódica, quer seja por uma menor amplitude do movimento melódico – que, juntamente com os aspectos contextuais anteriores, sejam capazes de produzir um efeito tal que o alocutário não tenha como recusar a execução do conteúdo proposicional expresso no enunciado.

Assim, é necessário relevar que, se estamos tomando a produção do locutor como ponto de partida, a intenção comunicativa de dizer algo através de uma determinada expressão (ato locucionário), com uma determinada força (ato ilocucionário) é tarefa que cabe ao locutor. Acrescentam-se ainda à força as modulações prosódicas necessárias ao contexto de forma que se atinja o objetivo de um determinado efeito de sentido. Porém, se

observarmos da perspectiva do alocutário, é possível perceber os efeitos (ato perlocucionário), tanto do enunciado em si, quanto do padrão prosódico a ele aplicado. Dar uma ordem com impaciência pode levar o alocutário a se sentir ofendido, pela atitude pouco polida, por exemplo, com que o enunciado foi proferido.

Vale ressaltar que os conceitos e as análises da TAF contribuíram com reflexões importantes para a Linguística Pragmática contemporânea. Os estudos de AUSTIN (1990), SEARLE (1981) e, posteriormente, VANDERVEKEN (1990) foram fundamentais para outros campos de estudo como a análise da conversação e as teorias de polidez. Por essa razão, trazemos a seguir uma breve explanação da teoria, com o objetivo de elucidar aspectos que são relevantes para este trabalho.

3.2 Parâmetros de realização dos atos de fala

Conforme apresentamos no capítulo 2, um *ato de fala* é, segundo SEARLE (1981), um enunciado que realiza uma ação capaz de transformar o contexto comunicativo. Assim, por exemplo, ordens, promessas, asserções são atos de fala distintos, pois no momento em que são proferidos são utilizados pelos locutores parâmetros diferentes, gerando-se ações também diferentes.

Segundo VANDERVEKEN (1990), são seis os parâmetros de realização de um ato de fala. Assim, para o autor, cada ato pressupõe: um ponto ilocucionário, um modo de realização, um conteúdo proposicional, condições de preparação e de sinceridade e graus de intensidade.

SEARLE (1995) re-elabora uma taxonomia dos atos ilocucionários, em relação ao texto de 1981. Na classificação dada em *Expressão e Significado*, o autor divide, assim como VANDERVEKEN (1990), os pontos ilocucionários em cinco conforme se encontra a seguir:

- *Assertivos*: de acordo com Searle, encontram-se agrupados nessa categoria aqueles em que o falante se compromete, em diferentes graus, com “a verdade da proposição expressa”. Para o autor, todos os atos desse grupo podem ser

avaliados como verdadeiros ou falsos, a direção de ajuste é palavra-mundo e o estado psicológico é a crença no conteúdo proposicional. Como exemplos, são citados verbos como afirmar, concluir, deduzir, reclamar, dentre outros.

- *Diretivos*: consistem em tentativas de o falante levar o ouvinte a fazer algo. Sua direção de ajuste é mundo-palavra e a condição de sinceridade é a vontade. Como exemplos, o autor enumera os verbos pedir, convidar, mandar, ordenar, pleitear, rezar, rogar, suplicar, dentre outros.
- *Compromissivos*: para Searle, são atos em que o propósito é comprometer o falante com alguma ação futura. A direção de ajuste, segundo o autor, é mundo-palavra e a condição de sinceridade é determinada pela intenção. Haver de, favorecer e ter a intenção de são os exemplos analisados pelo autor.
- *Expressivos*: sua função, de acordo com Searle, é expressar um estado psicológico a respeito de eventos no mundo. O autor argumenta que, para essa categoria, não há direção de ajuste. Os exemplos são agradecer, congratular, desculpar-se, dar boas-vindas, dentre outros.
- *Declarações*: são atos em que existe uma total congruência entre o conteúdo proposicional e a realidade. É uma categoria pouco analisada pelo autor, que inclui nela verbos como batizar, declarar, nomear, dentre outros.

A partir desses parâmetros de classificação, que têm como base os verbos performativos, é feita a categorização dos atos de fala. Sabemos que essas categorias não são suficientes para todos os atos de fala. Contudo, ela nos basta para identificar, dentro das possibilidades enunciativas, as ordens e os pedidos. Assim, dentre essas classes apresentadas, interessam-nos os atos diretivos, já que nelas inserem-se os performativos ordenar e pedir, e cuja forma lógica determinada por SEARLE (1995) é

$$F(p)$$

na qual F corresponde à força ilocucionária e p ao conteúdo proposicional. Assim, dar uma ordem significa, dentro da TAF, expressar uma vontade do locutor que o alocutário execute uma determinada ação, modificando o contexto (mundo), uma vez que a direção de ajuste é palavra-mundo.

Interessa-nos o que argumenta VANDERVEKEN (1990) sobre os demais parâmetros envolvidos na produção de um ato de fala. No que diz respeito ao modo de realização, o autor define que o que diferencia um pedido de uma ordem é justamente o modo de realização do ponto diretivo. De acordo com VANDERVEKEN (1990), e também conforme apontado por GEBARA (1976) para o Português, se por um lado nos pedidos o ouvinte tem a chance de recusar a execução da ação, nos comandos – incluem-se nessa categoria as ordens – o falante deve ser mais enérgico e fazer valer sua posição de autoridade sobre o ouvinte.

Assim, segundo o autor, o modo restringe as condições de realização de um ato de fala. No exemplo dado por VANDERVEKEN (1990), analisam-se as características do ato de implorar: trata-se do ponto diretivo, mas o modo especial de realização, em que o locutor se dirige ao alocutário de forma extremamente polida para requerer do alocutário uma determinada ação. O termo “humildemente” utilizado em enunciados dessa categoria representa a posição de inferioridade que o locutor se coloca diante do alocutário.

No que se refere às *condições de conteúdo proposicional*, conforme VANDERVEKEN (1990), essas representam um conjunto de relações do passado e do presente no momento de produção de um ato de fala. No caso de todos os atos diretivos, trata-se de uma ação futura de um alocutário em um dado contexto.

Ainda são apontadas por VANDERVEKEN (1990) as *condições preparatórias*. Para o autor, essas dizem respeito às pressuposições feitas pelo ouvinte quando da execução de um ato. No caso do diretivo “traz um café”, o ouvinte pressupõe a existência do café para que sua ação (trazê-lo para o locutor) seja exequível. VANDERVEKEN (1990) analisa também as condições preparatórias especiais, expressas, por exemplo, por vocativos (“vossa majestade”, “filho”). No que se refere às ordens, faz parte das condições preparatórias a relação assimétrica (LE BERRE, 2007) entre os locutores ($L < A$)¹⁶. De forma diferente, os pedidos pressupõem uma relação simétrica ($L = A$).

¹⁶ A relação é assimétrica na ordem, assim como na súplica. Porém, na primeira, L é maior que A, o que não ocorre no segundo caso, em que A é maior que L.

No que se refere às condições preparatórias do ato de fala, observando o que postula LE BERRE (2007), há diferenças relevantes entre ordens e pedidos. Nos atos diretivos de ordem, o locutor espera uma ação futura do alocutário, sendo L hierarquicamente superior a A¹⁷, proferindo um enunciado com a presença de um verbo na forma presente do indicativo¹⁸ e A não será lesado pela ação que cometerá. Devemos notar que o fato de L ser do sexo masculino ou feminino pode, numa situação em que A seja do sexo oposto, ser um fator a determinar o uso de uma ou outra estratégia prosódica.

Além disso, é necessário observarmos também que estando L e A em seus respectivos postos dentro de uma empresa, numa situação de reunião pública, L pode utilizar uma curva com menos alterações melódicas (com menor variação nos movimentos melódicos ascendentes e descendentes que caracterizam uma declaração neutra, por exemplo) que numa situação de interação em que estejam apenas L e A. Os resultados de WICHMANN (2004)¹⁹ confirmam o que afirmamos aqui.

Outra situação, modificando-se a relação entre L e A pode ser aquela em ambos L e A em questão não se encontram em posições hierárquicas diferenciadas²⁰. O enunciado pode ser o mesmo da situação anterior, nem A será lesado por sua ação futura. Trata-se de um ato diretivo com força de um pedido. Aqui não nos parece tão relevante se se trata de sexos opostos, ou mesmo se a situação é pública ou privada. Mais interessa a L demarcar que A pode se recusar a executar a ação proposta no enunciado, mas que L o proferirá de tal forma que A não poderá fazê-lo. Nesse caso, o uso de um padrão melódico que enfatize mais o objeto e menos a ação parece ser a configuração escolhida por L.

Quanto às *condições de sinceridade*, outro parâmetro da produção de um ato de fala, essas dizem respeito às intenções do locutor. Ao discutir tal questão, VANDERVEKEN (1990) relaciona os estados mentais às atitudes proposicionais²¹, como é o caso do desejo, arrependimento ou esperança.

¹⁷ Relação assimétrica (cf. LE BERRE, 2007).

¹⁸ Ou qualquer outra forma que pode ser utilizada para expressar ordens ou pedidos.

¹⁹ Ver análise na seção 3.4 a seguir.

²⁰ Relação simétrica (cf. LE BERRE, 2007).

²¹ Discutiremos mais a questão na seção 3.3 a seguir.

O sexto parâmetro apresentado por VANDERVEKEN (1990) é o *grau de intensidade*. Existem, segundo o autor, diferentes intensidades para a expressão dos estados mentais. É o que ocorre comparativamente com uma súplica e um pedido: no primeiro, a intensidade nas condições de sinceridade é muito maior que no segundo, pois “a speaker who supplicates expresses a stronger desire than a speaker who request” (VANDERVEKEN, 1990, p. 119). Nesse caso, o autor admite o uso da prosódia como uma estratégia que intensifica o grau das condições de sinceridade, embora não haja indicações de como o falante realmente as utiliza nos enunciados.

Considerando as questões apresentadas até aqui, percebemos que dentro da TAF pedir e ordenar são atos cujos pontos de realização são distintos. Entretanto, parece-nos que ainda outros fatores são considerados pelos locutores na expressão de suas intenções.

3.2.1 Tipos de atos diretivos

A discussão sobre a atribuição de categorias para os atos de fala acompanha a própria evolução da teoria. Desde AUSTIN (1990), existe uma tentativa de identificar quais são as possibilidades de atos e quais são as suas formas Linguísticas e seus usos. SPERBER e WILSON (1995) argumentam sobre a importância de se agruparem determinados atos sob certos rótulos. Os autores alertam, no entanto, que as justificativas para tais agrupamentos devem ser um dos principais alvos nessa descrição.

Nesse sentido, encontramos em VANDERVEKEN (1990) uma classificação específica para os diretivos, na qual podemos perceber uma inter-relação entre vários atos menores. Na representação, é possível notar o desmembramento em novas categorias de atos, a partir das quais são criadas novas subcategorias, e assim sucessivamente.

na advertência, L acredita que A será beneficiado com a ação. No caso de um convite, ambos pressupõem que devem agir e que ambos serão beneficiados com a ação futura.

Além desse aspecto formal, interagem com o conteúdo proposicional as estratégias prosódicas utilizadas por L. Dessa forma, julgamos ser interessante investigar se no uso da prosódia essa proximidade semântica proposta por VANDERVEKEN (1990) é significativa. Discutiremos, a seguir, de forma os atos de fala se relacionam com o nível prosódico e se, de fato, a correlação sugerida por VANDERVEKEN (1990) pode existir.

Segundo REIS (2001), a ordem consiste numa modalidade de enunciado e não num ato de fala. SEARLE (1981, p. 88), por sua vez, categoriza comando, ordem e pedido como tipos distintos, porém interligados, de forças ilocucionárias. Para o autor, existem três atos distintos envolvidos no proferimento de uma ordem: enunciar palavras, referir e predicar e dar uma ordem. Sobre tal questão, o autor tece o seguinte comentário:

Ordenar e comandar têm a regra preparatória adicional que consiste em F [falante] tem que estar numa posição de autoridade sobre O [ouvinte]. Comandar provavelmente não tem a condição pragmática que exige não obviedade. Além disso, em ambos, a relação de autoridade prejudica a condição essencial, porque a enunciação vale como uma tentativa de fazer com que O realize A [ato] em virtude da autoridade de F sobre O.

No que se refere à definição da situação de comunicação, parece-nos clara a relação entre o proferimento do enunciado, a relação entre locutor e alocutário e o efeito perlocucional, utilizando o termo de AUSTIN (1990), que um enunciado de comando possui. O que não é muito evidente é o fato de que existem atitudes (e por essa razão REIS (2001) classifica a ordem como modalidade) entendidas aqui, de acordo com WICHMANN (2000), como um comportamento do falante percebido ou pretendido em um dado contexto, que pode estar relacionado à modalização dos enunciados de ordem e pedido.

No trabalho de LE BERRE (2007), também na perspectiva da TAF, a autora segmenta os atos diretivos em dois macro-atos: ordem e pedido, conforme apresentamos a seguir:

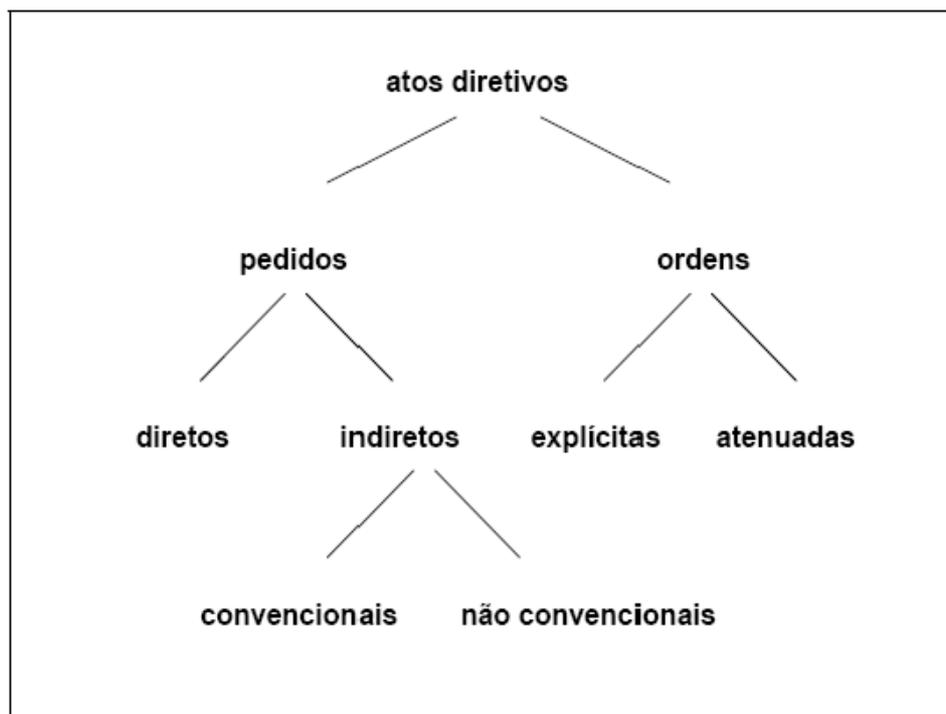


Figura 6: Divisão dos atos diretivos de ordem e pedido segundo LE BERRE (2007)

A autora considera que num *pedido direto*, o ato se realiza sem ambigüidade. A intenção do locutor é fazer com o alocutário se sinta bem, tendo nesse caso uma atitude amigável (LAKOFF, 1973 *apud* LE BERRE, 2007). Por outro lado, os *pedidos indiretos* são interpretados a partir de pressupostos e realiza-se na situação de comunicação sob a cobertura de outros atos. Na subdivisão de LE BERRE (2007), essa categoria engloba *pedidos indiretos convencionais* e *pedido indiretos não-convencionais*.

No primeiro caso, devido à convencionalização pelo uso, o conteúdo proposicional é inferido pelo alocutário. É o que ocorre no exemplo citado pela autora em “a senhora pode assinar, por favor?”. Temos que o valor de pergunta do ato é anulado diante do valor da solicitação de assinatura. Não se trata assim de uma pergunta sobre o fato de o alocutário ser ou não capaz de assinar, mas uma forma de pedir a ele que assine.

No segundo caso, “o locutor não diz ao ouvinte o que deve fazer” (LE BERRE, 2007, p. 75), mas deixa que ele infira, por outras pistas contextuais se ele deve ou não executar uma ação. Conforme citado pela autora, na situação:

L: ô calor!

A: Quer que eu ligue o ar para você?

a dedução é de que se trata de um pedido depende de uma combinação da interpretação do conteúdo proposicional e das pistas contextuais.

No que tange às ordens, LE BERRE (2007) apresenta duas possibilidades de realização: *ordens explícitas* e *ordens atenuadas*. No caso das ordens explícitas, não se deixa o alocutário livre para escolher executar ou não ação. BLUM-KULKA (1987), citado por LE BERRE (2007), afirma que o verbo no modo imperativo tem como função intensificar a ordem. É uma estratégia do locutor para imprimir uma postura autoritária em seu enunciado.

As ordens atenuadas partem do princípio da não-imposição. Trata-se de utilizar uma estratégia de polidez de forma a minimizar o teor de imposição de uma ordem. De acordo com LE BERRE (2007, p. 88), “o locutor cria uma ilusão de não ser autoritário” como “um instrumento de manutenção do poder”. A classificação da autora, embora bastante interessante, não leva em consideração o uso dos parâmetros prosódicos na produção desses atos de fala, o que, a nosso ver, restringe as possibilidades de realização de tais atos.

3.2.2 Crítica à Teoria dos Atos de Fala: teoria da polidez

As teorias da polidez procuram evidências de estratégias utilizadas pelos falantes em situação de interação verbal, sobretudo aquelas relacionadas ao tato e à diplomacia. De uma forma diferente da TAF, surgem conceitos como o de *face*: “o valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma (...) é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMANN, 1980, p. 77, *apud* WILSON, 2008). A preservação da face positiva é, assim, um princípio regulador da interação: segundo WILSON (2008), as ameaças à face devem ser evitadas ou contornadas.

Na crítica à TAF, LEECH (1983), representante da Teoria da Polidez (BROWN e LEVINSON, 1987), discute a relação entre ato de fala e a máxima da polidez²². Segundo o autor, os atos diretivos podem variar entre formas polidas por natureza, como é o caso dos

²² O princípio, elaborado pelo autor, complementa as máximas de GRICE (1975) já comentadas. LEECH (1983) argumenta que tal princípio faz parte da retórica interpessoal, prevendo que nele se inserem as máximas do tato, da generosidade, da aprovação e da modéstia.

convites, ou menos polidos, como ocorre nos comandos e nas ordens. A ideia de LEECH (1983) é bastante relevante, principalmente se considerarmos o fato de que o locutor pode optar por parecer mais ou menos autoritário numa situação comunicativa, sobretudo em função do seu alocutário.

No caso específico deste trabalho, o princípio proposto por LEECH (1983) pode ser uma resposta para a questão “por que utilizar uma entonação mais comumente usada em enunciados de pedido em situações que o alocutário não pode deixar de executar a ação explícita no conteúdo proposicional?”. Se considerarmos o princípio da polidez, isso pode significar que, por uma escolha consciente – não ser rude com o ouvinte – a escolha prosódica recaia num padrão entonativo de um pedido e não se escolha o padrão de uma ordem, por exemplo.

A visão de WILSON (2008) sobre a questão da polidez em atos de pedidos é bastante interessante. A autora pondera que, uma vez que esses atos ameaçam a face por se invadir a privacidade de alocutário – levando-o a fazer uma ação determinada pelo locutor – é necessário que sejam atenuadas.

Propomos, portanto, a partir do que apresentamos até aqui, que a atenuação da ordem é uma estratégia modalizadora e que a prosódia é utilizada para esse fim. De forma a investigarmos, então, o que ocorre com os parâmetros prosódicos nos atos de ordem e pedido, discutiremos a questão na seção a seguir.

3.3 Prosódia e atos de fala

Conforme discutido anteriormente, podemos inserir a prosódia tanto nos atos ilocucionais quanto nos atos perlocucionais – tanto no âmbito da produção quanto no que se refere à percepção. Em ambos os casos, o locutor *ao dizer* pode determinar a outrem qual foi sua intenção ao proferir o enunciado em questão daquela maneira específica. Da mesma forma, somente o alocutário pode determinar que traços prosódicos foram levados em consideração para que ele (o alocutário) agisse de uma determinada forma ante a enunciação do locutor.

Pensando num ato de fala em que se tenha uma provável configuração neutra²³ da atitude, talvez seja possível determinar padrões melódicos para atos específicos, apesar de acreditarmos que possa haver mais influências da situação enunciativa ou da relação existente entre locutores e alocutários²⁴ na determinação de um padrão prosódico do que simplesmente atribuir um padrão para cada ato de fala.

Assim, uma asserção ou uma pergunta, dois tipos de atos de fala, podem possuir configurações prosódicas distintas. BOLINGER (1985) apresenta a diferença, em termos de perfil melódico, para os enunciados “nobody saw them.” e “nobody saw them?”

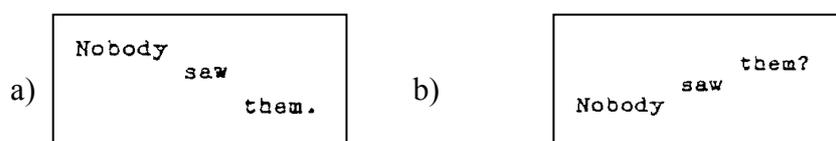


Figura 7: Distinção de modalidades asserção (a) e pergunta (b). Fonte: BOLINGER (1985, p. 9).

Na figura 7, o perfil melódico a) é caracterizado por BOLINGER (1985) como asserção, pois apresenta um início no nível melódico médio de realização, que se mantém até a sílaba tônica, ponto em que se inicia o movimento descendente, terminando no nível baixo. Por sua vez, em se tratando de uma questão total²⁵ (perfil melódico b), o padrão comumente utilizado é aquele que inicia no nível mais baixo e cujo final é ascendente. Vale ressaltar que, na perspectiva da TAF, temos dois atos distintos que podem ser associados aos padrões da figura 7: o primeiro (a), corresponde a um ato assertivo e (b) a uma pergunta. Notamos, assim, que o aspecto prosódico está associado a um tipo de ato específico.

Para o português, o trabalho de ANTUNES (2002) demonstra o que pode ocorrer no uso de padrões melódicos de asserções e questões. A figura 8, a seguir, representa a diferença padrão entre as duas formas:

²³ O conceito de “neutro” é um ponto controverso na literatura. Utilizamos o termo aqui como um enunciado não-marcado.

²⁴ Doravante L (locutor) e A (alocutário).

²⁵ O movimento melódico pode ocorrer de outras formas em sentenças interrogativas de outros tipos, como a questão parcial, questão eco, questão alternativa. Sobre esse assunto, ver FERNANDES (1976), REIS (1995), ANTUNES (2000), LOPES (2001)

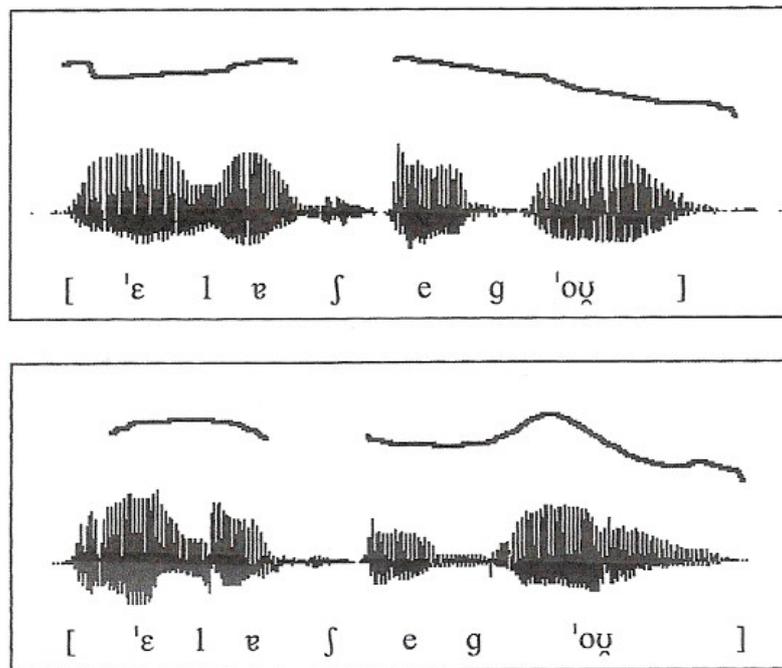


Figura 8: Curva de F0 e Forma da onda do enunciado "Ela chegou" na modalidade declarativa e interrogativa.

Notamos que o movimento ascendente/descendente na sílaba proeminente do enunciado ['goʊ] é uma diferença entre as duas modalidades. No caso da modalidade declarativa, o movimento consiste num descendente que vai da primeira sílaba ['ʃe] até o fim do enunciado, o que não ocorre com a modalidade interrogativa.

Assim como no exemplo anterior, o primeiro enunciado é um ato assertivo e o segundo um ato diretivo de pergunta. Nos casos dos exemplos apresentados, temos perfis prosódicos diferentes que correspondem a atos de fala diferentes. Porém, nem sempre essa associação é possível. É o caso que veremos a seguir.

Na crítica de LADD (1996) sobre a análise pouco sistemática da curva de frequência no que se refere aos fatores não linguísticos, o autor apresenta os exemplos a seguir:

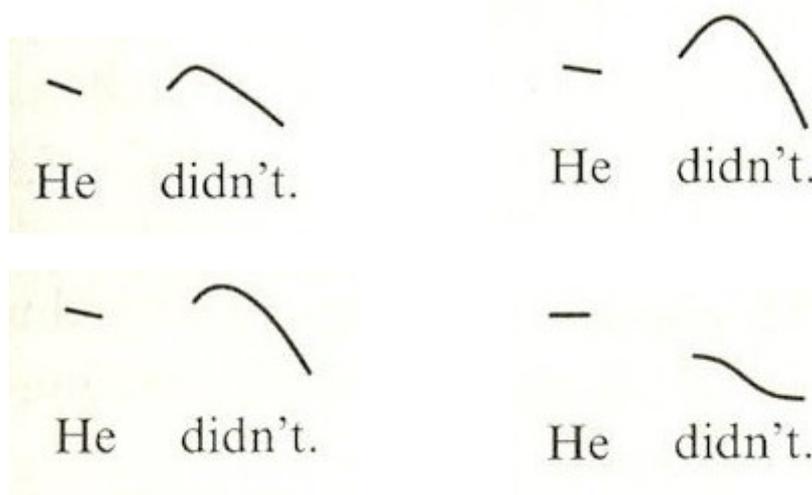


Figura 9: Influência de elementos paralinguísticos na estilização da curva de F0.

Nos quatro exemplos que ilustram enunciados de modalidade declarativa, que correspondem todos os quatro perfis a atos de fala assertivos, é possível notar que existem diferenças no nível da curva de frequência fundamental que, segundo LADD (1996), são tratadas apenas do ponto de vista paralinguístico. A principal crítica do autor é relativa ao fato de um enunciado apresentar um contorno final descendente não pode ser interpretado da mesma forma nos quatro enunciados, uma vez que existem formas diferentes para se implementar esse contorno. LADD argumenta que uma análise que considere os efeitos de sentido de uma curva melódica deve considerar o contexto de produção, ou seja, observando-se os aspectos pragmáticos da linguagem.

A questão levantada por LADD (1996) é por nós considerada de extrema relevância²⁶, uma vez que a prosódia se realiza numa situação concreta de comunicação. É nesse momento que o locutor, levando em consideração os fatores não linguísticos (com quem fala ou o lugar onde se encontra, por exemplo), decide por utilizar um padrão específico de modo que possa fazer-se entender pelos alocutários, ou fazer valer a sua autoridade ou manter uma face positiva, quer seja pelo uso de itens lexicais específicos, quer seja pelo uso da entonação.

²⁶ ANTUNES (2007) apresenta uma ampla discussão sobre a relação entre padrão prosódico e suas possibilidades de interpretação.

Assim, para demonstrarmos a relação entre prosódia e ato de fala, ilustramos a seguir dois modos diferentes de produção do enunciado “traz o café”, produzido por um falante do sexo feminino, em situações de comunicação distintas. Foi pedido à locutora que se colocasse na seguinte situação: “no escritório, você é a chefe da seção. Ao chegar do almoço, você fala para sua secretária: traz o café”. O resultado é apresentado na figura 10 a seguir.

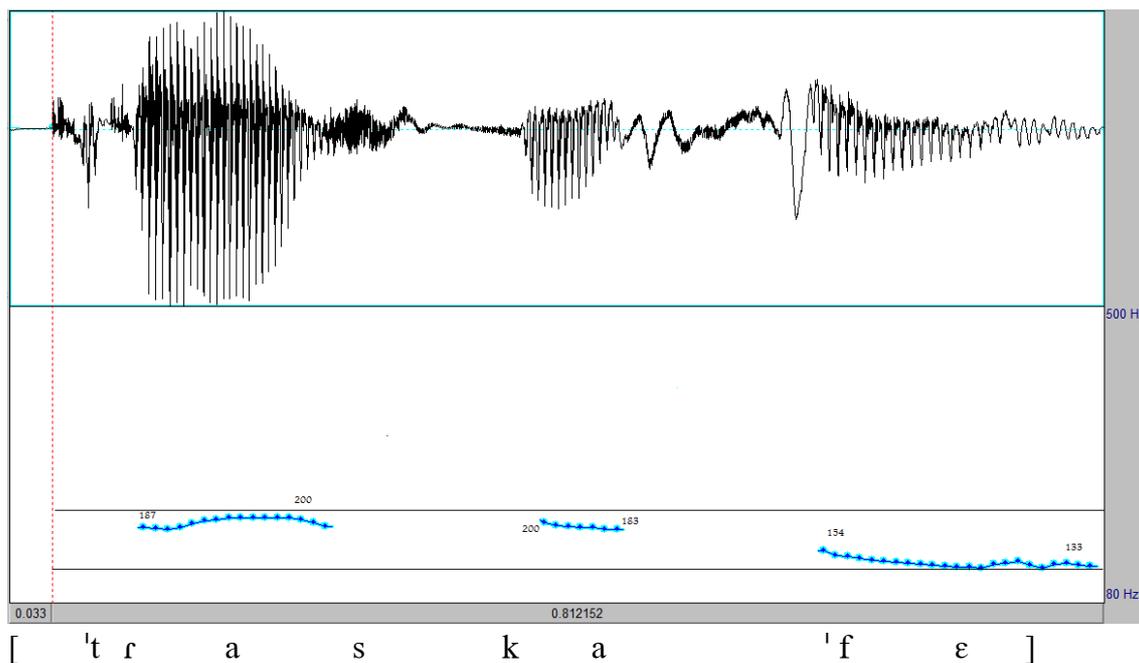


Figura 10: Forma de onda e curva de f0 do enunciado "traz o café".

Observando a curva de F0, apresentada na figura 10, podemos notar, no que diz respeito ao movimento melódico global, um padrão ascendente/descendente que vai desde a primeira sílaba proeminente [¹tras] até a última [¹fε], muito semelhante ao padrão de um enunciado assertivo²⁷. O ponto máximo da curva de F0 (200Hz) encontra-se na transição entre o final da sílaba proeminente e o início da sílaba tônica lexical do SN que se segue ao verbo. Percebemos que, nesse enunciado, o nível melódico possui pouca variação. A amplitude do movimento melódico em todo enunciado, cuja duração total é 0,812 s, é pequena (67 Hz). Deve-se observar, também, que o nível melódico da realização da sílaba [ka] é mais alto que a sílaba [¹fε]. Além disso, o registro é baixo, bem como a tessitura é estreita.

²⁷ Isso não significa restringir outras possibilidades de produção de um enunciado assertivo. Sabemos que existem fatores como atitude e emoção, bem como outros fatores contextuais podem modificar os contornos entonativos (cf. CRYSTAL, 1969; ANTUNES, 2007)

Considerando-se os aspectos contextuais, observamos que se trata de uma situação pública, institucional, uma vez que os interlocutores encontram-se no trabalho, dentro de uma empresa. As funções dos interlocutores envolvidos na situação são chefe, a locutora, e secretária, a alocutária. Ambas são falantes do sexo feminino e existe uma relação de autoridade de L em relação a A. Nesse caso, L ocupa uma posição hierárquica superior a A.

Notamos ainda que a relação afetiva de L e A poderia interferir na produção do enunciado. Provavelmente, a locutora imaginou-se numa situação em que a ação deve ser executada, por isso percebemos a demonstração de autoridade no padrão prosódico utilizado. Esse aspecto pode ser percebido a partir dos parâmetros tessitura estreita e registro baixo. Observando os fatores contextuais e os traços prosódicos do enunciado em questão, na nossa análise, temos um padrão corresponde a uma ordem.

A seguir, temos outra realização melódica para a mesma sequência segmental “traz o café”. Foi pedido à mesma locutora que se colocasse na seguinte situação: “em casa, depois do almoço, você fala para o seu marido: traz o café”. O resultado é apresentado a seguir:

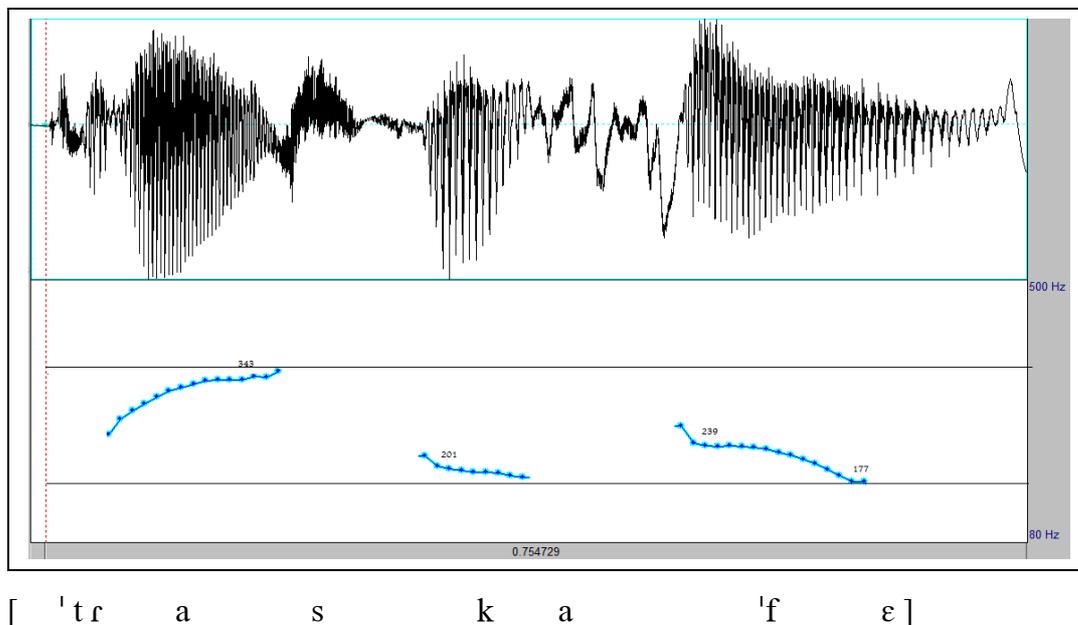


Figura 11: Forma de onda e curva de f0 do enunciado "traz café".

No que se refere à figura 11, podemos perceber o mesmo padrão melódico: temos um movimento ascendente/descendente, mas com diferenças em relação ao padrão anterior. Na primeira parte do enunciado, que diz respeito à sílaba proeminente [ˈtras] percebemos um movimento ascendente mais acentuado, realizado num nível melódico mais alto do que o restante do enunciado.

O ponto mais alto de F0 encontra-se na primeira sílaba (343 Hz) e ponto mínimo encontra-se no final da sílaba [ˈfɛ] (177 Hz). Como a duração total do enunciado é 754 ms, a variação melódica é maior do que a apresentada na figura anterior. Além disso, ao contrário do que ocorre no outro enunciado, a sílaba [ˈfɛ] inicia num nível melódico mais alto que a sílaba [ka]. A interação entre o movimento ascendente da primeira sílaba proeminente e o movimento descendente na última proeminente pode estar relacionada à expressão de uma atitude de afetividade, característica desse tipo de enunciado. Observamos também um registro mais alto e uma tessitura mais larga que o enunciado anterior.

Sobre o contexto desse enunciado, observamos que se trata de uma situação privada e informal, uma vez que os interlocutores encontram-se em casa. Os participantes da situação comunicativa são respectivamente L, a esposa, e A, o marido. Entretanto, não podemos afirmar se existe relação de dominação de A para L. Provavelmente a locutora imaginou uma situação de demonstração de afetividade por parte da esposa, apesar de essa informação não ter sido dada no contexto.

Assim, teoricamente, a relação entre os locutores é simétrica. Se correlacionarmos essas informações ao padrão prosódico utilizado, notamos a tessitura ampla e o registro alto pode ser associado às atitudes de polidez e afetividade. A partir dessas evidências, podemos afirmar que a figura 11 representa um padrão entonativo típico de situações de pedido.

O quadro 4 a seguir apresenta um resumo dos aspectos prosódicos e contextuais do uso de ordens e pedidos. A descrição prosódica foi feita com base nos aspectos apresentados nas figuras 10 e 11 e nos trabalhos de GEBARA (1976), MORAES (1998) e MORAES e

COLAMARCO (2006). Quanto aos aspectos contextuais, seguimos as categorias observadas por VAN DIJK (1992):

Quadro 4: Características prosódicas e contextuais de ordens e pedidos

	ATO DE FALA	ORDEM	PEDIDO
P R O S Ó D I A	PISTA		
	Sílabo proeminente	● movimento ascendente na sílabo proeminente;	● movimento ascendente na sílabo proeminente;
	Componente postônico	● primeira sílabo do componente postônico mais alta que o restante do componente ● movimento descendente.	● primeira sílabo do componente postônico mais baixa que o restante do componente ● movimento descendente.
	Tessitura	● estreita	● larga
	Registro	● mais baixo	● mais alto
	Duração total do enunciado	● maior	● menor
C O N T E X T O	Público	● sem restrições	● sem restrições
	Privado	● sem restrições	● sem restrições
	Institucional/formal	● mais usual	● menos usual
	Informal	● menos usual	● mais usual
	Status	● L maior que A	● L menor ou igual a A
	Propriedades (sexo, idade)	● sem restrições	● sem restrições
	Relação	● dominação, autoridade	● afetividade, polidez
	Função	● familiar: L mais velho que A ● trabalho: L superior a A	● sem restrições

Devemos notar que, do ponto de vista da descrição do movimento melódico, a semelhança entre o padrão prosódico de ordens e pedidos é evidente. Contudo, a implementação desse padrão no nível do registro e da tessitura apontam para a expressão de uma atitude mais ou menos autoritária, mais ou menos polida.

Quanto aos aspectos contextuais, observamos que as situações públicas ou privadas não são fatores que restringem a ocorrência de ordens e pedidos. Isso significa que em ambos os contextos podem ocorrer os dois atos de fala. A nosso ver, no entanto, parece mais comum que as ordens ocorram em ambientes formais e que os pedidos ocorram em ambientes informais.

A relação de status e a função do locutor, no que diz respeito às ordens são fatores que condicionam a produção desse ato de fala. Notamos que, tanto no ambiente familiar quanto no trabalho, L ocupa uma função superior a A. Isso não quer dizer que se A ocupa uma função menor que L não possa proferir um ato de ordem. Qualquer falante

pode enunciar o que quiser, da forma como desejar. Contudo, vale lembrar que transgredir regras socialmente construídas conduz a penalidades e sanções por parte dos interlocutores.

Vale frisar que a relação de autoridade/afetividade é uma característica que contribui para a diferenciação de ordens e pedidos. Para demonstrar autoridade, o falante faz uso das estratégias prosódicas como o uso de registro baixo e tessitura estreita. Essa estratégia também nos parece ser uma convenção social, uma vez que notamos que o exercício da autoridade parece estar interligado a fatores como controle da situação, o que passa pelo próprio controle da voz. Por outro lado, registros mais altos demonstram uma maior emoção, portanto, socialmente, entende-se que o falante não tem o controle sobre como está falando.

Assim, de modo a ampliarmos a discussão, vale citar o trabalho de MORAES (2008), em que é feita uma descrição dos níveis fonético e fonológico de vários enunciados cuja forma morfológica e sintática são semelhantes, da mesma maneira apresentada nas figuras 10 e 11, mas em que a forma prosódica é distinta. Dentre os enunciados analisados pelo autor, encontram-se os comandos (ordens) e os pedidos. A seguir, apresentamos os enunciados analisados por MORAES (2008):

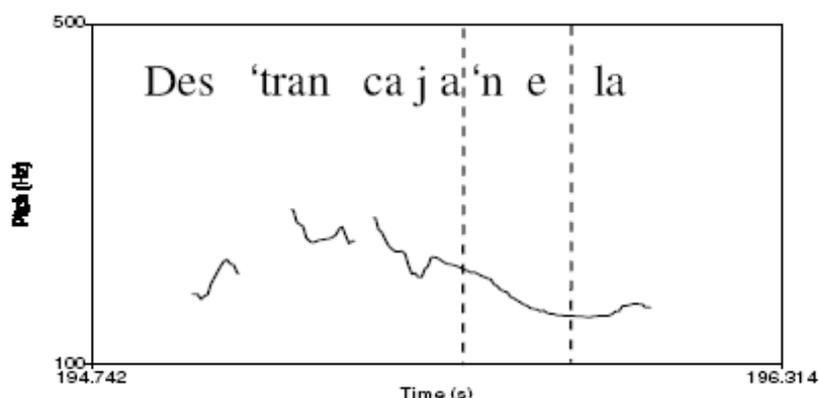


Figura 12: Curva de F0 para o enunciado “destranca a janela” produzido como uma ordem. Fonte: MORAES (2008, p. 391)

Na argumentação do autor, o padrão de uma ordem, como vemos na figura 12, do ponto de vista da implementação fonética, assemelha-se ao padrão de uma questão parcial *qu-*.

Isso ocorre em função da elevação da curva melódica logo no início do enunciado. Por sua vez, no que se refere ao pedido, o autor apresenta o seguinte padrão:

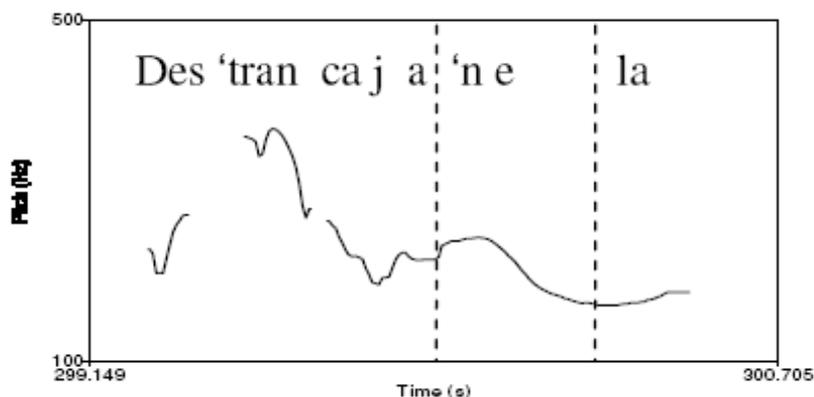


Figura 13: Curva de F0 para o enunciado “destranca a janela” produzido com o um pedido. Fonte: MORAES (2008, p. 392)

Vemos na figura 13 que o padrão do enunciado de pedido é semelhante ao de uma ordem (ascendente/descendente), porém um abaixamento mais acentuado na primeira sílaba do elemento postônico realça o foco dado à última tônica do enunciado, que é mais baixa que a sílaba proeminente inicial. De acordo com MORAES (2008, p. 392):

Request present a melodic contour with a pre-stressed syllable in a low level, a rise in the final stressed syllable and a fall in the post-stressed syllable(s), which is also the behavior of the neutral yes-no question. In contrast with the rise-fall contour of the neutral yes-no question, however, the F0 peak in the last stressed is located at the beginning of the vowel, not at the end, which makes its intra-syllabic configuration a “falling”, instead of a “rising” one.

Sumarizamos a seguir os resultados encontrados por MORAES (2008) para essas duas categorias:

Quadro 5: Características fonéticas de pedidos e ordens

Enunciado	PEDIDO	ORDEM
Parte do enunciado		
Parte inicial	·pré-tônica no nível alto; ·movimento melódico ascendente no final da tônica; ·movimento melódico descendente na pós-tônica;	·início mais baixo que uma questão qu-; ·início mais alto que uma asserção.
Parte final	· final descendente	·final descendente, sem distinção entre as três modalidades

Fonte: MORAES (2008)

Quanto à caracterização fonológica, o autor afirma que enquanto na ordem o acento pré-nuclear distingue essa categoria de enunciados das asserções, a forma descendente na última tônica, bem como o alinhamento tardio do pico de F0 diferencia pedidos de questões totais retóricas. Percebemos, assim, que as constatações de MORAES (2008) corroboram a análise que vimos fazendo até aqui.

Fizemos um teste de julgamento com 10 ouvintes, todos estudantes universitários, para verificarmos se é possível identificar os dois padrões apresentados como ordem ou pedido, sem as informações contextuais. Os juízes ouviram o estímulo e, a seguir, emitiram seu parecer sobre a questão “qual dos padrões você identifica como ordem? Qual você identifica como pedido?”. As respostas foram anotadas pela pesquisadora num formulário à parte.

Como resultado, em 100% das vezes, os juízes identificaram a locução do enunciado da figura 10 como uma ordem, ao passo que a locução do enunciado da figura 11 foi associado a pedido. Isso nos leva a inferir que, se um padrão não pode ser associado a uma única melodia, existem traços prosódicos, tais como tessitura e registro, que podem caracterizar esses atos de fala.

Adotamos o mesmo procedimento para perguntar aos mesmos dez juízes em qual das produções o falante demonstra autoridade e em qual demonstrava polidez. Novamente

as respostas apontaram para o padrão de ordem como expressão de autoridade e do pedido como uma expressão polida.

Apesar de termos observado apenas os dois tipos de enunciados, consideramos relevante que esse procedimento (teste de julgamento) seja feito integrando-se ao *corpus* outras modalidades de enunciado, como a pergunta e asserção, bem como sejam produzidos enunciados com outros tipos de atitudes, como paciência, impaciência, desafio, ameaça, por exemplo. Acreditamos que o julgamento de ouvintes externos à pesquisa podem contribuir para se observarem aspectos que contribuí para a interpretação dos parâmetros prosódicos. No nosso caso, o mapeamento feito com os ouvintes nos fez atentar para quais seriam as pistas prosódicas relacionadas à expressão das atitudes de cortesia e autoridade, sobre as quais nos dedicamos no próximo capítulo.

Num estudo sobre o papel da entonação e a expressão das atitudes, QUEIROZ (2007) aponta a intensidade como um fator prosódico que diferencia advertências e sugestões dos atos de fala de ordem. No estudo, o autor demonstra que a intensidade na produção das sílabas do enunciado “pára com isso” proferido como uma ordem é maior do que nos outros dois atos. Além desse aspecto, QUEIROZ encontra nos dados uma menor duração do enunciado de ordem, quando comparado às advertências e sugestões. O autor atribui esse fenômeno ao fato de as ordens serem produzidas com maior velocidade, o que configura numa demonstração de atitude de autoridade do locutor.

Uma questão que pode ser levantada a partir das constatações de QUEIROZ (2007) é sobre a proeminência dos enunciados de ordem. Na análise do autor, a proeminência encontra-se na última sílaba tônica “isso”. Ao contrário do que propomos e assim como sugere MORAES (2008), a sílaba realçada nos enunciados de ordem é sempre a primeira tônica e não a última, que faz parte do componente postônico. Esse tipo de proeminência é característico de enunciados de pedido.

Vale ressaltar que os enunciados apresentados não representam todas as possibilidades de realização dos atos de pedido ou ordem. Sua função é meramente ilustrativa, de modo que possamos levantar hipóteses sobre o comportamento da melodia em função do tipo de ato de fala.

3.4 Discussão

Apresentamos neste capítulo alguns aspectos relevantes da TAF para análise de atos diretivos de ordem e pedido no Português. A escolha por essa teoria se justifica pelo fato de que, dentre as teorias pragmáticas, essa é uma que melhor define o que são esses dois atos e como eles se realizam.

Apesar disso, percebemos que se trata de uma teoria que restringe parcialmente a análise, uma vez que, mesmo admitindo que a prosódia é uma das formas de expressão da intencionalidade, não há uma indicação clara de como essa é utilizada para esse fim. Contudo, acreditamos que este trabalho pode contribuir para uma revisão dessa teoria, já que a TAF permite agregar à análise dos atos de fala outros aspectos, como o contexto, por exemplo.

Outro ponto negativo da TAF é que nem sempre essa é suficiente para caracterizar os atos de fala de ordem e pedido, justamente porque, se observarmos a elocução dos enunciados, o fator prosódico pode, de certa forma, alterar a interpretação. Isso ocorre, por exemplo, nos casos em que o locutor, por estar numa posição hierárquica superior e, portanto, dentro da teoria estaria dando uma ordem, utiliza uma melodia característica de um pedido. A TAF não explica por que isso ocorre. Por isso, vemos a necessidade de se observarem certos aspectos apontados pela teoria da polidez, como a ideia da manutenção da face.

A nosso ver, a potencialidade da TAF está no fato de fornecer um modelo de análise que privilegia a relação entre os locutores. Na produção de ordens e pedidos, esse é um ponto fundamental. Além disso, a teoria é a que elabora uma classificação mais coerente para os dois atos, uma vez que parte de fatos observados no uso.

Portanto, propomos uma análise dos atos diretivos de ordens e pedidos a partir da TAF, observando que *i)* ordens e pedidos são atos de fala distintos pela força ilocucionária, que refletem uma relação de autoridade, seja de L para A ou de A para L; *ii)* em cada um desses atos, os parâmetros prosódicos são utilizados como uma estratégia para expressar essa relação ou para amenizá-la; e *iii)* locutores de sexos diferentes, em funções sociais diferentes, utilizam essas estratégias de modo mais ou menos

convencional, de modo que o alocutário seja capaz de interpretar se pode ou deve executar a ação proposta no conteúdo proposicional.

A questão que nos colocamos agora é de que forma são utilizadas as estratégias propostas em *iii*). Dessa forma, e a partir desses princípios, passamos a investigar quais são os parâmetros prosódicos utilizados para expressar atitudes e como esses podem ser percebidos na enunciação.

CAPÍTULO 4: PROSÓDIA E EXPRESSÃO DA ATITUDE

Apresentamos até aqui que atos de ordem e pedido são diferentes, tanto no que se refere aos aspectos prosódico quanto aos aspectos contextuais. De acordo com o quadro 4, notamos que o tipo de ato em conjunto com fatores do contexto minimizam ou potencializam a ocorrência de certas estratégias prosódicas. Observamos, por exemplo, que um registro mais alto pode estar associado a uma atitude de polidez, ao passo que o registro mais baixo pode se relacionar a uma atitude autoritária.

Apesar de utilizarmos o termo atitude anteriormente neste trabalho, não discutimos o seu conceito, tampouco a relação entre prosódia e expressão da atitude. Assim, no presente capítulo, abordamos a definição de atitude, bem como procuramos relacionar, dentre as pistas prosódicas, aquelas que podem diferenciar melhor as atitudes nos atos de ordem e de pedido.

Uma primeira questão que nos orientou para a observação desses fatores é qual a função da prosódia nos atos de linguagem. É importante lembrar que, nos estudos mais relevantes sobre o assunto, nem PIKE (1945) nem CRYSTAL (1969) ressaltam a possibilidade de uma função gramatical para a entonação e, conseqüentemente, para a prosódia. FONÁGY (2003) enumera algumas dessas funções, dentre as quais nos interessam, sobretudo, a expressiva, uma vez que é justamente nessa função, segundo o mesmo autor, que podemos encontrar as atitudes e as emoções em relação mais estreita com o enunciado. Dessa forma, como nos interessam essas duas expressões ligadas aos fatos prosódicos, faz-se necessário distinguir os dois conceitos.

Uma vez que as informações prosódicas não estão relacionadas apenas a diferenças entre modalidades (cf. FONÁGY, 2003) ou tipos específicos de atos de fala, é interessante saber sobre outras informações implícitas na melodia utilizada pelo falante, como é o

caso das atitudes e das emoções. Dentro do nosso trabalho, acreditamos ser relevante discutir o conceito de atitude, uma vez que a expressão de autoridade ou de polidez refere-se a comportamentos controlados pelo falante, que pode utilizar os parâmetros prosódicos para deixá-las explícitas na situação comunicativa.

AUBERGÉ (2002) elaborou um esquema de um contínuo das funções da prosódia apresentado a seguir:

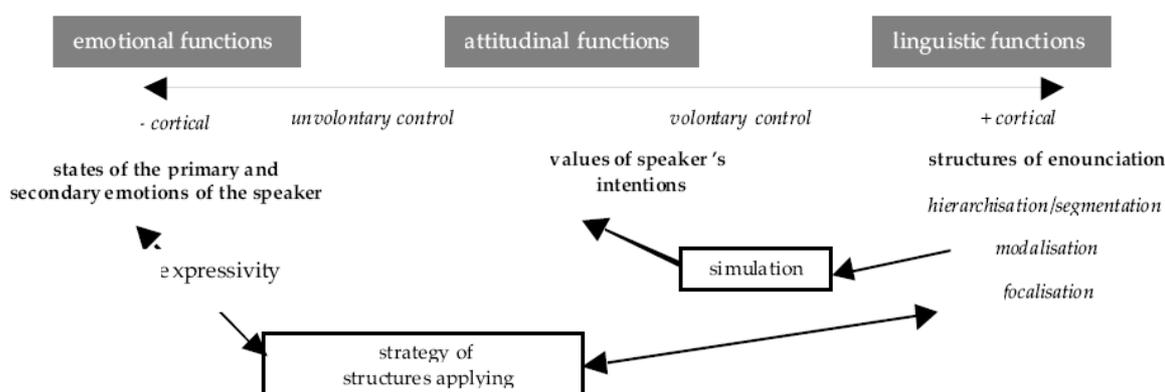


Figura 14: Funções da prosódia, segundo AUBERGÉ (2002)

Na figura 14, temos representadas as funções da prosódia num *continuum* que vai do mais emotivo e menos cortical, portanto menos controlado, até a função Linguística, mais cortical, portanto mais controlado, passando pelas funções atitudinais, no nível intermediário. Pela figura, inferimos que existem atitudes que variam do controle involuntário, próximo das emoções, ao controle voluntário, próximo da função Linguística. A prosódia, então, pode contribuir para uma expressão emotiva (raiva, medo), ou para a expressão de uma atitude (polidez, rudeza) ou para a expressão de uma função Linguística (asserção, pergunta).

Assim, neste capítulo, procuramos compreender o que é a função atitudinal da prosódia e de que forma, no estudo dos enunciados de ordens e pedidos, podemos identificar as atitudes do locutor, bem como pontuar que influência a atitude pode exercer no nível prosódico desses enunciados.

Nessa tentativa, identificamos que, do ponto de vista teórico, há pelo menos duas formas diferenciadas de se tratar a atitude dentro dos estudos prosódicos. Uma primeira,

chamada atitude proposicional, diz respeito à atitude do locutor em relação ao conteúdo do enunciado por ele proferido.

Essa atitude pode ser identificada numa situação comunicativa em que o locutor expressa a dúvida, certeza ou incerteza sobre certo fato. É o que ocorre no enunciado “eu tranquei a porta?”, como uma resposta ou divagação de L, no contexto em que A o questiona sobre o fato de ter trancado a porta. L pode proferir esse enunciado tendo a certeza de que realmente trancou a porta ou pode estar incerto sobre ter ou não executado a ação. Nesse caso, a prosódia funciona como uma pista para demonstrar uma ou outra atitude. Vale ressaltar que GODOY E SILVA (2008) apresenta, em seu trabalho de mestrado, uma reflexão relevante sobre como esse tipo de atitude é expressa em termos de correlatos prosódicos.

Dentre as possibilidades de atitudes proposicionais, temos aquelas ligadas à expressão da crença, da dúvida, da opinião. Em certas situações, como a que apresentamos anteriormente, essas atitudes podem demonstrar, portanto, um posicionamento do locutor diante do conteúdo proposicional do enunciado.

Na segunda possibilidade, que mais nos interessa neste trabalho, encontra-se a atitude interpessoal, que consiste no comportamento de L face a um alocutário específico. Nesse caso, a prosódia reflete uma atitude, por exemplo, de ser mais polido ou de parecer mais autoritário porque está falando com um alocutário A. Assim, esse é um fator que leva L a produzir um enunciado E com a prosódia modalizada para aquele fim. Nesse último caso, é importante destacar que o histórico da relação entre os locutores é um fator contextual que deve ser considerado na interpretação dos enunciados.

Apesar dessa divisão teórica, no uso, não é tão simples identificar a separação entre atitude proposicional e uma atitude ilocucional. No ato de fala, ao proferir um enunciado, o locutor pode expressar as duas atitudes ao mesmo tempo. Ao optar por proferir um enunciado de ordem, em vez de um pedido, é possível perceber tanto uma atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional quanto uma atitude ilocucional, pela forma como escolhe dar essa ordem (de forma polida ou autoritária, por exemplo).

Assim, dividir o grupo de atitudes em proposicionais ou ilocucionais pode não ser um procedimento metodológico interessante, pelo menos nesse momento em que pretendemos investigar quais as atitudes que podem ser expressas nesses atos de fala. Acreditamos ser relevante investigá-las posteriormente para verificar como os fatores prosódicos contribuem na expressão de cada um desses grupos.

Outra questão que nos parece relevante é de que forma a TAF relaciona-se à expressão da atitude, uma vez que esse conceito não é utilizado nem por AUSTIN (1990), SEARLE (1985) ou VANDERVEKEN (1990). Cabe, assim, uma reflexão sobre esse assunto.

Além dos aspectos enumerados no parágrafo anterior, a TAF prevê que os enunciados são proferidos com um certo ponto, de um certo modo, constituindo uma certa força ilocucionária, conforme apresentado no capítulo 3. O ponto indica o que o locutor pretende com o enunciado: se pretende que o alocutário realize alguma tarefa (ponto diretivo), se o locutor afirma sobre certo evento do mundo (ponto assertivo), se ele mesmo tem por intenção realizar algo (ponto comissivo). Tais parâmetros servem para categorizar enunciados, bem como o tipo de situação em que ocorrem. Assim, de acordo com SEARLE (1980), “Fecha a porta” é classificado como um ato de ponto diretivo, porque o locutor demonstra que o alocutário realizará o conteúdo proposicional de seu enunciado.

Notamos que a escolha entre dar uma ordem ou fazer um pedido, como se encontra em SEARLE (1981), está relacionada às relações contextuais entre locutor e alocutário. No caso do exemplo anterior, “Fecha a porta” pode ser pedido ou ordem, de acordo com os participantes da situação enunciativa. Entretanto, outras informações podem ser inferidas pelo alocutário, principalmente pelos traços prosódicos utilizados pelo locutor. Dentre eles, encontram-se aqueles que revelam um posicionamento do locutor ou face à situação enunciativa, ou ao conteúdo proposicional, ou ao próprio alocutário. Acreditamos que é nesse ponto da teoria que se insere a função atitudinal da prosódia.

Pistas prosódicas, tais como alteração brusca do movimento melódico, prolongamento ou mesmo aumento da intensidade revelam o que a literatura da área denomina de atitude. Tanto COUPER-KUHLEN (1986), WICHMANN (2000) e REIS (2001) definem como “comportamento determinado, consciente, controlado, tendo um componente moral,

intelectual”. Contudo, acreditamos ser necessário ampliar a noção de atitude, bem como explicitar qual a relação entre atitude e prosódia.

4.1 Conceito de atitude

Diante do que apresentamos até aqui, é importante definir o que é uma atitude e de que forma é possível diferenciá-la de outros estados mentais, como a emoção²⁸. Em um dos trabalhos mais importantes para os estudos prosódicos, PIKE (1945, p. 21) faz referência à ideia de atitude do falante e significado da entonação, argumentando que:

(...) an INTONATION MEANING modifies the lexical meaning of a sentence by adding to it the SPEAKER'S ATTITUDE toward the contents of that sentence (or an indication of the attitude with which the speaker expects the hearer to react).

De acordo com o autor, então, a atitude do falante é o principal fator responsável pelo significado de um enunciado. Assim como PIKE, SEARLE também acredita que a interpretação de uma sentença depende do reconhecimento, pelo alocutário, da intenção do locutor. Dessa forma, interessa-nos analisar detalhadamente neste trabalho essa intencionalidade, uma vez que a compreensão da sentença depende, sobretudo, desse fator.

Mas quais seriam as intenções que poderiam circundar um ato de ordem e pedido? À luz do que defende PIKE (1945), podemos identificar pelo menos duas intenções nos atos diretivos de ordem e pedido: uma primeira, comum aos dois atos, que é a intenção de que A execute a ação prevista no conteúdo proposicional; e uma segunda, no nível das relações interpessoais, que difere os dois atos: a expressão de autoridade (mais autoritário na ordem, menos autoritário no pedido). Essas duas intenções parecem-nos relevantes dentro do contexto comunicativo.

Falta-nos, contudo, uma forma de diferenciar rótulos como raiva e polidez. Nesse sentido, interessa-nos a diferença para a qual aponta FONÁGY (1993, p. 27). O autor difere atitude de emoção, mostrando-nos que a primeira consiste num “comportamento consciente, controlado” enquanto a segunda é uma “descarga espontânea de uma tensão psíquica”. Assim, de acordo com o autor, raiva é uma emoção e polidez uma atitude.

²⁸ Conforme se encontra em AUBERGÉ (2002).

COUPER-KUHLEN (1986, p.174), por sua vez, define que:

(...) we must distinguish an unmonitored, purely physiologically determined externalization of emotional state, presumably universal across linguistic communities, from a ‘cognitively’ monitored expression of attitude, conventionalized and communicative in purpose.

Dessa forma, temos, por um lado, um mecanismo mais espontâneo de expressão, ligado ao que costumamos chamar de emoção e, por outro, uma expressão estratégica, sofisticada, ligada ao comportamento do locutor, que a autora rotula como atitude. Interessa-nos, neste trabalho, focar as atitudes, por estar mais relacionada às questões Linguísticas, de monitoramento cognitivo (cf. AUBERGÉ, 2002).

A discussão sobre o assunto, entretanto, não se encerra aí. Tanto WICHMANN (2000) quanto REIS (2001) buscam na Psicologia a compreensão do conceito de atitude para justificar o seu uso pelos estudiosos da prosódia. Fica evidente para ambos os autores que o termo atitude tem sido utilizado às vezes sem critério pelos estudiosos da prosódia, já que se relaciona, na Psicologia, com crenças, sentimentos e intenções.

ANTUNES (2007) apresenta, em sua tese de doutorado, uma revisão bibliográfica a respeito do conceito de atitudes. De acordo com a autora, os critérios para se separar uma atitude de estados afetivos ou emoções variam de autor para autor, sendo alguns mais sistemáticos que outros. Tendo em vista tal questão, ANTUNES (2007) argumenta sobre a necessidade de uma organização dos conceitos (atitude e emoção) a fim de se delinear com mais precisão o objeto de estudo.

Dessa forma, a autora define que:

(...) **atitudes** são expressões controladas pelo falante (voluntárias, cognitivas, intencionais, motivadas, mais corticais), convencionadas (dependentes do sistema linguístico, e por isso aprendidas) e que não teriam consequências tão evidentes na prosódia (falar com uma atitude qualquer não mudaria de forma geral a prosódia da frase, é necessário observar nuances prosódicas que dariam pistas sobre a atitude utilizada em um enunciado), através das quais o falante informa seu ponto de vista dentro da interação verbal, dando ao ouvinte pistas para que seu comportamento seja percebido ou inferido.

Vale ressaltar que adotaremos neste trabalho o conceito defendido por ANTUNES (2007, p.90), uma vez que é uma definição abrangente e que distingue atitude da noção de emoção.

4.2 Função atitudinal da prosódia

Sobre a relação entre a prosódia e as atitudes e emoções, LEVELT (1993, p. 307) afirma que “the melody of an utterance express a speaker’s emotions and attitudes”. De fato, esse parâmetro prosódico reflete as atitudes, mas não se restringe a essa função, uma vez que no sinal de fala estão codificadas diversas informações, como é o caso do tipo de enunciado (asserção, pergunta, por exemplo), além de características paraLinguísticas (sexo do falante, por exemplo) que não estão relacionadas à expressão da atitude.

Nesse sentido, vale ressaltar a reflexão que WICHMANN (2000) apresenta sobre a relação entre movimento melódico e expressão da atitude. A autora frisa que um padrão prosódico pode estar associado a mais de uma atitude, sendo também válido afirmar que uma atitude pode ser expressa por meio de mais de um padrão prosódico. Não existe, assim, uma associação direta entre uma melodia e uma atitude (cf PAKOSZ ,1982; COUPER-KUHLEN, 1986; HIRST, 1998; WICHMANN, 2000).

Sobre a influência que a atitude e a emoção podem exercer sobre a curva de F0, WICHMANN (2000) defende que apenas a emoção pode refletir diretamente no sinal da fala. A atitude só pode fazê-lo indiretamente e pode ser explicada por um processo de análise Linguística, o que não significa que não podemos encontrar sinais prosódicos que contribuam para a impressão da atitude, ou aquilo que é conceituado pela autora como função atitudinal da prosódia. Contudo, somente essa pode ser explicada quando retomamos o contexto de produção do enunciado. Por essa razão, acreditamos que um estudo como o que é proposto aqui só poderia ser concretizado se levarmos em conta a realização de enunciados na dimensão pragmático-discursiva.

No mesmo texto, WICHMANN apresenta uma comparação entre funções expressiva e atitudinal da entonação, conforme a seguir:

Quadro 6: Quadro comparativo das funções expressiva e atitudinal da entonação

Entonação expressiva reflete...	e	Entonação atitudinal reflete
Emoção	atitude proposicional	comportamento do falante
	opinião, crença, conhecimento sobre uma pessoa ou coisa	pretendido e/ou percebido em um contexto
Ele está (sentindo-se). <i>feliz</i> <i>bravo</i> <i>triste...</i>	Eu sou (ou estou) <i>crítico</i> <i>impressionado</i> <i>desaprovando...</i>	Você está sendo <i>condescendente</i> <i>amigável</i> <i>rude...</i>

Fonte: WICHMANN (2000) *apud* ANTUNES (2007).

No esquema da autora, por um lado, a entonação expressiva relaciona-se a um estado emotivo (feliz, bravo), e, por outro, a entonação atitudinal reflete um comportamento controlado pelo falante. A atitude proposicional, que demonstra uma relação estreita com o conteúdo proposicional, segundo WICHMANN (2000), independe da entonação atitudinal.

Contudo, ao contrário do que demonstra a autora, há trabalhos como o de GODOY E SILVA (2008) que corroboram a hipótese de que a prosódia pode funcionar como um veículo de expressão de atitudes relativas à crença e à dúvida. Isso significa que a entonação atitudinal também estaria relacionada à atitude proposicional.

Ainda observando o quadro 6, notamos a diferença dos pressupostos de uma atitude proposicional, que diz respeito ao conteúdo do enunciado, e do comportamento do falante, que está relacionado à atitude do locutor perante o contexto e/ou ao alocutário²⁹. Entretanto, faltam justificativas no texto da autora para a disposição das informações conforme se encontra na ilustração anterior. Uma delas é demonstrar porque a atitude proposicional encontra-se entre a emoção e o comportamento. A autora também não justifica por que a atitude proposicional se encontraria mais próxima das emoções. Haveria algum indício para categorizar a atitude proposicional como mais ou menos linguístico?

²⁹ Cresti (2000) utiliza o termo *ilocução* para representar essa relação.

Acreditamos que, independente do tipo de atitude, se proposicional ou ilocucional, a prosódia tem uma função: servir como pista para a interpretação do alocutário. O que interessante saber é de forma o falante a utiliza conscientemente para esse fim.

É notável, também, que uma atitude pode ser expressa com vários padrões prosódicos, bem como um padrão pode estar relacionado a mais de uma atitude. Se pensarmos num ato de fala em neutro, aplicando-se, aqui, o modelo com três parâmetros de PAKOSZ (1982), conforme visto no capítulo 1, em que uma atitude corresponderia a uma matriz de traços combinados, é possível determinar a frequência de ocorrência de padrões melódicos para atos específicos.

Dessa forma, é relevante compreender de que forma as pistas prosódicas interagem na expressão das atitudes. Além disso, é importante saber se há alguma tendência de uso de padrões prosódicos para se expressarem atitudes proposicionais e ilocucionais. No que se refere aos atos diretivos que nos propomos investigar neste trabalho, notamos que se aplica a observação das atitudes ilocucionais, as quais refletem um aspecto do contexto que buscamos analisar: a relação entre locutor e alocutário e o *status* do locutor na situação de comunicação.

4.2.1 Rótulos das atitudes

Uma das dificuldades que percebemos sobre a categorização das atitudes diz está relacionada ao fato de não se ter determinado na literatura quais são os parâmetros para se definir a natureza da atitude. Rotular um enunciado como neutro, paciente ou impaciente implica em discutir qual o limiar existente entre uma e outra.

Vale frisar aqui a discussão levantada por WICHMANN (2004) sobre o tratamento que tem sido dado às atitudes no que se refere aos estudos prosódicos. Antes de ser realmente uma interpretação das intenções comunicativas, os rótulos utilizados para designar a forma como os locutores produzem seus enunciados são baseados nas inferências que fazem os alocutários. A autora demonstra que pelo menos três critérios diferenciados têm sido considerados como referência para se categorizar uma atitude: a) características prosódicas (“melodia elevada”, “rapidez”); b) estados emocionais

(“excitado”, “ansioso”, “desapontado”); e c) inferências sobre o comportamento do falante (“firmeza”, “arrogância”, “simpatia”).

HIRST e DI CRISTO (1998) apresentam vinte e uma categorias diferentes para expressar atitudes (agressividade, ansiedade, certeza/obviedade, confirmação, convite educado, cortesia, descrédito, dúvida, exasperação, fervor, impaciência, impaciência/rudeza, incerteza, incredulidade, indiferença ou atitude defensiva, neutro, ordem, polidez, rejeição/ironia, repetição, surpresa).

É interessante notar que a ordem, no trabalho citado, é considerada uma atitude. A partir do que apresentamos até aqui, contudo, a ordem consiste num ato de fala, de acordo com a TAF, com características suficientes para ser classificado de tal forma. A nossa análise sugere, diferentemente do apontado por HIRST e DI CRISTO (1998) que há uma atitude de autoridade que pode ser expressa nesse ato de fala.

Partindo dessas atitudes e do que vimos discutindo até aqui, acreditamos que, no âmbito dos atos de ordem e de pedido, podemos localizar dois pares de atitudes que podem ser investigadas: autoritário/não autoritário e polidez/rudeza. Cabe afirmar que outras atitudes podem ser associadas aos atos de fala em questão, daí a necessidade de estudos que abordem tal aspecto da comunicação, de modo a se compreender quais são essas atitudes e de que forma podemos pontuar os traços prosódicos que as evidenciam.

A escolha desses pares de atitudes se justifica pelo tipo de relação social que existe entre locutores e alocutários nesses atos de fala. As relações simétrica e assimétrica são socialmente determinadas; assim, elas nos indicam quem pode mandar e quem deve obedecer. Além disso, o que distingue as forças ilocucionárias de ordem e pedido é a autoridade de L sobre A. Se por um lado a ordem é uma das formas de se expressar a autoridade, que coloca o alocutário na situação que deve obedecer ao locutor, por outro, o pedido é uma forma polida de fazer com que A execute uma determinada ação.

Contudo, mesmo partindo do nosso julgamento, como identificar se se trata de uma ou outra atitude? É notável que tratamento dado para o estudo da atitude toma como ponto de partida que esta pode ser compreendida como uma unidade discreta. Nas análises

deste trabalho percebemos que, ao contrário, é necessário compreendê-la como um contínuo.

Se partirmos do pressuposto de que as atitudes estão dispostas num contínuo, isso significaria que, por exemplo, existem expressões de autoridade que são incontestáveis, em que todos os ouvintes não têm dúvida quanto ao julgamento da atitude. Haveria, assim, graus diferentes de intensidade na expressão da autoridade, que iria do muito autoritário ao pouco ou nenhum autoritário.

Por outro lado, é necessário considerar também a possibilidade de total ausência de autoridade. Daí, teríamos a expressão polida, também sujeita à mesma variação de intensidade que a autoridade (do muito polido ao pouco ou nenhum polido). Vale notar que, permeando o mais e o menos autoritário e o mais e o menos polido, encontram-se uma gama possibilidades de expressão que podem tender a um ou outro lado. Nesse sentido, o trabalho de ULDALL (1964) é de grande relevância, uma vez que demonstra essa relação continuidade. Notamos, assim, que a divisão entre o que é o menos polido e o menos autoritário possui um limite tênue e que, portanto, há um espaço para essa expressão que deve ser considerado numa análise das atitudes.

Além das atitudes, o ato de comunicação tem como cerne as *intenções comunicativas*. Conforme afirma LEVELT (1993, p. 59), nem toda intenção é uma intenção comunicativa. Essa, no trabalho de LEVELT (1993), equipara-se à força ilocucionária de que nos falam AUSTIN (1990), SEARLE (1981) e VANDERVEKEN (1990). Na elaboração dos atos de fala, o autor defende que a partir de uma intenção comunicativa o falante faz as escolhas da forma proposicional, de forma a guiar a atenção do ouvinte para que esse possa estar apto para interpretar as suas intenções. O esquema a seguir ilustra a ideia do autor:

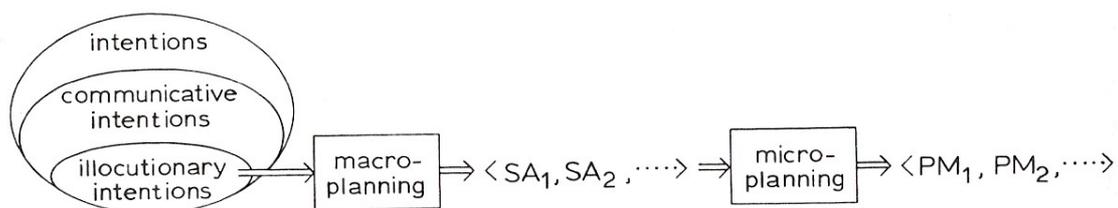


Figura 15: Planejamento do ato de fala a partir das intenções comunicativas. Fonte: LEVELT (1993, p.110)

Vale frisar que, segundo LEVELT (1993), o sucesso do ato de fala, e conseqüentemente das intenções comunicativas do locutor, depende do reconhecimento dessas intenções pelo alocutário. Nas palavras do autor: “for a speech act to be effective, the addressee must be able not only to understand the utterance but also to recognize the speaker intention to communicate this information” (LEVELT, 1993, p. 59). Isso significa que as pistas dadas pelo locutor não podem ser aleatórias: devem ser convencionalizadas, de alguma forma, principalmente aquelas que têm por base os parâmetros prosódicos.

Assim, o falante, ao ter a intenção de expressar uma determinada atitude, deixa pistas para que o ouvinte seja capaz de, no contexto, interpretá-la. Considerando que essa constatação é um fato, passamos à discussão sobre como os parâmetros prosódicos podem ser utilizados para expressar as atitudes de autoridade e polidez nos atos de ordem e pedido.

4.2.2 Expressão da autoridade

Dos atos de fala a que nos dedicamos neste estudo, os enunciados de ordem são os mais propícios para uma expressão da atitude de autoridade por parte do falante. Assim, num contexto em que o locutor encontra-se num papel social hierarquicamente superior ao do alocutário, o primeiro pode demonstrar um comportamento menos autoritário se fizer uso do padrão prosódico de um pedido.

Ao usar essa estratégia, sua intenção é provavelmente demonstrar polidez e não dar uma opção de executar a ação, pois tem a certeza, em função de seu papel social, de que o alocutário irá cumpri-la. Trata-se, dessa forma, de uma forma de amenizar o efeito do padrão prosódico utilizado para ordens.

Retomando os estudos apresentados na seção 1.5, sobre a ordem em outras línguas, notamos semelhanças no tratamento da atitude de autoridade no que se refere a esse ato de fala. Apesar de não ser a intenção dos autores comparar ordem e pedido, percebemos que o contorno melódico comum apresentado é o descendente (cf. KINGDON, 1958; HALLIDAY, 1970; CRUTTENDEN, 1986; WICHMMAN, 2000) e que a interpretação dada por eles segue o indicativo de uma expressão de autoridade. Adjetivos como

“incontestável”, “enérgica” e “autoritária” são termos utilizados pelos autores e que nos direcionam a esse raciocínio. Entretanto, não há indicação, nesses trabalhos, de quais são as pistas prosódicas que poderiam indicar a expressão dessa atitude.

Assim, de modo a compreender como as pistas prosódicas são utilizadas para esse fim, é necessário identificar, em primeiro lugar, em quais situações o locutor expressa autoridade. A nosso ver, o grau de formalidade parece-nos um aspecto contextual relevante, pois, conforme apontamos anteriormente, ambientes mais formais exigem um comportamento mais monitorado por parte do falante.

Contudo, mais importante que esse fator, é o tipo de relação existente entre os interlocutores e a função social de cada um. As regras sociais, dessa forma, restringem quem pode demonstrar essa atitude.

Dessa forma, numa interação entre pai e filho, o pai tem, segundo as convenções externas ao sistema linguístico, uma relação de dominação no que se refere ao filho. Por outro lado, do filho espera-se uma atitude de submissão em relação ao pai. No caso da interação entre irmãos, na hierarquia dos papéis sociais, espera-se submissão do mais novo e autoridade do mais velho. Portanto, a expressão da autoridade está condicionada por fatores contextuais.

Em segundo lugar, é preciso identificar de que forma aquele a quem, segundo as normas sociais, é permitido demonstrar autoridade, usa as pistas prosódicas com essa finalidade. Nos padrões prosódicos apontados por KINGDON (1958); HALLIDAY (1970); CRUTTENDEN (1986) e WICHMMAN (2000) vimos o uso de perfil melódico descendente é o mais usual. Todavia, conforme defendemos neste trabalho, há outras pistas que, em conjunto com os padrões entonativos, devem ser consideradas.

Um fator que identificamos como relevante na expressão da atitude de autoridade é que as características da atitude se relacionam estreitamente com o padrão da própria ordem: pouca variação melódica, proeminência marcada no início do enunciado, o que contribui para um ritmo acentual, registro baixo, com tendência ao nível grave, e tessitura estreita. Assim, a expressão da autoridade passa pelo achatamento da curva melódica. Além disso, notamos o uso de uma maior velocidade de fala.

A observação de pistas contextuais e prosódicas contribui para ampliar a discussão sobre como se expressa a autoridade. Notamos, também, que a expressão dessa atitude está relacionada a outros atos de fala, como a advertência e a ameaça. No caso dessa última, notamos que a falta de autoridade de L sobre A é um dos aspectos que influencia esse ato de fala.

No intuito de compreender a relação entre o movimento melódico medido a partir da curva de F0 e a expressão da atitude de autoridade num ato de ordem, simulamos com uma falante do sexo feminino, uma situação em que o locutor utiliza a prosódia para demonstrar atitude autoritária sobre o alocutário. A situação é de uma mãe que quer fazer com que seu filho execute a ação prevista no conteúdo proposicional. O resultado encontra-se representado na figura 15 a seguir:

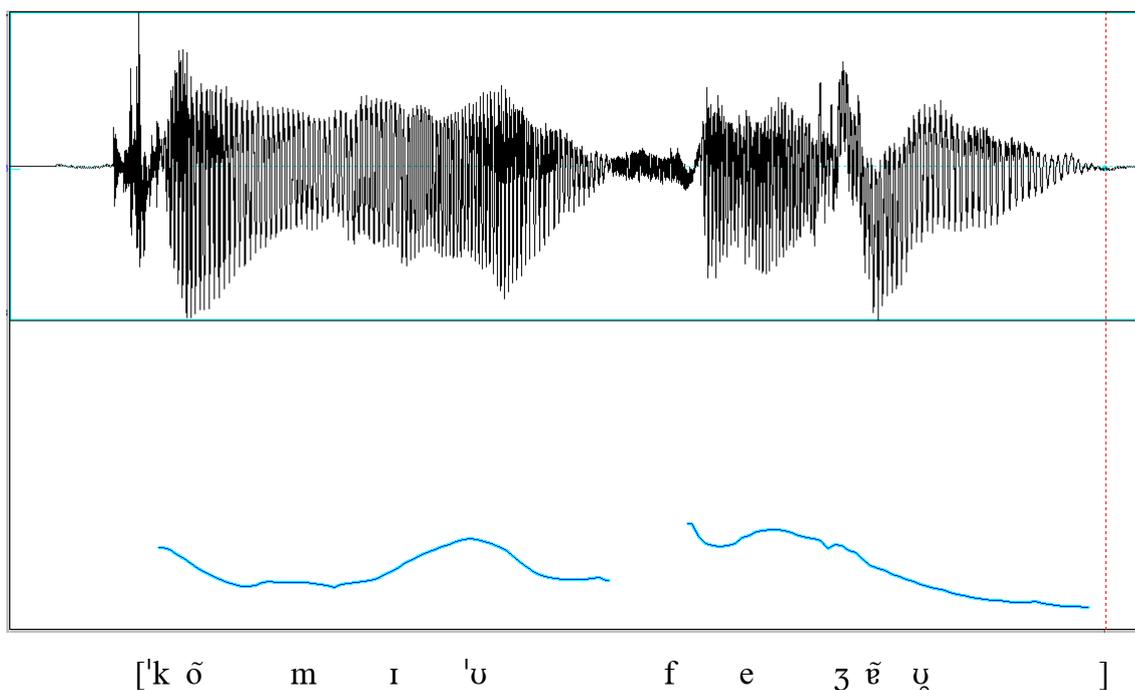


Figura 16: Forma de onda e curva de F0 para o enunciado "come o feijão".

Na figura 16, temos um enunciado “come o feijão” produzido por uma falante do sexo feminino. A instrução dada ao locutor foi para que se imaginasse numa situação em que o seu filho, durante a refeição, se recusasse a comer o feijão. No que se refere ao contexto, a função de L é mãe e de A, filho. A relação entre os interlocutores é de autoridade de L sobre A.

Ao contrário do que esperávamos, a locutora sobrepôs outro ato de fala à ordem: a ameaça. Ao produzir tal enunciado, percebemos uma mudança no ritmo: foram ressaltadas as sílabas não acentuadas, o que resultou num padrão prosódico diferente de uma ordem. Vimos então que, como o locutor notou que sua autoridade sobre o alocutário não surtia o efeito perlocucionário por ele pretendido, houve a necessidade de outra estratégia prosódica, bem como de outro ato de fala, para que A executasse uma determinada ação.

Assim, observamos que, na expressão da autoridade, a interação entre proeminência e ritmo são aspectos prosódicos relevantes. Nossa hipótese no que se refere a esse aspecto é quanto menos proeminência, maior velocidade de fala e menor registro, mais próximo o locutor se encontra da expressão da autoridade.

4.2.2 Expressão da cortesia

Em contraposição à autoridade que verificamos na ordem ilustrada pela figura 10, notamos que ocorrem outros fenômenos com os pedidos. REIS (2001) afirma que o pedido é uma modalidade que possui marcas morfossintáticas, mas que é a prosódia a responsável por imprimir nesses enunciados uma marca de polidez. O comentário do autor diz respeito a enunciados em que o verbo está presente, caracterizando um enunciado cujas marcas não segmentais representariam uma modalização diferente³⁰.

Ao contrário do que ocorre com a expressão da autoridade, não há restrições contextuais para a expressão da cortesia. Vale notar, conforme indica a teoria da polidez, existe uma tendência a que, nas situações de interação verbal, mantenha-se a face positiva (LEECH, 1983; BROWN e LEVINSON, 1987, WILSON, 2008).

Se por um lado não há restrições para a expressão dessa atitude, por outro, é necessário saber de que maneira os locutores a demonstram. Notamos que, nesse caso, as pistas prosódicas interagem com outros aspectos linguísticos, como o uso de partículas modalizadoras, como “por favor” e “vamos”. Sobre essa última, vale notar que, ao

³⁰ Conferir análise proposta no capítulo 3.

utilizá-la, o falante imprime uma conotação de convite ao ato de pedido, como em “vamos ao cinema”, por exemplo. A intenção, nesse caso, pode não ser apenas um convite para sair, mas um pedido para que A execute uma ação. É interessante notar também que o grau de obrigatoriedade num convite é ainda menor do que num pedido direto, já que A pode recusar o convite muito mais que a um pedido.

Assim, notamos que o compromisso de A em executar a ação proposta por L quando esse demonstra polidez é menor. Ou seja, quanto mais cortês, menor o grau de obrigatoriedade da ação.

Do ponto de vista melódico, notamos que a expressão de polidez aproxima esse ato de um padrão prosódico de pergunta³¹. Para isso, L utiliza tessitura mais ampla, maior amplitude do movimento melódico, registro mais alto, mais proeminências de sílabas tônicas lexicais. Assim, esse conjunto de fatores, agregados ao contexto de fala, contribuem para que o alocutário infira que o enunciado é cortês.

Assim como ocorre na expressão de autoridade, notamos que outros atos podem interligar-se à expressão da cortesia. No caso da subcategoria dos atos diretivos, identificamos a súplica, que possui características muito próximas ao pedido. Em nossa dissertação de mestrado³², fizemos a seguinte observação sobre esse ato de fala em ocorrências de vocativo na fala de crianças:

Um fator que difere a súplica de um pedido qualquer é a urgência com que o primeiro deve ser efetivado. Assim, o pedido expresso na oração 27³³ pode ser banal, se a criança não tiver urgência em ser atendida, ou pode transformar-se num pedido desesperado., donde advém a súplica. Note-se que este tipo de vocativo, de uma certa forma, depende muito mais de fatores situacionais que as outras categorias até então citadas.

No mesmo texto, mostramos que, tanto para se pedir quanto para se suplicar, alguns parâmetros prosódicos são alterados pelos falantes, de forma a modalizar a ordem contida num enunciado imperativo. Percebemos ainda, naquele trabalho, que a situação de afetividade pode alterar os padrões melódicos utilizados, de modo a se conseguir o efeito pretendido pelo locutor.

³¹ Ver proposta de MORAES e COLAMARCO (2006), na página 152.

³² NASCIMENTO, Adriana. Análise prosódica do vocativo em fala de crianças: uma abordagem fonética. 2000. 127p. Dissertação. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. 2000.

³³ Tia, deixa eu ir ao banheiro.

Se por um lado a súplica é uma forma muito polida de pedir alguma coisa, os atos de ordem também estão sujeitos à expressão da polidez. Uma das formas convencionalizadas da expressão da cortesia em atos de ordem diz respeito ao uso da partícula modalizadora “por favor”, conforme apontamos anteriormente. Embora seja possível demonstrar polidez apenas com o uso da prosódia, vale ressaltar os resultados de WICHMANN (2004), para o uso dessa estratégia no inglês.

No trabalho de 2004, a autora faz uma análise do uso da partícula *please* associada a três modalidades de enunciado. As figuras a seguir representam os resultados encontrados:

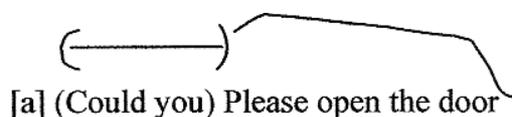


Figura 17: Uso do *please* em sentenças imperativas (WICHMANN, 2004).

Na figura 17, vemos que a presença da partícula modalizadora não modifica a força ilocucionária utilizada pelo locutor. O uso do padrão descendente, conforme apontado anteriormente neste trabalho, está associado à força de ordem e a presença do *please* demonstra que o locutor inseriu uma marca para indicar a polidez, sem deixar de transparecer que se trata de uma ordem que deve ser, portanto, executada.

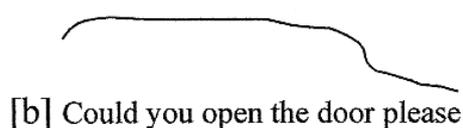


Figura 18: Uso do *please* em enunciados interrogativos (WICHMANN, 2004).

O uso da modalidade interrogativa acarreta num outro perfil melódico, conforme vemos na figura 18. O padrão descendente, com o início alto, nivelado, associado ao enunciado interrogativo com a presença da partícula *please* demonstram a ideia de modalização da força ilocucionária. Apesar de não termos a informação de quem são os locutores envolvidos na produção desse enunciado, notamos que o arranjo desses três parâmetros configuram numa interpretação de que se trata aqui mais de um pedido que de uma ordem.

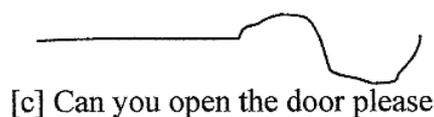


Figura 19: Uso do *please* em pedidos indiretos (WICHMANN, 2004).

A elevação da curva de F0 sobre o item *door* e o movimento ascendente na partícula *please* no pedido indireto representado pela figura 19 indicam, de acordo com WICHMANN (2004), que a obrigatoriedade de execução da ação contida no conteúdo proposicional é mínima. Para discutir a questão, a autora sugere graus de obrigatoriedade que, em conjunto a outros fatores, varia do mais opcional ao menos opcional, no que se refere à execução do ato de fechar a porta. O fato de utilizar um ato indireto para pedir que a porta seja fechada demonstra a atitude de cortesia, segundo a mesma autora.

Conforme sugerimos anteriormente nesta seção, outra estratégia de polidez para os atos de pedidos é utilizar a forma prosódica de uma pergunta. Esse tipo de estratégia é comum em situações em que há uma demanda por uma ação, mas a opção do ouvinte é produzir esse ato sobrepondo-o a outro ato: a pergunta. Embora essa seja uma forma comum de pedir, surge o questionamento: pedir e perguntar são atos de fala idênticos? Se não, o que os diferencia?

No que se refere ao português, segundo MORAES e COLAMARCO (2006), o alinhamento é um correlato relevante, para a diferenciação de perguntas e pedidos, conforme mencionamos anteriormente. No trabalho dos autores, o experimento de expor ao julgamento 39 enunciados diretivos sintetizados com força de pergunta e de pedido demonstra que a associação entre o pico de F0 e sua posição durante a produção da vogal foram determinantes na interpretação dessas duas modalidades.

De acordo com MORAES e COLAMARCO (2006), os falantes do dialeto carioca tendem a utilizar o padrão ascendente simples, com alinhamento adiantado, no que se refere às questões totais e o ascendente duplo para pedidos, com alinhamento tardio, no que tange aos pedidos. Dessa forma, faz-se necessário, a partir dos resultados encontrados pelos autores, investigar se o alinhamento é um dos fatores prosódicos utilizados para

diferenciar ordens de pedidos. Assim, do ponto de vista prosódico, um aspecto que se mostra relevante para diferenciar perguntas de pedidos é o alinhamento.

O conceito de alinhamento foi introduzido nos estudos prosódicos a partir da Teoria Autossegmental, que buscava compreender de que forma o texto é associado à melodia (LIBERMAN, 1975; PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 1995). ANTUNES (2002:80) argumenta sobre a necessidade de se “fazer um estudo mais minucioso do eixo horizontal do gráfico [de F0] levando em consideração o tempo exato em que esses tons [acontecem]”. Isso significa que é necessário tanto conhecer o tipo de padrão melódico que o locutor escolhe para associar ao texto que produzirá, mas também é preciso compreender de que forma esse padrão é implementado na sequência temporal. A afirmativa de GUSSENHOVEN (2002) de que o alinhamento tardio está relacionado a picos mais altos de frequência pode ser um indício, por exemplo, de que o falante utiliza esse recurso para expressar uma atitude.

Vale ressaltar que o estudo da expressão da atitude não se restringe ao escopo linguístico. Como acreditamos que as características psicológicas também interferem no padrão prosódico utilizado, selecionamos quatro personagens do núcleo central da novela e cujos comportamentos são diferentes. Trata-se de duas personagens femininas (a protagonista, que é a vítima, e a antagonista, a vilã) e duas personagens masculinas (um protagonista, que oscila entre vilão e mocinho; e outro do núcleo cômico). Na nossa hipótese, essa diferença de características psicológicas pode revelar estratégias prosódicas diferentes, embora a expressão das atitudes também esteja relacionada a uma habilidade individual³⁴.

4.3 Pistas prosódicas no processo de modalização

Vimos no capítulo 2 a ideia de que o sentido é construído com base em inferências feitas pelo ouvinte, a partir de determinadas marcas Linguísticas ou não. Apresentamos também que GUMPERZ (1992) descreve que existem pistas contextuais, dentre as quais se encontra a prosódia. Embora sejam citados alguns parâmetros utilizados pelo ouvinte, o autor não aprofunda a discussão. A partir do que é defendido pelo autor, demonstraremos, a seguir, cinco aspectos que, a nosso ver, constituem *pistas*

³⁴ Conforme apontado por GODOY e SILVA (2008).

prosódicas relevantes no processo de modalização e que servem de parâmetro na produção do sentido.

Consideramos que as pistas prosódicas são um conjunto de traços supra-segmentais que colocam em evidência partes do enunciado de modo a demonstrar uma dada atitude do locutor. Neste trabalho, delimitamos que a proeminência silábica, o movimento melódico, a escolha de um ritmo, o nível de tessitura e o alinhamento do pico de frequência são parâmetros prosódicos relevantes para o falante tornar explícita, de certa forma, suas atitudes, seja em relação ao conteúdo proposicional, seja em relação ao ouvinte ou mesmo em relação ao contexto de produção.

4.3.1 Proeminência silábica

O conceito de sílaba é bastante divergente. Tanto do ponto de vista das correntes teóricas fonéticas e fonológicas, a base para a classificação dos fones encontrada na literatura é o ponto de vista de uma unidade motora (ABERCROMBIE, 1967), ou como uma unidade articulatória (SAUSSURE, 1972), ou uma unidade perceptiva (JONES, 1918). Neste trabalho, partimos do princípio de que as sílabas consistem numa forma primária e abstrata de organização sonora³⁵.

CRYSTAL (1969), retomando a ideia de JONES (1956), define que o termo proeminência se refere à distinção que pode afetar qualquer parte do enunciado. De modo a analisar de que forma pode ocorrer a proeminência, CRYSTAL (1969, p. 120) opta pelo conceito de *ênfase* que, segundo ele, “is achieved by making one of the syllables in a word (...) more prominent than others”. É o que ocorre numa situação como, em resposta à pergunta “João chegou?”, confere-se ênfase à Maria, em “Maria chegou”, na intenção de demonstrar que foi Maria e não João que chegou.

Numa aplicação da teoria de HALLIDAY (1969) para o Português, CAGLIARI (1981) categoriza a proeminência sob o rótulo de sílaba tônica saliente. Segundo o autor:

A sílaba tônica saliente caracteriza-se por carregar a marca entoacional mais importante do GT [grupo tonal], isto é, a maior variação do contorno

³⁵ Para uma discussão sobre o assunto, ver CAGLIARI (2002).

melódico. É a parte da mensagem que o falante julga mais importante. (1981, p. 158)

A importância dada pelo falante observada por CAGLIARI (1981) pode se relacionar a vários aspectos: contraste entre informações dadas e informações novas, bem como com a estrutura argumentativa das pressuposições (CAGLIARI, 1981). No que diz respeito às ordens e aos pedidos, notamos que há sílabas que podem ser alvo de proeminência, sobretudo aquelas que se encontram na primeira parte do enunciado.

A proeminência não pode ser definida em função de um único parâmetro acústico. É o que afirma CRUTTENDEN (1986, p. 7): intensidade, duração e melodia relacionam-se em graus diferentes em cada língua para conferir proeminência a certas sílabas, em comparação a outras. Ao serem destacadas do enunciado, de acordo com o autor, há efeitos como tornar mais importantes palavras que por ela são afetadas. Assim, notamos que ressaltar uma parte do enunciado é uma estratégia utilizada pelo locutor para chamar a atenção do alocutário sobre um determinado item.

Sobre a forma como essa proeminência ocorre, CAGLIARI (2002, p. 8) afirma que:

Algumas sílabas apresentam algumas características a mais, e são chamadas de sílabas tônicas: se uma sílaba tiver maior duração, ocorrer com uma mudança na curva entoacional ou for dita com maior força, tais parâmetros podem distingui-la das demais”.

Assim, não é a incidência de um parâmetro prosódico sobre a sílaba que a torna uma sílaba proeminente. Na verdade, existe uma correlação entre esses fatores, apontados por CAGLIARI (2002) para que tal sílaba possa se destacar do restante do enunciado.

A relação entre proeminência e acento de palavra e acento da frase no Português brasileiro é amplamente discutida por REIS (1995). No entanto, não abordaremos aqui tais aspectos. Interessa-nos compreender que forma essa proeminência, que pode ou não coincidir com o acento da palavra, é utilizada intencionalmente para ressaltar partes do enunciado.

Além do fato de o locutor utilizar a proeminência para indicar a importância de uma determinada informação no enunciado, essa também pode ser utilizada para demonstrar uma atitude mais ou menos polida em relação ao alocutário. De forma geral, a sílaba

proeminente é última sílaba do enunciado (cf. HALLIDAY, 1970). No caso das ordens e dos pedidos, entretanto, a sílaba mais proeminente coincide com a tônica lexical do verbo do enunciado, na qual se verificam maior duração, maior intensidade e também maior movimento melódico.

Esse indício pode revelar duas possibilidades de análise: ou que houve um deslocamento da proeminente para o início do enunciado, ou que há uma ênfase da sílaba inicial. Neste trabalho, vamos assumir que essa proeminência é local e, portanto, que não há deslocamento.

A justificativa para tal posicionamento está baseada em dois argumentos. O primeiro é pelo fato de que estudos anteriores dessa categoria de enunciados indicam que a proeminência, tanto para ordens quanto para pedidos (KINGDON, 1958, HALLIDAY, 1967, 1970; GEBARA, 1976; QUEIROZ, 2007; MORAES, 2008) no início desses enunciados. Assim, tanto no inglês quanto no português, já foram observados dados que corroboram esse posicionamento.

O segundo argumento é de que, tanto na nossa amostra da fala de novela quanto nos dados dos experimentos feitos em laboratório, observamos a mesma tendência: uma proeminência inicial, o que, a nosso ver é uma característica desses enunciados. Por essa razão, vale retomar os exemplos das figuras 10 e 11. Em ambos os casos, tanto na ordem quanto no pedido, vemos que a sílaba tônica do verbo corresponde à sílaba proeminente.

Entretanto, se esse aspecto distingue ordens e pedidos de outros tipos de enunciados, ele não é suficiente para diferenciá-los entre si. É necessário observar, também, que a proeminência não ocorre da mesma forma nesses dois enunciados: o tipo de movimento melódico e a tessitura são diferentes. Dessa forma, é relevante detalhar outros parâmetros, como fazemos a seguir.

4.3.2 Movimento melódico

Considerada na literatura o correlato que melhor expressa a atitude³⁶, a melodia não é o fator exclusivo para essa função. TENCH (1990) *apud* ANTUNES (2007) afirma que:

We use intonation to express our attitudes towards objects, people, events and ideas and we recognize the implication of such uses of intonation in the speech of other in order to interpret their attitudes. (...) Intonation, voice quality and lexis can all express attitude either each by themselves or in various combinations with each other. (TENCH, 1990, p. 17)

Independente da discussão para a qual aponta CRYSTAL (1969) sobre a função da entonação³⁷, é inegável que esse parâmetro é intencionalmente controlado pelo falante para imprimir ao enunciado a sua atitude. Mais do que isso, esse parâmetro é tomado como referência para a interpretação do ouvinte. Nesse sentido temos o trabalho de ULDALL (1964), no qual a autora demonstra, a partir de testes perceptivos, a relação entre diferentes melodias e atitudes.

O trabalho de ANTUNES (2007) demonstra de que forma as atitudes podem ser reconhecidas a partir desse parâmetro. No estudo das questões, a autora faz testes perceptivos com diversos juízes, delimitando sete atitudes diferentes. Todas as atitudes investigadas são correlacionadas ao movimento melódico, o que corrobora a hipótese de que essa pista fornece informações relevantes na produção do sentido. O fato de ser percebida pelo ouvinte como uma fonte de informação da atitude contribui para que a melodia seja considerada uma pista para inferências.

MORAES (2008) faz um estudo para avaliar os efeitos das modificações melódicas obtidas por síntese na interpretação de ouvintes. O objetivo era descobrir se a presença de uma característica prosódica determina uma interpretação. Foram considerados 14 padrões diferentes (asserção neutra, sugestão, ênfase contrastiva, pedido de confirmação, questão parcial, ordem, exclamação, questão total neutra, questão total retórica ou pedido, questão total com incredulidade, advertência, asserção irônica, asserção incrédula, ênfase intensiva). O autor demonstra que o movimento melódico em posição

³⁶ Ver discussão da seção 4.1.

³⁷ Para o autor, a entonação possui significado independente do significado lexical (1969, p. 286)

nuclear, e principalmente na última sílaba acentuada, constitui num traço entonativo distintivo.

É importante ressaltar que nos interessa o efeito de sentido que o movimento melódico pode causar na interpretação nas ordens e pedidos. Ao utilizar uma melodia descendente numa ordem, o locutor demonstra que, naquela situação, não se encontra aberto a negociação com o ouvinte, o que leva o ouvinte a inferir que o conteúdo proposicional do enunciado deve ser executado. Ao contrário, níveis melódicos mais altos sugerem uma maior interação com o alocutário, estratégia utilizada intencionalmente pelo locutor para criar uma aproximação com seu interlocutor. Entretanto, não podemos afirmar que a ação pode ou não ser executada, uma vez que isso depende muito mais dos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Mas é certo que esse padrão é considerado, na nossa cultura, mais polido.

Precisamos, então, descrever e analisar as relações existentes entre os níveis melódicos e as possibilidades de interpretações que esses possam ter em um determinado contexto. Acreditamos que, se o falante utiliza intencionalmente o movimento melódico com a finalidade de expressar essas atitudes, esse constitui uma pista prosódica relevante no processo inferencial.

4.3.3 Ritmo acentual e silábico

Ao ouvirmos os enunciados, percebemos uma alternância entre segmentos que se sobressaem em relação aos outros em função do tempo de produção. A regularidade com que essa alternância ocorre é o que chamamos de ritmo (CRYSTAL, 1969, p. 161).

A organização do ritmo é baseada em dois princípios: algumas línguas utilizam o princípio do tempo silábico, enquanto outras têm como parâmetro o tempo acentual. Nas palavras de CAGLIARI (1980, p. 156):

Uma língua pode ter todas as sílabas com uma duração aproximadamente igual, como por exemplo, o francês, o japonês, etc. Tais línguas caracterizam-se por serem línguas de ritmo silábico. Por outro lado, uma língua pode caracterizar-se pelo fato de ter sílabas acentuadas ocorrendo em intervalos de duração aproximadamente iguais ou isocrônicos. (...) Tais línguas caracterizam-se por serem línguas de ritmo acentual.

As discussões sobre as evidências que levam a uma ou outra forma de organização perpassam os estudos prosódicos. PIKE (1945) demonstrou que o inglês, por exemplo, é uma língua acentual. Esse fenômeno implica afirmar que, nessa língua, o tempo de produção entre os acentos tendem a ser idêntico. Um exemplo dessa ocorrência é dado por COUPER-KUHLEN (1995, p. 55), conforme a seguir:

|This is the | house that | Jack | built

No exemplo, temos que os acentos das palavras “this”, “house”, “Jack” e “built” destacam-se sobre os acentos das demais palavras que compõe o enunciado. Por outro lado, num trabalho sobre a organização do rimo em Português, BARBOSA (2000) demonstra que ambos os princípios se aplicam. O autor defende que a taxa de elocução e o estilo de elocução são fundamentais para caracterizar ora um ritmo, ora outro.

Mais do que compreender se o Português se trata de uma língua de ritmo acentual ou silábico é discutir com que intenção o falante pode produzir as sílabas de um determinado enunciado com uma duração semelhante, conferindo destaque a sílabas que num enunciado neutro não aconteceria. Nesse sentido, vale frisar o que defende CAGLIARI (2002, p. 31):

Somente em casos muito especiais, toda e qualquer língua, independentemente do tipo de ritmo básico que tenha, pode ter uma pronúncia formada por uma sequência de sílabas de igual duração. Uma fala suplicante é feita desse modo, assim como o destaque que o falante quer dar a uma palavra ou expressão, ou, ainda, uma fala muito carregada de emoções fortes. Esse tipo de variação é sempre previsível e aceitável pelo sistema, sem contudo destruir o que ocorre em outras ocasiões - uso silábico ou acentual como característica básica do ritmo da língua.

Além da ideia de súplica, ressaltamos que as atitudes também podem ser expressas em função do ritmo adotado pelo locutor. No caso da figura 16, apresentada anteriormente, o ritmo silábico do enunciado, com prolongamento de sílabas átonas, traz para o enunciado um efeito de ameaça. Por outro lado, podemos perceber outro efeito na alteração do ritmo: o aumento da taxa de elocução, encurtando-se a produção de sílabas que seriam mais longas pode denotar uma atitude menos amigável por parte do locutor, caracterizando uma ordem típica.

4.3.4 Níveis de tessitura e registro

A *tessitura*, segundo MATHEUS *et alii* (1990, p. 193) *apud* CAGLIARI e MASSINI-CAGLIARI (2001), é “a escala melódica do falante, i.e, os limites em que se situam os valores mais altos e os mais baixos de F0, quando fala normalmente”. Compreendemos, então, que se trata da observação de um movimento no eixo horizontal da curva de frequência fundamental. A seguir, temos o exemplo retirado de ANTUNES (2007, p.102):

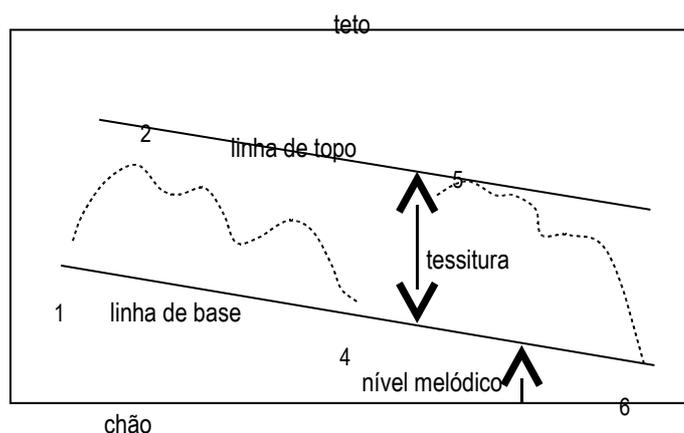


Figura 20: Esquema das medidas melódicas feitas por Mozziconacci. Fonte: MOZZICONACCI, 1998, p. 55 (*apud* ANTUNES, 2007)

Na figura 20, podemos notar que as linhas de base e de topo indicam os pontos mínimos e máximos atingidos pela curva de F0. Vemos contornos melódicos semelhantes, mas é notável uma diferença no nível da tessitura. Essa diferença, já apontada nos exemplos das figuras 10 e 11, demonstra que um movimento da frequência fundamental pode ser um ascendente ou um ascendente mais acentuado. Vale ressaltar que o efeito dessas duas produções é diferente: a pouca elevação da curva de F0 está relacionada a uma atitude mais autoritária, enquanto as elevações mais acentuadas na curva relacionam-se à fala menos autoritária, mais amigável e polida.

Tão relevante quanto a tessitura, o *registro* utilizado pelo falante também se mostra um aspecto relevante na análise dos atos diretivos de ordens e pedidos. O registro relaciona-se ao nível da escala melódica em que se realiza um padrão. Um mesmo padrão, por exemplo, ascendente/descendente, realizado em registros diferentes (mais alto ou mais baixo) pode ser um indício de expressão de uma atitude, uma vez que registros mais

baixos estão relacionados a atitudes autoritárias, enquanto os mais altos estão relacionados à expressão da afetividade.

Um exemplo disso é o fato de adultos utilizarem, na interação verbal com crianças, um nível de registro maior, o chamado *baby talk*, ao passo que, na interação com outros adultos, dependendo do contexto comunicativo, a tendência é utilizar registros mais baixos. As figuras 10 e 11 ilustram o que ocorre no caso de ordens e pedidos: as ordens geralmente são produzidas num nível de registro mais baixo, ao contrário dos pedidos, em que o registro é mais alto.

4.3.5 Alinhamento do pico de F0

Uma das principais questões nos estudos da prosódia diz respeito a como se associa a melodia ao texto. Demonstrar de que forma ocorre esse fenômeno é um dos objetivos da teoria auto-segmental (cf. PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 1996). Dentre as relações entre proeminência da curva de F0 e acento destaca-se o *alinhamento*.

O alinhamento diz respeito a como o pico de frequência fundamental está temporalmente sincronizado à produção segmental (YEOU *et alii*, 2007). Essa relação entre pico de F0 e produção do segmento pode ser implementada de diferentes formas: o alinhamento pode ser adiantado, se o pico de frequência estiver à esquerda do segmento; normal, se estiver alinhado ao meio; e tardio, se estiver alinhado à direita.

As figuras 21 e 22, a seguir, ilustram o alinhamento tardio e o alinhamento adiantado. No primeiro exemplo, na sílaba [de] e adiantado na sílaba [fa]. Os enunciados foram produzidos pelo locutor Alberto. Os dados são oriundos do corpus coletado da fala de novela, objeto do nosso estudo.

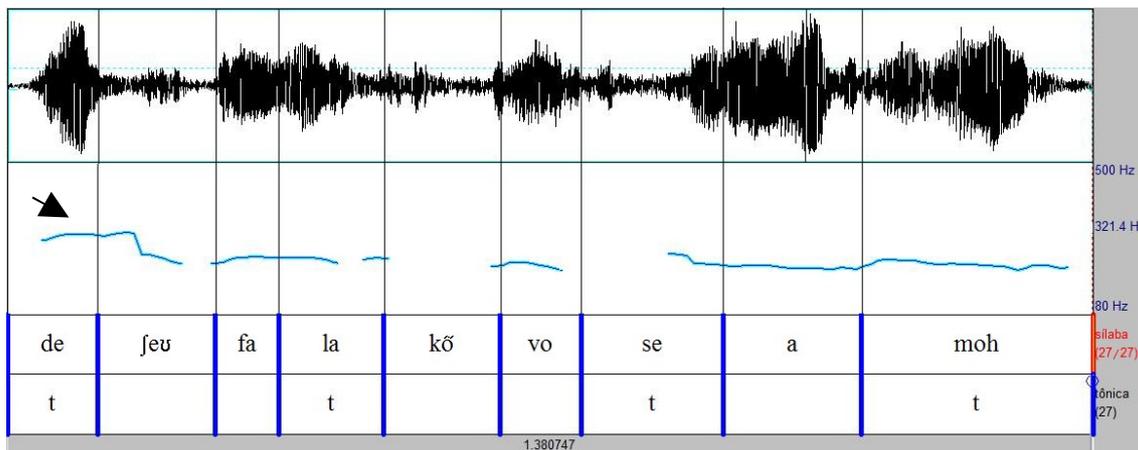


Figura 21: Forma de onda, curva de F0, transcrição e marcação de sílaba tônica do enunciado: “deixa eu falar com você, amor” (locutor Alberto): exemplo de alinhamento tardio.

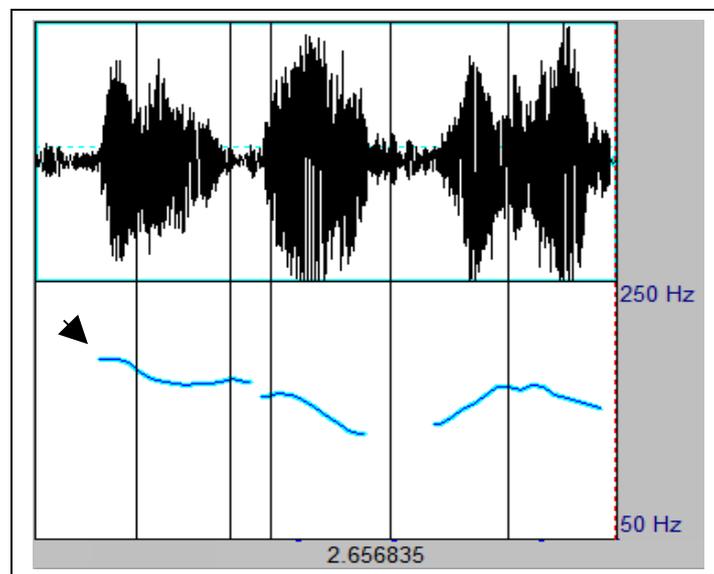


Figura 22: Forma de onda e curva de F0 para o enunciado “fala pra Ornela”.(locutor Alberto): exemplo de alinhamento adiantado.

Conforme apontamos anteriormente, no trabalho de MORAES e COLAMARCO (2006), e posteriormente em MORAES (2008) o alinhamento constitui num aspecto prosódico que diferencia enunciados de pedido da questão total. O alinhamento tardio, de acordo com os autores, está associado a padrões de pedido, ao contrário do que ocorre com as questões totais, que tem alinhamento adiantado.

É interessante notar em relação à figura 21 que o alinhamento tardio ocorre na tônica do verbo que, nesse caso, é a sílaba proeminente do enunciado. Essa estratégia prosódica é característica de enunciados de pedido. Vale ressaltar que o contexto de produção do

enunciado é posterior a uma discussão que ocorre entre o locutor e seu alocutário. Os papéis dos locutores é de pai e filha. Essa está com a porta do quarto trancada e o pai, então, faz o pedido “deixa eu falar com você, amor”.

Um dos efeitos do uso dessa estratégia é que o falante demonstra um grau de afetividade, abrindo mão da autoridade, uma vez que a alocutária encontra-se no comando da situação. Entretanto, essa inferência só é possível se considerarmos que há interação entre os fatores melodia, duração, ritmo, tessitura, registro e alinhamento são utilizadas intencionalmente para demonstrar uma atitude paciência por parte do locutor.

4.4 Discussão

Dentre as teorias de perspectiva pragmática, optamos pela Teoria dos Atos de Fala para explicar como damos ordens e fazemos pedidos em Língua Portuguesa. Mais do que apresentar uma classificação para tais atos, vimos que nossa intenção é inserir, no âmbito da TAF, a prosódia como elemento modalizador do enunciado, capaz de veicular sentido, utilizado de forma intencional pelo locutor.

Nesta teoria, ordens e pedidos são atos de fala de força ilocucionária distinta. Apesar de pertencerem à categoria dos atos diretivos e terem condições preparatórias e conteúdo proposicional semelhantes, o modo de realização do ponto e o grau de intensidade são díspares. Além disso, vimos que as diferenças prosódicas de ambos os atos não são considerados pela TAF, mesmo havendo indicações na literatura de que existem influências desses fatores na produção desses atos.

Além disso, demonstramos que não podemos associar diretamente um padrão prosódico a uma modalidade enunciativa, visto outros fatores contextuais podem influenciar os parâmetros prosódicos, como é o caso das emoções e atitudes.

Sobre esses dois estados mentais, vimos que as emoções são menos corticais e, portanto, menos controladas, ao passo que as atitudes são comportamentos controlados pelo falante. Não podemos negar que as atitudes refletem-se de alguma forma nos parâmetros prosódicos. Por exemplo, há mudanças melódicas, de duração, de tessitura e

de alinhamento que demonstram como o falante pode controlar esses parâmetros para demonstrar, no nosso caso específico, a autoridade ou a afetividade.

Vimos também que as atitudes mais recorrentes em situações de ordem e pedido são autoridade e polidez. Se por um lado a autoridade é mais evidente na ordem, a polidez é uma atitude típica do pedido. Isso ocorre em função do que nos aponta a TAF sobre as condições preparatórias para os atos de fala: é necessário que, numa ordem, L desempenhe um papel social hierarquicamente superior. Nos casos em que essa regra social é quebrada, L impõe sua vontade a A utilizando o padrão típico de ordem. No que se refere aos pedidos, notamos que a atitude de polidez é um efeito de uma maior tessitura e registro utilizados estrategicamente para essa modalização.

Além disso, elencamos, dentre as pistas prosódicas, aquelas que consideramos mais relevantes na comparação entre ordens e pedidos. Notamos, assim, que as principais diferenças na implementação dos padrões prosódicos, encontram-se relacionadas à tessitura e ao registro. Quanto a compreendermos quais as pistas contextuais convergem sobre a fala, esse parece-nos o aspecto a ser investigado no *corpus* coletado para análise.

CAPÍTULO 5: FALA ATUADA

O trabalho com fala espontânea é um fator que pode restringir as pesquisas no que se refere à prosódia, uma vez que essa situação nem sempre é passível de ser levada para um laboratório (cf. ANTUNES, 2000; 2007; NASCIMENTO, 2000; LOPES, 2001, QUEIROZ, 2007, GODOY e SILVA, 2008). Vemos que as escolhas metodológicas para os estudos dessa área sempre são feitas no intuito de levar para cabines tratadas acusticamente situações reais de comunicação, o que não garante a naturalidade do uso de parâmetros, como entonação, pausa, duração, dentre outros.

Por outro lado, parece-nos pouco possível gravar falantes em situações reais de comunicação, nas quais esses exerçam papéis sociais diversificados. Nessa situação de pesquisa, poderíamos garantir a fala espontânea, mas nos veríamos diante do dilema de não possuir um sinal acústico de qualidade suficiente para uma análise instrumental confiável. Além desse aspecto, gravar inúmeros sujeitos em vários contextos seria um problema que inviabilizaria do ponto de vista metodológico esta pesquisa, já que seria necessário monitorarmos os falantes por um tempo talvez indeterminado.

Pensando nessa questão, optamos neste trabalho pela garantia de um sinal acústico de qualidade, com falantes diversos, em situações comunicativas em que esses se encontrem em papéis sociais também diferentes. Dessa forma, escolhemos trabalhar com a fala de novelas televisivas. Tal escolha, de início, pode parecer paradoxal no que se refere à fala espontânea. Entretanto, justificamos nossa opção pelo fato de, apesar de o autor do texto fornecer as falas das personagens, não se encontram presentes os parâmetros prosódicos que serão utilizados pelos atores, que fazem uso apenas do seu conhecimento intuitivo como falantes da língua para convencer os telespectadores das atitudes de seu personagem.

Além disso, a telenovela é um programa popular. Não se dirige a uma parcela exclusiva da sociedade, como a mulher dona de casa, mas é produzida, e seus atores são preparados para tanto, tendo como finalidade atingir um público cada vez maior, o que significa que a atuação dos atores está submetida a milhares de juízes.

Assim, é necessário que investiguemos, de forma minuciosa, de forma são produzidos os capítulos de uma novela, qual a atuação do diretor, bem como a interferência do texto escrito sobre as escolhas prosódicas dos atores. No caso do nosso trabalho, a novela escolhida para estudo foi *Belíssima*, produzida pela Rede Globo de Televisão, escrita por Sílvio de Abreu cujo núcleo geral de direção é o de Denise Saraceni. A seguir, observaremos mais detalhadamente as questões levantadas anteriormente.

5.1. A telenovela brasileira

Conhecida como um produto da cultura de massa brasileira, a telenovela foi denominada equivocadamente, segundo CAMPEDELLI (1987). Etimologicamente, o termo novela situa-se no campo semântico entre romance e conto. Porém, numa tradução equivocada do espanhol (língua que deu origem às tramas adaptadas ao português) foi incorporada pelos produtores dos textos que se destinavam à dramaturgia no rádio e posteriormente foi levado para o meio da televisão. Marcos Rey, citado por CAMPEDELLI (1987) confere às obras televisivas o nome pela qual essa é conhecida no meio acadêmico – folhetim – o sentido mais próximo que pode rotular tal produto.

As primeiras telenovelas brasileiras datam da década de 60. Inicialmente produzidas ao vivo e, aos poucos, com uma produção cada vez mais detalhada, os folhetins ganharam um espaço cada vez maior numa grade de programação que visa o lucro. A estratégia de criar um texto que se subdivide em partes – os capítulos – entrelaçados de modo que as histórias narradas progridem dia após dia é uma forma de garantir a audiência.

As críticas em torno desse produto televisivo são feitas em função de muitos a considerarem uma arte menor que a literatura, o cinema ou o teatro. No caso do nosso estudo, a telenovela encontra-se no ponto ideal para ser utilizada como material de estudos. A encenação teatral não nos pareceu uma saída metodológica ideal, pois os falantes comuns (não-atores) não a reconhecem como fala espontânea. O uso da técnica

vocal, por exemplo, como a projeção da voz para um ambiente acusticamente tratado não serviria aos nossos propósitos de estudos dos parâmetros prosódicos. Além desses aspectos, a análise detalhada da personagem e os inúmeros ensaios são fatores que influenciam na ação do ator. Surgiu, então, a hipótese de utilizar a fala de filmes cinematográficos.

Entretanto, um fator negativo pesou contra a fala de cinema. Durante o tratamento das cenas, muitas falas são inseridas *a posteriori*, não caracterizando a fala espontânea que buscamos descrever. Assim, trata-se menos de discutir aqui o *status* artístico de uma novela. Ao contrário: trata-se de ampliar o escopo dos trabalhos de pesquisa sobre fala, que podem buscar nas novelas uma base de dados para a compreensão do funcionamento da prosódia da língua. Vemos, assim, que, em função de nosso propósito de pesquisa, a fala de novela torna-se o ponto de partida para muitos outros trabalhos que busquem investigar a fala.

Sobre a superestrutura que rege uma telenovela, vale destacar que a caracterização, do ponto de vista da fala, de mocinhos e vilões. CAMPEDELLI (1987) faz referência à obra de Décio de Almeida Prado para quem:

O mal (...) não decorre de causas sociais, não possui razões psicológicas complexas, não nasce da incompreensão, da neurose, do desencontro de opiniões ou de personalidades. Tem sempre forma concreta, personifica-se num indivíduo propositadamente mau: o tirano ou o vilão. Às vezes, este foco de malignidade organiza em volta de si uma rede que funciona às ocultas, com nomes fictícios, usurpando cargos e títulos aristocráticos: é a conspiração, a trama diabólica. A dificuldade, para as vítimas, consiste em desencavar a verdade, sepultada sob várias camadas de mentira.

A visão de PRADO é depois confirmada por CAMPEDELLI (1987) ao caracterizar mocinhos e vilões cujas ações serão narradas na telenovela: um herói deve ser um ator que se assemelhe a um membro familiar, enquanto o vilão “deve ter a voz metálica, áspera”. Essas características, somadas aos enredos e à co-participação do público – que decide quem fica e quem deve abandonar a trama – consiste em aspectos que caracterizam a telenovela brasileira.

Sobre tal questão é necessário salientar que fazer o público acreditar na veracidade das ações da personagem é para o ator um ponto fundamental. A permanência da

personagem no ar é condicionada, também, pela forma de composição dada a ela. Nesse ponto insere-se como o ator utiliza a prosódia. Na discussão sobre modalidade e modalização, vimos que a prosódia é uma estratégia para demonstrar a atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional ou frente ao alocutário. Assim, os milhares de juízes para quem o texto da telenovela se dirige são exigentes no que se refere a esse quesito: caso o ator, no seu trabalho, não os convença, é provável que seu tempo dentro da trama possa ser encurtado.

Percebemos, então, a importância de se compreender como é feito o trabalho de levar ao ar o capítulo de uma telenovela. Dentre as tarefas que compõem esse trabalho, encontram-se a elaboração do *script*, ou roteiro, a gravação dos capítulos e a edição final.

5.2. Do *script* à sonorização

Antes de fornecer o *script* para os atores, o autor cria os *plots*³⁸: as histórias em que as personagens estão envolvidas. Nessa criação, são traçadas as linhas gerais das características de cada personagem. A partir dessas informações, o ator pode criar, fazendo os chamados laboratórios, a sua personagem. Vale ressaltar que essas informações são genéricas, não se assemelhando ao trabalho desenvolvido no teatro, por exemplo.

O roteiro da novela é produzido observando-se os *ganchos*³⁹. As cenas são agrupadas em blocos separados por comerciais. Cada gancho deve terminar com uma cena de clímax, de modo que o telespectador se interesse por saber qual será a sua continuação.

No que se refere às cenas, essas são indicadas no roteiro por um número, que servirá para a edição do capítulo. No início de cada uma, são indicados pelo autor o lugar físico em que ela acontecerá, bem como se se trata de uma tomada interna (dentro do estúdio) ou uma externa (fora do estúdio). Além disso, a informação “dia” ou “noite” sucede ao tipo de tomada. Os movimentos da câmera também são previstos pelo autor.

³⁸ Conforme CAMPEDELLI (1987).

³⁹ De acordo com COMPARATO (1983) *apud* CAMPEDELLI (1987), “momento de grande interesse que precede o comercial”.

Os diálogos das personagens são precedidos da indicação de quem terá o turno. Cada turno é um ato de fala, em que o autor apresenta entre parênteses informações sobre a atitude, ações e emoções que o ator deverá transparecer na encenação. A seguir, temos um exemplo de um trecho de *script* da novela *Belíssima*⁴⁰:

CENA 4
ESCRITÓRIO DA DIRETORIA DA BELÍSSIMA – INTERIOR/DIA

A MÃO DE YVETE ENTRA EM QUADRO E LIGA UM IMENSO MONITOR DE TELEVISÃO. AS IMAGENS DAS MODELOS E DO TUMULTO CAUSADO PELA PROMOÇÃO APARECEM NA TELA. CÂMERA SE AFASTA MOSTRANDO BIA E JÚLIA, ATENTAS ÀS IMAGENS, ENQUANTO DEIXAM SUAS BOLSAS, TIRAM CASACOS ETC... YVETE TAMBÉM ESTÁ NA SALA:

JÚLIA – (MEIO NERVOSA - DISCRETA) O Jubileu da Belíssima deveria ser comemorado como sempre foi/... (T) Um desfile fechado para os nossos principais compradores/...

BIA – (ATENTA À TELEVISÃO - GESTO TRIVIAL) Júlia/...

CÂMERA VOLTA PARA A TELA ONDE AGORA SE VÊ UM GRUPO DE PROTESTO, TIPO PASSETA DOS ANOS 60, PELO VIADUTO DO CHÁ, NO MEIO DO POVO. NAS TABULETAS E FAIXAS SE LÊ: ABAIXO A IMORALIDADE – A FAMÍLIA BRASILEIRA PROTESTA CONTRA A LIBERTINAGEM – QUEREMOS A DECÊNCIA DE VOLTA – ABAIXO A POUCA VERGONHA – A IMORALIDADE CORRÓI A SOCIEDADE – EM FAVOR DA FAMÍLIA CONTRA A BAIXARIA – E OUTROS DIZERES. O GRUPO DE PROTESTO AVANÇA:

JÚLIA – (SE MOVIMENTA - PREOCUPADA) Meu Deus, até grupo de protesto/...

Figura 23: Script original da primeira cena da novela *Belíssima*. Autor: Sílvio de Abreu

No exemplo do *script*, aparecem primeiramente o número da cena e o ambiente em que essa acontecerá. A seguir, há uma descrição do que devem ser os movimentos de câmera e dos atores na tomada. O turno de cada personagem é indicado e a seguir tem-se a rubrica. Nelas, não vemos diferenças entre atitude, emoção ou ação, o que, a nosso ver, é um aspecto importante, já que o autor fornece apenas um indício do que o ator deve fazer. Vale notar que as indicações registradas no texto sobre a prosódia restringem-se às pausas. Para isso, o autor utiliza os sinais gráficos vírgula, barra e reticências. Não há, dessa forma, muitas informações que orientem o ator sobre como ele deve utilizar os parâmetros prosódicos em sua atuação.

⁴⁰ Trecho do *script* original do primeiro capítulo.

O processo de sonorização é um dos pontos que nos interessa na transposição do texto do roteiro para a cena que será televisionada. Deve haver identidade entre a proposta do autor da novela e o trabalho da direção de produção, uma vez que a atuação deve ser fiel às rubricas. Nesse momento, entra o conhecimento prosódico do ator que precisa representar nesse nível as indicações fornecidas no roteiro.

POSTIGO (2001), na sua dissertação de mestrado sobre relação de autoria nos textos de telenovela, apresenta dados sobre essa questão. O autor afirma que existem diferenças do ponto de vista da mudança de vocabulário e da sintaxe quando se compara o texto do *script* e a atuação do ator na cena. Essas diferenças incluem como o ator vai proferir os enunciados. Por essa razão, acreditamos que o texto de novela é adequado para uma análise prosódica. Apesar de não se tratar de fala espontânea, em função de que existem as marcações feitas pelo autor, é a partir de experiência como ator e como falante nativo da língua que esse constrói as características de fala de sua personagem.

Antes da gravação da cena é feito um ensaio, no qual o diretor indica como a cena deve transcorrer. Vale ressaltar que o trabalho de direção varia de profissional para profissional. Isso para nós é um dado relevante, já que são inúmeras as cenas gravadas diariamente, o que diminui consideravelmente o tempo de preparo para a encenação.

O processo de edição, posterior à gravação das cenas no estúdio ou na rua, é feito numa sala com equipamentos específicos para esse fim. Nesse momento, é feito o tratamento sonoro da cena: inserem-se as músicas de fundo, bem como outros ruídos relevantes no contexto da cena. Feito esse trabalho, o capítulo está pronto para ser televisionado.

Como o processo de produção de um capítulo de um folhetim requer pouco preparo artístico, diferente de uma minissérie, por exemplo, consideramos que o *corpus* elaborado a partir da fala de novela consiste numa boa alternativa para estudos prosódicos em que se tenha como objetivo estudar, por exemplo, um falante em vários papéis sociais. Como ainda não é possível gravar os locutores em situações reais de interação, essa pode ser uma opção metodológica interessante para esses trabalhos. Além disso, no texto da novela temos inúmeras sucessões de atos de linguagem contextualizados, o que pode suscitar novos estudos sobre outros atos de fala.

CAPÍTULO 6: METODOLOGIA

Diante do exposto e em função dos objetivos deste trabalho, propusemo-nos identificar os atos de fala ordem e pedido dentro do contexto de enunciação, bem como fazer o levantamento dos valores de frequência fundamental (F0) e duração, de cada um dos enunciados e das sílabas proeminentes e tônicas. Procuramos também relacionar os aspectos contextuais à análise prosódica e verificar em que medida esses fatores contribuem para a expressão de atitudes. Além disso, estudamos também o alinhamento do pico de F0 na sílaba proeminente.

De acordo com o que apresentamos anteriormente, na perspectiva da TAF, em situações reais de comunicação, a relação entre os locutores é um dos fatores que condiciona o tipo de ato de fala. Vimos também que a expressão da cortesia ou da autoridade, nesses contextos, depende muito mais dos parâmetros prosódicos que propriamente da escolha dos itens lexicais.

Uma vez que, intuitivamente, os falantes reconhecem a diferença entre ordens e pedidos, já que esses podem inferir, a partir do modo como o locutor produz o enunciado, algo como “estou recebendo uma ordem” ou “o locutor está apenas fazendo um pedido”, a questão que nos colocamos refere-se a de que maneira esses parâmetros acústicos servem como pistas na interpretação de atitudes em cada uma dessas forças ilocucionárias.

Por essa razão, buscamos refletir sobre a influência do contexto nos atos de fala bem como propomos uma interpretação das atitudes expressas nos enunciados. Isso significa que, além de todas as informações contextuais, como quem são os participantes do ato de fala, por exemplo, partimos do pressuposto de o locutor utiliza a prosódia como modalizador, ou seja, como uma estratégia para minimizar ou potencializar uma atitude

de autoridade nos atos de ordem ou para imprimir uma marca de polidez aos atos de pedido.

Assim, assumimos que a força ilocucionária sofre a modalização da atitude do falante, nesse caso específico a autoridade ou polidez, que leva a uma configuração específica dos parâmetros prosódicos. A seguir, temos as indicações de como procedemos na análise para cumprir tais objetivos.

6.1 Coleta dos dados

As discussões metodológicas sobre o trabalho na área de prosódia consideram a relação entre a qualidade do sinal e o nível de interferência de ruídos externos (cf. REIS, 1995; ANTUNES, 2000; NASCIMENTO, 2000; LOPES, 2001). Uma vez que a nossa proposta é estudar a produção dos enunciados diretivos de ordem e pedido, considerando o contexto de produção, além de relacionar esse contexto às atitudes dos locutores, faz-se necessário observar essa questão.

Obter os dados a partir de gravação em câmara acústica não nos garantiria o contexto que necessitaríamos para proceder a uma análise pragmática da prosódia. Procuramos, então, elaborar um *corpus* em que os locutores da situação estivessem em interação, observando o princípio da boa qualidade do sinal acústico, que permitisse a análise instrumental.

Pensando nessas questões, propusemos, então, que fossem coletados dados a partir de um *corpus* gravado de fala de diversas personagens de uma novela televisiva. Apesar de não refletir um dialeto específico, reconhecemos, de uma forma geral, que a prosódia utilizada pelos atores é compreendida como a da variedade da língua portuguesa falada no Brasil. Além desse aspecto, há o fato de podermos ter acesso a situações de comunicação variadas, nas quais podem ser identificados diferentes papéis sociais. No caso da novela, é possível encontrarmos diálogos entre patrão e empregado, pais e filhos, marido e esposa, por exemplo.

Conforme apontamos no capítulo 5, outro fator que deve ser considerado como positivo no sentido de que seja utilizado esse tipo de *corpus* diz respeito ao tipo de instrução

recebida pelo ator, quando do recebimento das falas que serão decoradas e depois encenadas: não existe uma indicação de que tipo de padrão entonativo deverá ser utilizado. De acordo com o exposto no capítulo anterior, são determinadas, na verdade, as emoções, como, por exemplo, raiva ou alegria, ou mesmo atitudes, como se utiliza no senso comum. Assim, no texto escrito, não há tantas informações que interfiram na expressão prosódica das atitudes.

Optamos, dessa forma, por selecionar os atos diretivos de ordem e pedido de uma novela televisiva. A escolhida foi a novela *Belíssima*, transmitida pela Rede Globo, no horário de 21 horas, por ser aquela transmitida no período de elaboração do projeto definitivo deste trabalho. Para tanto, foi utilizado um gravador de DVD da marca Phillips, modelo DVDR 3355, que capta a imagem da antena externa VHF, em canal aberto. Os dados gravados no DVD, tanto som quanto imagem, foram transpostos para o computador Asus, Pentium 4, no formato mpeg, resultando num total de 60 horas de gravação.

Uma vez armazenados os arquivos, passamos à editoração. Primeiramente, fizemos a seleção de todas as cenas da personagem, cuja fala seria analisada, em pastas separadas por locutor. Os arquivos resultantes dessa etapa foram transcritos ortograficamente⁴¹ pela equipe de estagiárias do Laboratório de Fonética da FALE/UFMG, conforme o exemplo a seguir:

Julia 26

J: (...) mas que coisa () como é que foi isso?() me conta como é que isso aconteceu

1: uma briga MEDONHA dona Julia() dona bia() tinha saído e de repente() ela VOLTOU() JUSTO na hora que o doutor André tava me dizendo que ia botar ela pra fora de casa

2: ah Meu Deus e a gente PERDENDO isso () os dois se engalfinhando () deve ter sido uma cena EMOCIONAN:::TE:::

Na transcrição, o nome do arquivo aparece antes do texto da cena. Passamos, então, para a identificação das ocorrências de enunciados de ordem e pedidos; no texto da transcrição. A partir disso, foram criados novos arquivos em formato *.wav*, no programa

⁴¹ Salientamos que os parâmetros para a transcrição ortográfica seguem o padrão utilizado pelo LabFon encontram-se no anexo II.

Praat, versão 4.4.34 contendo somente enunciados de ordem ou pedido, sem a fala do alocutário. Nesse momento da edição foram perdidos muitos dados, uma vez que foram descartados todos aqueles cuja música da trilha sonora ou cujos ruídos de sonoplastia inviabilizavam a análise instrumental.

Também foram descartados os arquivos que apresentavam sobreposição de vozes dos locutores, pois não forneciam uma análise instrumental confiável.

6.1.1. Escolha das variáveis

Como nosso objetivo foi verificar a relação existente entre prosódia e contexto, elegemos como variáveis independentes: 1) sexo – masculino ou feminino – dos falantes envolvidos no contexto; 2) ambiente em que ocorrem os enunciados – família, trabalho ou outro ambiente em que a personagem produza um enunciado com força ilocucionária de ordem ou de pedido; 3) a força ilocucionária do ato de fala – necessariamente, uma ordem é dada ou um pedido é feito com o uso de sentenças imperativas ou com ou sem qualquer outra forma verbal; e 4) papel social dos locutores – pai/filho(a); patrão/empregado; amigo/amigo, de acordo com a função das personagens na cena da novela.

Justificamos a escolha de tais variáveis por se tratar de fatores extralinguísticos que interferem nas escolhas Linguísticas: percebemos que homens usam estratégias Linguísticas diferentemente de mulheres (HOLMES, 1995), além do fato de o lugar físico e a relação entre os interlocutores, bem como as intenções comunicativas, levarem a escolhas lexicais, e sobretudo prosódicas, diferenciadas.

Como variáveis dependentes nossa proposta foi analisar o movimento de frequência fundamental, F0, (inicial, medial e final, além do perfil do movimento melódico) de cada uma das sílabas proeminentes e de sílabas tônicas, bem como a duração das sílabas proeminentes e o registro de alinhamento do pico de F0 nessas mesmas sílabas.

6.1.1.1 Informantes

No primeiro momento de nossa pesquisa, foi necessário determinar a escolha de quais das personagens teriam suas falas analisadas. Determinamos que, dentre o universo de personagens, escolheríamos duas do sexo masculino e duas do sexo feminino que tivessem um maior número de cenas, ou que pelo menos estivesse presente em várias delas. Isso nos forneceria um maior número de dados para serem selecionados, já que não determinamos, nessa fase, quais seriam os enunciados para análise instrumental.

Além disso, foram descartadas as personagens que eram “estrangeiras”, por causa do sotaque de muitas delas. Por essa razão, foram escolhidas as personagens Bia Falcão, interpretada por Fernanda Montenegro; Júlia Assumpção, interpretada por Glória Pires; Alberto Sabatini, interpretado por Alexandre Borges; e André Santana, interpretado por Marcello Antony.

Para o estudo piloto, uma dessas personagens foi escolhida, de forma a testarmos os parâmetros escolhidos para análise. A escolha recaiu sobre Bia Falcão, interpretada por Fernanda Montenegro. O motivo de termos optado por essa personagem deve-se ao fato de essa ser central na trama, além de circular por diversos núcleos, interagindo com diversas personagens. Além disso, o perfil autoritário de Bia nos permitiu identificar várias situações de uso de ordens, que é pouco recorrente no caso das outras personagens.

Sobre as características de Bia Falcão, vale ressaltar que é uma mulher rica, tem poder de decisão sobre a vida de todos que a cercam. É manipuladora: atinge seus objetivos de forma inescrupulosa, nem que para isso precise corromper ou mesmo tirar a vida de alguém. A interpretação da atriz também é um ponto que deve ser salientado. A composição dessa vilã típica de novela passa pelo convencimento dos espectadores, que abominam suas atitudes perversas, não apenas por suas atitudes, no plano da execução, quanto pelo cuidado com a expressão Linguística, incluindo-se, aí, as questões prosódicas.

Na fase posterior ao projeto piloto, foram analisadas as falas das outras personagens. Sobre as características da personagem Júlia, interpretada por Glória Pires, essa é neta de Bia. É presidente da empresa em que trabalham tanto Bia, quanto Alberto e André. Possui uma relação conturbada com a avó, que a culpa pelo acidente ocorrido com seus

pais. Além disso, ao longo da trama casa-se com André, até então operário. Sua personalidade revela aspectos de introspecção e seriedade.

André Santana (Marcello Antony), outra personagem selecionada, inicia a trama como operário de uma das empresas do grupo de Júlia. Ao longo da trama, casa-se com a empresária, tomando para si todos os bens da família. Porém, ao final da história, fica claro que, apesar de seu casamento com Júlia, na verdade, ele fazia parte do plano de Bia para destruir Júlia.

Alberto (Alexandre Borges), por sua vez, é ligado ao núcleo humorístico da novela. Na empresa, ocupa um cargo de confiança na diretoria. Sua personalidade revela a infidelidade conjugal como destaque de seu perfil. Durante a trama, casa-se com a meia-irmã de André, Mônica. Durante o casamento, mantém um relacionamento extra-conjugal com Rebeca. É pai de Giovana e de Toninho.

Assim, uma vez selecionadas as personagens a serem analisadas, procedemos à identificação das cenas em que eram utilizados os atos de fala de ordem e de pedido de cada uma das personagens.

6.1.1.2 Enunciados

Em várias situações cotidianas, como em ambientes de trabalho ou em casa, os atos diretivos, com força de ordem ou de pedido, são utilizados com certa frequência pelas personagens selecionadas. Como não determinamos previamente quantas sentenças seriam analisadas, buscamos observar, então, um número mínimo para que pudessem ser feitos os cálculos estatísticos de significância. Assim, dentre os turnos produzidos pelas personagens, selecionamos 108 enunciados com força ilocucionária de ordem ou pedido que proporcionaram uma análise instrumental confiável.

Conforme discussão do capítulo 3, adotamos inicialmente que os parâmetros para classificar os atos como ordens ou pedidos seria apenas a relação entre os locutores, assim como define a Teoria dos Atos de Fala. No decorrer da análise, contudo, percebemos que nem sempre esse critério é suficiente para categorizá-los. Ocorre que, há

situações em que a relação entre os locutores é assimétrica ($L > A$), mas o padrão prosódico utilizado é de pedido. Surgiu, assim, uma questão: como classificar o ato de fala?

A partir dessa questão, adotamos uma decisão metodológica baseada no seguinte raciocínio: se o que difere um pedido de uma ordem é o fato de que o primeiro está sujeito à recusa de execução da ação, porém, nada nos garante que o alocutário se sinta na obrigação de cumprir o conteúdo proposicional proposto no enunciado; logo, nem sempre a relação entre os locutores é o mais importante na enunciação de um ato.

Na verdade, parece-nos que além de serem observadas essas regras socialmente impostas, e que são previstas na TAF, ainda há outros fatores que interferem nessa complexa relação. Por exemplo, citamos o fato de que se L realmente deseja que A cumpra o conteúdo proposicional, deve usar outras estratégias para esse fim. Como, a nosso ver, uma delas é a prosódia, então decidimos por não descartar o aspecto prosódico na classificação do ato de fala.

Dessa forma, para rotular o ato de fala como ordem ou pedido, observamos a interação entre os dois critérios: relação entre os locutores e padrão prosódico utilizado. Tomada essa decisão, passamos à catalogação dos dados. Nesse momento, os turnos das personagens foram alocados numa tabela. A seguir, temos o exemplo desse procedimento para a personagem Alberto:

Tabela 1: Identificação do ato de fala. Locutor: Alberto Sabatini

Enunciado	Ato de fala	
	Alocutário	FI
conta aí	amante	P
Conta	amante	P
conta vai	amante	P
num faz isso	filha	P
abre a porta filha	filha	P
num fala assim com o pai vai	filha	P

Outra decisão que tomamos foi não excluir os dados que apresentassem partículas modalizadoras como o “vamos” e o “por favor”. Vale frisar que o uso desses termos não altera a configuração melódica do enunciado, mas que constituem elementos que trazem uma contribuição relevante para a análise dos atos de fala diretivos.

Além desses aspectos, é importante ressaltar que também analisamos os enunciados em que não havia a presença de um verbo. Assim, uma vez composto o nosso *corpus* de enunciados e identificadas as forças ilocucionárias de ordens e pedidos, procedemos na análise do contexto.

6.1.1.3 O contexto

Os enunciados analisados foram produzidos em situação de interação com outras personagens da trama, em ambientes diversos, com relações sociais também diversificadas. Assim, e conforme apresentamos no capítulo 2, o contexto nos ofereceu uma gama de variáveis que, potencialmente, poderiam ser analisadas neste estudo.

De forma a delimitarmos nossa análise, escolhemos os fatores contextuais apontados por VAN DIJK (1992). Foram eles: situação pública ou privada, formal ou informal; *status* entre os interlocutores, sexo do locutor, relação entre os interlocutores e funções dos interlocutores. Esses dois últimos permitiram-nos compreender a atitude do falante frente ao alocutário.

Observando esses critérios, percebemos que graus de formalidade diferenciados são utilizados em função das categorias apontadas por VAN DIJK (1992). Procuramos observar, assim, se o comportamento de um mesmo locutor é modificado de acordo com interlocutores com os quais possa interagir. No núcleo familiar, por exemplo, notamos que as ordens ou os pedidos podem ser feitos de formas distintas do que ocorre no ambiente de trabalho, conforme já demonstrado por WICHMANN (2004).

De acordo com que propomos, as escolhas prosódicas, assim como escolhas lexicais e sintáticas, dependem da forma como essas relações ocorrem no contexto enunciativo. Caso o alocutário não pertença ao grupo de pessoas de quem o locutor goste, por exemplo, isso refletirá no uso de padrões prosódicos específicos.

Colocamos como ponto a ser investigado, ainda no que se refere ao contexto e segundo as orientações teóricas apontadas nos capítulos 2, 3 e 4, a influência dos papéis dos locutores e alocutários na produção/interpretação das atitudes nos enunciados de ordem ou pedido. Sabemos, por exemplo, que a relação patrão/empregado mostra que uma hierarquia deve ser respeitada e que esta, portanto, terá reflexos nas construções Linguísticas de ambos os discursos.

Além da atitude em relação ao alocutário, faz-se necessário compreender de que forma é expressa a atitude proposicional. As principais discussões da literatura (cf. capítulo 4) apontam para esse fator contextual como o principal problema a ser investigado. Procuramos compreender, no âmbito deste trabalho, como o locutor utiliza as pistas prosódicas como marcas a serem interpretadas pelos alocutários sobre como seus enunciados devem e podem ser compreendidos.

Dessa forma, elaboramos uma tabela que contém as informações contextuais, que reproduzimos no exemplo do quadro 7 a seguir:

Quadro 7 - Fatores contextuais por locutor

Locutor: Bia Falcão

	Público/privado	Formal/informal	Status	Relação	Função social
E1ordem	privado	informal	prestígio	autoridade	Patrão
E2ordem	público	formal	prestígio	autoridade	Patrão
E3pedido	privado	informal	prestígio	autoridade	Bisavó
E4pedido	privado	informal	-----	amizade	Amiga

Depois desse levantamento, verificamos a expressão da autoridade e da polidez nesses atos. Contudo, isso não excluiu a possibilidade de serem identificados outros tipos de atitudes. Um exemplo disso foram os casos em que notamos a ocorrência de atitudes como desafio e impaciência, em enunciados de ordens das personagens selecionadas para análise.

6.2. Análises

O procedimento metodológico de análise foi dividido em dois momentos distintos: um primeiro, que consistiu na segmentação dos enunciados, de acordo com o que a literatura indica como pontos relevantes a serem considerados; e, um segundo, no qual os dados foram submetidos ao tratamento estatístico.

6.2.1. Critérios para mensuração

Após a coleta dos dados, conforme citamos anteriormente, esses foram armazenados em um disco de memória estendida, de forma a procedermos a análise instrumental no programa de análise prosódica Praat, versão 4.4.34. No programa, são extraídas as curvas de frequência fundamental, bem como são medidas duração e alinhamento, de modo a se verificar que tipo de influência do contexto podem sofrer esses correlatos acústicos.

O procedimento seguinte foi a construção das planilhas no programa Excel. No programa StatView foram aplicados testes de significância para verificarmos se as variáveis independentes realmente influenciam as medidas acústicas, bem como em que proporção exercem essa influência. A partir dos resultados desses testes, poderemos dizer se a situação formal, em que estejam envolvidos um homem e uma mulher, num local público, em que a relação entre os locutores seja profissional, por exemplo, favorece uma atitude específica. É possível examinar também como se comportam os correlatos acústicos frequentemente utilizados em cada uma das situações.

6.2.2 Análise instrumental

Conforme indicado pela literatura (PIERREHUMBERT, 1980; REIS, 1995; LADD, 1996; WICHMANN, 2000) alguns correlatos acústicos da prosódica correlacionam-se de forma mais evidente com a expressão da atitude, a saber o tempo, a intensidade e a curva de frequência fundamental. Para esse estudo, descartamos a hipótese de lidar com o parâmetro intensidade, por não termos controlado o fator da distância entre o microfone e a boca do falante.

No que se refere ao tempo, fizemos duas medidas: uma da duração total do enunciado e uma segunda que foi a duração das sílabas proeminentes dos enunciados (HALLIDAY, 1967). Cada enunciado possui uma sílaba proeminente. Contudo, notamos que relativamente, em função do número de sílabas dos enunciados, havia outras tônicas que também se destacavam. Nesses casos, como o número de sílabas não foi uma variável controlada, optamos por medir a duração daquelas que, na análise auditiva, foram enfatizadas pelos locutores.

A seguir, temos um exemplo de como foi feita a medida da duração dos segmentos:

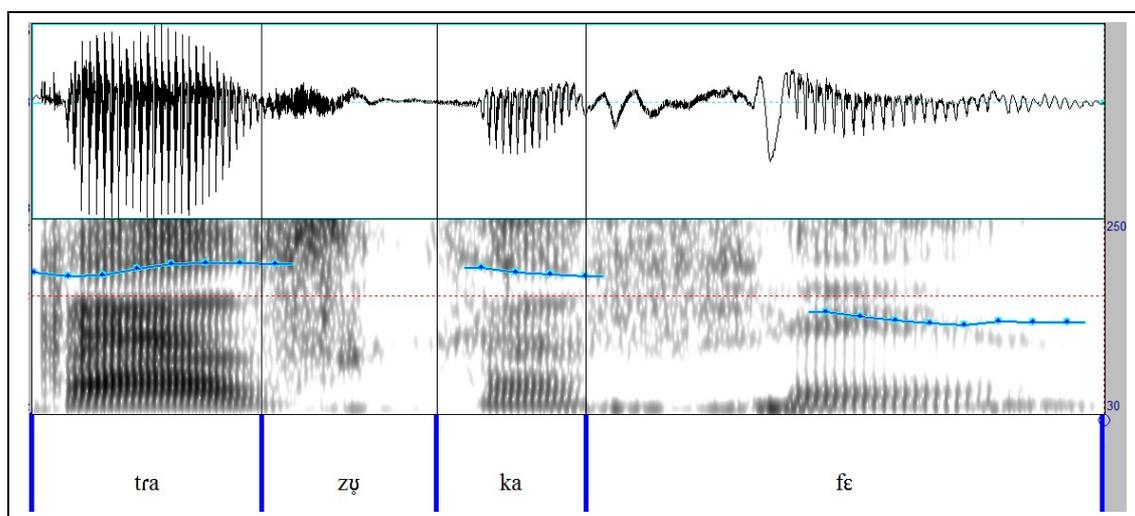


Figura 24: Forma da onda, espectrograma e curva de F0 do enunciado "Traz o café".

Na figura 23, ilustramos a segmentação dos enunciados para medir a duração dos segmentos. Para essa tarefa, utilizamos como base o espectrograma de banda larga, de modo a identificarmos as fronteiras dos segmentos. O programa de análise acústica utilizado fornece, ao se colocar o cursor nas fronteiras, o tempo utilizado pelo falante para produzir cada segmento.

Além da medida de duração das sílabas proeminentes e das tônicas, medimos também o movimento melódico dessas mesmas sílabas. Assim, no que se refere à curva de frequência fundamental, os parâmetros selecionados foram o ponto inicial e final do enunciado, bem como a F0 inicial, medial e final de cada sílaba proeminente. Esses pontos são considerados pela literatura aqueles que melhor representam o traçado de frequência para análise quantitativa. A seguir, temos um exemplo de como foi feita essa segmentação:

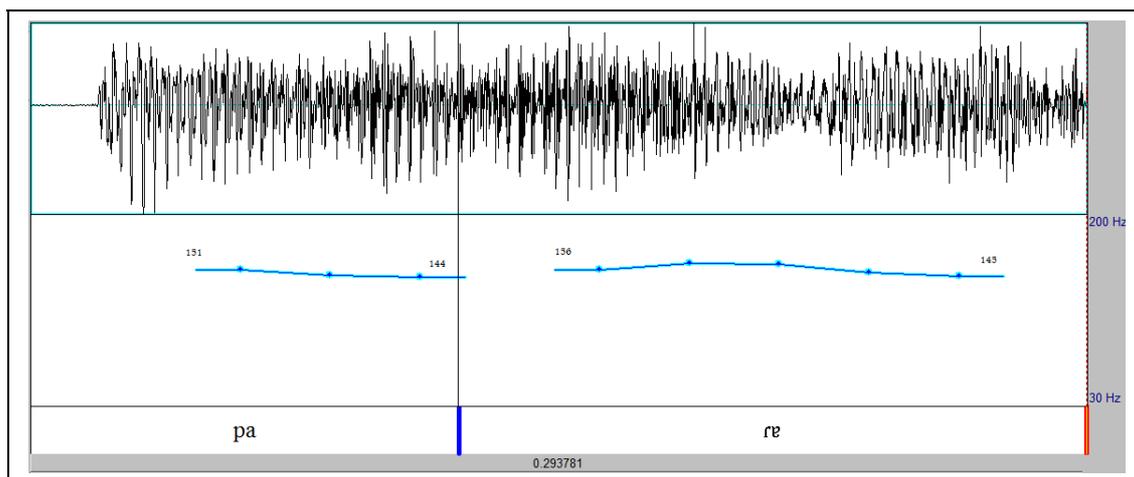


Figura 25: Forma da onda e curva de F0 (valores em Hz) do enunciado “Pára”, do locutor Bia.

No exemplo da figura 25, os valores iniciais e finais de cada sílaba representam o tipo de movimento melódico que foi encontrado em cada sílaba. No caso do exemplo acima, a primeira sílaba é nivelada num nível mais baixo de frequência, enquanto a sílaba final, átona, apresenta um movimento descendente, porém num nível melódico mais alto que a sílaba tônica do verbo. Durante a produção, percebe-se que, pelo fato de o enunciado ter sido reproduzido pela terceira vez, infere-se uma atitude de impaciência do locutor.

As medidas de F0 inicial e final nos ajudaram a verificar a taxa de variação melódica: diminuímos a frequência fundamental inicial da frequência final. Essa variação nos aponta que tipo de movimento melódico (ascendente, descendente ou nivelado) é utilizado mais frequentemente para focalizar as sílabas consideradas proeminentes.

Além disso, procuramos observar qual a posição do enunciado a sílaba proeminente ocorre. Esse dado foi observado porque, na literatura, é defendido que, para se perceber a modalidade, o locutor produz movimentos melódicos relevantes no final do enunciado. Dessa forma, procuramos investigar se o mesmo ocorre no caso de ordens e pedidos.

A hipótese defendida por ANTUNES (2007), segundo a qual, ao expressar a atitude, o locutor não altera a modalidade do enunciado, é por nós compartilhada. Para a autora, uma questão parcial com interesse não perde suas marcas prosódicas – contorno melódico descendente, com início alto – pelo fato de o locutor acrescentar e de o alocutário perceber uma atitude, por exemplo, de interesse. Da mesma forma, adotamos

como pressuposto que o padrão prosódico das forças ilocucionárias de ordem ou pedido não é alterado pela expressão da atitude. Antes, a atitude soma-se ao fator modalidade, bem como à força ilocucionária, o que funciona como uma pista para as inferências do ouvinte.

Em relação ao alinhamento, observamos se o pico de F0 na sílaba proeminente estava alinhado à parte inicial, medial ou final da vogal dessa mesma sílaba. Para isso, foi medida a duração da vogal dessas sílabas e em seguida registramos em que momento da produção da vogal se alinhava o pico de F0. Assim, determinamos quatro pontos de alinhamento: inicial (I), medial (M), final (F) e nivelado (N). Essas informações foram analisadas de forma a percebermos se existe alguma correlação entre força ilocucionária a alinhamento, conforme apontam MORAES e COLAMARCO (2006), bem como se há correlação também em relação à atitude.

As informações de duração, frequência fundamental e alinhamento foram alocadas em uma tabela, de modo a receberem o tratamento estatístico. Encontra-se, a seguir, nos quadros 8, 9 e 10, um exemplo de como foram arrolados os dados quantitativos e qualitativos dos enunciados e das sílabas proeminentes. Na tabela, alocamos os valores de duração total do enunciado (DTE), frequência fundamental inicial do enunciado (F0ie), frequência fundamental final do enunciado (F0fe), F0 medial (F0me). A coluna “forma da curva no enunciado” foi utilizada para anotarmos manualmente o desenho da curva melódica:

Quadro 8: Dados quantitativos e qualitativos A (enunciado)

Enunciado					
Número de sílabas	DTE	F0ie	F0fe	F0me	Forma da curva no enunciado
3	0,431	122	153	141	
3	0,431	122	153	141	
2	0,335	118	150	105	
2	0,537	192	223	192	
2	0,537	192	223	192	

No quadro 9, temos sílaba proeminente (SP), duração (dur), F0 inicial da sílaba (F0is), F0 final da sílaba (F0fs) e F0 medial da sílaba (F0ms). A coluna “mais valores” foi utilizada quando ocorreram movimentos em que apenas três pontos não foram

suficientes para caracterizar a melodia. A coluna “forma da curva na sílaba” foi utilizada para anotarmos manualmente o desenho da curva melódica.

Quadro 9: Dados quantitativos e qualitativos B (sílabas proeminentes)

<i>Sílabas proeminentes</i>							
<i>SP</i>	<i>dur</i>	<i>F0is</i>	<i>F0fs</i>	<i>Taxa de variação melódica</i>	<i>F0ms</i>	<i>Mais valores ?</i>	<i>Forma da curva na sílaba</i>
1	0,170	122	128	6	125		
2	0,178	142	153	11	144		
1	0,166	118	108	-10	218		
1	0,162	192	125	-67	155		
2	0,217	169	223	54	202		

No quadro 10, apresentamos um exemplo de como fizemos o registro da sílaba proeminente, indicando 0, para a sílaba tônica e 1 para a proeminente, e em que ponto da sílaba ocorreu o alinhamento (AS) do pico de F0.

Quadro 10: Dados quantitativos e qualitativos C (sílabas proeminentes/ alinhamento)

<i>Proeminência</i>	<i>AS</i>
0	F
1	F
1	M
0	I
1	F
1	M

Outro cálculo feito foi o da taxa de velocidade da variação melódica. Esse cálculo PE feito dividindo-se a diferença entre o ponto inicial e final de F0 pela duração da unidade a ser medida. No nosso caso, interessa os valores da taxa nas sílabas proeminentes dos enunciados de ordem e pedido. Esse resultado nos indica se a velocidade da variação é lenta ou rápida. Dessa forma, uma vez anotados os dados nas respectivas tabelas, passamos às análises estatísticas. Os procedimentos estão descritos a seguir.

6.2.3. Testes estatísticos

A análise estatística foi feita em duas partes. Na primeira, os dados foram digitados numa planilha utilizando-se, para tanto, o programa Excel. A segunda parte, na qual se

procederam os cálculos de médias e de relevância, foi feita no Programa SSPS. Para o tratamento estatístico, utilizou-se a correlação bivariada.

O coeficiente de correlação linear “r” mede o grau de relação linear entre os valores emparelhados X e Y em uma amostra. Quanto mais próximo dos extremos, mais forte é a correlação. Quanto mais próxima de 0, mais fraca é a correlação. Uma correlação igual a 0 (zero) é nula. O sinal positivo remete que as variáveis são diretamente proporcionais, já o sinal negativo remete que as variáveis são inversamente proporcionais. Estabelece um nível de significância estatístico para uma margem de erro de 5% que é traduzido pelo “valor-p”. Caso o valor-p seja maior que 5% (0,050), então não há uma correlação significativa entre as variáveis.

Além dessas análises, utilizamos o programa Excel para o cálculo de médias e desvio padrão de cada uma das medidas feitas. Esses dados permitiram avaliar o comportamento dos valores em relação às subcategorias analisadas, bem como comparar, por exemplo, o registro utilizado pelas personagens ao interagirem com outros alocutários.

CAPÍTULO 7: RESULTADOS E ANÁLISES

7.1 Caracterização do corpus

Conforme discutimos nos capítulos iniciais, os falantes do português utilizam e distinguem um enunciado diretivo com força ilocucionária de ordem ou de pedido, com base em boa parte na prosódia. A nossa proposta foi identificar os parâmetros prosódicos de F0 e duração e demonstrar como esses tendem a ser influenciados por fatores contextuais nessas duas categorias de forças. Além disso, buscamos identificar dentre os traços prosódicos que selecionamos para análise aqueles que modalizam os enunciados de ordem e pedidos, configurando-se em uma pista que auxilie o interlocutor na identificação de uma determinada atitude.

Nossa ideia inicial foi coletar dados, tanto atos diretos quanto indiretos. Dentre os dados selecionados para análise, onze (10% da amostra) não apresentavam traços morfológicos do verbo no imperativo, mas pelo contexto é possível inferir a força ilocucionária de ordem ou de pedido. Um exemplo disso ocorre nessa situação de interação entre Alberto e Júlia, que apresentamos a seguir:

J: Alberto?
2: Julia?
J: ah ta tudo bem?que que ta acontecendo?
2: nada () porque?
J: achei sua voz ansiosa
2: na/na/não() impressão sua () é que eu to esperando um telefonema da MÔNICA
J: ah() a:: ornela está?

2: a ornela? Não () ela não ta mas também não falou onde ia
 J: hum:: () **então você pode pedir a ela que me telefone AINDA HOJE?eu preciso falar com ela AINDA hoje**

A cena ocorre no contexto privado informal. O *status* do locutor é de prestígio, a relação entre eles é de amizade e a função social de ambos é amigo/amiga. No exemplo, o enunciado destacado foi classificado um pedido indireto, conforme classificação de SEARLE (1995). O uso do verbo modalizador (cf. TUCCI, 2006) “pode”, em conjunto com a estratégia prosódica do uso de padrão de uma questão total, são indícios da atitude de polidez do locutor. Optamos por não submeter esses dados à análise acústica, uma vez que notamos a sobreposição de atos (pedido e pergunta). Essa sobreposição, a nosso ver, influenciaria a análise das variáveis dependentes, uma vez que notamos mais de uma estratégia para a modalização.

Assim, selecionamos para análise instrumental apenas as situações de interação em que não houvesse sobreposição de atos de fala. O que nos chama a atenção nos dados é que, no enunciado, nem sempre temos apenas a ocorrência da ordem ou do pedido. No corpus, notamos que, muitas vezes, a ordem ou pedido é precedida de certas funções sintáticas, quando há vocativo, por exemplo, ou de partículas modalizadoras, como o uso de termos como “por favor”. Na tabela a seguir, fizemos o registro das ocorrências que foram alvo de nossa análise.

Tabela 2 Ocorrências de estruturas precedentes às ordens e aos pedidos

	Estruturas precedentes	Ocorrências
Formas simples	Partícula negativa	9
	Vocativo	3
	“Por favor”	2
	Sujeito “você”	2
Combinações	Vocativo + partícula negativa	2
	Sujeito “você” + partícula negativa	1
	Partícula negativa + infinitivo	2
	Vocativo + “por favor”	4
	“Por favor” + enunciado sem verbo	1
	Vocativo + “por favor” + “vamos”	1
	“Por favor” + partícula negativa	1
	Sujeito “você” + “por favor”	1
TOTAL		29

Conforme se observa na tabela 2, tivemos 29 ocorrências de enunciados diretivos de ordens e pedidos que eram precedidos de alguma palavra ou grupo de palavras que compunham o grupo tonal desses enunciados.

Além desses casos, notamos também que algumas ordens foram dadas com o uso de certos verbos performativos, como “querer” e “gostar”. No nosso *corpus*, temos o exemplo do enunciado “eu quero você fora daqui”. De acordo com a discussão levantada no capítulo 1, a modalidade volitiva tem sua expressão típica nas ordens e nos pedidos, o que dispensaria o uso do verbo performativo.

Por outro lado, acreditamos que essa forma diferente de ordenar, com o verbo performativo do desejo, é utilizada pelos falantes em diversas situações comunicativas em que a ordem (no caso do nosso exemplo “[saia] fora daqui”) possui um papel secundário no ato de fala. Assim, o locutor confere maior destaque, dentro do enunciado, ao aspecto do cumprimento de sua vontade e não apenas à ação que será executada por A. O mesmo ocorre nos casos em que são utilizadas formas como “eu gostaria que (p)”.

Se o uso dos performativos como “querer” e “gostar” podem surtir esse efeito que acabamos de comentar, o uso do verbo “vir” tem outra conotação. Ao utilizar a partícula vamos” ou a sua negação (“não vamos”), o locutor, em alguns casos, faz com que o pedido ou a ordem tenha outra possibilidade de interpretação. Quando o locutor se inclui na tarefa de executar certa ação, o ato de fala pode ser compreendido como um convite. No *corpus*, isso ocorre no exemplo em que temos o enunciado “vamos conversar”, no qual notamos que, além do pedido para que A interaja com L, L também se propõe a fazer o mesmo, ou seja, interagir verbalmente com A. Nesse caso, juntamente com força ilocucionária de pedido temos a força ilocucionária de um convite.

A nosso ver, a estratégia de utilizar o verbo “vir” em enunciados de pedido confere um grau ainda menor de obrigatoriedade de cumprimento da ação proposta no conteúdo proposicional. Essa nuance do pedido indica que, como o locutor encontra-se disposto a também executar a ação, o alocutário pode entender que, atendendo ao pedido de L, estará sendo beneficiado na execução da ação.

No *corpus*, temos três ocorrências que correspondem ao uso de formas alternativas, com verbos performativos e outras seis ocorrências com o uso do verbo “vir”, flexionado na primeira pessoa do plural.

Observamos, ainda, que, em certos enunciados, a presença do verbo não é necessária em função das circunstâncias que envolvem o ato de fala. Conforme discutido no capítulo 1, há situações em que apenas no uso de um sintagma nominal é possível perceber a força ilocucionária de uma ordem ou de um pedido. Isso ocorre quando a ação a ser executada é facilmente inferida pelo alocutário no contexto comunicativo ou quando L já enunciou essa ação. Como exemplo, temos o enunciado “um uísque # duplo”. Na situação, L já havia dado a ordem “traz um chá de qualquer coisa” e, na sequência, apenas troca o objeto que deverá ser trazido pelo alocutária. Nesse caso, notamos que a força ilocucionária da ordem ainda incide sobre o enunciado seguinte, mas não há a necessidade de se repetir a ação. No *corpus*, temos cinco ocorrências como a do exemplo dado.

Os demais enunciados do *corpus* (66, no total) iniciam com o verbo. Assim, o total de ocorrências analisadas foi de 108 enunciados. A seguir, temos a tabela 3 com as ocorrências dos enunciados analisados divididos por locutores:

Tabela 3: Total de enunciados por locutor

Locutor	Ordem	Pedido	Total
Alberto	7	23	30
André	6	8	14
Bia	27	15	42
Júlia	4	18	22
Total	44	64	108

Na tabela anterior, percebemos que há personagens para as quais se verifica um maior número de ocorrências de ordens ou de pedidos. Isso ocorre em função das características psicológicas de cada uma delas. Conforme se encontra no capítulo 6, notamos que a personagem Bia, por exemplo, manipula aqueles com quem convive, demonstrando sempre a sua autoridade, em qualquer situação. Por essa razão, é uma personagem com o maior número de ocorrência de enunciados de ordem. Essa locutora

também ocupa um lugar social de destaque, por ser uma das proprietárias da empresa na qual se desenrola a trama da novela.

Por outro lado, Júlia, que também pertence ao mesmo núcleo de Bia é uma personagem que não faz questão de demonstrar autoridade. Os dados de fala de Júlia demonstram que, mesmo numa situação em que esta pode demonstrar o poder, ela se mantém polida, com enunciados de pouca variação melódica.

É certo que não podemos afirmar categoricamente se o uso das estratégias da personagem é apenas em função de seu perfil psicológico ou se essa pode ser uma característica da atriz que a interpreta. Em função desse aspecto, o número de ocorrências de pedido na amostra de dados dessa personagem é bastante superior aos de ordem.

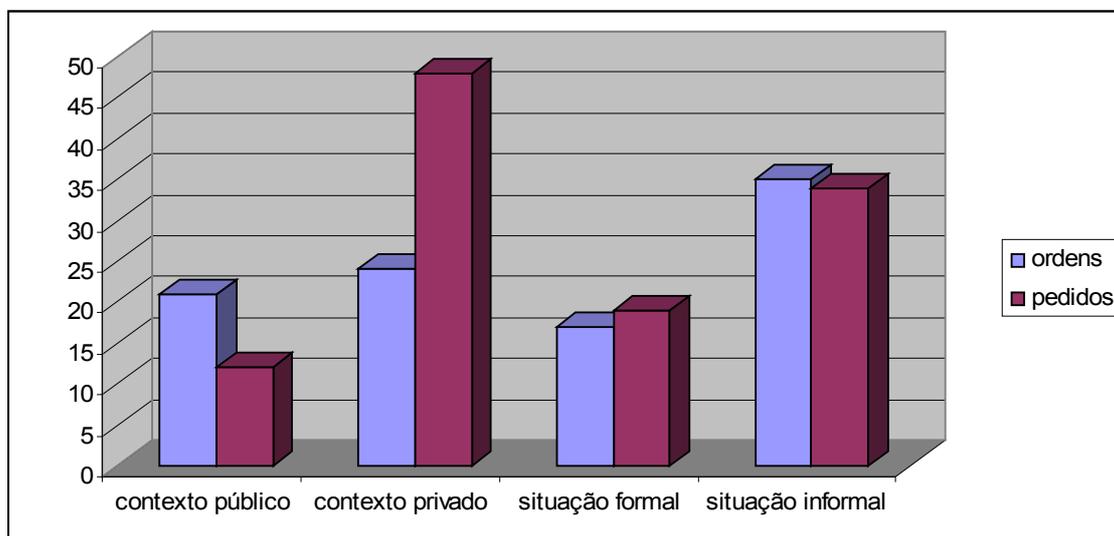
No caso das personagens masculinas, também verificamos que as ocorrências de enunciados de ordem são inferiores às ocorrências de pedidos. Isso pode ser um indício de que as situações comunicativas em que utilizamos enunciados de ordem são realmente mais restritas do que aquelas em que fazemos pedidos.

Na maioria das situações em que utilizamos os atos diretivos dessa categoria, a opção dos falantes parece recair sobre o uso de formas imperativas com características de pedidos ou mesmo convites. Isso se justifica em função do que a teoria da polidez chama de manter a face positiva. Escolher o pedido é uma estratégia para manter a face em relação ao alocutário, uma vez que, conforme apontado por WILSON (2008), citada no capítulo 3, um ato de ordem invade a privacidade do alocutário. Assim, é possível que o locutor tente amenizá-la, demonstrando cortesia ao alocutário.

Registramos, também, as ocorrências de ordens e pedidos em função dos aspectos contextuais público/privado e o grau de formalidade da situação (formal/informal), de acordo com a proposta de VAN DIJK (1992). Nossa hipótese em relação a esses fatores era a de que se os fatores contextuais propiciam ou inibem a expressão autoritária do locutor, então o contexto público e a informalidade na relação entre os locutores favoreceria uma expressão mais polida, aumentando, assim, a ocorrência de pedidos

nessas situações. A seguir, o gráfico 1 apresenta os nossos resultados: Vale ressaltar que agrupamos os dados por ato de fala, sem distinguir o sexo dos locutores.

Gráfico 1: Ocorrência de ordens e pedidos em função de fatores contextuais público/privado e formal/informal

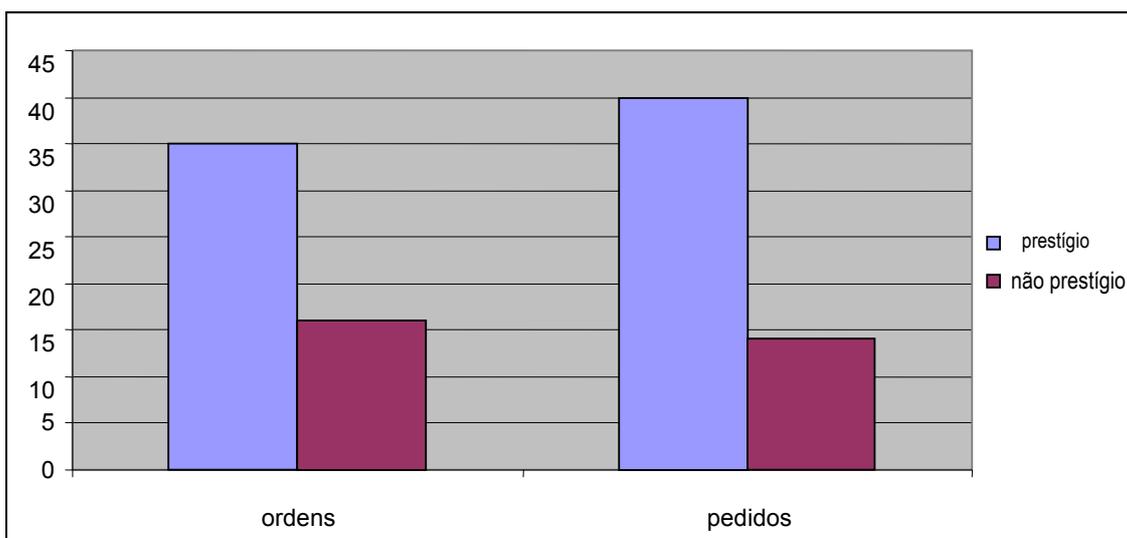


Observando o gráfico, notamos uma maior tendência de termos ordens no contexto público (21 ocorrências, no total), ao passo que parece ocorrer o inverso no que se refere aos pedidos: 47 ocorrências no contexto privado. Isso pode ser explicado pelo fato de, no âmbito das condições preparatórias, as exigências para se dar uma ordem são diferentes do que para se fazer um pedido. Ou seja, a especificidade do contexto de ordem funciona como uma restrição para a sua ocorrência.

No que se refere ao critério formal/informal, também não verificamos diferenças significativas. Verificamos 20 ocorrências de ordem contra 19 de pedidos na situação formal; e 36 ordens e 34 pedidos na situação informal. Assim, ao contrário do que pensávamos no início deste trabalho, podemos concluir que, aparentemente, o grau de formalidade não teve incidência nas ocorrências de ordens e pedidos.

Outro fator contextual apontado por VAN DIJK (1992) é o *status* do locutor face ao alocutário. Para observar esse fator, utilizamos, então, duas categorias: prestígio e não-prestígio. Os resultados encontram-se no gráfico a seguir:

Gráfico 2: Ocorrências de ordens e pedidos em função do *status* do locutor



Do ponto de vista da TAF, o que diferencia uma ordem de um pedido é o tipo de relação entre os interlocutores. Entretanto, neste trabalho, consideramos que apenas esse critério não é suficiente para diferenciar as duas forças ilocucionárias. Pensando em situações de uso, elaboramos a seguinte matriz de traços, com oito possibilidades de ocorrências para ordens e pedidos. Na matriz, os sinais + e – indicam a presença ou ausência dos traços prosódicos e/ou contextuais.

Quadro 11: Matriz de co-ocorrência entre traços prosódicos e contextuais (especificamente a relação locutor/alocutário) para ordens e pedidos

ato de fala situação	ordem	pedido
prosódia	+	+
relação entre L e A	+	+
prosódia	-	-
relação entre L e A	+	+
prosódia	+	+
relação entre L e A	-	-
prosódia	-	-
relação entre L e A	-	-

Na primeira situação, tanto a relação entre L e A, quanto os aspectos prosódicos convergem para que o alocutário interprete o ato de fala como uma ordem ou um pedido. Isso ocorre em situações em que L encontra-se num papel social

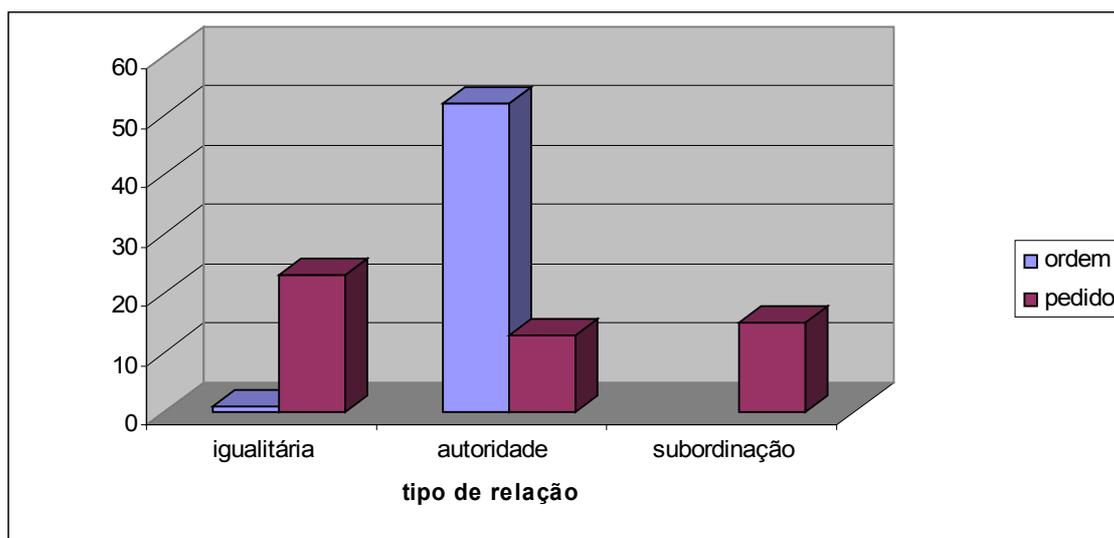
hierarquicamente superior a A e, ao proferir o enunciado de ordem, utiliza o padrão prosódico descendente, com tessitura estreita e registro baixo.

Na segunda situação, temos que a relação entre L e A é que determina se o enunciado é uma ordem ou um pedido. Nesse caso, L não modaliza a prosódia para expressar uma atitude de polidez, por exemplo, num enunciado de pedido, mas a relação entre os interlocutores não deixa dúvida para o ouvinte de que ele deve cumprir o conteúdo proposicional. Notamos que, nesses casos, o *status* do locutor é tão grande que esse não precisa da prosódia para expressar autoridade.

Na terceira situação, a relação entre os locutores favorece o locutor a expressar uma ordem, por exemplo, mas esse utiliza os parâmetros prosódicos para expressar um pedido. Para ilustrar essa situação, teríamos no contexto um chefe que pede à secretária para trazer o café. Esse contexto permite a L dar uma ordem a A. Contudo, por uma questão de polidez, L utiliza os parâmetros prosódicos para modalizar o enunciado.

Na quarta situação, as pistas prosódicas que caracterizam a ordem, por exemplo, são utilizadas por um locutor que não ocupa um papel superior na hierarquia das relações sociais. Isso ocorreria em situações excepcionais em que o subordinado, pelas circunstâncias, investe-se de poder de forma temporária e provisória.

Pensando nessas situações, fizemos o levantamento das ocorrências do tipo de ato de fala e a relação entre locutor/alocutário. Observamos, inicialmente, dois tipos de relação: simétrica e assimétrica. Porém, ao analisar os dados, notamos que a relação assimétrica pode ser dividida em duas categorias: autoridade, quando L ocupa um lugar social mais alto na hierarquia social, e subordinação, quando L ocupa um lugar social inferior. Os resultados encontram-se no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Ocorrência de ordens e pedidos em função da relação entre os locutores

Como é possível observar, no gráfico anterior, há situações em que a relação de L para A é de igualdade, mas a força ilocucionária é de ordem. O mesmo ocorre na relação de autoridade de L para A.

Inicialmente, para rotular o ato de fala, utilizamos apenas a esse critério. Contudo, esse critério não foi suficiente, uma vez que há casos em que, de acordo com a TAF, a relação entre esses é simétrica, o que nos levaria a interpretar o enunciado como um pedido. Contudo, há ocorrência em que os parâmetros prosódicos indicam tratar-se de uma ordem, como aparece no gráfico anterior.

No caso da relação de autoridade, e retomando o que apresentamos no quadro 11, nem sempre a relação entre os interlocutores pode ser considerada sem o auxílio dos parâmetros prosódicos para analisar o ato como uma ordem ou um pedido. Nos nossos dados, foram 13 ocorrências em que a relação de L para A é autoridade, mas os aspectos prosódicos indicavam tratar-se de um pedido. Nesses casos, levamos em conta o histórico das relações dos locutores na trama e, se nesses casos, o locutor estava realmente dando uma opção ao alocutário.

Um exemplo de ordem que tem característica prosódica de pedido é um dos dados da personagem Bia. Na cena, a alocutária é a empregada. O status da locutora é de autoridade e o contexto é público informal. O enunciado é “traz”. Na situação, Bia

enuncia “traz uma xícara, por favor/traz”. Para uma melhor visualização do contorno melódico, selecionamos apenas a última ordem.

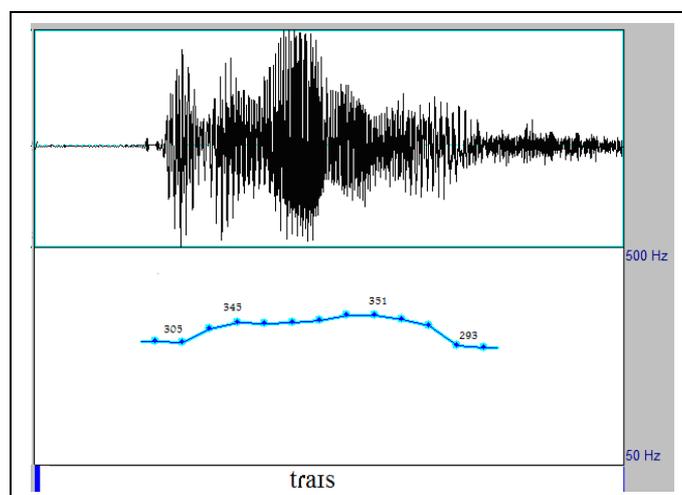


Figura 26: Forma de onda, curva de F0 e transcrição do enunciado “traz” (locutor Bia).

O perfil melódico que caracteriza o enunciado é ascendente/descendente. O ponto inicial de F0 é 305 Hz, subindo até 351 Hz. A partir desse ponto, temos um descendente até o final, que termina em 293 Hz. O enunciado é composto de uma única sílaba proeminente. Sua duração total é 0,281 s. O que nos chama a atenção é o fato de a locutora utilizar um registro mais alto que o seu usual para esse enunciado, o que faz parecer que A tem uma opção em executar ou não a ação do conteúdo proposicional. Entretanto, pelo contexto, é possível inferir que essa escolha não é possível, em função de se tratar do locutor Bia Falcão.

Podemos afirmar, então, que apenas a relação entre os participantes da situação comunicativa não é suficiente para determinar o procedimento de categorização de uma ordem ou um pedido. É necessário considerar os traços prosódicos para se rotular o ato de fala. Se considerarmos o caso ilustrado pelo exemplo, apenas pela curva melódica poderíamos catalogar o dado como pedido, se observarmos apenas as informações prosódicas. Contudo, observando-se o fator contextual da relação entre os locutores, observamos que o fato de Bia ser uma locutora de prestígio e manter uma relação de autoridade sobre o alocutário, concluimos que se trata de uma ordem com padrão prosódico de pedido.

Dessa forma, um aspecto contextual que apontamos como relevante para a análise de ordens e pedidos é o papel social dos interlocutores. A seguir, apresentamos uma tabela em que temos registradas as ocorrências dos atos de ordem e pedido por alocutário:

Tabela 4: Ocorrência de ordens e pedidos por papel social

Ambiente	Relação	Papel social locutor	Papel social alocutário	Ordem	Pedido
Família	Parentesco	Avó	neta	1	4
		Irmão	irmã	-	1
		Pai	filha	-	4
		Bisavó	bisneta	1	-
		Neta	avó	-	6
	Contratual	Marido	esposa	-	12
		Ex-esposa	Ex-marido	-	4
		Ex-marido	Ex-esposa	-	4
	Afetiva	Amante	amante	1	7
		Amiga	amigo/amiga	-	10
Profissional	Patrão	empregada	26	6	
	Morador	porteiro	2	-	
Empresa	Profissional	Ciente	advogado	3	1
		Diretor	conselho diretor	-	1
		Chefe	funcionário	-	1
		Chefe	secretária	2	-
Outros	Outra	Comparsa	comparsa	-	1
		Vítima	delegado	-	1
		Rival	rival	8	1
TOTAL				44	64

Ao observarmos os dados do *corpus*, verificamos que os ambientes mais recorrentes na novela eram o ambiente familiar e o ambiente de trabalho. Além do aspecto ambiente, pareceu-nos relevante identificar a relação entre os interlocutores, como a relação de parentesco (existente entre pai e filho), a relação afetiva (entre amigos) e a relação contratual (entre marido e esposa), uma vez que, apesar de conviverem num mesmo espaço físico, notamos que personagens que desempenham certos papéis sociais relacionam-se de forma diferente e, conseqüentemente, utilizam a linguagem de forma diferente.

A partir dessas categorias, verificamos que a maioria dos enunciados de ordem recai no ambiente familiar/relação profissional. Assim, os papéis sociais mais envolvidos nos atos diretivos de ordem são patrão/empregada. Isso não significa que não encontramos enunciados de pedidos nesse contexto (6, no total), mas em função de a empregada ser

socialmente um papel inferior, esta encontra-se na condição de cumprir ordens e não prestar favores.

No ambiente empresa, verificamos que o mesmo ocorre com a secretária. Nessa situação, essa passa a ser o alvo dos comandos. Apesar de os enunciados dirigidos à personagem que exerce esse papel social estarem sempre seguidos da partícula modalizadora “por favor”, esse uso parece ocorrer apenas para cumprir uma formalidade. Na verdade, a maneira como o locutor se refere à secretária é sempre polida, o que significa que, nesse ambiente, a secretária desempenha um papel semelhante ao da empregada no ambiente descrito no parágrafo anterior.

Se por um lado, as relações profissionais e o ambiente restringem o uso dos pedidos, a relação entre amigos potencializa esse uso. A demonstração de afetividade é grande e o grau de compromisso do alocutário em executar a ação é pequeno (cf. GEBARA, 1976).

Além desse aspecto, chama-nos a atenção o fato de o pai, na interação com a filha, usar pedidos, em vez de ordens. Isso pode ser justificado pelo fato de as personagens que desempenham esses papéis, dentro do *corpus* coletado, estarem em situação em que a filha encontra-se no comando. Após uma discussão, a filha se tranca no quarto e o pai pede a ela que reconsidere a sua postura, abrindo mão de sua autoridade para ser mais um amigo que pai.

Outro momento interessante que influencia de certa forma o tipo de ato de fala produzido, mesmo se tratando de uma relação simétrica, é o que está relacionado às personagens que desempenham o papel de marido e esposa. Na trama, o casal encontra-se num momento de separação e o marido pede à esposa a reconsideração dessa ação. Por essa razão, os enunciados que coletamos são todos de pedido. Se o contexto entre as personagens fosse diferente, provavelmente encontraríamos atos de fala diferenciados.

Verificamos nos dados, também, o uso da partícula modalizadora negativa. Foram registrados 16 enunciados em que verificamos a presença da palavra *não* com a interação com outros locutores.

É interessante observar, também, o uso da partícula “por favor” quando não é um indicativo de polidez. No trabalho de WICHMANN (2004), a autora faz um estudo detalhado do uso do “please” como indicador de cortesia em enunciados de ordem no inglês (cf. capítulo 3). Nos dados coletados, verificamos que o uso dessa partícula nem sempre indica polidez, tratando-se, portanto, de uma partícula para cumprir uma mera formalidade. Comentaremos essa questão mais detalhadamente na seção 7.3.4.

7.2 Características específicas

De forma a observarmos mais atentamente as características prosódicas e contextuais dos enunciados de ordens e pedidos, passamos a uma descrição das ocorrências de cada um dos locutores selecionados para análise.

7.2.1 *Locutor 1: André*

Conforme apresentamos anteriormente, André é uma das personagens centrais da trama. Nos dados que gravamos desse locutor, notamos que as cenas em que aparece são sempre tensas. Está em conflito com a personagem Bia, separado de Júlia e mantém uma relação familiar e profissional com Alberto, pois além de trabalharem juntos na empresa, Alberto é casado com sua meio-irmã. O total de enunciados analisados dessa personagem foi 13, sendo 5 delas ordens e 8 pedidos.

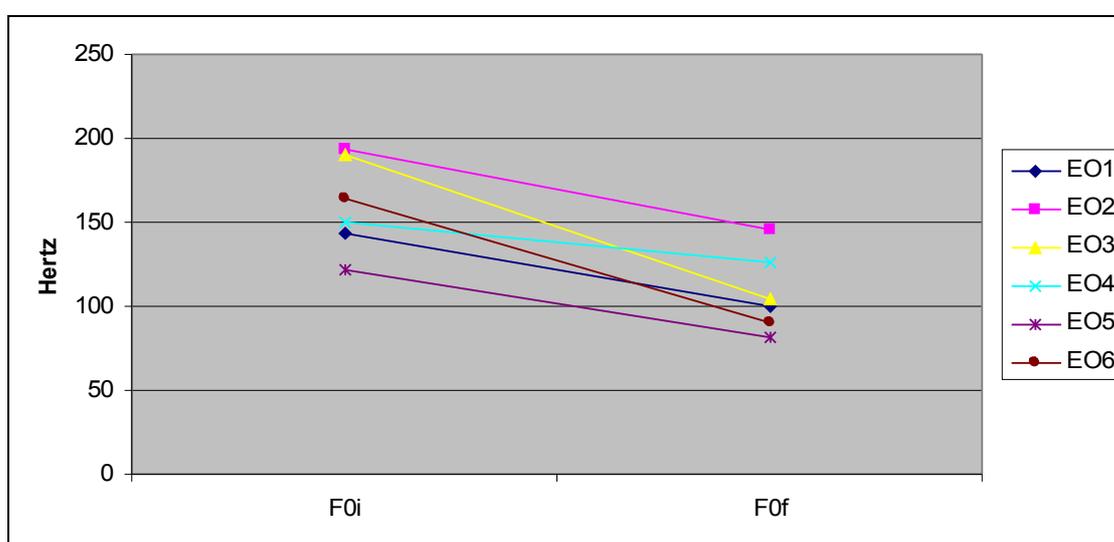
7.2.1.1 **A ordem**

No que se refere às ordens, as funções sociais assumidas por essa personagem são chefe/patrão, cliente e rival. Quanto ao ambiente em que ocorrem as ordens, observamos que todas as ordens são proferidas na situação privada formal e em todas elas a personagem tem um *status* de prestígio. A relação com os alocutários, em todas as ocorrências, é de autoridade.

7.2.1.1.1 Características do enunciado

Do ponto de vista prosódico, observamos as características prosódicas desse tipo de enunciado. Foram medidos os pontos inicial e final de F0. Apresentamos a seguir os dados dessas medidas. Na legenda, EO1 a EO6 representam cada um dos enunciados desse locutor.

Gráfico 4: F0 inicial e final dos enunciados de ordem (locutor André)



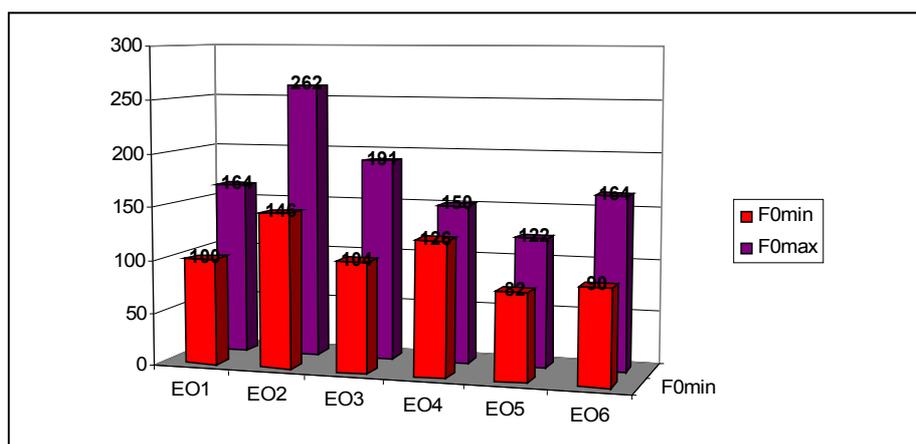
No gráfico 4, notamos que o movimento melódico mais utilizado pelo locutor é descendente. Observamos ainda que a maior parte dos dados tem ponto inicial acima dos 150 Hz e o ponto final abaixo dos 120 Hz. O espaço melódico nas ordens de André é estreito, exceto nos enunciados EO2 e EO3.

Sobre o dado EO2, é necessário observar que o enunciado é “eu quero você fora daqui”. Nesse caso, notamos uma diferença grande do ponto inicial para o ponto final de F0. Ocorre que, nesse enunciado, a parte que corresponde a “eu quero você” é produzida num nível melódico bem mais baixo que a segunda parte “fora daqui”, ponto onde se localiza o meio do enunciado. Notamos que há uma elevação pouco comum na fala desse locutor nesse enunciado especificamente. No caso, percebemos que a emoção

(uma irritação do locutor em relação às ações de sua alocutária) transparece na curva de F0, ocasionando uma mudança brusca do movimento melódico.

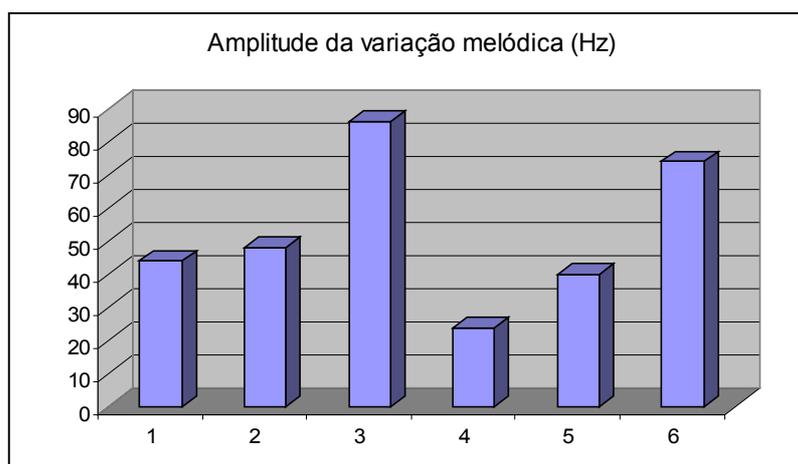
Apresentamos a seguir o gráfico que se refere aos pontos máximos e mínimos de frequência fundamental para as ordens desse locutor.

Gráfico 5: F0 mínima e máxima dos enunciados de ordem



Observando os resultados, notamos que a diferença entre os pontos máximos e mínimos desse locutor é pequena, o que é um indício de pouca variação melódica nos enunciados de ordem. O enunciado em que temos maior variação é também EO2, sobre o qual discutimos anteriormente.

Quanto à amplitude da variação melódica, calculamos a diferença entre o ponto inicial e o ponto final de F0. Esse cálculo nos permite observar a amplitude e também a direção do movimento melódico para o enunciado. O resultado encontra-se representado no gráfico a seguir:

Gráfico 6: Amplitude da variação melódica (ordem):

Os resultados apresentados no gráfico 5 demonstram uma variação positiva para todos os enunciados. Isso nos indica um movimento melódico descendente como sendo o mais usual nas ordens de André. Em média, a variação dos enunciados de ordem desse locutor é 68 Hz.

No que se refere à duração total dos enunciados de ordem, fizemos o cálculo da média e do desvio padrão. Os resultados encontram-se na tabela a seguir. Na tabela, dp(s) indica o desvio padrão da amostra.

Tabela 5: Média e desvio padrão da duração total do enunciado (ordem)

	duração total do enunciado (s)
Média	0,846
dp (s)	0,264

Se dividirmos a média da duração total dos enunciados de ordem de André pelo número médio de sílabas desses mesmos enunciados (média de 5 sílabas por enunciado), encontramos o valor médio de 0,169 s de duração para cada sílaba desse locutor.

7.2.1.1.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

Uma vez que pretendemos descrever o que ocorre no nível silábico, observamos também as características do movimento melódico das sílabas proeminentes do grupo tonal em que ocorreu a ordem e em cada uma das sílabas tônicas, anterior ou posterior

ao grupo tonal. Nos dados, notamos que em alguns casos, a sílaba proeminente encontrava-se na posição inicial do grupo tonal. Entretanto, houve casos em que essa sílaba era precedida de outras sílabas (átonas ou tônicas) de outros componentes sintáticos, como o sujeito ou vocativo do enunciado de ordem.

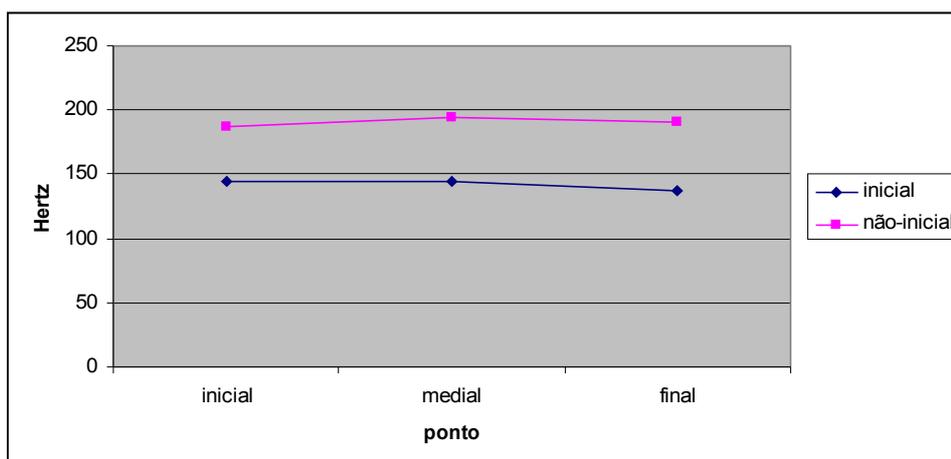
Como o nosso interesse é compreender o que ocorre na ordem propriamente dita, separamos as sílabas proeminentes em duas categorias: iniciais, quando o grupo tonal da ordem encontrava-se na primeira posição do enunciado; e não-inicial, se fosse precedida por palavras ou grupos de palavras que, no contexto, fazem parte do enunciado, mas não consistem no ato de fala de ordem. Assim, o nosso procedimento para chegarmos a esse resultado foi o de utilizar a média de cada um dos pontos (inicial, medial e final) para as sílabas que se encontravam na mesma posição (inicial ou não inicial) dentro do enunciado. Na tabela a seguir, apresentamos os resultados:

Tabela 6: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

ponto posição	inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	dp (s)
inicial	145	59	145	50	137	52
não-inicial	187	17	194	30	190	30

Na tabela 6, a posição indica em que posição do enunciado a sílaba proeminente se encontra dentro do enunciado. Conforme afirmamos nessa seção, tomamos os valores médios de cada posição como referência.

Para uma melhor visualização dessas ocorrências, o gráfico 6 a seguir apresenta o comportamento da curva de F0 nessas sílabas.

Gráfico 7: F0 inicial, medial e final na proeminente em relação à sua posição no enunciado

Vale notar que a sílaba proeminente pode ter posição variada dentro do enunciado, já que não controlamos o número de sílabas de cada sentença. Assim, no gráfico 7, podemos visualizar o comportamento dos pontos inicial, medial e final apenas nas proeminentes de acordo com a sua posição dentro do enunciado. Dessa forma, inicial representa a proeminente quando essa foi a primeira do enunciado. O rótulo não-inicial indica que a proeminente ocorre em outra posição do grupo tonal.

Observando o gráfico, podemos notar na posição não inicial proeminente tende a ter valores mais altos de F0, no caso das ordens dessa personagem. Isso significa que quanto mais distante do início do enunciado, maiores os valores de F0 na proeminente.

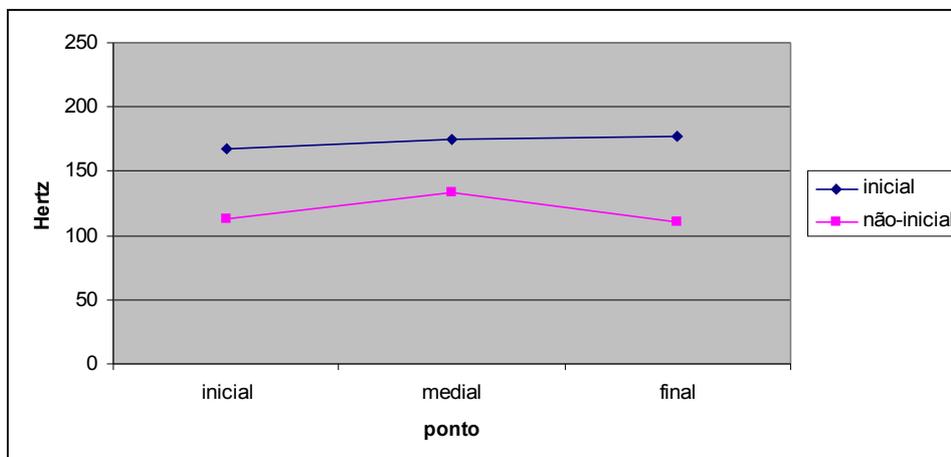
De modo a compararmos também os resultados obtidos anteriormente para as sílabas proeminentes, realizamos o mesmo procedimento de calcularmos a média dos pontos iniciais, mediais e finais de F0 para as sílabas tônicas de cada enunciado. A tabela 7 a seguir apresenta os resultados de média e desvio padrão para cada um dos pontos medidos nas sílabas tônicas.

Tabela 7: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na tônica (valores em Hz)

posição	inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	Dp (s)	média	dp (s)
inicial	168	24	175	19	177	13
não-inicial	113	66	133	54	110	70

A partir dessa tabela, da mesma forma como procedemos para as sílabas proeminentes, elaboramos o gráfico 8, de modo a visualizarmos o movimento de F0 sobre as sílabas tônicas nos enunciados de ordem da personagem André.

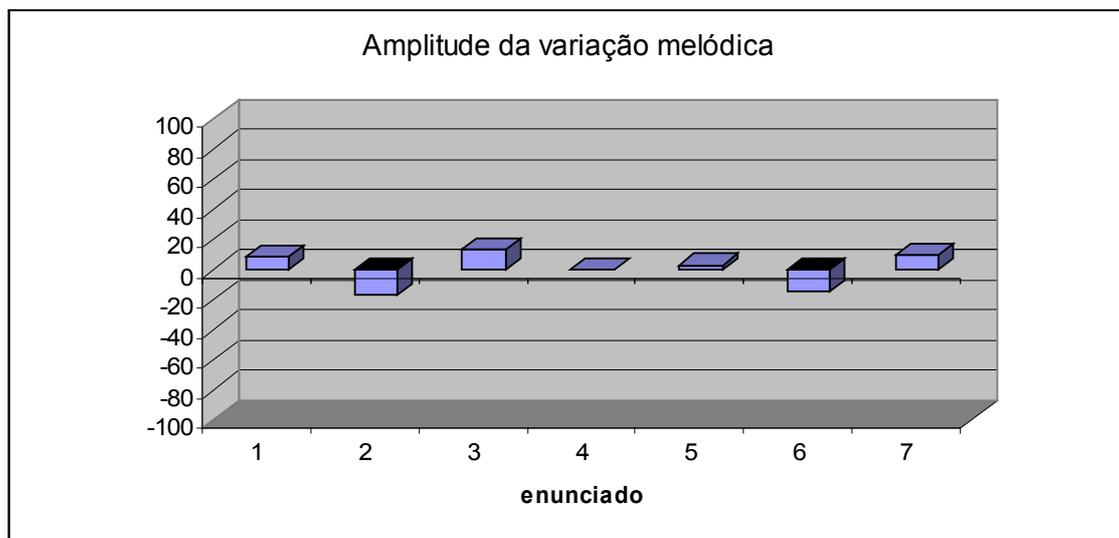
Gráfico 8: F0 inicial, medial e final na tônica em relação à sua posição no enunciado



Observando o gráfico 8, notamos uma tendência do movimento melódico das sílabas tônicas: quando não ocorrem na posição inicial do enunciado, o nível melódico em que essas se encontram é mais baixo. Comparando os gráficos 7 e 8, notamos que a tônica que ocorre no início do enunciado é a que apresenta valores de F0 mais altos, ao contrário do que ocorre com a proeminente. Isso significa que, se temos uma sílaba tônica inicial precedendo a proeminente, a presença da tônica faz com que a proeminente seja realizada num nível de frequência mais alto. Por outro lado, se a proeminente está em posição inicial, isso faz com que as demais tônicas do enunciado sejam realizadas num nível melódico mais baixo.

É interessante observar, também, a amplitude da variação melódica. Tanto no caso das sílabas proeminentes quanto nas sílabas tônicas, notamos uma pequena variação da curva melódica. Conforme apontamos anteriormente no capítulo 3, essa nos parece uma característica desse tipo de enunciado.

No gráfico a seguir, apresentamos os resultados do cálculo da variação melódica da sílaba proeminente. Na ilustração, o eixo das abscissas representa o número do enunciado, enquanto no eixo das ordenadas temos os valores em Hertz.

Gráfico 9: Amplitude da variação melódica na proeminente (ordem)

Observando o gráfico 9, notamos que a personagem, nos contextos em que utiliza o enunciado de ordem, varia pouco a melodia da sílaba proeminente: nas proeminentes dos enunciados 1, 3, 5 e 7, notamos uma variação positiva, o que representa o uso de uma melodia descendente nessas sílabas. Por outro lado, a proeminente do enunciado 4 não apresenta variação, o que indica o uso de tom nivelado. As proeminentes dos enunciados 2 e 6 apresentam uma variação negativa, o que indica o uso de uma melodia ascendente. Notamos, assim, que uma das estratégias desse locutor nos enunciados de ordem é a pouca variação da curva melódica: nos dados, essa variação vai de -17 Hz a 10 Hz.

O ponto de alinhamento não apresentou ocorrências significativas. Dos 7 enunciados de ordem de André, três apresentam alinhamento do pico de F0 no início da proeminente, dois apresentam alinhamento medial e dois possuem alinhamento no final. Para esse locutor, portanto, não podemos afirmar se há alguma tendência de alinhamento na proeminente em função do ato de fala.

Outra informação relevante dos correlatos prosódicos nos enunciados de ordem é a duração das proeminentes. A seguir, temos as médias de duração total do enunciado, das sílabas proeminentes e das sílabas tônicas de André.

Tabela 8: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (ordem)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
Média	0,141	0,196
dp (s)	0,021	0,098

Tabela 9: Média e desvio padrão da duração das tônicas em função do local de ocorrência (ordem)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,122	0,184
dp (s)	0,041	0,089

Como era esperado, observamos que as proeminentes têm maior duração que as tônicas nos enunciados de ordem de André, tanto quando ocorrem na posição inicial quanto quando ocorrem na posição não-inicial do enunciado. O que é interessante notar é que, quanto mais longe do início do enunciado, a duração tanto das tônicas quanto das proeminentes tende a aumentar. Se observarmos esses dados em conjunto com os dados de F0 inicial, medial e final, notamos que o movimento melódico tende a abaixar, nessas mesmas posições, ao passo que a duração dessas mesmas aumenta. Esse pode ser um indício de que mais que a melodia, o correlato acústico para percepção da proeminência no final dos enunciados pode ser a duração.

Ainda no que se refere à duração e sua interação com a curva melódica, fizemos o cálculo da taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes. Esse cálculo é resultado da divisão da amplitude da variação melódica pela duração da sílaba. A seguir, apresentamos a tabela com esses resultados.

Tabela 10: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (ordem)

enunciado	taxa de velocidade	valor (em Hz/s)
1		55,56
2		-55,02
3		83,87
4		0
5		23,81
6		-66,3

Nos resultados, temos como valor máximo 83,87 Hz/s. Se fizermos o cálculo da média da taxa de variação, notamos que o valor cai para 6,9 Hz/s. A sílaba proeminente do

enunciado 4 não apresenta taxa de variação melódica, uma vez que o movimento nessa sílaba é nivelado. A hipótese que nos orienta a respeito desse cálculo é a de que como as ordens estariam sujeitas a menor variação melódica, essas teriam uma maior taxa de velocidade de variação que os pedidos. Assim, é necessário observar o que ocorre com os enunciados de pedido para compará-los às ordens.

Sobre o ritmo, é interessante observar que em todas as ocorrências desse locutor foi empregado o ritmo acentual.

No que se refere às atitudes, notamos nos enunciados de ordem de André que em todos os enunciados de ordem André apresenta uma atitude de polidez. O que interessante observar é que em algumas situações, esse locutor se mostra mais polido, enquanto em outras se mostra menos polido.

É importante ressaltar que as observações dos correlatos acústicos foram feitas também em função de se compreender a relação entre prosódia e expressão das atitudes. Dessa forma, vale lembrar que uma das nossas hipóteses sobre a expressão da polidez é a pouca variação melódica nas proeminentes dos enunciados de ordem, em enunciados pouco polidos e maior variação nos enunciados mais polidos.

No caso do locutor André, o contexto de produção de seus enunciados é privado/formal, além de o locutor ter *status* de prestígio. Esses fatores contextuais são por nós considerados relevantes na expressão da atitude de autoridade com polidez. Para verificarmos nossa hipótese, observamos sobretudo a tessitura. Assim, para esse locutor, acreditamos que o que explica a pouca variação melódica e a tessitura estreita é a expressão de uma atitude polida. Na nossa interpretação, podemos afirmar que, em alguns enunciados, o locutor chega a uma expressão pouco polida, tendendo a um estreitamento da tessitura e um registro mais baixo nesses casos.

A figura 27 a seguir é um exemplo de ordem do locutor André. O enunciado é “diga pra ela fazer as malas e ir embora”, no contexto em que a alocutária é a empregada. O ambiente é familiar, no qual a relação entre os interlocutores é profissional. Na cena, o locutor mostra-se insatisfeito com a situação da volta de Bia para sua casa. Vale notar a ênfase dada em uma das sílabas do elemento postônico.

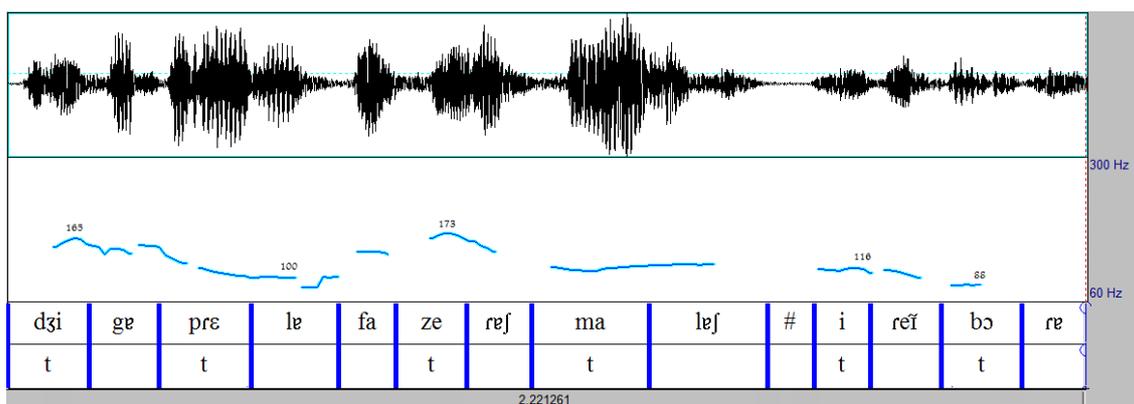


Figura 27: Forma de onda, curva de F0, transcrição e marcação de tonicidade para o enunciado “diga pra ela fazer as malas e ir embora”.

A figura 27 apresenta um enunciado típico de ordem: uma proeminência marcada na sílaba tônica do verbo, uma tessitura estreita e um registro baixo. Há um ascendente inicial na sílaba [dʒi], cujo valor máximo de F0 é 165 Hz e a duração é 0,168 s. Ainda nessa sílaba, temos uma taxa de velocidade da variação melódica de 0,018 Hz/s. Segue-se um movimento descendente até a sílaba [lɐ].

Um novo ascendente, com um pico de 173 Hz, acontece na sílaba [ze], cuja duração é de 0,241 s. Esse pico ocorre em função da ênfase dada pelo locutor como uma forma de demonstrar uma emoção. No caso, entendemos que se trata de irritação em relação à Bia, para quem a alocutária deverá transmitir o conteúdo proposicional da ordem. Assim, o locutor está irritado não com sua alocutária direta, que no caso é a empregada. Daí até a próxima sílaba tônica temos um descendente. O terceiro pico de F0 coincide com o final da tônica do terceiro verbo (126 Hz e duração de 0,144 s) e a sílaba seguinte, seguindo-se, então, um descendente até o final do enunciado.

Vale notar que a ênfase dada a um dos elementos do enunciado incide sobre o padrão da ordem dada anteriormente, que seria descendente até o final. Esse é um dado relevante, demonstra uma combinação do padrão de ordem com a expressão de uma emoção sobre o contorno melódico.

No exemplo, notamos que André utiliza o ritmo acentual. A velocidade de fala normal durante a ordem aumenta no final do enunciado. Em conjunto com as características de registro baixo e tessitura estreita (variação de 65 Hz), notamos que o locutor demonstra duas atitudes: uma, na ordem, para expressar polidez em relação à sua alocutária, e outra, na parte em que enumera para sua alocutária o que essa deve fazer, que, a nosso ver, é uma expressão menos polida.

Notamos, também que essas estratégias são características dos enunciados de ordem de André: dar ordens autoritárias e pouco polidas. Dessa forma, expressão da autoridade não exclui a polidez; pelo contrário: é possível dar ordens expressando uma autoridade mais ou menos polida. Pelo que vemos no exemplo da figura 27, ambas as atitudes podem ocorrer nos enunciados de ordem.

A seguir, passamos a expor os resultados que observamos para os pedidos do mesmo locutor.

7.2.1.2 O pedido

Com pouco mais de ocorrências que as ordens, os pedidos de André, no total de 8, os papéis sociais em que o locutor utiliza essa força ilocucionária são irmão e ex-marido, no âmbito familiar, chefe e diretor, no ambiente de trabalho e vítima, em outras situações. Os contextos das ocorrências são mais variados que as ordens: 5 enunciados na situação privado/informal, 2 na situação público/formal e 1 na situação privado/formal.

De acordo com nossa hipótese, o ambiente informal favoreceria a ocorrência de pedidos, pois implica menos obrigatoriedade de execução da ação proposta no conteúdo proposicional do que as situações formais. No caso desse locutor, o número de ocorrências corrobora a nossa hipótese.

Ainda sobre os aspectos contextuais, o *status* do locutor é diferente nessas situações: se a relação de autoridade era comum nas ordens, nesse caso temos relação de igualdade, autoridade e subordinação por parte de André. No que se refere à relação de igualdade,

isso também já era esperado, pois, de acordo com a TAF, nas situações em que há enunciados de pedidos, a relação de L com A é simétrica. Observamos, entretanto, que há ainda, nos pedidos, a possibilidade de L desempenhar um papel social inferior a A (relação de subordinação). Nessa situação, temos uma relação assimétrica, em que $L < A$, o que favoreceria também a ocorrência de enunciados dessa categoria.

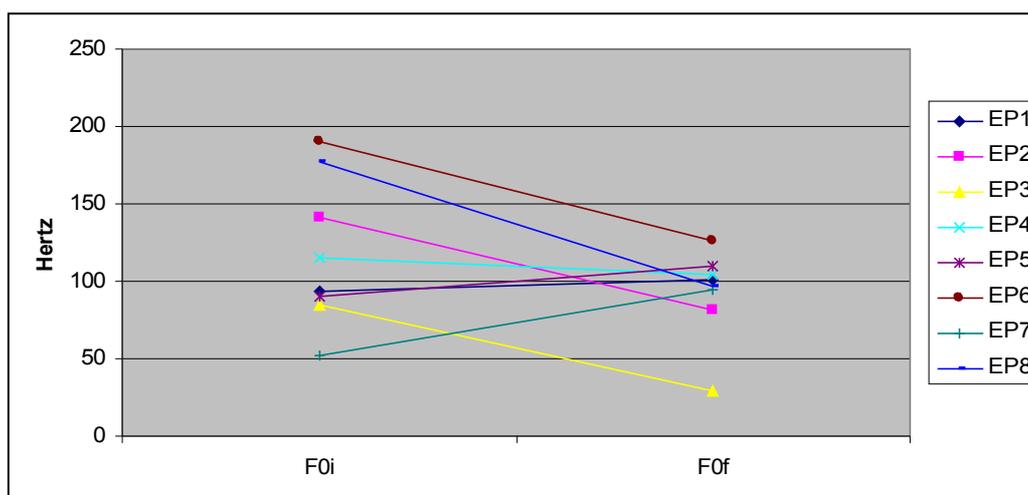
O que é interessante observar é o fato de que, mesmo se L for superior a A, é possível encontrarmos enunciados de pedidos, o que, de certa forma, contraria os pressupostos da TAF. Esse fato pode ser verificado, principalmente, no uso das estratégias prosódicas com a função modalizadora. Isso significa que L pode considerar a modalização do enunciado uma boa estratégia para demonstrar polidez, por exemplo. Assim, o efeito do uso do padrão prosódico de pedido no lugar daquele de uma ordem é diminuir o grau de obrigatoriedade do cumprimento da ação proposta no conteúdo proposicional, o que pode ser verificado nas cenas em que se observam tais características.

Nos casos em que isso ocorreu, dentro da nossa amostra, notamos que André realmente dava uma opção para A, que não tinha a obrigação de cumprir o conteúdo proposicional. Assim, para essas ocorrências, os parâmetros prosódicos foram fundamentais para definirmos que se tratava de um pedido e não de uma ordem.

7.2.1.2.1 Características do enunciado

No que se refere à caracterização prosódica dos enunciados de pedido desse locutor, apresentamos os resultados das medidas de F0 inicial e final desses enunciados no gráfico a seguir:

Gráfico 10: F0 inicial e final dos enunciados de pedido



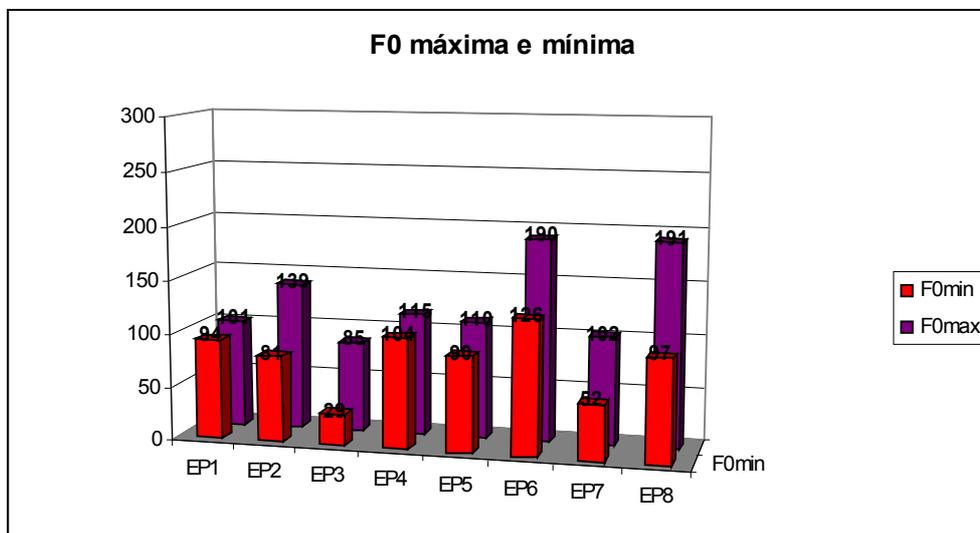
No que se refere ao movimento melódico dos enunciados de pedido de André, observamos 2 padrões: descendente, com 5 ocorrências (EP2, EP3, EP4, EP6, EP8); e ascendente, com 3 ocorrências (EP1, EP5, EP7). Isso pode ser um indício de que os pedidos podem estar ligados a uma maior possibilidade de padrões melódicos que as ordens, pelo menos para esse locutor.

Quanto à tessitura, observamos que o espaço de variação melódica é grande. Em EP8 notamos que a base encontra-se em 97 Hz e o topo chega aos 191 Hz. Isso significa que esse locutor parece utilizar mais a estratégia de variar a melodia nos enunciados de pedido. Além desse aspecto, notamos que a variação melódica é maior no padrão descendente que no padrão ascendente.

De forma diferente do que ocorre em EP8, em EP4 temos uma diferença de apenas 11 Hz entre a frequência máxima e a mínima. No contexto, o locutor faz um pedido de desculpas ao alocutário (personagem delegado). A pouca variação nesse enunciado de pedido, a nosso ver, indica uma atitude de subordinação do locutor, uma vez que esse percebe ter rompido com a hierarquia dos papéis sociais. Dessa forma, o locutor pede desculpas variando pouco a melodia do enunciado.

Para verificarmos a tessitura dos enunciados, registramos as frequências mínima e máxima nos enunciados de pedidos. O gráfico a seguir os resultados obtidos para esse locutor:

Gráfico 11: Frequência fundamental máxima e mínima (enunciados de pedido)



Retomando o gráfico 10, no qual podemos observar o movimento melódico, tanto no que diz respeito aos pontos iniciais e finais de F0, quanto no que diz respeito ao nível de realização melódica do enunciado, notamos que o locutor emprega registros diferenciados. É o que ocorre com os enunciados EP3 e EP6, por exemplo, em que o padrão melódico é o mesmo, mas o registro é diferente: se por um lado EP3 é realizado num nível melódico baixo, EP6 é o enunciado cujo registro é o mais alto.

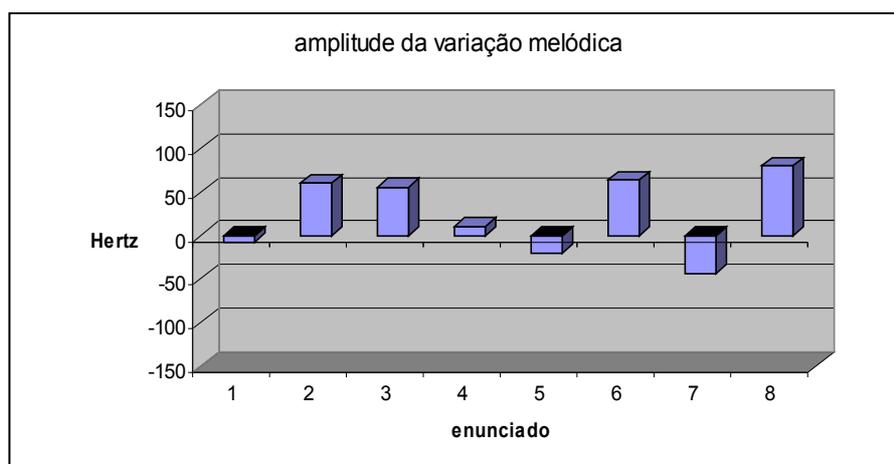
A nosso ver, essa diferença de registro pode nos indicar diferenças de expressão de atitudes. Em ambos os enunciados, a alocutária é a ex-esposa de André. EP3 é produzido com registro baixo em função de ser um pedido de desculpa, assim como vimos para o enunciado EP4. Por outro lado, no contexto em que o locutor produz EP6, observamos que o locutor, além de se colocar num *status* inferior ao da alocutária, demonstra também emoção. Ao dirigir à alocutária o pedido de “não faz isso”, notamos aspectos emocionais no enunciado de André, os quais interferem diretamente no nível melódico.

No caso desse locutor, observamos que a diferença entre a F0 máxima e a mínima é pequena nos enunciados de pedidos, se compararmos aos enunciados de ordem. Isso

significa que para esse locutor, os valores de F0 na base não são distantes dos valores de F0 no topo da linha melódica. Julgamos ser necessário observar essa diferença em relação aos outros locutores.

Calculamos também a diferença entre a frequência fundamental inicial e final dos enunciados, para observarmos a variação melódica. O gráfico a seguir apresenta esses resultados.

Gráfico 12: Amplitude da variação melódica do enunciado (pedido).



No gráfico 12, observamos que há uma maior variação positiva, indicando mais ocorrências de movimentos descendentes nesse tipo de enunciado (5 ocorrências no total). Os movimentos ascendentes são pouco utilizados pelo locutor. O intervalo de variação negativa vai de 7 Hz a 43 Hz; por outro lado, a variação positiva vai de 56 Hz a 80 Hz.

Calculamos, também, a média e desvio padrão da duração total dos enunciados de pedido do locutor. Os resultados estão na tabela a seguir.

Tabela 11: Média e desvio padrão da duração total dos enunciados de pedido

	duração total do enunciado (s)
Média	0,745
dp (s)	0,333

O número médio de sílabas dos enunciados de pedido de André é 5. Dividindo a média de duração total dos enunciados pelo número médio de sílabas encontramos como resultado 0,149 s. Essa é a duração média das sílabas nesses enunciados.

7.2.1.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

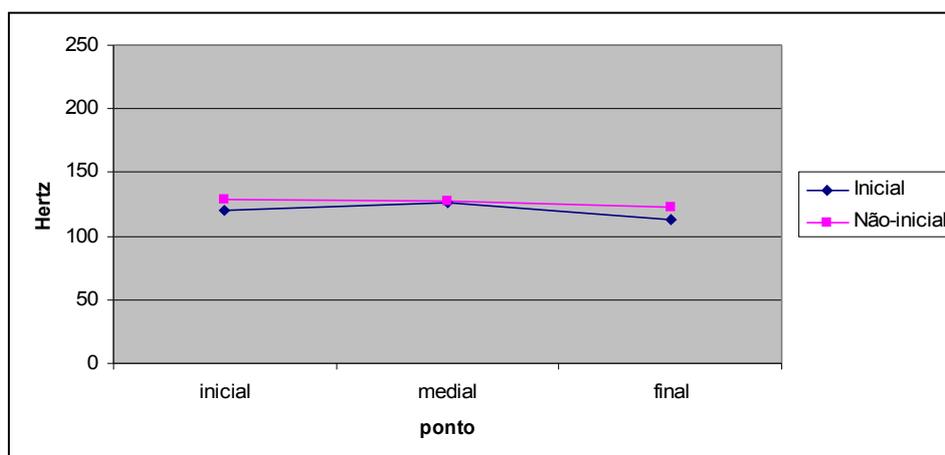
De modo a descrevermos o que ocorre no nível melódico das sílabas, fizemos o registro do movimento melódico das sílabas proeminentes. A tabela 12 a seguir apresenta os resultados de média e desvio padrão em cada uma das posições em que tivemos ocorrência de sílaba proeminente.

Tabela 12: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	dp (s)
Inicial	120	44	126	47	113	33
Não-inicial	129	39	127	49	122	49

Assim como apresentamos anteriormente, a posição inicial indica que a sílaba proeminente ocorre na primeira posição do grupo tonal e a posição não-inicial corresponde às ocorrências em que a proeminente é precedida por vocativo, partículas negativas, sujeito ou qualquer outra expressão que não está relacionada diretamente à estrutura do pedido. A seguir, apresentamos o gráfico que representa o movimento melódico que ocorre na sílaba proeminente dos enunciados de pedido para o locutor André.

Gráfico 13: F0 inicial, medial e final em relação à posição da proeminente no enunciado (pedido)



O gráfico 13 indica que o movimento melódico da sílaba proeminente na posição inicial é ascendente/descendente. Na posição não-inicial verificamos um movimento descendente da curva melódica. O nível melódico de realização da sílaba proeminente na posição inicial é mais baixo do que na posição não-inicial.

Notamos nesse gráfico as estratégias prosódicas desse locutor. Nos enunciados de pedido, o nível melódico de realização da proeminente é baixo, se compararmos com as não-iniciais. Se essas características estão ligadas à expressão de autoridade, que fator indicaria que se trata de um pedido e não de uma ordem? Procuramos observar, então, o correlato da duração da proeminente. Os resultados encontram-se na tabela a seguir:

Tabela 13: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (pedido)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,165	0,196
dp (s)	0,043	0,098

Com esse resultado, observamos que a duração da sílaba proeminente em posição inicial é menor do que em posição não-inicial, da mesma forma como ocorre com as ordens. Para esse locutor, então, notamos que quando a proeminente encontra-se na posição inicial, essa é realizada num nível melódico mais baixo e possui menor duração do que quando se encontra em posição não-inicial, a qual favorece a elevação da curva de frequência e um aumento na duração.

Assim, duas explicações são possíveis para justificar o uso de pouca variação melódica para os pedidos de André. A primeira é a atitude do falante nesse ato de fala. Notamos que, mesmo nas situações em que poderia demonstrar uma atitude mais polida, demonstrando uma maior afetividade na relação com seu alocutário, aumentando, para isso, os valores de frequência fundamental na proeminente, o locutor opta por fazer pedidos menos polidos, mais próximos de uma expressão de autoridade.

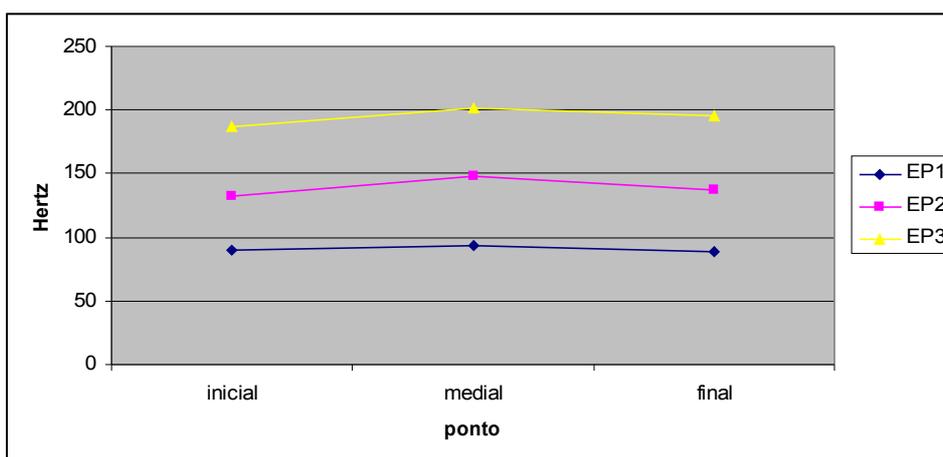
Essa explicação é provável, uma vez que em todas as situações em que André enuncia um pedido, encontra-se em conflito com a personagem com quem interage. Os dados desse locutor que foram analisados por nós correspondem a um momento da trama em que André tenta provar que o responsável pelos acontecimentos negativos da vida de

Júlia fazem parte de um plano de Bia para tomar os bens daquela personagem. Ou seja, há sempre um clima tenso envolvendo as cenas de André.

A segunda explicação possível é a habilidade do próprio locutor para demonstrar suas atitudes. Conforme apontamos no capítulo 4, a expressão das atitudes também depende das características individuais. Isso quer dizer que alguns locutores podem utilizar mais as estratégias prosódicas para demonstrar suas atitudes do que outros. No caso dessa personagem, como os dados são bastante restritos, verificamos que, em todos os casos, prosódia demonstra mais as emoções que as atitudes, pelo menos no que se refere aos seus enunciados de pedido. Julgamos que isso ocorre em função das características psicológicas de André: trata-se de uma personagem que está envolvida diretamente com Bia, a qual controla todas as suas ações. Dessa forma, André interage de forma atípica com as demais personagens da trama.

Para compreender como André usa a melodia em atos de pedidos, procuramos observar o comportamento da curva melódica em que esse desempenha um mesmo papel social. Seleccionamos, então, 3 ocorrências em que a personagem encontra-se no papel de ex-marido. O resultado é apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 14: F0 inicial, medial e final da proeminente em enunciados de pedido na mesma função social



No gráfico 14, temos representados o movimento melódico da sílaba proeminente em três enunciados de pedido em que o locutor desempenha a mesma função. Os enunciados são “fecha a porta” (EP1), “Júlia, me deixa explicar” (EP2) e “Júlia, não faz isso” (EP3). Todas as proeminentes correspondem às tônicas dos verbos de cada

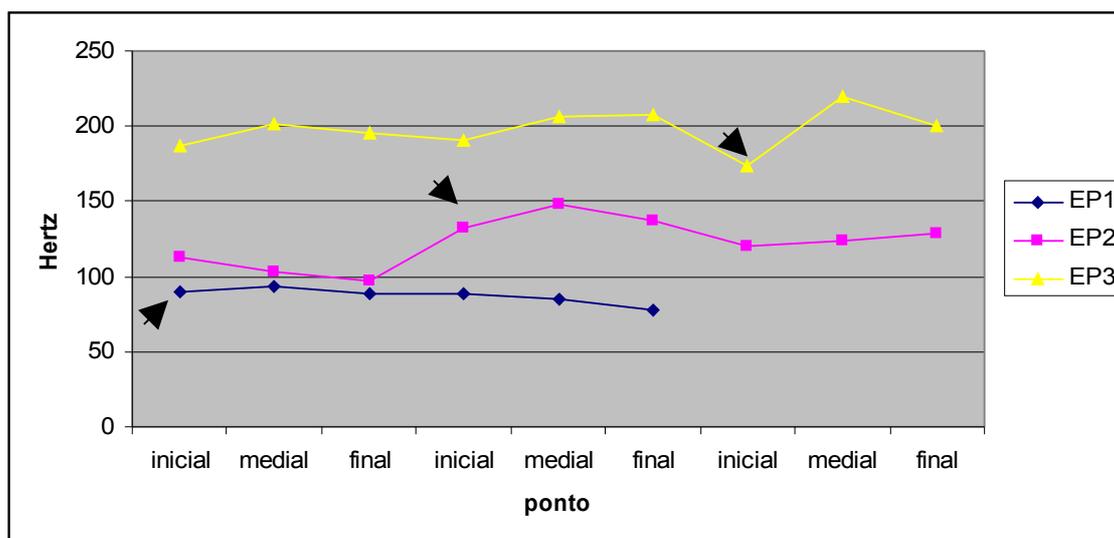
enunciado. Nas três situações, o locutor tem status de não-prestígio, pois está em relação inferior à alocutária, sua ex-mulher. Vale citar também que os três enunciados ocorrem na mesma cena, na mesma sequência em que são apresentados no gráfico.

Observe-se que no início da conversação, André demonstra uma atitude muito polida em relação à Júlia. Notamos que o comportamento de F0 reflete esse aspecto: pouca amplitude melódica. No outro enunciado, notamos um nível melódico diferente e o uso de um movimento ascendente/descendente na proeminente. Observamos, em comparação com o enunciado anterior que há um aumento do nível de realização da curva de F0, o que também ocorre na proeminente do enunciado 3. Nos três enunciados o ritmo é acentual.

No contexto, é perceptível que André passa por uma alteração na expressão de suas atitudes e emoções. No primeiro enunciado, tenta se mostrar polido e demonstra estar decidido a contar um segredo para Júlia. Aos poucos, muda seu comportamento, tentando demonstrar uma atitude de subordinação em relação à alocutária, uma vez que essa não demonstra interesse no assunto da conversação. Na sequência da cena, o locutor pede de forma ainda mais polida que a alocutária lhe conceda mais atenção.

Elaboramos o gráfico a seguir, apresentando a sequência das sílabas tônicas e proeminentes em cada enunciado.

Gráfico 15: Sequência melódica das sílabas tônicas e proeminentes de EP1, EP2 e EP3

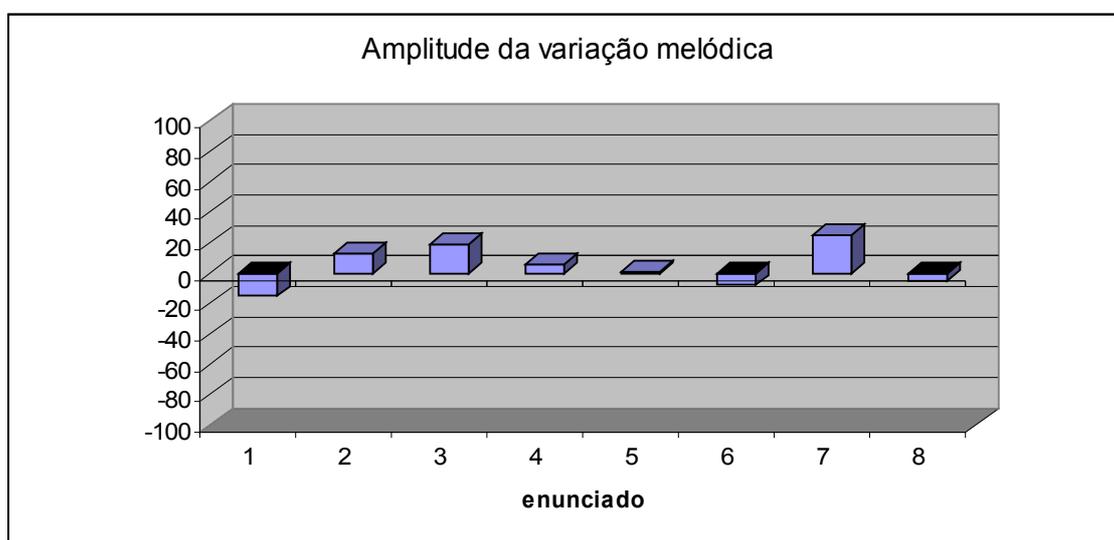


No gráfico, os pontos inicial, medial e final foram indicados para cada uma das sílabas proeminentes e tônicas. As setas indicam o ponto inicial de cada uma das sílabas proeminentes. Dessa forma, no enunciado que se realiza no nível mais baixo de F₀, a proeminente é a primeira; no segundo enunciado corresponde à segunda sílaba; e, no terceiro corresponde à terceira sílaba.

Observando o movimento melódico dos enunciados, percebemos a diferença melódica na produção dos três enunciados. É notável que, em todos os três enunciados, há um aspecto emotivo que influencia na melodia dos enunciados. Contudo, notamos também que os aspectos atitudinais podem ser observados na curva melódica. Em todas as três realizações notamos uma atitude polida por parte do locutor. Entretanto, notamos expressões diferentes dessa polidez, sobretudo em função das emoções que o locutor deixa transparecer nessa interação com a ex-esposa.

Ainda sobre o parâmetro da frequência fundamental, observamos a amplitude da variação melódica das sílabas proeminentes. O gráfico 10, a seguir, apresenta esses resultados.

Gráfico 16: Amplitude da variação melódica na proeminente (pedido)



Observando o gráfico 16, notamos que, na maioria dos enunciados de pedido (5 ocorrências), a variação melódica é descendente. Apenas em três casos temos uma variação negativa, indicando que, naquele enunciado, foram observados movimentos

ascendentes. Assim, vemos que, nos enunciados de pedido de André, a estratégia melódica mais empregada é o movimento descendente.

Vale ressaltar ainda que o intervalo em que ocorre a variação melódica das sílabas proeminentes dos enunciados de pedido de André vai de 15 Hz, que é a maior variação negativa, a 25 Hz, a maior variação positiva. Comparando esse resultado com aqueles referentes à variação das sílabas proeminentes da ordem, notamos que o espaço da variação para as sílabas proeminentes dos pedidos é maior, o que, a nosso ver, indica uma característica dos pedidos.

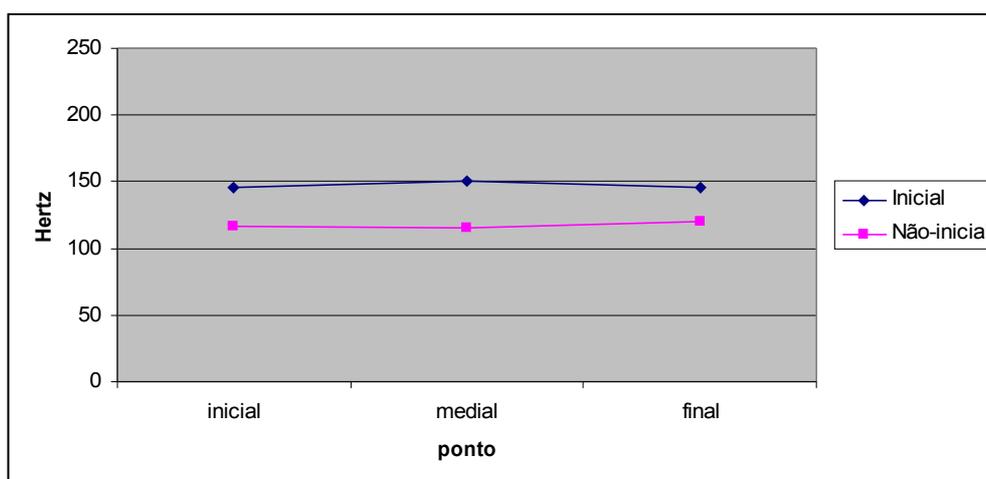
No que se refere às sílabas tônicas, também observamos o que ocorrem em relação ao movimento melódico. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 14: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

posição	Inicial		medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	dp (s)
Inicial	146	29	151	38	146	42
Não-inicial	116	45	115	66	120	52

Para uma melhor visualização do movimento melódico médio nas sílabas tônicas, elaboramos o gráfico 17, a seguir.

Gráfico 17: F0 inicial, medial e final na tônica em relação à sua posição no enunciado



Os nossos resultados indicam que a tônica inicial tem uma realização mais alta no nível melódico do que as não-iniciais. Notamos duas diferenças, em relação às proeminentes:

a primeira diz respeito ao fato de que as proeminentes iniciais são mais baixas do que as não-iniciais, o que não ocorre com as tônicas, e a segunda diz respeito ao tipo de movimento melódico que ocorre nessas duas categorias de sílabas – enquanto notamos um movimento ascendente/descendente nas sílabas proeminentes iniciais e não-iniciais, observamos um movimento ascendente/descendente nas tônicas iniciais e um movimento ascendente nas não-iniciais.

Vale ressaltar que as tônicas que acontecem em posição não-inicial são aquelas que fazem parte do grupo tonal dos vocativos. Por essa razão essas tendem a serem realizadas num nível melódico mais alto que as proeminentes dos enunciados de pedido desse locutor. Quanto ao movimento melódico ascendente das tônicas não-iniciais, esse pode ser justificado em função de essas ocorrerem em posição não-final dos enunciados, o que indicaria a presença de um elemento postônico, num movimento descendente, após a realização das sílabas tônicas.

A duração das tônicas apresenta a mesma tendência das proeminentes. Os resultados encontram-se na tabela 15 a seguir.

Tabela 15: Média e desvio padrão da duração das tônicas em função do local de ocorrência (pedido)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,127	0,164
dp (s)	0,033	0,053

Com esses resultados, podemos notar que esse locutor tende a aumentar a duração das tônicas que não estão em posição inicial, da mesma forma como ocorre com as proeminentes.

De modo a observamos a relação entre movimento melódico e duração, apresentamos os resultados do cálculo da taxa de velocidade da variação melódica para os pedidos, em cada enunciado e na média.

Tabela 16: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (pedido)

enunciado	taxa de velocidade	valor (em Hz/s)
1		128,71
2		127,52
3		39,22
4		6,21
5		-58,39

6	201,61
7	-38,76
8	12,9

Observando os dados da tabela 16, notamos que a taxa de velocidade da variação melódica vai de 6,21 Hz/s até 201,61 Hz/s. Na média, o resultado da taxa é 52,38 Hz/s.

Assim como ocorre com as ordens, o ritmo dos enunciados de pedido desse locutor é acentual. Como não há mudanças de ritmo por parte desse locutor, concluímos que essa estratégia não é empregada usualmente por André. Contudo, esse parâmetro será investigado também para os outros locutores.

Quanto ao alinhamento do pico de F0 sobre a sílaba proeminente, notamos que há uma maior incidência de alinhamento no início da sílaba: 4 ocorrências, no total. Com alinhamento final foram 3 ocorrências, a passo que, com alinhamento medial foi registrada apenas uma ocorrência. Esse é um indício de que, para esse locutor, o alinhamento não se mostrou significativo no que se refere aos enunciados de pedido.

Notamos que, no que se refere à expressão da atitude, nos enunciados de pedido de André notamos a expressão polida, em seis enunciados. Em duas ocorrências, notamos que uma expressão mais polida, do que verificamos nas outras seis.

A seguir, a figura apresenta um exemplo de enunciado de pedido de André. O enunciado é “júlia, me deixa explicar”, cuja alocutária é Júlia. Os papéis sociais desempenhados são de ex-marido (L) e ex-esposa (A). O contexto de produção é privado informal e supõe-se uma relação de afetividade por parte de L. A, ao contrário, não demonstra interesse sobre o assunto da conversação.

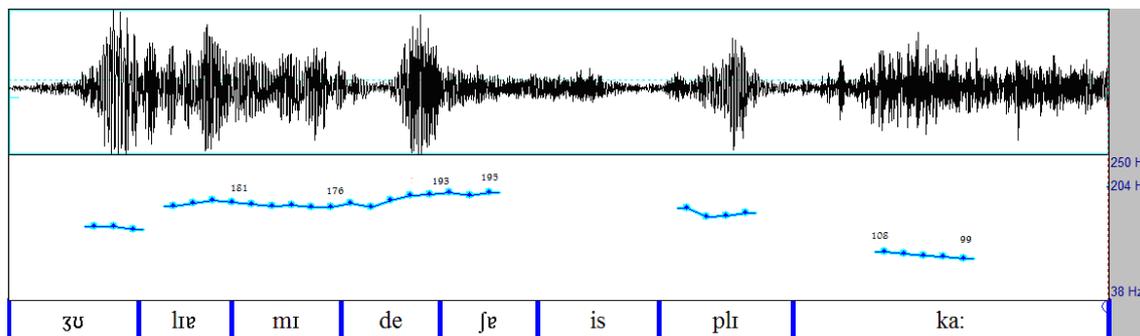


Figura 28: Forma de onda, curva de F0 e transcrição fonética do enunciado “júlia, me deixa explicar”.

O enunciado ilustrado na figura 28 representa um dos pedidos de André. A sílaba inicial [ʒu] faz parte do grupo tonal (GT) do vocativo, o qual inicia o enunciado. Para os enunciados que possuíam características semelhantes, consideramos como o início da ordem ou do pedido o ponto inicial da sílaba após o GT. Dessa forma, no exemplo da figura 28, consideramos que o pedido inicia-se em [mɪ], cuja F0 inicial é 181 Hz. Observamos um pequeno movimento descendente (5 Hz) até o início da sílaba proeminente [de], na qual verificamos um movimento ascendente de 16 Hz, chegando ao ponto máximo do enunciado em 196 Hz. Se a duração da sílaba proeminente é de 0,098 s, por outro lado, a sílaba tônica [ka:] é a mais longa do enunciado, com 0,315 s. Notamos também um movimento melódico descendente, de 108 Hz a 99 Hz, no nível mais baixo do enunciado nessa sílaba.

No contexto, o prolongamento que se percebe nessa sílaba indica a atitude de André na conversação. Como a alocutária não se interessa pelo assunto que o locutor insiste em tratar, notamos um aspecto semelhante a uma súplica, por parte do locutor, nesse enunciado: uma melodia mais baixa que o restante do enunciado, com o prolongamento da sílaba tônica final. Na nossa interpretação, esse é um indício de que André coloca-se numa posição inferior à Júlia, intensificando o modo de produção do ato de pedido, o que pode ser compreendido como uma súplica.

Nesse enunciado, o ritmo é acentual, na primeira parte do enunciado (do vocativo até o verbo “deixa”), e silábico na segunda parte (que contém o verbo “explicar”). No que se refere à velocidade de fala, notamos que a velocidade é maior no início e diminui no final do enunciado, coincidindo com o item “explicar”, o qual é produzido de uma forma mais lenta que a primeira parte do enunciado. Se observarmos os valores relativos à duração, notamos bem essa diferença: a primeira parte do enunciado, que corresponde desde o início do vocativo [ʒu] até a sílaba final [ʃe] temos 0,520 s, contra 0,571 s da segunda parte, que vai de [is] até a sílaba final [ka:]. Se desconsiderarmos o vocativo, a primeira parte tem a duração de 0,290 s, um pouco mais da metade do tempo utilizado para produzir a segunda parte do enunciado.

Essas constatações nos indicam que o mesmo enunciado pode ser produzido com ritmos diferentes, o que leva a um efeito prosódico diferente. Comparando-se o enunciado a outros de pedido de André, notamos também que o registro é alto e a tessitura é larga. A alteração do ritmo, mais o prolongamento da sílaba tônica final, em conjunto com a mudança na velocidade de fala, mais os aspectos contextuais são fatores que, a nosso ver, interagem de forma que percebamos uma atitude diferente por parte do locutor ao produzir o enunciado de pedido com essas características. Para nós, esses fatores contribuem para que André expresse à sua alocutária mais do que um ato de pedido: percebe-se uma expressão de atitude de subordinação em relação à alocutária.

7.2.1.3 Ordens e pedidos do locutor 1

A partir das descrições feitas até aqui, verificamos que as ordens de André são realizadas com um padrão melódico descendente, enquanto os pedidos podem ser realizados com um padrão descendente ou ascendente. Isso nos indica que, do ponto de vista melódico, as ordens são menos variáveis que os pedidos.

Uma das diferenças em relação à realização dos padrões prosódicos de ordem e de pedido é em relação à tessitura. Na ordem, tivemos valores mais altos de F0 (mínimo de 82 Hz e máximo 262 Hz), ao contrário do que ocorre com os pedidos (máximo de 191 Hz e mínimo de 29 Hz). Notamos, portanto, que a tessitura nas ordens é estreita, ao passo que os pedidos apresentam uma tessitura larga.

Se por um lado observamos a diferença na tessitura, no que se refere ao ritmo, observamos que André não utiliza esse parâmetro para diferenciar ordens de pedidos, uma vez que notamos que em ambas as forças ilocucionárias o ritmo empregado é o acentual. Entretanto, percebemos no exemplo da figura 28, apresentada na seção anterior, que dentro de um mesmo enunciado pode haver alteração rítmica mínima em uma parte específica do enunciado, sem que haja alteração do ritmo global do enunciado, utilizado intencionalmente pelo locutor, com a função de demonstrar um aspecto atitudinal.

O fator duração total do enunciado para esse locutor demonstra que ordens são mais longas que os pedidos. Essa observação já fora apontada por QUEIROZ (2007). No experimento de QUEIROZ (2007), feito com enunciados com as mesmas características segmentais, os resultados em relação à duração total de ordens e pedidos demonstram que os pedidos são mais curtos que as ordens. Assim, mesmo que os nossos enunciados tenham características segmentais diferentes, os nossos resultados corroboram os resultados encontrados por QUEIROZ (2007).

Cabe, então, pensar sobre porque as ordens tendem a ser mais longas. Uma possibilidade é pensar que o correlato da duração seja mais relevante nas ordens que em pedidos, pois esses últimos estão mais sujeitos à maior variação melódica. Contudo, acreditamos que esse é um aspecto que deve ser observado mais atentamente para os demais locutores.

Outro resultado que consideramos relevante diz respeito ao cálculo da correlação entre duração total do enunciado e o parâmetro contextual “papel social”. A tabela a seguir apresenta o resultado da correlação para o parâmetro papel social.

Tabela 17: Correlação e valor de p para duração total do enunciado e papel social

		Papel social
Duração total do enunciado	Pearson Correlation	0,571
	valor-p	0,041
	N	13

O valor de p para esses parâmetros demonstra uma correlação significativa no nível 0,05. Esse resultado indica que, quando o locutor se encontra em certos papéis sociais, tende a utilizar enunciados mais longos ou mais curtos. Se pensarmos que, nas situações de interação em que André dá uma ordem ele ocupa um papel social de prestígio e nessas mesmas situações encontra-se numa posição assimétrica de autoridade sobre seu alocutário, isso pode significar que esse locutor tende a utilizar esse parâmetro como pista para expressar uma atitude mais ou menos polida.

No que se refere ao uso das pistas prosódicas nas sílabas proeminentes, notamos que tanto nas ordens quanto nos pedidos, há pouca variação da curva de F0. Nos dois tipos de enunciados, André tende a utilizar o movimento ascendente/descendente nessas

sílabas. Observamos também que a amplitude do movimento melódico é pequena, na maioria dos casos dos dois tipos de enunciado.

A nosso ver, essas características prosódicas vão sofrer variação determinada pelo contexto: mesmo quando o locutor não se encontra em situação de *status*, as relações interpessoais interferem no seu comportamento. Assim, ou André demonstra em seus enunciados de ordem a autoridade socialmente legada a essa personagem, ou demonstra ser mais ou menos polido, nas situações em que a personagem não tem prestígio com o alocutário.

Notamos que, no que se refere à duração, que tanto as sílabas proeminentes quanto as tônicas se alongam em posições não inicial, em ambas as forças ilocucionárias. Isso pode ser explicado pelo fato de que, em enunciados diretivos de ordem e pedido, a proeminência ocorrer no início. Nos casos em que essa proeminência tende ao final porque há presença de vocativos ou partículas modalizadoras, essa pode ser uma das estratégias para fazer com que a proeminência da sílaba seja percebida.

Observamos também o aspecto do alinhamento. Em função do número pequeno de dados desse locutor, podemos falar apenas que há uma tendência de alinhamento do pico de F0 em relação à sílaba proeminente: enquanto na ordem o alinhamento tende de medial a final, nos pedidos esse tende a ser inicial.

No que tange à correlação entre fatores prosódicos e contextuais, os testes estatísticos demonstram uma correlação significativa entre frequência fundamental final das proeminentes e força ilocucionária. O valor de p para testar a significância da correlação foi de 0,05. Na tabela 18 a seguir, temos os resultados.

Tabela 18: Correlação e valor de p para frequência inicial e final da proeminente e força ilocucionária

		FOIS Frequência Inicial da proeminente	FOF Frequência Final da proeminente
OP Ordem ou Pedidos	Pearson Correlation	0,526	0,553
	valor-p	0,065 (*)	0,050
	N	13	13

Com esses resultados, observamos que existe correlação entre a frequência final da proeminente e a força ilocucionária. No caso desse locutor, quanto mais baixa a frequência final da proeminente, maior a relação com os enunciados de ordem. No caso da frequência inicial, apesar de o resultado ter sido maior que o valor p , consideramos que pode haver correlação entre esses dois fatores. Esse é um indício que poderia ser melhor verificado em função do tamanho da amostra de dados. Dessa forma, não descartamos a possibilidade de também haver correlação entre força ilocucionária e frequência inicial da sílaba proeminente.

Testamos também se havia correlação entre duração da proeminente e a categoria dos atos de fala. O resultado encontra-se na tabela 19, conforme abaixo:

Tabela 19: Correlação e valor de p para duração da proeminente e força ilocucionária

		Força ilocucionária
Duração da proeminente	Pearson Correlation	0,024
	valor-p	0,938
	N	13

Nossa hipótese no caso era a de que a duração da proeminente pode indicar que o ato de fala é um pedido ou uma ordem. Contudo, como o valor p foi maior do que 0,05, podemos concluir que, nos dados da amostra desse locutor, não há correlação entre os enunciados de ordem e pedido e duração da proeminente. Isso nos leva a concluir que, para o locutor André, há aspectos prosódicos e do contexto que são relevantes para a interpretação dos enunciados.

Como conclusão sobre esse locutor, podemos afirmar que André utiliza de pouca variação das estratégias prosódicas para demonstrar atitude de polidez, em graus diferentes, nos enunciados de ordem e pedido. Exceto nas situações em que interage com sua ex-esposa, esse locutor parece sempre tenso com a situação comunicativa em que se encontra.

7.2.2 Locutor 2: Alberto

Assim como André, Alberto é uma das personagens centrais da novela. Faz parte do núcleo de humor: está sempre envolvido em situações amorosas inusitadas. Como as

outras personagens analisadas, Alberto também ocupa um cargo no alto escalão da empresa em que se passa a trama. No *corpus*, Alberto interage com sua filha, sua esposa, e sua empregada, no âmbito familiar, com outros funcionários, dentro da empresa, e com sua amante. A seguir, apresentamos os resultados das análises dos enunciados dessa personagem.

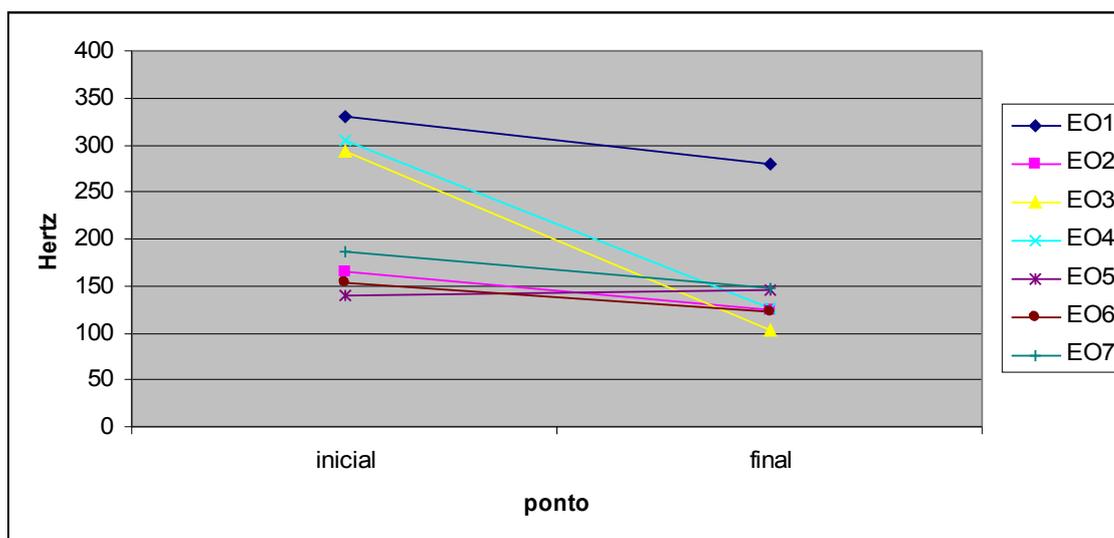
7.2.2.1 A ordem

Dos 30 enunciados analisados dessa personagem, 7 são ocorrências de ordens. Desses, oito ordens têm como alocutária a empregada e apenas uma é dirigida à amante. Assim, os dois papéis sociais de Alberto, nos enunciados de ordem, são patrão e amante. Todas as ordens são dadas no contexto privado informal e, com exceção da ordem dada à amante em que o locutor não tem *status* de prestígio, em todas as outras situações Alberto tem *status* de autoridade.

7.2.2.1.1 Características do enunciado

No que diz respeito aos aspectos prosódicos, analisamos as características do movimento melódico no enunciado. As medidas de F0 inicial e final para esse locutor encontram-se no gráfico a seguir. Na legenda, os itens EO1 a EO7 correspondem a cada um dos enunciados desse locutor.

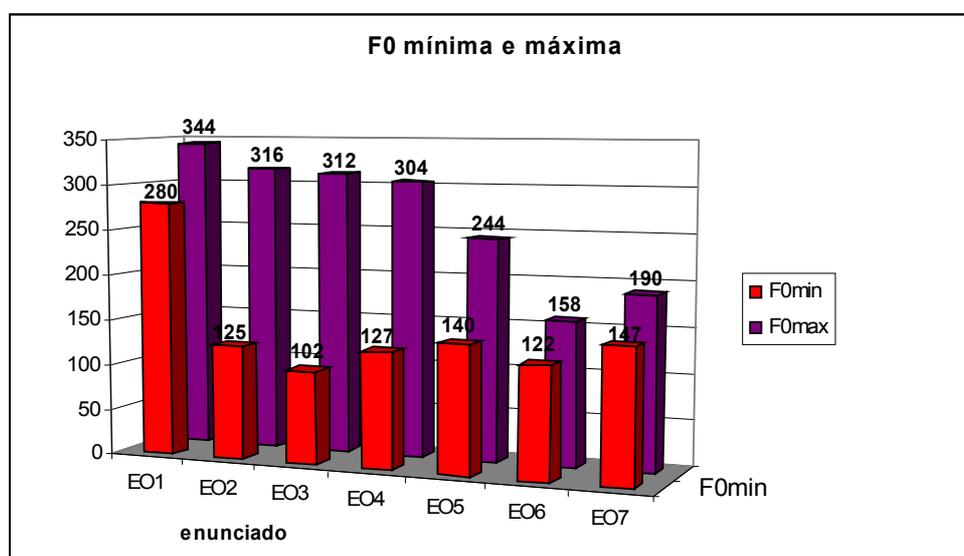
Gráfico 18: F0 inicial e final dos enunciados de ordem (locutor Alberto)



Observando o gráfico 18, notamos que Alberto utiliza basicamente dois movimentos melódicos: o descendente, com 6 ocorrências, e o ascendente, com apenas uma ocorrência. No caso dos enunciados desse locutor, observamos que a variação melódica é diferente: há enunciados em que percebemos uma maior variação entre o ponto inicial e o ponto final, enquanto em outros a variação é pequena. Vale notar também que o nível melódico de realização do ponto inicial de 4 enunciados de ordem do locutor encontra-se entre 140 Hz a 180 Hz. Sobre o ponto final, notamos que excepcionalmente o enunciado 1 encontra-se no nível dos 280 Hz. As demais ocorrências estão entre 100 Hz e 150 Hz.

De modo a observarmos o que ocorre no nível da tessitura, registramos os valores máximos e mínimos de F0 dos grupos tonais em que ocorre a ordem dentro do enunciado. O gráfico 19 a seguir apresenta os resultados encontrados nas medidas desse parâmetro:

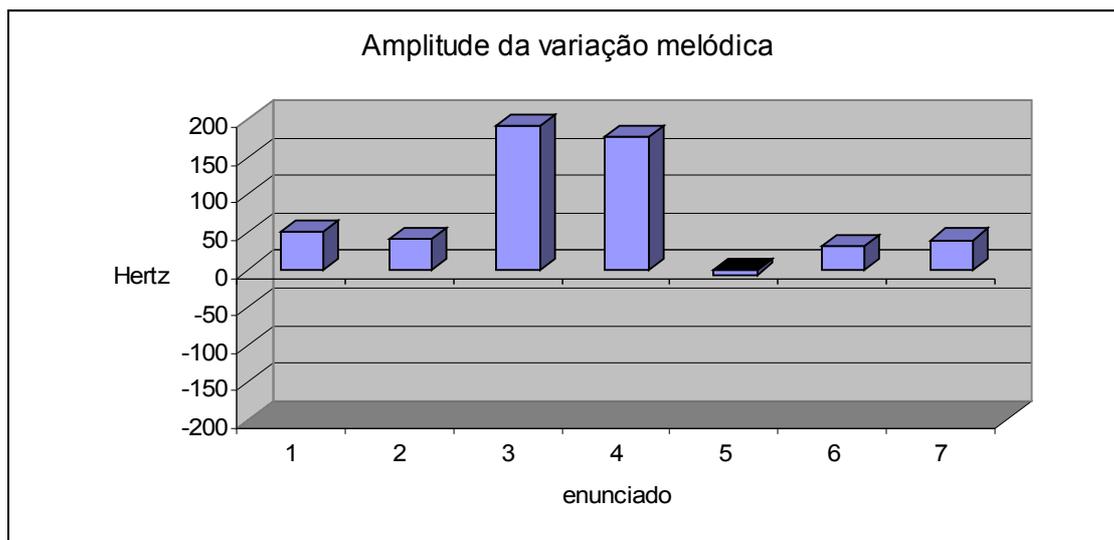
Gráfico 19: F0 máxima e mínima dos enunciados de ordem



Os resultados, no que se refere aos pontos máximos e mínimos de F0 para esse locutor, demonstram uma grande variação melódica para os enunciados de ordem. Como valor máximo temos 344 Hz (EO1), enquanto o mínimo encontra-se em 102 Hz (EO3). Nossa hipótese inicial sobre o fato de que as ordens teriam valores mais baixos de F0 parece não ser verificada, pelo menos para esse locutor. É necessário observar o que ocorre com esses parâmetros nos enunciados de pedido, de modo a observarmos se essa é uma característica específica de Alberto.

A amplitude da variação melódica também foi observada. Para calcularmos a amplitude, utilizamos como valores de referência os pontos inicial e final do grupo tonal em que ocorre o enunciado de ordem, da mesma forma como procedemos com o locutor 1. Os resultados encontra-se no gráfico 20 a seguir.

Gráfico 20: Amplitude da variação melódica (ordem)



No gráfico 20, observamos que em 1 enunciado (EO5) há variação negativa, o que indica o uso de uma melodia ascendente. Os demais enunciados foram produzidos com melodia descendente. Os enunciados em que se nota uma maior variação são EO3 e EO4. O espaço da variação melódica é de 6 Hz para os ascendentes e de 32 Hz a 191 Hz para os descendentes. Esses resultados corroboram o que afirmamos na análise do gráfico 19, sobre as características melódicas dos enunciados de ordem do locutor Alberto. Notamos, assim, que, mesmo na ordem, Alberto utiliza uma grande variação melódica. Assim como observamos anteriormente, essa pode ser uma característica específica desse locutor, que pode ser justificada por duas razões: a primeira, em função de seu perfil psicológico, e uma segunda pelo fato de essa ser uma habilidade individual do ator.

Para efeito de cálculo da variável duração total do enunciado, consideramos também o GT em que ocorre a ordem. Os resultados encontram-se na tabela 20, a seguir.

Tabela 20: Média e desvio padrão da duração total do enunciado (ordem)

	duração total do enunciado (s)
Média	0,699
dp (s)	0,150

Ao dividirmos a média de duração total do enunciado pelo número médio de sílabas desses mesmos enunciados (5 sílabas), encontramos o valor médio de 0,139 s. Isso significa que, em média, as sílabas dos enunciados de ordem de Alberto têm essa duração.

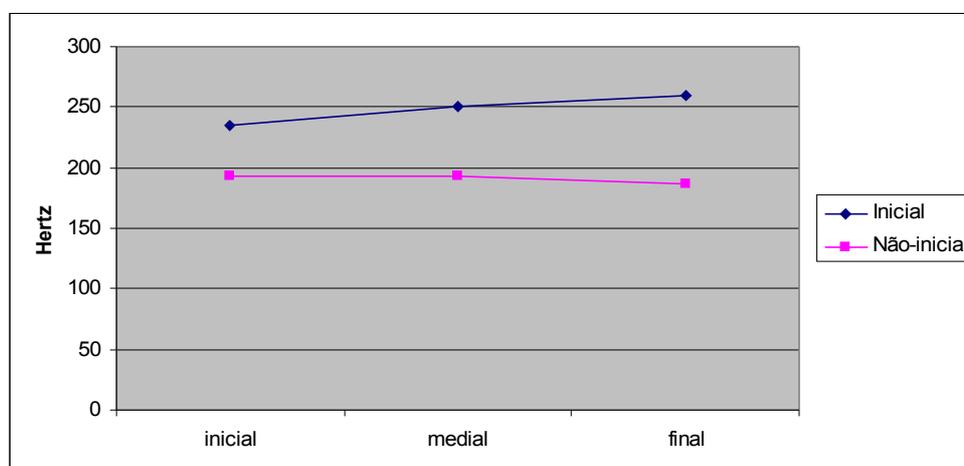
7.2.1.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

Conforme procedemos com o locutor 1, foram feitas observações do comportamento das sílabas proeminentes do grupo tonal e das tônicas dos enunciados de ordem. Para observarmos o movimento melódico das sílabas proeminentes, elaboramos uma tabela com a média dos pontos inicial, medial e final de F0. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 21: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	dp (s)	média	dp (s)
inicial	235	72	251	53	259	49
não-inicial	193	88	193	72	186	72

A partir desses valores, elaboramos um gráfico para uma melhor visualização dos movimentos melódicos das sílabas proeminentes. O resultado encontra-se a seguir.

Gráfico 21: Média de F0 inicial, medial e final das sílabas proeminentes (ordem)

A partir do gráfico 21, podemos observar que, quando a proeminente encontra-se na posição inicial do enunciado de ordem, temos um movimento ascendente. Em posição não-inicial, o movimento é descendente. É interessante notar que o nível médio de realização de F0 das sílabas proeminentes iniciais é maior do que daquelas proeminentes que se encontram em posição não-inicial.

Vale ressaltar que o movimento melódico ascendente da sílaba proeminente inicial indica uma diferença em relação ao locutor 1. Nos dados de Alberto, notamos que a estratégia prosódica é produzir a sílaba proeminente inicial num nível melódico mais alto que a sílaba proeminente em posição não-inicial. Esse aspecto pode ser um indício de que, para esse locutor, as sílabas proeminentes iniciais são mais importantes do que as não-iniciais. Também é importante destacar o fato de que o locutor 2 não utilizou vocativos na estruturação de suas ordens.

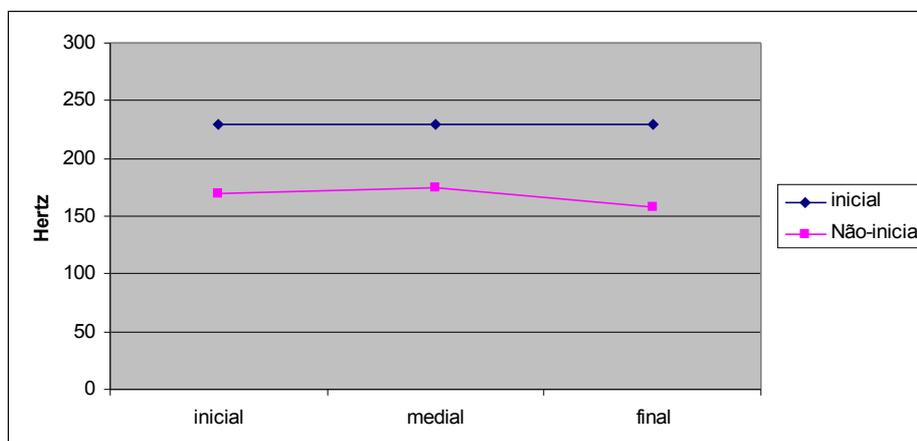
Contrapondo o movimento melódico das sílabas proeminentes, apresentamos os resultados das médias e desvio padrão das sílabas tônicas dos enunciados de ordem de Alberto.

Tabela 22: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na tônica (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	dp (s)	média	Dp (s)
inicial	230	78	229	70	229	73
Não-inicial	170	43	175	54	158	24

A seguir, temos o gráfico 22 que ilustra esses resultados.

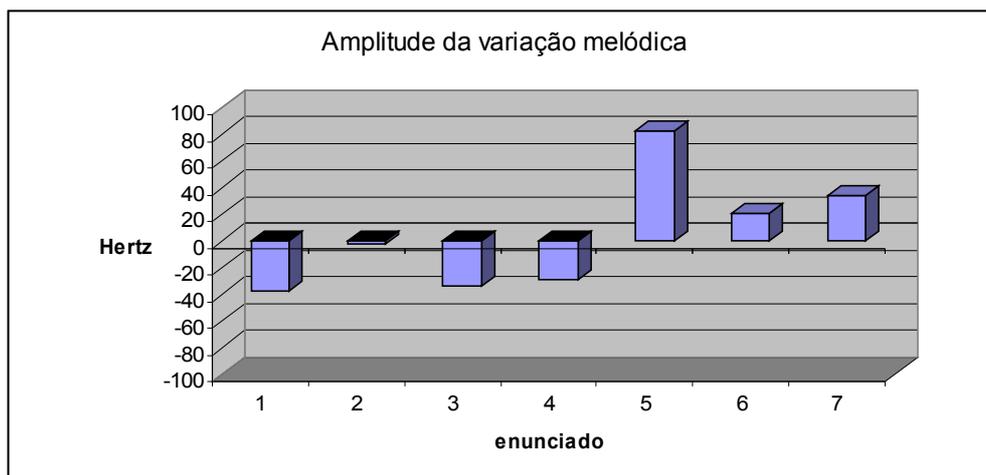
Gráfico 22: Média de F0 inicial, medial e final das sílabas tônicas (ordem)



No gráfico 22, observamos que as posições não-iniciais favorecem um abaixamento da curva de F0. No que se refere ao movimento melódico das tônicas iniciais, notamos uma tendência de pouco movimento melódico, o que na nossa interpretação corresponde ao uso de tom nivelado. O movimento das sílabas tônicas em posição não-inicial é ascendente/descendente. Comparando os gráficos 21 e 22, percebemos que, quando as sílabas proeminentes ou tônicas encontram-se em posição inicial, ambas se realizam num nível melódico mais alto do que aquelas que estão em posição não-inicial. A nosso ver, essa é uma estratégia desse locutor nesses enunciados.

De modo a caracterizar o uso da melodia nos enunciados de ordem de Alberto, fizemos o cálculo da amplitude da variação melódica das sílabas proeminentes. Os resultados encontram-se a seguir:

Gráfico 23: Amplitude da variação melódica na proeminente (ordem)



Observando o gráfico 23, notamos que Alberto utiliza tanto movimentos ascendentes (variação negativa), nos enunciados EO1, EO2, EO3 e EO4, quanto descendentes (variação positiva), nos enunciados EO5, EO6 e EO7. O intervalo dessa variação vai de -38 Hz (enunciado 1) a 83 Hz (enunciado 5).

Notamos que o enunciado EO5 (“assiste só”) possui uma variação excepcional, muito diferente da que ocorre nas demais ordens desse locutor. No caso desse enunciado, acreditamos que os fatores contextuais devem ser observados atentamente. Na situação comunicativa, o alocutário de Alberto é sua amante. Na cena, Alberto demonstra-se irritado, pois sua esposa descobriu que tem um caso. No momento da interação com

Rebeca, no qual profere o enunciado, Alberto ordena que essa assista ao vídeo, que é a prova de sua traição.

Além do aspecto contextual da relação entre os locutores e do aspecto atitudinal da demonstração da autoridade por parte de Alberto, é necessário considerar também o aspecto emotivo. A irritação do locutor, tanto com a situação quanto com a alocutária, mais a expressão da atitude interagem de tal forma com o padrão prosódico, que notamos um perfil diferente do que havíamos observado até então.

Esse fato nos mostra que as ordens também estão sujeitas a uma grande variação melódica, ao contrário do que propomos em nossa hipótese. Esse dado, que aparentemente é incompatível com a caracterização prosódica de uma ordem, leva-nos a refletir sobre a influência dos fatores contextuais na produção de um enunciado de ordem, os quais podem também alterar a amplitude do movimento melódico. Vale ressaltar que, na situação em que o enunciado é proferido, Alberto não deixa dúvidas de que se trata de uma ordem e não de um pedido, tanto que a alocutária obedece imediatamente ao comando dado pelo locutor. A nosso ver, isso ocorre em função das estratégias prosódicas empregadas pelo locutor e, nesse caso, a amplitude do movimento melódico é uma dessas estratégias.

No que se refere ao alinhamento do pico de F0 na sílaba proeminente, observamos que nos enunciados de ordem de Alberto, esse tende a ocorrer no início dessa sílaba: 5 ocorrências, contra 3 de alinhamento final e apenas 1 de alinhamento medial. Assim, não podemos afirmar se o ponto de alinhamento é uma característica relevante nos enunciados de ordem desse locutor.

Quanto à duração das sílabas proeminentes, apresentamos a seguir a tabela com os resultados de média e desvio padrão para as posições inicial e não-inicial.

Tabela 23: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (ordem)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,272	0,206
dp (s)	0,047	0,072

Comparando os resultados de duração entre as duas posições da proeminente, notamos que as sílabas proeminentes dos enunciados de ordem de Alberto são mais longas que aquelas que se encontram em posição não-inicial. Observando esses dados em conjunto com aqueles referentes ao movimento melódico das sílabas nas mesmas posições, podemos afirmar que, para esse locutor, a posição inicial é aquela em que encontramos maior variação de F0 e também maior duração. Esse pode ser um indício de sejam observados os aspectos atitudinais desse locutor, pois pode ser uma estratégia específica de Alberto nos enunciados de ordem.

A interação entre curva melódica e duração pode ser observada ainda nos resultados da taxa de velocidade da variação melódica, cujos resultados apresentamos na tabela a seguir.

Tabela 24: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (ordem)

enunciado	taxa de velocidade	valor (em Hz/s)
1		33,34
2		17,67
3		-6,01
4		-211,18
5		-148,57
6		-107,01
7		350,21
8		161,54
9		116,04

Nos resultados, notamos que a taxa de velocidade da variação melódica tem como valor mínimo -6,01 Hz/s e, como valor máximo, 350,21 Hz/s. Os enunciados em que essa taxa é menor sofreram uma variação lenta de F0, ao contrário do ocorre com aqueles com maior taxa, os quais tiveram uma variação rápida de F0. Vale lembrar que a nossa hipótese é que a taxa de velocidade de variação melódica é menor nas ordens que nos pedidos.

No que se refere ao ritmo, todos os enunciados de ordem desse locutor foram produzidos com ritmo acentual.

Sobre as atitudes, vale notar que observamos que Alberto é um locutor muito polido ao dar suas ordens. Como notamos uma maior variação melódica nos enunciados desse locutor, entendemos que suas ordens não deixam transparecer uma atitude autoritária.

Nos dados de Alberto, observamos uma maior tessitura em alguns enunciados, bem como um registro mais alto.

De acordo com nossa hipótese, e pelas características psicológicas da própria personagem, notamos que, nas situações de interação, esse locutor demonstra muita cortesia e pouca autoridade. Se relacionarmos os fatores prosódicos aos atitudinais, podemos afirmar que registro alto e tessitura larga funcionam como correlatos para expressão dessas atitudes: se por um lado aumenta-se o grau de cortesia e polidez aumentando-se registro e tessitura, o que nos leva a interpretar o enunciado como pouco autoritário, por outro, diminuindo-se a tessitura e abaixando-se o registro temos uma expressão menos polida e, portanto, mais autoritária. Essa questão será abordada novamente quando observarmos os resultados dos demais locutores.

A figura 29 a seguir ilustra um exemplo de ordem de Alberto. O enunciado é “fala pra Ornela ligar pra Júlia Assumpção a qualquer hora”. A alocutária é a empregada. O ambiente é familiar e a relação entre os locutores é profissional. A intenção do locutor é instruir a alocutária sobre o que deve fazer, caso Ornela telefone.

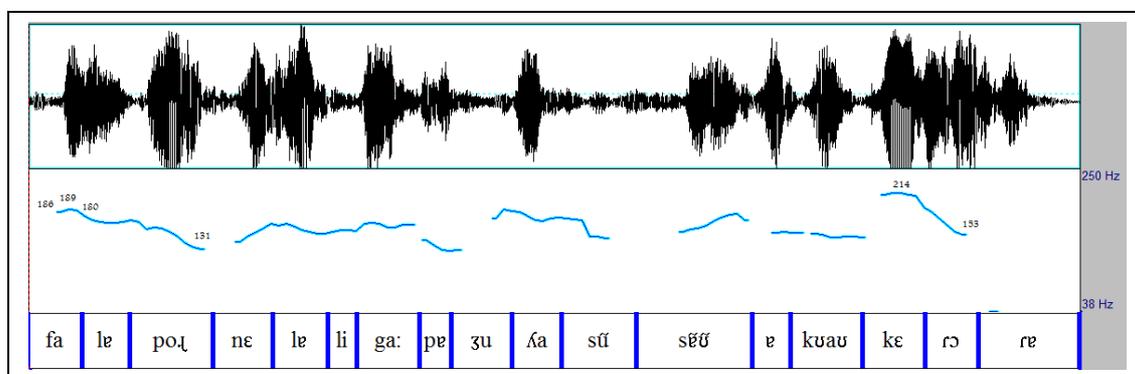


Figura 29: Forma de onda, curva de F0 e transcrição fonética do enunciado “fala pra Ornela ligar pra Júlia Assumpção a qualquer hora”. Locutor Alberto.

Na figura 29, temos todo o contexto do enunciado de ordem, com o verbo da ordem e todo o conteúdo da instrução dada à alocutária. Conforme já citamos anteriormente, interessa-nos no enunciado, principalmente, o grupo tonal no qual ocorre a ordem. Nesse GT, observamos que a proeminente do enunciado é a tônica do verbo [fa], cuja duração é de 0,136 s. O movimento melódico que se vê a partir da proeminente é um ascendente de 3 Hz (186 Hz a 189 Hz), o qual é imperceptível auditivamente, e um

descendente que vai de 189 Hz até o final do grupo tonal da ordem, que termina em 131 Hz.

No que diz respeito ao movimento melódico, esse é o padrão mais utilizado por Alberto: uma ordem dada com melodia descendente. Vale notar que os demais grupos tonais que se seguem dentro do enunciado são diferentes do GT da ordem. Sobre o último grupo tonal, por exemplo, notamos uma ênfase dada pelo locutor à expressão “qualquer hora”, num nível melódico mais alto que o do GT da ordem, indicando para a alocutária que essa informação é de extrema relevância no conteúdo proposicional.

Para efeito do cálculo da taxa de velocidade da variação melódica nessa sílaba, partimos do ponto de 189 Hz a 180 Hz, uma vez que o ascendente inicial não é significativo. Assim, o resultado do cálculo é de 0,015 Hz/s. O que explica o valor dessa taxa é a pouca variação melódica na sílaba proeminente.

O ritmo utilizado no enunciado é acentual. A velocidade de fala é rápida. A tessitura estreita (variação de 58 Hz em um intervalo de 0,464 s) e o registro baixo, se comparado ao registro do enunciado como um todo. No caso desse locutor, essas características são, a nosso ver, indícios de uma ordem polida, com autoridade.

Na próxima seção, apresentamos os resultados do mesmo locutor, no que se refere aos enunciados de pedido.

7.2.2.2 O pedido

O número de ocorrências de pedidos do locutor Alberto é maior que o número de ordens: 23, no total. Os papéis sociais desempenhados pelo locutor nas situações de uso dessa força ilocucionária são marido, amante e pai. Todas as ocorrências são do ambiente familiar. Apenas na interação com a filha temos o contexto público informal. Nas outras situações, o contexto é privado informal.

No que se refere ao *status* do locutor nessas situações, notamos que, em sete ocorrências, Alberto está em condição de autoridade em relação ao seu alocutário, em

dez, encontra-se em igualdade e em seis está em condição de subordinação. No que tange aos parâmetros prosódicos, observamos que, nos contextos em que Alberto encontra-se na situação de autoridade, a proeminente do enunciado sempre corresponde à tônica do verbo do pedido. Como exemplo temos o enunciado “pergunta pra ela”, no qual o alocutário de Alberto é a esposa. Nesse enunciado, a proeminente é [gũ], a qual é realizada com uma melodia ascendente. O movimento descendente inicia no final da proeminente, até o final do enunciado.

De outra forma, nos enunciados em que Alberto encontra-se numa situação de subordinação, verificamos que a proeminente não é a tônica do verbo. Nos contextos em que o locutor enuncia um pedido, observamos que a proeminente pertence ao grupo nominal que se segue ao verbo. A tônica do verbo é realizada num nível melódico mais baixo que a proeminente do enunciado, sempre com melodia ascendente.

Outra diferença que observamos diz respeito à velocidade de fala. Nos enunciados de pedido em que o locutor tem autoridade, a velocidade de fala é maior do que naquelas em que está em relação de subordinação com seu alocutário. Esse aspecto, de certa forma, influencia o ritmo dos enunciados, o que nos leva a refletir sobre o fato de que as situações em que o locutor faz um pedido nessa condição (subordinação) poderia favorecer a um ritmo silábico, enquanto o outro contexto (autoridade) favoreceria ao uso de rimo acentual. Entretanto, acreditamos que, para confirmar tal hipótese, seria necessário um maior número de dados em que o pedido fosse observado nesse contexto.

7.2.2.2.1 Características do enunciado

Quanto às características prosódicas dos enunciados de pedido do locutor 2, observamos primeiramente o movimento melódico no enunciado. Os gráficos 24 e 25 a seguir ilustram o que ocorre com o parâmetro F0 nos enunciados de pedido desse locutor. Decidimos por elaborar dois gráficos para uma melhor visualização das ocorrências. No gráfico 24, temos os resultados dos enunciados EP1 a EP12; enquanto no gráfico 25, temos os resultados de EP13 a EP23.

Gráfico 24: F0 inicial, medial e final dos enunciados de pedido (EP1 a EP12)

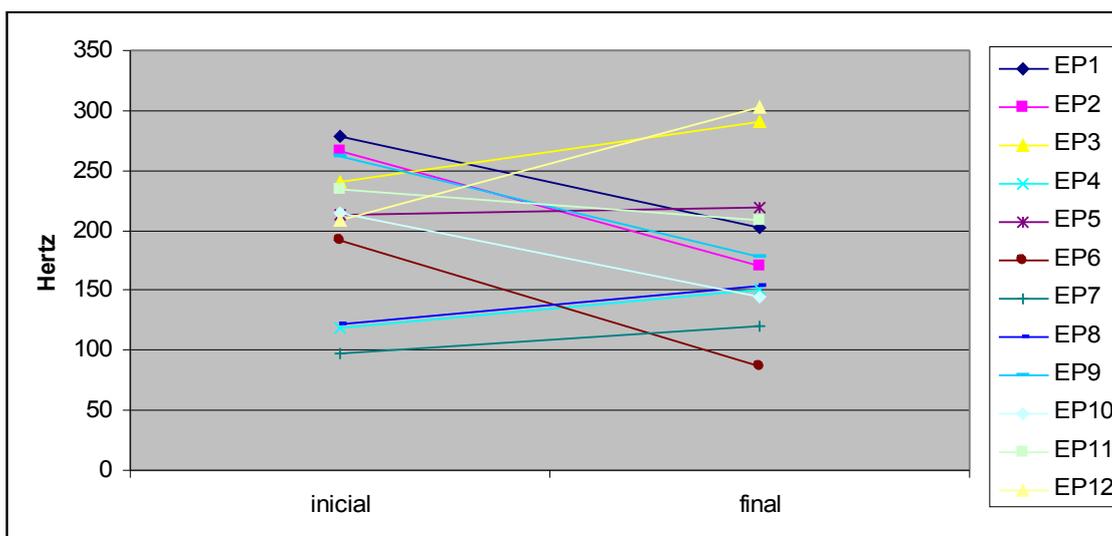
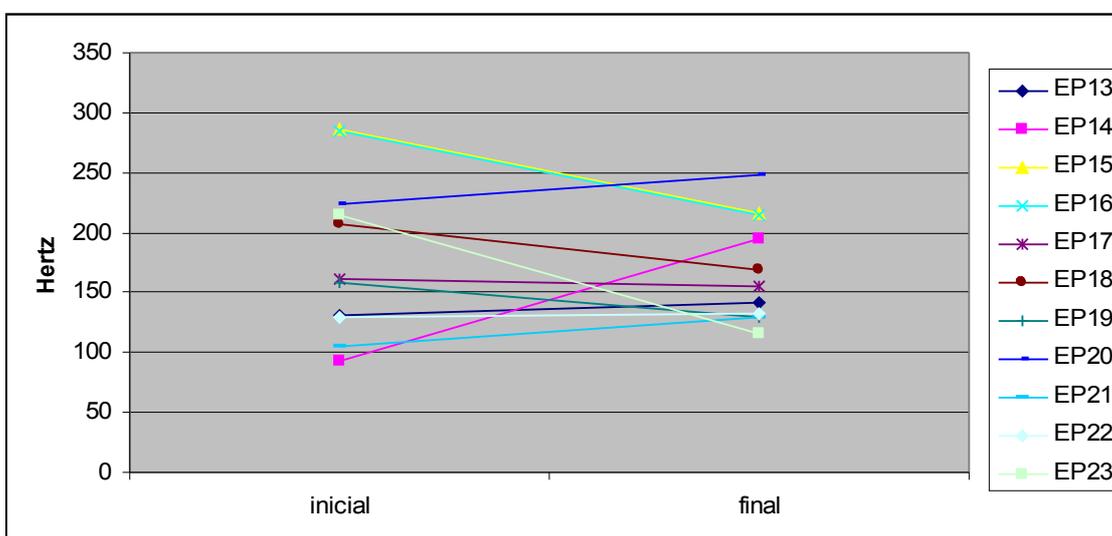


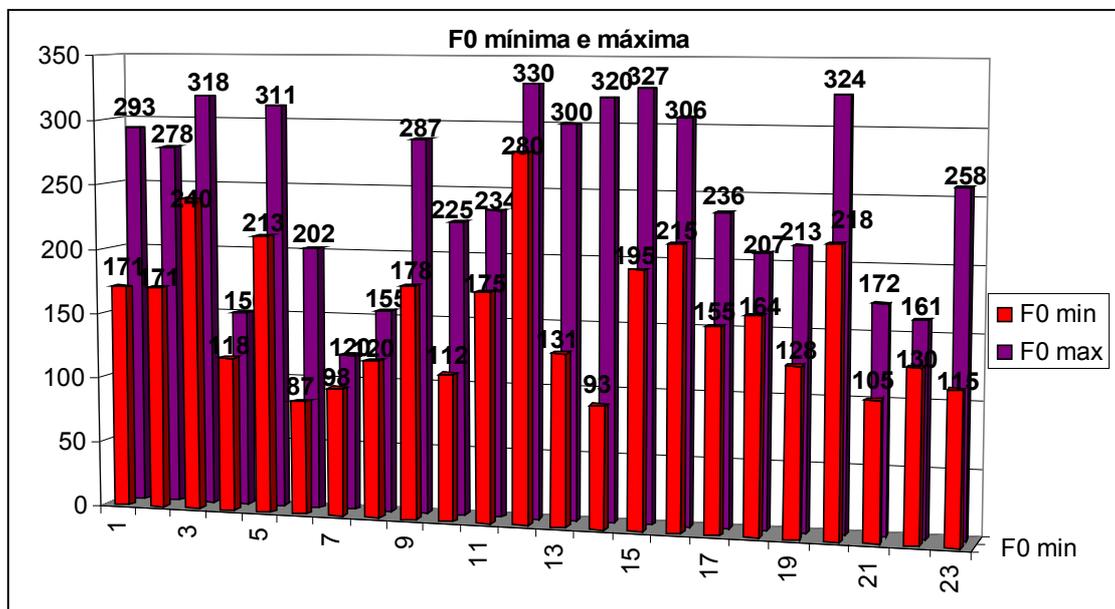
Gráfico 25: F0 inicial, medial e final dos enunciados de pedido (EP13 a EP23)



Observando os resultados dos gráficos 24 e 25, notamos que o locutor 2 utiliza dois padrões de movimento melódico: ascendentes (12 ocorrências) e descendentes (11 ocorrências). Com o movimento ascendente, temos os enunciados EP2, EP3, EP4, EP5, EP7, EP8, EP9, EP12, EP13, EP14, EP20, EP21 e EP22; com movimento descendente, temos os enunciados EP1, EP2, EP6, EP10, EP11, EP15, EP16, EP17, EP18, EP19 e EP23. Assim, da mesma forma que o locutor 1, Alberto utiliza dois padrões para os grupos tonais em que temos enunciados de pedido.

Do ponto de vista da tessitura, observamos as frequências máximas e mínimas do grupo tonal em que ocorreram os enunciados de pedido. Os resultados encontram-se no gráfico 26 a seguir.

Gráfico 26: F0 máxima e mínima dos enunciados de pedido (locutor Alberto)



Observando o gráfico, notamos que há enunciados em que há uma diferença grande entre o ponto mínimo e o ponto máximo. É o que ocorre em EP14, cujo ponto mínimo de F0 é 93 Hz e o máximo é 320 Hz. No que se refere a esse enunciado (“raciocina comigo”), a alocutária é a amante. No contexto comunicativo de EP14, observamos que a emoção é um aspecto relevante na configuração prosódica do enunciado: o locutor demonstra-se feliz com o fato de a alocutária compreender as suas intenções comunicativas, acompanhando seu raciocínio.

Além disso, observamos que em cada um desses enunciados de pedido há uma atitude diferente do locutor. Nos enunciados EP5 e EP8, notamos que Alberto demonstra muita polidez e pouca autoridade, colocando-se num nível de subordinação tal, em relação à alocutária, que nos faz perceber que quem está no comando da situação é A e não L. Um dos exemplos desses enunciados foi mencionado na seção anterior.

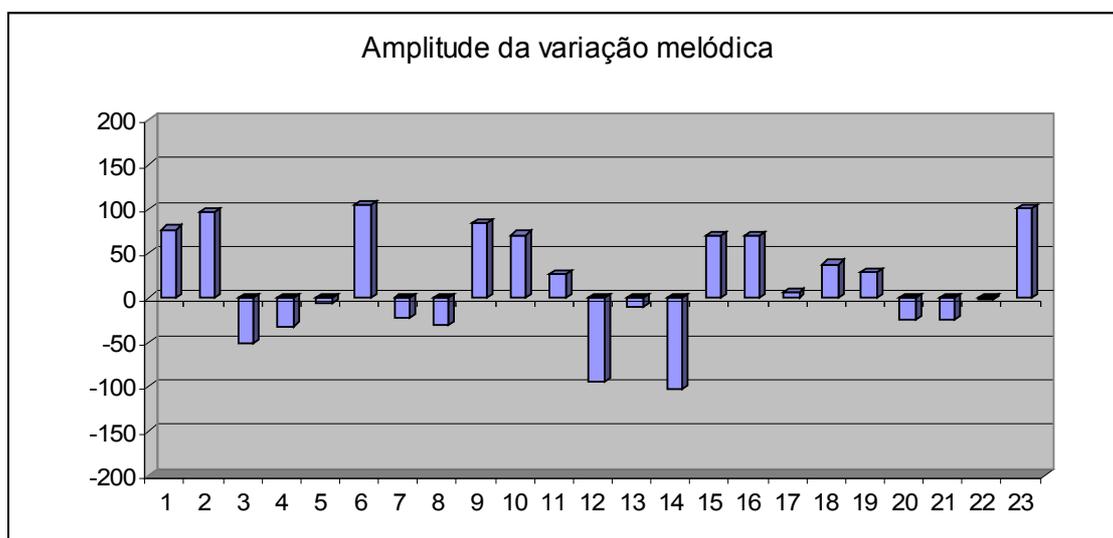
Em EP17, notamos uma atitude de impaciência por parte do locutor, que tem a amante como sua alocutária. Ao contrário do que anuncia no conteúdo proposicional, quem não

tem paciência é próprio Alberto, que fica irritado com sua amante, uma vez essa finge não compreender a situação: a esposa descobriu que está sendo traída.

Em EP12, notamos uma atitude de desafio por parte do locutor. No contexto desse enunciado, Alberto tem como alocutária a esposa, que descobriu a traição do marido. Ao contrário do que ocorre na situação dos enunciados EP11 e EP15, Alberto se coloca mais autoritário, desafiando a esposa a ligar para secretária e fazer a pergunta do conteúdo proposicional do pedido.

Observamos também a amplitude da variação melódica dos enunciados de pedido de Alberto. No gráfico a seguir, apresentamos os resultados.

Gráfico 27: Amplitude da variação melódica do enunciado (pedido)



Observamos, a partir dos resultados apresentados no gráfico 27, não apresenta tendência quanto à variação nos enunciados de pedido desse locutor. No gráfico, observamos 12 ocorrências de variação positiva (movimento descendente), ao passo que a variação negativa, indicando o uso de um movimento ascendente, aparece em 11 ocorrências. Quanto aos valores, temos o intervalo negativo de 2 Hz a 102 Hz e um intervalo positivo de 6 Hz a 105 Hz.

No que se refere à duração total dos enunciados de pedido desse locutor, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 25: Média e desvio padrão da duração total dos enunciados de pedido

	duração total do enunciado (s)
Média	0,672
dp (s)	0,408

Em média, os enunciados de pedido de Alberto têm 5 sílabas. Dividindo a duração total do enunciado pelo número médio de sílabas desses mesmos enunciados, temos uma duração média das sílabas nos pedidos desse locutor. O resultado dessa divisão é 0,134 s. Essa é a duração média das sílabas para os pedidos de Alberto.

7.2.2.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

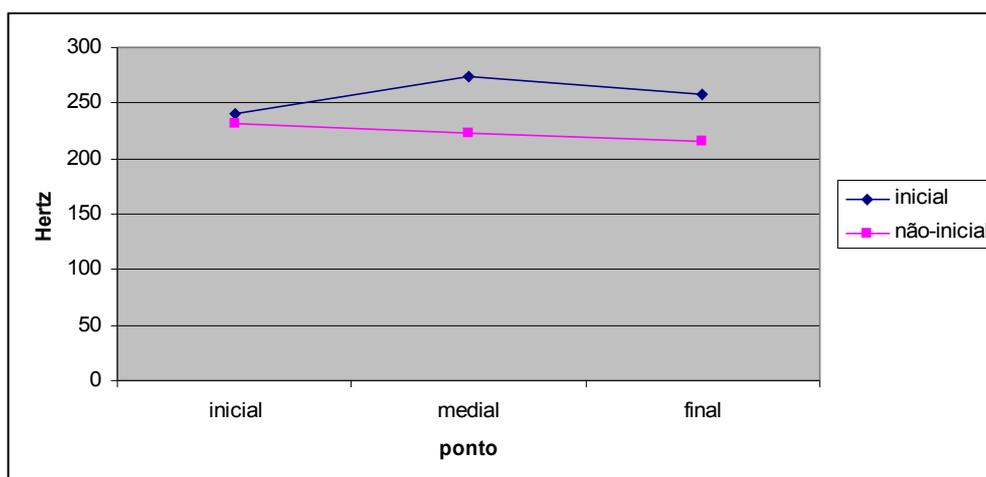
De modo a caracterizarmos o grupo tonal dos enunciados de pedido, observamos também as características do movimento melódico das sílabas proeminentes. Sobre esse aspecto, obtivemos os seguintes resultados.

Tabela 26: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	Dp (s)
Inicial	240	92	274	68	258	94
Não-inicial	231	82	223	56	216	70

Para uma melhor visualização desses resultados, apresentamos o gráfico 28 a seguir.

Gráfico 28: F0 inicial, medial e final em relação à posição da proeminente no enunciado (pedido)



A partir desses resultados, observamos que, em posição inicial, a sílaba proeminente dos enunciados de pedido de Alberto tem um movimento ascendente/descendente. De outra forma, as sílabas proeminentes em posição não-inicial têm movimento descendente. Além disso, notamos que o nível melódico em que se realizam essas sílabas também é diferente: as proeminentes em posição inicial estão num nível mais alto que as proeminentes em posição não-inicial. Esse resultado pode ser um indício de que a proeminência inicial é mais importante nesses enunciados de Alberto.

Para verificarmos se essa proeminência inicial também tem reflexo na duração das sílabas proeminentes, fizemos o cálculo da média de duração e de desvio padrão para essas sílabas nos enunciados de pedido. Na tabela a seguir temos esses resultados.

Tabela 27: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (pedido)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,199	0,244
dp (s)	0,060	0,133

Com esses resultados, notamos que, em média, a duração das sílabas proeminentes em posição inicial é menor do que aquelas que se encontram em posição não-inicial. Entretanto, se observarmos o desvio padrão, notamos que o dp(s) das sílabas proeminentes iniciais é menor do que o dp (s) daquelas em posição não-inicial. Isso pode nos indicar que na amostra dessas últimas sílabas é provável termos dados que se afastam muito da média.

Na tabela de dados, notamos que dois deles, respectivamente dos enunciados 8 e 9, têm proeminentes em posição não-inicial e cuja duração é excepcionalmente maior que as demais sílabas proeminentes da amostra. Grande parte dos dados de duração estão no intervalo de 0,100 s a 0,200 s.

Se compararmos essa informação com os dados de duração das proeminentes em posição inicial e não-inicial, notamos que a amostra desse primeiro grupo é mais homogênea do que a do segundo grupo. Assim, se observarmos os dados de F0 e duração em conjunto, podemos afirmar que há uma tendência para a proeminência inicial, nos enunciados de pedido desse locutor.

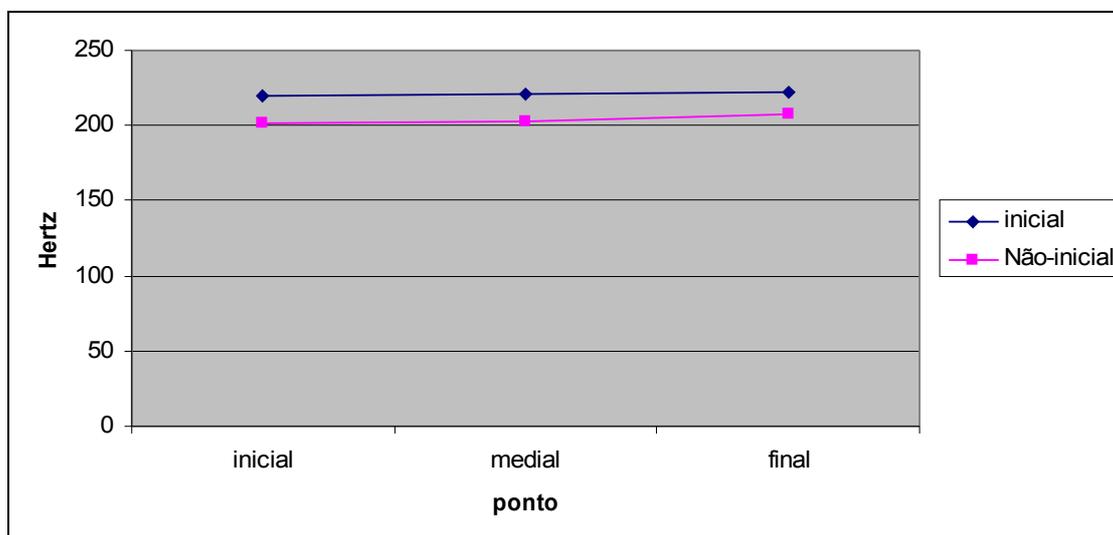
Sobre o movimento melódico nas sílabas tônicas, elaboramos a tabela com valores médios de F0 inicial, medial e final, observando a posição da tônica dentro do enunciado. Os resultados encontram-se na tabela 28 a seguir.

Tabela 28: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na tônica (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	dp (s)	média	Dp (s)
inicial	220	85	221	84	222	90
Não-inicial	201	57	203	60	207	57

Para uma melhor visualização dos dados, elaboramos o gráfico a seguir.

Gráfico 29: F0 inicial, medial e final das sílabas tônicas em relação à sua posição no enunciado (pedido)



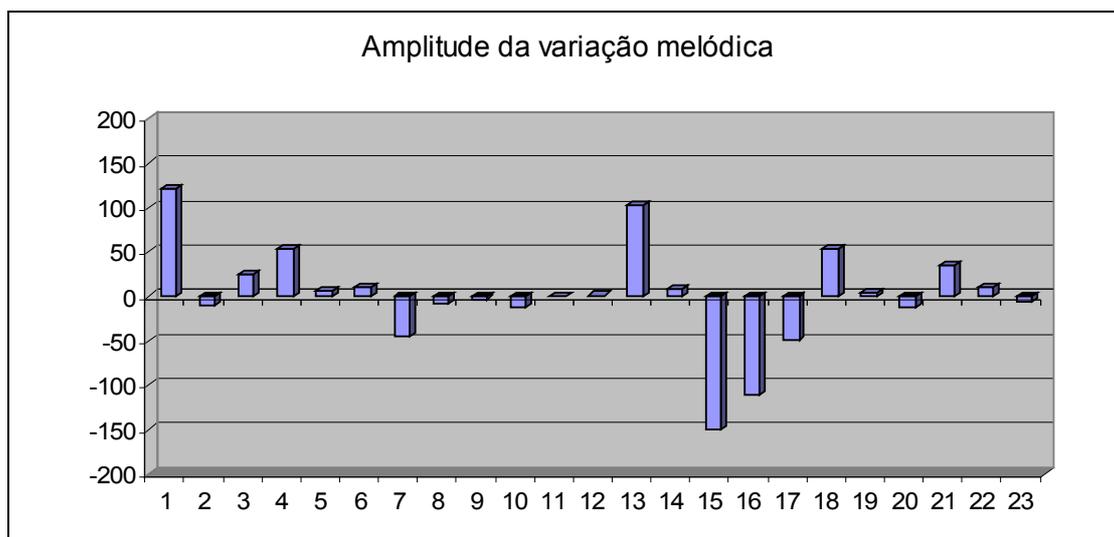
A partir dos resultados apresentados no gráfico anterior, notamos pouca variação melódica na sílaba tônica. Além disso, notamos que a posição inicial favorece a uma realização mais alta no nível melódico. Comparando os gráficos 28 (sobre o movimento melódico das sílabas proeminentes) com o gráfico 29 (movimento melódico nas sílabas tônicas), notamos o nível melódico das proeminentes é mais alto que as tônicas, em posição inicial. É notável também a diferença entre os tipos de movimento melódicos para esses dois grupos de sílabas: enquanto as proeminentes têm movimento ascendente, as tônicas são produzidas num tom nivelado.

Por outro lado, as sílabas proeminentes em posição não-inicial apresentam um movimento descendente, enquanto as tônicas apresentam um tom nivelado. Esse dado

nos leva a pensar que, no caso desse locutor, as sílabas proeminentes em posição inicial são relevantes para os enunciados de pedido.

Ainda sobre o parâmetro da frequência fundamental, observamos a amplitude do movimento melódico nas sílabas proeminentes. Os resultados encontram-se abaixo:

Gráfico 30: Amplitude da variação melódica na proeminente (pedido)



Observando o gráfico 30, notamos que o espaço da amplitude da varia de 1 Hz a 121 Hz no que se refere ao movimento descendente e de 3 Hz a 150 Hz no que se refere ao movimento ascendente. Observamos, também que não é possível confirmar uma tendência de movimento melódico nas sílabas proeminentes, uma vez que as ocorrências têm distribuição semelhante (10 ascendentes em contraposição a 12 descendentes e 1 nivelado).

Quanto ao cálculo da taxa de velocidade da variação melódica, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 29: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (pedido)

enunciado	taxa de variação	valor (em Hz/s)
1		116,04
2		584,54
3		68,98
4		34,26
5		56,35
6		-60,24
7		116,50
8		248,85
9		24,10
10		61,80
11		-212,96
12		-30
13		-9,90
14		-86,96
15		0
16		10,27
17		7,04
18		261,54
19		50
20		-1145,04
21		-202,19
22		-288,24
23		495,41

Observando os dados da tabela 27, notamos que a taxa de velocidade da variação melódica vai de 0 a 495,41 Hz/s.

No que se refere ao ritmo dos enunciados de pedido, ressaltamos que em quatro ocorrências observamos um ritmo acentual. Em todos os esses enunciados, havia em comum o fato de o locutor encontrar-se numa relação de subordinação para o alocutário. Em todos os outros 19 enunciados foi utilizado o ritmo acentual. Quanto ao alinhamento do pico de F0 na sílaba proeminente, tivemos 12 ocorrências de alinhamento inicial, 3 de alinhamento medial, 7 de alinhamento final e 1 ocorrência de nivelado. Isso nos indica que, no que se refere a esse parâmetro, há uma tendência tanto para o alinhamento inicial, quanto para o final.

Nos enunciados de pedido de Alberto, observamos dois aspectos relevantes. O primeiro deles é que esse locutor demonstra muita polidez e pouca expressão autoritária. O segundo diz respeito à identificação de outras duas atitudes: impaciência e desafio.

O perfil psicológico dessa personagem demonstra que, apesar de desempenhar papéis sociais que permitem uma expressão mais autoritária, notamos que Alberto, ao proferir seus pedidos não deixa transparecer essa autoridade. Ao contrário, na maioria dos casos, parece-nos que o locutor demonstra sempre muita polidez e pouca autoridade. Essas características podem ser percebidas em função das estratégias prosódicas utilizadas pelo locutor nesses atos de fala. Dentre as estratégias utilizadas pelo locutor, destacamos uma maior amplitude de variação melódica nas proeminentes, alteração na velocidade de fala, e conseqüentemente do ritmo, além de uma tessitura larga (observada a partir dos pontos máximos e mínimos de F0) e de uma taxa de velocidade da variação melódica pequena.

Sobre a atitude de desafio, notamos que os enunciados em que o locutor a expressa, há um aumento no registro do enunciado, mas a tessitura é estreita. Parece-nos que esses aspectos são relevantes para demonstrar ao alocutário que o locutor encontra-se seguro acerca do conteúdo proposicional do enunciado proferido.

De forma diferente, notamos que a atitude de impaciência está relacionada um registro mais baixo que a atitude de desafio, mas a velocidade de fala é mais rápida do que em outros enunciados de pedido. A tessitura em ambos os casos é estreita.

Um exemplo de enunciado de pedido de Alberto pode ser visto na figura a seguir. O enunciado é “vamos conversar”. O contexto de produção é privado informal, e os interlocutores desempenham os papéis sociais de marido e mulher. A relação entre eles é de subordinação por parte do locutor. Na cena, L demonstra muito interesse que A execute a ação do conteúdo proposicional.

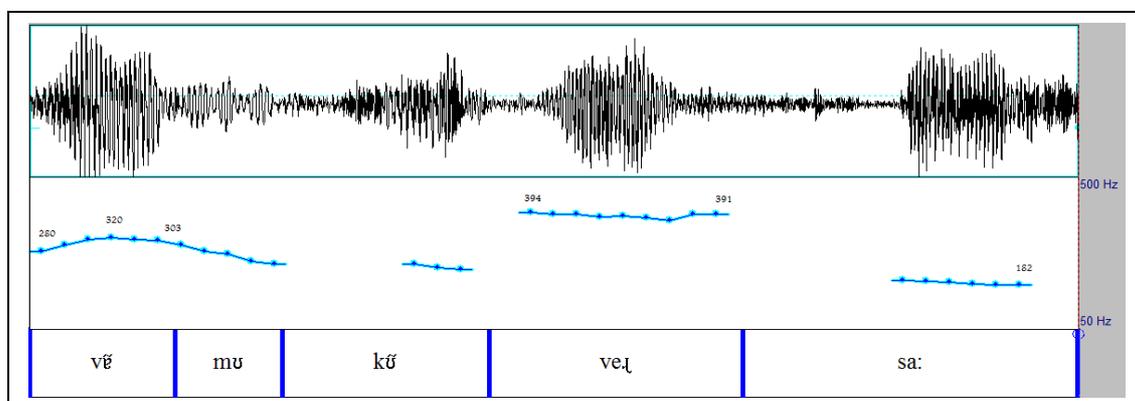


Figura 30: Forma de onda, curva de F0 e transcrição fonética do enunciado “vamos conversar”.

O enunciado ilustrado na figura 29 é um exemplo de um pedido de Alberto. Observamos que a frequência fundamental no início do grupo tonal do pedido é de 280 Hz e o final é de 182 Hz. O ponto máximo de F0 está localizado na sílaba [veɪ] (391 Hz), na qual tem-se um movimento melódico ascendente. Essa é então a sílaba proeminente do enunciado. Conforme citamos anteriormente, na situação em que o locutor se coloca em relação de subordinação ao seu alocutário, notamos que a ênfase é dada não ao verbo, mas sim a outra sílaba do enunciado de pedido.

No que se refere à sílaba tônica do verbo, [vẽ], temos o pico de F0 em 320 Hz. Nessa sílaba, notamos um movimento melódico ascendente/descendente. A duração dessa mesma sílaba é de 0,093 s.

Esses aspectos são relevantes no que se refere à caracterização dos enunciados de pedido de Alberto. Nas situações em que o locutor percebe que não está no controle, utiliza como estratégia uma elevação de F0 em um item lexical que não o verbo. Na nossa interpretação, esse efeito atenua a carga semântica do verbo, uma vez que é conferido maior destaque a outra palavra dentro do enunciado.

No âmbito da expressão das atitudes, notamos que Alberto demonstra estar em posição inferior à sua alocutária. Para isso, demonstra polidez e pouca autoridade. Esses aspectos são percebidos em virtude do que apresentamos anteriormente no parágrafo anterior.

7.2.2.3 Ordens e pedidos do locutor 2

Diante do que apresentamos a respeito dos enunciados de ordem e pedido do locutor Alberto, observamos que o perfil melódico utilizado pelo locutor no grupo tonal das ordens é descendente, enquanto nos pedidos verificamos tanto o uso de padrão ascendente quanto do padrão descendente. No que se refere à tessitura, verificamos que, apesar de nos enunciados de ordem termos uma ocorrência F0 maior do que nos pedidos, a diferença entre os pontos mínimos e máximos é maior nos pedidos que nas

ordens. Isso nos indica que a variação melódica nas ordens é menor que a variação melódica dos pedidos.

No que se refere à amplitude do movimento melódico do enunciado, notamos uma tendência a um maior número de descendentes nas ordens, o que não pudemos observar para os pedidos, já que houve apenas uma ocorrência de diferença em relação a esse parâmetro. Assim, da mesma forma que observamos para o locutor 1, há uma tendência ao movimento descendente, tanto nas ordens quanto nos pedidos. Isso significa que o grupo tonal dos enunciados com força ilocucionária de ordens e pedidos começam altos e terminarem mais baixos que o início.

Quanto à duração total dos enunciados, o grupo tonal das ordens tendem a ser mais longos que o dos pedidos, da mesma forma como observamos para o locutor 1 (André). Entretanto, notamos que, em média, a duração total do grupo tonal dos enunciados de ordem e pedido de André é maior do que aqueles de Alberto.

No que tange à sílaba proeminente, notamos também que essa é ressaltada no início dos enunciados, tanto nas ordens quanto nos pedidos. Esse fator é um indício que, em ambas as forças ilocucionárias, a informação mais relevante encontra-se no começo do enunciado e não no final, a não ser nos casos em que observamos uma relação de subordinação por parte do locutor. Acreditamos que a maior proeminência inicial, tanto no nível melódico quanto no nível da duração, pode ser justificado em função de Alberto sempre demonstrar muita polidez nos enunciados de pedidos, apesar de que não podemos afirmar que nos enunciados de ordem não se percebe uma atitude polida. Isso pode ocorrer porque nos pedidos, Alberto parece ainda mais polido, demonstrando pouca ou nenhuma autoridade.

Vale ressaltar também a tendência de movimento melódico nas proeminentes desses enunciados. Enquanto na ordem o movimento utilizado quando a sílaba proeminente é o primeiro item do grupo tonal é o ascendente, no pedido, verificamos uma tendência ao uso de movimentos ascendente/descendente, na mesma posição. Sobre as sílabas proeminentes, verificamos também que nos enunciados de ordem a sílaba inicial é maior que as não-iniciais, ao passo que nos pedidos a inicial é menor que as não-iniciais.

Outra comparação que nos parece relevante é sobre a taxa de velocidade da variação melódica. Em média, a taxa é maior para as ordens do que para os pedidos (0,032 Hz/s contra 0,024 Hz/s). Esse parâmetro demonstra que a variação melódica nos pedidos é mais lenta que nas ordens.

Notamos ainda que, se por um lado há uma tendência de alinhamento do pico de F0 no início da proeminente nos enunciados de ordens, o mesmo não pode ser verificado para os pedidos. Nesses últimos, percebemos que há duas possibilidades de alinhamento: tanto no início, quanto no final.

Outro fator que observamos é o aspecto do ritmo. Em 86% dos enunciados de ordens e pedidos (26 ocorrências), notamos o uso de ritmo acentual. Nos 14% restantes (4 enunciados) identificamos a interação entre velocidade de fala e ritmo, nos quais percebemos o uso de ritmo silábico.

O cálculo da correlação entre pistas prosódicas e contextuais, para esse locutor, mostrou apenas um resultado próximo do nível significativo: a correlação entre relação entre os locutores e a duração da sílaba proeminente. O resultado encontra-se na tabela abaixo:

Tabela 30: Correlação e valor de p para duração da proeminente e relação entre os locutores

		Relação entre os locutores
Duração da proeminente	Pearson Correlation	0,366
	valor-p	0,060
	N	27

Mesmo ficando acima do nível considerado significativo pelo programa por nós utilizado para esse procedimento, esse foi o resultado que, para esse locutor, mostrou-se mais próximo de 0,005, o que, a nosso ver, pode ser um indício de que podemos encontrar correlação entre esses parâmetros.

Outros resultados de correlação se mostraram significativos, tais como força ilocucionária e *status* do locutor. Entretanto, como buscamos a correlação entre fatores prosódicos e contextuais, não visualizamos relevância para esses resultados.

Acreditamos que é necessário investigar o que ocorre com os demais locutores para concluirmos sobre esses aspectos.

Concluimos que, para esse locutor, a possibilidade de expressão de atitudes é ampliada em função de uma maior variação do uso dos parâmetros prosódicos. Alberto demonstra, assim, um perfil diferente de André. Pudemos observar a expressão de várias atitudes (muita polidez, pouca autoridade, impaciência e desafio) em enunciados das mesmas categorias. Contudo, assim como observamos para André, isso pode ser um indício de uma habilidade individual ou porque os fatores contextuais permitem essa expressão.

7.2.3 Locutor 3: Bia

No capítulo 6, afirmamos que Bia é uma personagem cuja marca psicológica mais relevante é a autoridade. Na trama, está em conflito com André e mantém um relacionamento difícil com sua neta, Júlia. Das personagens com quem contracenava, a bisneta é aquela para quem demonstra mais afetividade. O total de enunciados analisados dessa personagem foi 43, sendo 27 com força ilocucionária de ordem e 16 com força de pedido.

7.2.3.1 A ordem

Com 27 ocorrências, a ordem é a força ilocucionária mais utilizada por Bia. Esse dado já era esperado, pois a marca da sua personalidade é a dominação sobre os demais personagens. Assim, a locutora busca sempre demarcar sua condição social de matriarca da família, bem como demonstrar que sua posição é superior aos demais. No que se refere aos aspectos contextuais em que verificamos os enunciados de ordem de Bia, notamos que há 2 ocorrências no contexto privado formal, 8 no contexto privado informal e 17 no contexto público informal. Assim, notamos que esse último é o que favoreceu a uma maior recorrência dos dados.

Os papéis sociais desempenhados por Bia nos contextos em que dá ordens são patroa, avó e bisavó, dentro do ambiente familiar, e cliente e rival, em outros ambientes. O alocutário para quem Bia dirige o maior número de ordens desempenha o papel de empregada, no ambiente familiar.

7.2.3.1.1 Características do enunciado

Sobre as características prosódicas dos enunciados de ordem dessa personagem, apresentamos os resultados das medidas de F0 inicial e final. Como o número de dados é grande, agrupamos as ocorrências de EO1 a EO14 no gráfico 31 e EO15 a EO27 no gráfico 32. A seguir, apresentamos os resultados.

Gráfico 31: F0 inicial e final dos enunciados de ordem (EO1 a EO14)

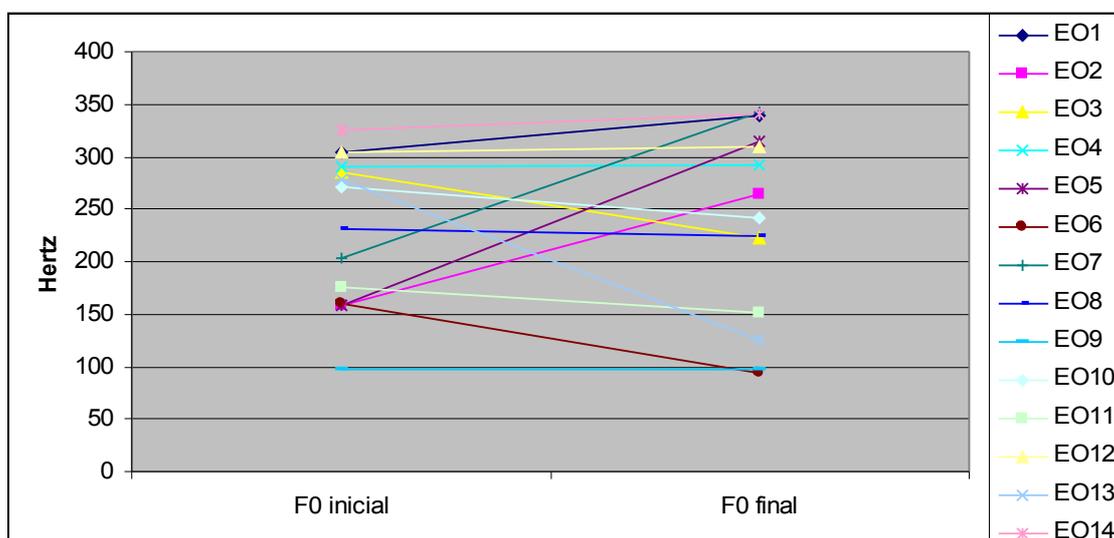
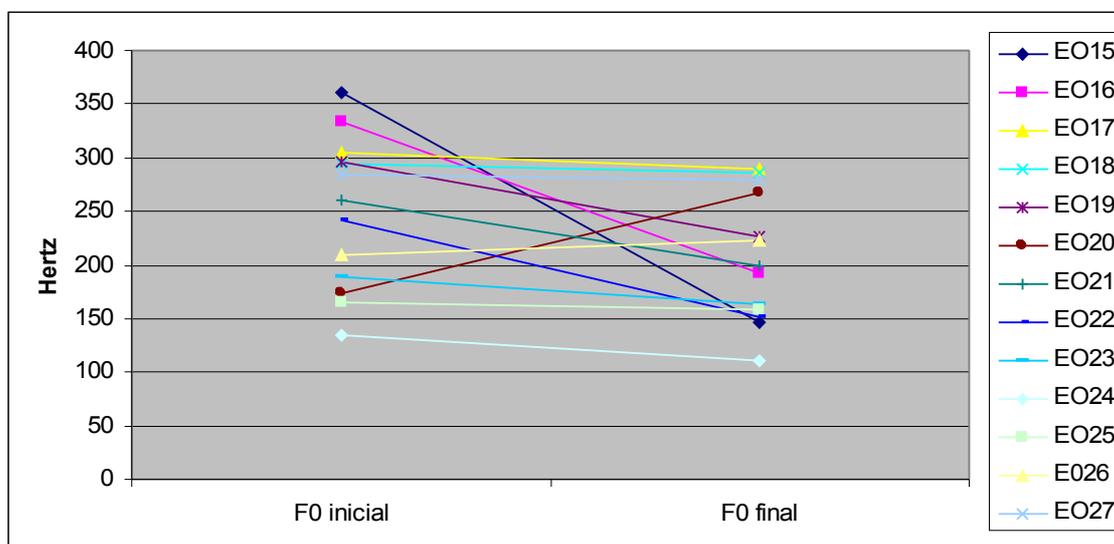


Gráfico 32: F0 inicial e final dos enunciados de ordem (EO15 a EO27)



Observando os gráficos 31 e 32, notamos que Bia utiliza três perfis melódicos nos enunciados de ordem. Com o perfil ascendente, temos os enunciados EO1, EO2, EO5, EO7, EO12, EO24 e EO26; com perfil melódico descendente temos os enunciados EO3, EO6, EO8, EO10, EO11, EO13, EO15, EO16, EO17, EO18, EO19, EO20, EO21, EO22, EO23, EO24, EO25 e EO27; com perfil nivelado temos duas ocorrências: EO4 e EO9. Assim, podemos afirmar que o perfil melódico mais utilizado por Bia no grupo tonal dos enunciados de ordem é o perfil descendente.

No que se refere aos valores máximos e mínimos de F0, obtivemos os seguintes resultados para essa locutora. Novamente, dividimos os dados em dois grupos, para uma melhor visualização. No gráfico 32, estão representados os resultados dos grupos tonais de EO1 a EO14 e no gráfico 33, os resultados de EO15 a EO27.

Gráfico 33: F0 mínima e máxima dos enunciados de ordem – EO1 a EO14 (Bia)

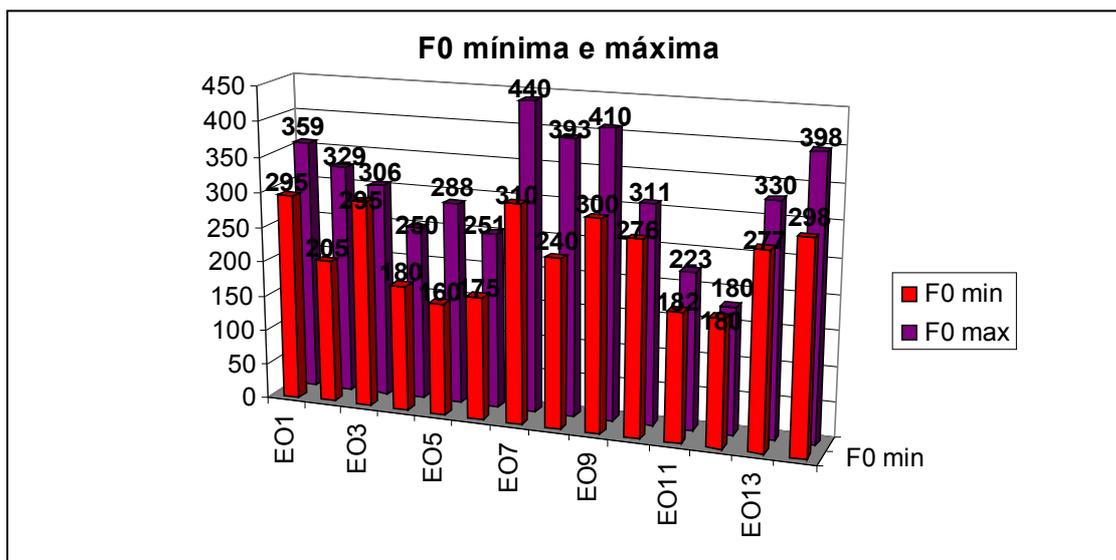
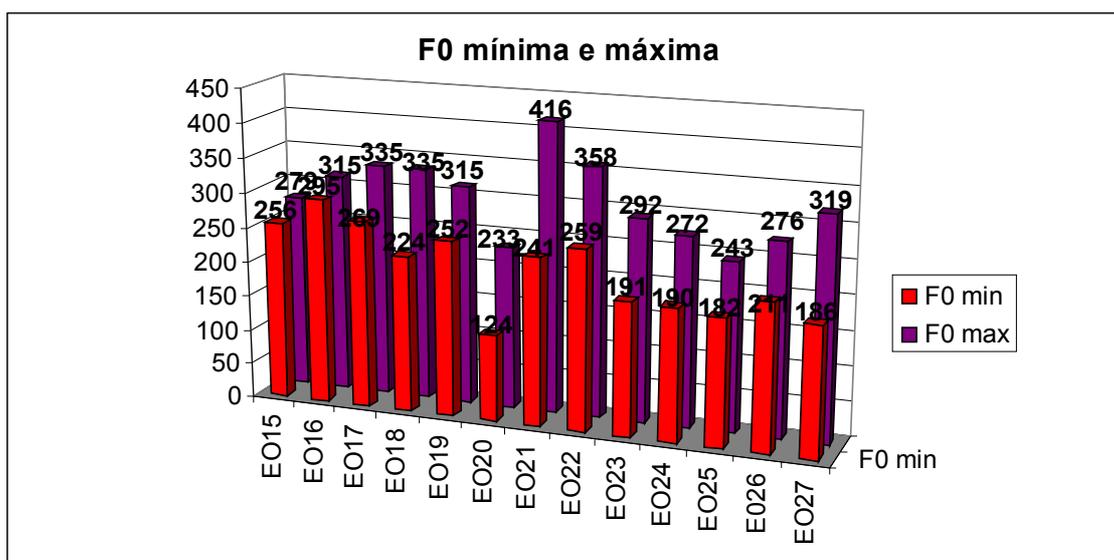


Gráfico 34: F0 mínima e máxima dos enunciados de ordem – EO15 a EO27 (Bia)

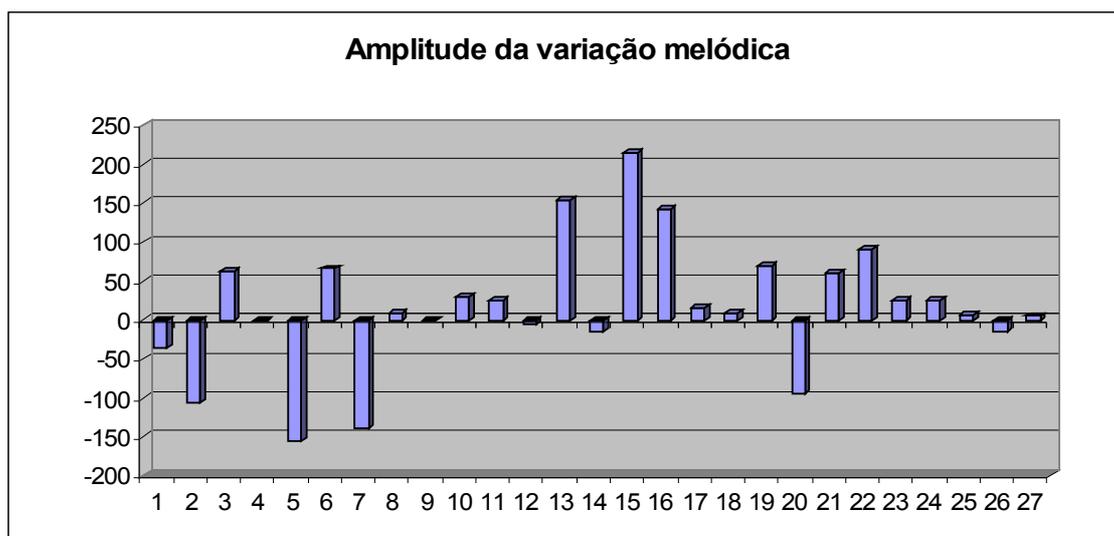


Pelos resultados apresentados, observamos que o espaço de variação melódica dessa locutora é maior do que apresentamos para os demais locutores até aqui. Como F0 mínima, temos o valor de 160 Hz, enquanto o valor máximo de F0 encontrado para o grupo tonal das ordens foi de 440 Hz. Dentre todos, Bia é a que apresenta a maior variação melódica para as ordens.

Como efeito dessa variação, notamos que Bia parece gritar os seus enunciados de ordem. Observando os contextos comunicativos, notamos que a empregada é a alocutária que mais interage com a locutora 3, nas situações em que essa profere uma ordem. Além desse fator, notamos também que o aspecto atitudinal de Bia é resultado da situação conflituosa que vive com André, personagem que divide a mesma casa com ela. Assim, notamos que o locutor 1 dá uma ordem e a locutora 3 dá outra ordem à mesma alocutária, desafiando a autoridade de André. Como Bia tem a intenção de que suas ordens sejam cumpridas, isso a faz utilizar uma melodia em níveis mais altos que aqueles utilizados pelo locutor 1.

Ainda sobre as características de frequência fundamental em relação ao enunciado, fizemos o cálculo da amplitude da variação melódica. Os resultados encontram-se no gráfico a seguir.

Gráfico 35: Amplitude da variação melódica (ordem)



Sobre esse resultado, vale comentar que, no caso dos enunciados de ordem, Bia utiliza a estratégia de movimentos descendentes (variação positiva) em um número maior de dados do que os movimentos ascendentes (variação negativa). Assim, notamos que os enunciados de ordem são predominantemente descendentes para essa locutora.

Assim como procedemos para os outros locutores, fizemos o cálculo da média da duração total dos enunciados dessa categoria, bem como o desvio padrão. A seguir, apresentamos os resultados na tabela 31:

Tabela 31: Média e desvio padrão da duração total dos enunciados de ordem

	duração total do enunciado (s)
Média	0,845
dp (s)	0,522

O número médio de sílabas por enunciado dessa locutora é 5. Dividindo-se a duração total dos enunciados pelo número de sílabas, o resultado é 0,169 s, que é, então, a duração média de cada sílaba.

7.2.3.1.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

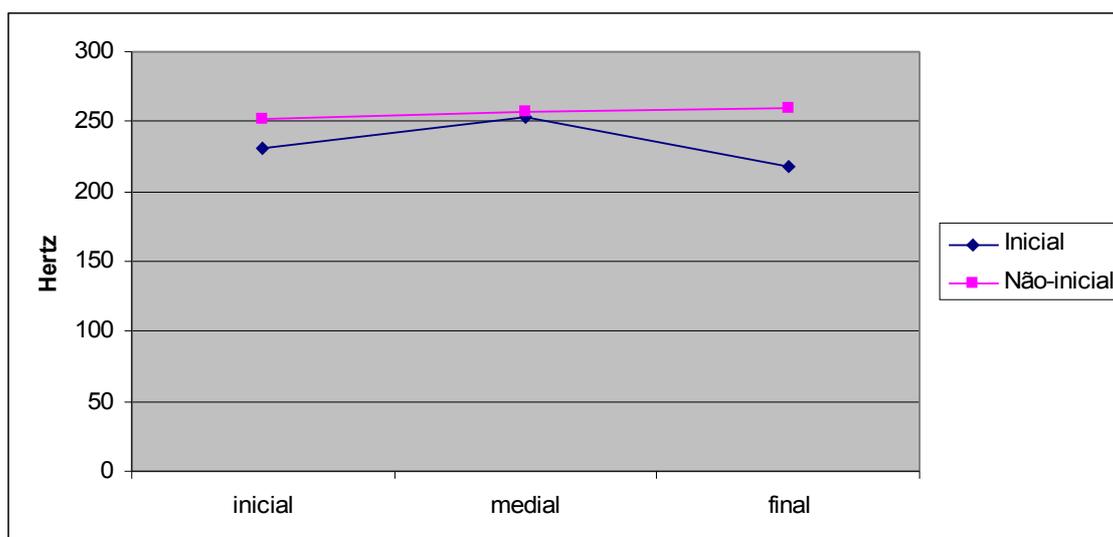
De forma a caracterizarmos o que ocorre com as sílabas proeminentes e tônicas, observamos os movimentos de frequência fundamental e a duração dessas sílabas, assim como procedemos para os demais locutores. Sobre o movimento melódico das proeminentes, observamos o movimento de F0 inicial, medial e final. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 32: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	dp (s)	média	Dp (s)
Inicial	231	66	253	87	218	72
Não-inicial	252	60	257	53	259	59

Com esses resultados, elaboramos o gráfico a seguir, de modo a melhor visualizarmos o movimento melódico.

Gráfico 36: F0 inicial, medial e final na proeminente em relação à sua posição no enunciado



A partir do gráfico, observamos que as sílabas proeminentes em posição inicial são realizadas num nível melódico mais baixo do que aquelas que ocupam posição não-inicial. Outra observação é sobre o movimento melódico das proeminentes: em posição inicial o movimento é ascendente/descendente, ao passo que as não iniciais têm movimento ascendente.

Essa nos parece uma característica do uso da melodia dessa personagem: quando a sílaba proeminente aparece no início do grupo tonal do enunciado, Bia a produz num nível melódico mais baixo que as demais tônicas do restante do enunciado. Há duas possibilidades de explicação para essa característica: ou podemos explicar que a locutora faz um abaixamento da melodia da proeminente ou que eleva a melodia de outro item do enunciado. A nosso ver, a primeira explicação é mais viável, uma vez que o abaixamento melódico é uma forma de enfatizar uma parte do enunciado.

De acordo com a análise que apresentamos na seção anterior sobre a melodia utilizada pela locutora 3, notamos que o efeito desse abaixamento na sílaba proeminente é tornar as ordens de Bia ainda mais incontestáveis. Na nossa interpretação, a interação entre esses aspectos é utilizada pela locutora intencionalmente, no sentido de deixar evidente para o seu alocutário a sua autoridade na situação comunicativa.

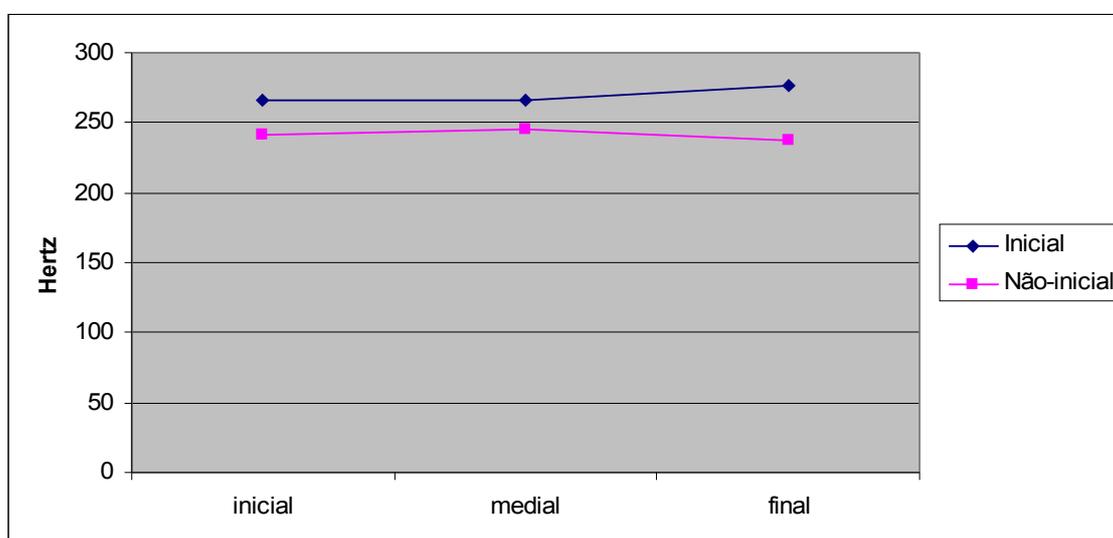
Para compararmos o movimento melódico das sílabas proeminentes com o das sílabas tônicas, fizemos os mesmos cálculos de F0 inicial, medial e final das tônicas dos enunciados de ordem dessa locutora. Os resultados encontram-se na tabela 33 a seguir.

Tabela 33: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na tônicas (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	dp (s)	média	Dp (s)
Inicial	266	70	266	68	276	70
Não-inicial	241	51	245	54	237	51

A partir desses valores, elaboramos o gráfico 37, a seguir, para uma melhor visualização dos resultados.

Gráfico 37: F0 inicial, medial e final das sílabas tônicas em relação à sua posição no enunciado



Observando o gráfico, notamos que as sílabas tônicas iniciais são realizadas num nível melódico mais alto que aquelas que se encontram em posição não-inicial. Além disso, notamos uma diferença no movimento melódico dessas sílabas em função da sua posição no enunciado: enquanto aquelas que estão em posição inicial têm movimento ascendente, aquelas que estão em posição não-inicial têm movimento ascendente/descendente.

Como característica das sílabas tônicas iniciais dos enunciados de Bia, notamos uma elevação de F0 no final, o que pode ser explicado pelo fato de o pico de frequência das ordens para essa locutora sempre se localiza depois do início do enunciado. Assim, era esperado que esse tipo de movimento ocorresse nessas sílabas.

A seguir, na tabela 34, temos os resultados de média e desvio padrão para a duração das sílabas proeminentes do grupo tonal dos enunciados de ordem de Bia.

Tabela 34: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (ordem)

	Posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,199	0,244
dp (s)	0,060	0,133

Os nossos resultados indicam uma duração maior das sílabas proeminentes em posição não inicial. Mais uma vez, temos uma indicação de que, para essa locutora, as sílabas não-iniciais recebem uma maior ênfase, tanto no que se refere ao movimento melódico quanto no que diz respeito à duração. A seguir, apresentamos a tabela com os resultados das medidas do mesmo parâmetro para as sílabas tônicas.

Tabela 35: Média e desvio padrão da duração das tônicas em função do local de ocorrência (ordem)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,158	0,208
dp (s)	0,046	0,111

Comparando os dois resultados, observamos que Bia tende a aumentar a duração tanto das sílabas tônicas quanto das sílabas proeminentes em posição não-inicial. A nosso ver, essas características podem nos indicar que se trata de uma estratégia para demonstrar atitudes, por exemplo. No caso de Bia, como notamos que a locutora procura sempre ter sua vontade atendida, associamos essas características ao fato de essa impor o seu desejo ao alocutário. Assim, o verbo que se encontra no início do grupo tonal dos enunciados de ordem não são destacados pela locutora, mas sim o conteúdo do restante da proposição se torna o alvo da ênfase.

Para observar também a relação entre melodia e duração, fizemos o cálculo da taxa de velocidade de variação melódica para os enunciados de ordem dessa locutora. A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos.

Tabela 36: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (ordem)

enunciado	taxa de velocidade	valor (em Hz/s)
1		-85,57
2		-281,58
3		-176,80
4		-248,32
5		-417,96
6		-97,56
7		-388,89
8		-378,50
9		0,00
10		81,01
11		5,88
12		-14,56
13		135,89
14		186,44
15		832,37
16		334,48
17		-88,24
18		434,04
19		198,68
20		57,97
21		344,63
22		250,70
23		82,97
24		221,52
25		-111,11
26		34,19
27		-193,94

Nos resultados, observamos que a maior taxa de velocidade de variação melódica ocorre na proeminente do enunciado 15 (434 Hz/s). Por outro lado, a proeminente do enunciado 9 não apresenta taxa de velocidade, uma vez que não houve variação melódica.

No que se refere ao ritmo, em todos os enunciados Bia utiliza o ritmo acentual. Notamos assim que as sílabas átonas não são destacadas durante a produção dos enunciados de ordem dessa locutora. Além disso, notamos que em certos contextos comunicativos, como naqueles em que sua ordem se contrapõe à de André, por exemplo, Bia aumenta a velocidade de fala. A nosso ver, esse aspecto é relevante na interpretação do enunciado por parte do alocutário direto: é possível inferir uma atitude de desafio da locutora.

Sobre o alinhamento do pico de F0 nos enunciados de ordem de Bia, verificamos que esse tende a ser medial e final (8 ocorrências em cada um desses pontos). Com alinhamento inicial tivemos 11 ocorrências.

Quanto às atitudes, observamos que as situações de comando evidenciam ainda mais as características psicológicas dessa personagem. Notamos dois extremos: em algumas situações, dependendo de quem é seu alocutário, a locutora parece muito polida ao dar uma ordem. Em outras situações, não faz questão de demonstrar polidez alguma, o que indica que a sua autoridade está sendo ameaçada. Essas situações acontecem sobretudo quando há outra ordem oposta à de Bia, geralmente dada por André. Nesses casos, observamos que quando Bia interage com André a atitude agressiva fica ainda mais evidente.

Vale notar também que a locutora, nas situações de comunicação em que André é seu alocutário, produz dois enunciados em que notamos a atitude irônica. Isso ocorre em função de que, na trama, as duas personagens estão em constante conflito, numa disputa pelo poder na empresa que já esteve nas mãos de Bia. Assim, ao demonstrar essas atitudes, a locutora demonstra se preocupar pouco sobre como o alocutário vai receber a ordem, pois tem certeza de que tudo o que quiser será cumprido.

Além desses aspectos, notamos em algumas situações de interação com a empregada, que Bia demonstra impaciência, não em relação à alocutária, mas em relação ao outro patrão (André), que sempre dá ordens contrárias às de Bia. Esse fator dificulta a boa convivência no ambiente familiar e faz com que o clima esteja sempre tenso.

Dos dados dessa locutora, selecionamos dois exemplos de grupos tonais de enunciados de ordem, ilustrados pelas figuras 31 e 32. O primeiro é “pega as minhas malas” e o segundo GT é “e leva pro meu quarto”. Escolhemos esses enunciados pelo fato de eles terem sido produzidos no contexto em que a alocutária direta é a empregada e como alocutário indireto temos André. Utilizamos o termo alocutário indireto em função de que a ordem de Bia é oposta àquela dada anteriormente por André e, como esse participa da cena, observamos que a ordem dada pela locutora é uma maneira de desafiá-lo. Assim, ao proferir a ordem da forma como Bia o faz, notamos que, de certo modo, ela também se dirige ao locutor 1, que a havia expulsado da casa e tomou para si

os bens da família da locutora 3. Destacamos que a situação é pública, já que participam 3 pessoas, e informal. Na cena, Bia acaba de retornar para a casa.

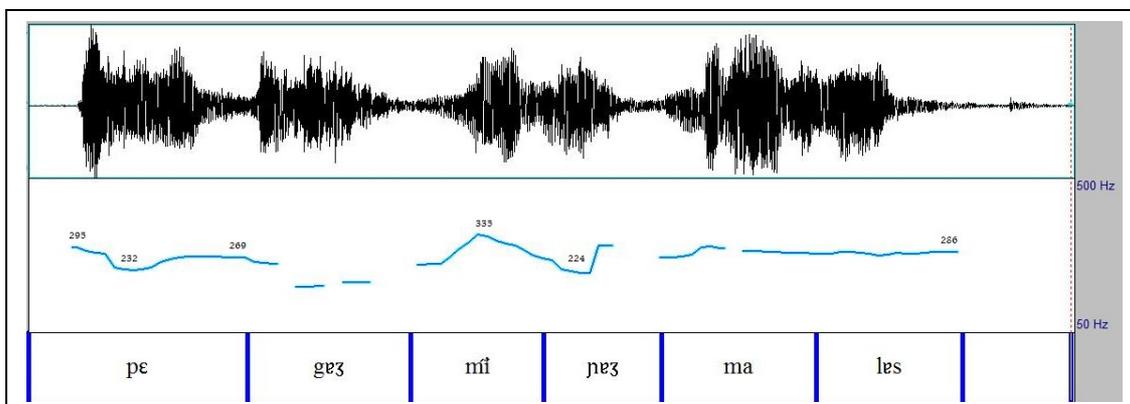


Figura 31: Forma de onda, curva de F0 e transcrição fonética de “pega as minhas malas”. Locutor Bia.

Tomando como base a figura 31, notamos que o grupo tonal da ordem é formado pelo verbo “pega”. Considerando o ponto inicial e final do enunciado como um todo, notamos um movimento descendente, mas há picos de frequência fundamental relevantes na compreensão das atitudes da locutora no contexto comunicativo.

Na primeira sílaba [pɛ], proeminente do GT, notamos um movimento melódico descendente, cujo ponto inicial é 295 Hz e o final é 232 Hz. Nesse ponto, temos um movimento ascendente até 269 Hz, o qual coincide com a fronteira inicial da sílaba postônica seguinte. A duração dessa sílaba é de 0,312 s. No segundo grupo tonal, notamos uma ênfase na primeira sílaba [mĩ], que tem um movimento ascendente/descendente. No que se refere à duração dessa sílaba, o valor medido é de 0,135 s. Apesar de o ponto máximo de F0 encontrar-se nessa sílaba, notamos que a duração da proeminente do verbo é duas vezes maior que a tônica do SN. Esse tipo de ênfase, no grupo nominal da ordem, é comum nos enunciados dessa categoria da locutora 3.

Nessa primeira parte do enunciado de Bia, notamos um ritmo acentual. Na nossa interpretação, essa contra-ordem foi utilizada para desafiar o alocutário indireto, uma vez que esse havia dado outra instrução para a empregada. Ao empregar o ritmo acentual, notamos que Bia confirma sua autoridade sobre a alocutária, ao mesmo tempo em que desafia o locutor 1.

Na mesma cena, o enunciado de ordem da locutora 3 continua com a sequência “e leva pro meu quarto”. A figura 32 ilustra o padrão melódico utilizado por Bia.

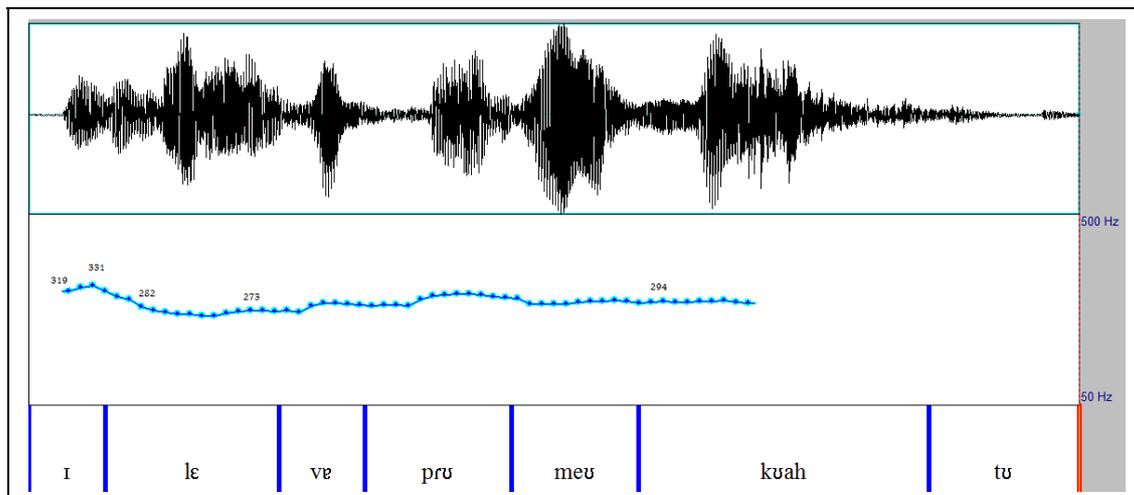


Figura 32: Forma de onda, curva de F0 e transcrição fonética do enunciado “e leva pro meu quarto”.
Locutora: Bia.

Na figura 32, temos outra ordem de Bia que segue o padrão melódico descendente, considerando-se os pontos iniciais e finais de frequência fundamental. No GT em que se localiza a proeminente do verbo (a sílaba [lɛ]), temos como ponto inicial de F0 319 Hz, terminando em 273 Hz. A duração dessa proeminente é de 0,214 s. A taxa de velocidade de variação melódica nessa sílaba é de 0,001 Hz/s.

A sílaba tônica do SN é [kvah] e tem como ponto inicial 294 Hz. Nela segue-se um pequeno descendente até 291 Hz. A duração dessa sílaba é de 0,358 s. Notamos que a proeminência é percebida pelo nível de F0 na tônica do verbo, mas a sílaba que tem maior duração é a tônica do final do enunciado, ao contrário do que ocorre no GT representado na figura 31.

Ainda sobre a melodia, notamos que o registro é alto, mas a tessitura é estreita, o que consiste em uma das estratégias da locutora para demonstrar suas atitudes. Observamos que, nessa segunda parte, o ritmo empregado pela locutora 3 é acentual, diferentemente do que analisamos para o enunciado imediatamente anterior. No caso desse enunciado, a interação entre ritmo, melodia e aspectos contextuais nos levam a interpretar uma atitude pouco polida, por um lado, e muito autoritária, por outro, por parte da locutora 3.

No contexto, Bia quer deixar claro para sua alocutária que essa deve cumprir o conteúdo proposicional do seu enunciado, e não o que André havia ordenado anteriormente.

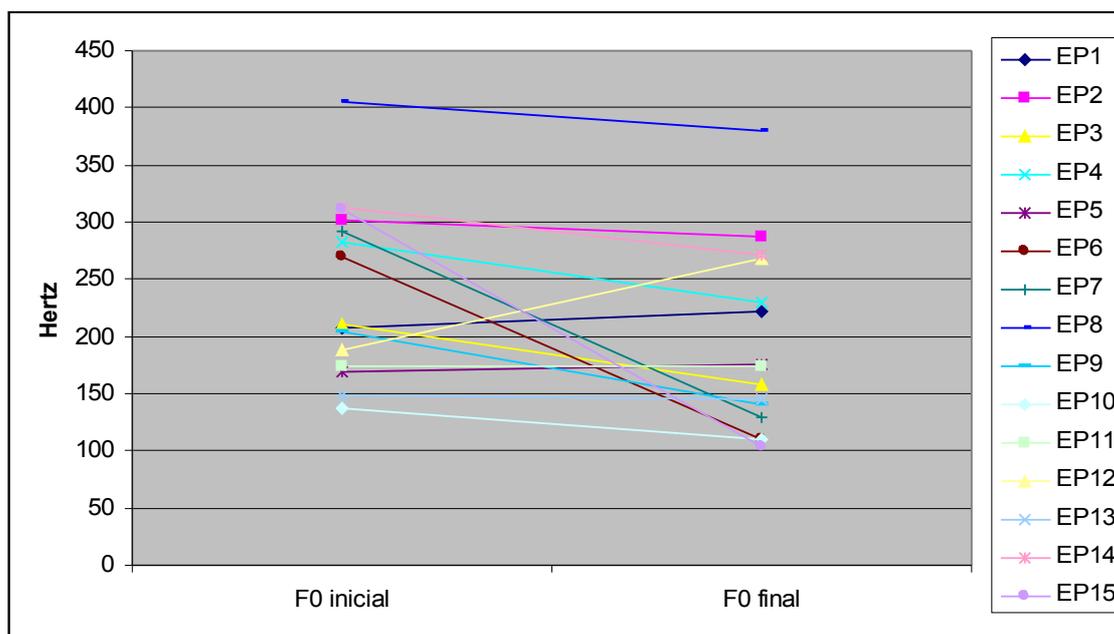
7.2.3.2 O pedido

Com um número de ocorrência menor do que as ordens, os enunciados de pedido de Bia são, no total, 15. Os papéis sociais desempenhados pela locutora são avó, patroa, amiga, no ambiente familiar, e comparsa e rival (inimiga), em outros ambientes. Os fatores contextuais público/privado e formal/informal tiveram as seguintes ocorrências: 1 enunciado em privado/formal, 2 em público/formal e 12 em privado/informal.

Com exceção de duas ocorrências, em que o status de Bia é de subordinação, em todos os outros notamos que essa mantém seu perfil de autoridade. Mesmo na interação com sua amiga, notamos que Bia não utiliza os enunciados de modo a dar uma opção para seu alocutário. Dessa forma, observamos que essa personagem parece estar sempre dando ordens, mesmo quando faz um pedido.

7.2.3.2.1 Características do enunciado

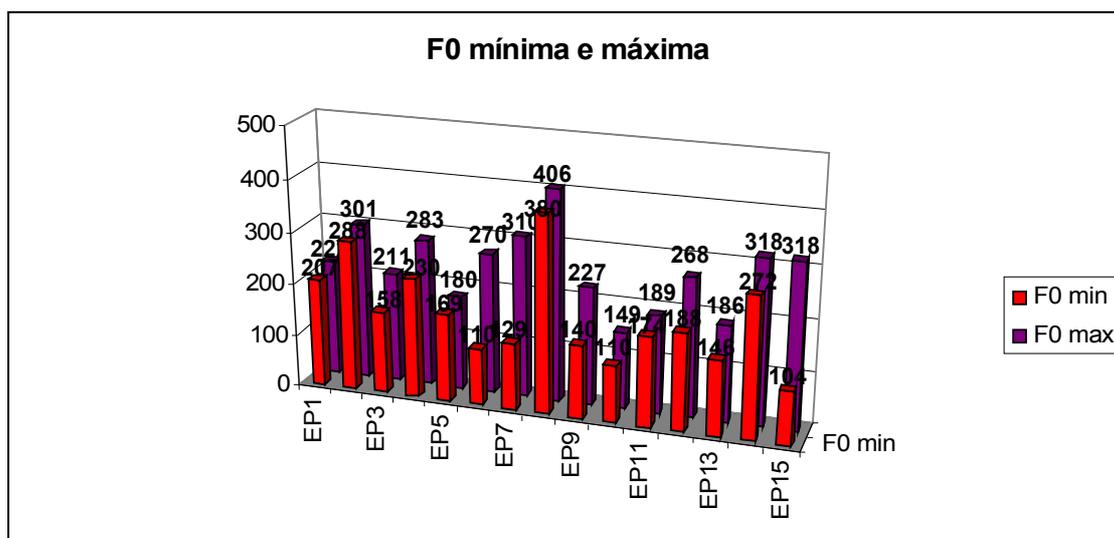
Assim como procedemos para os demais locutores, procuramos caracterizar, do ponto de vista prosódico, tanto os aspectos do enunciado, quanto das sílabas proeminentes e tônicas. No que se refere à caracterização prosódica dos enunciados de pedido dessa locutora, apresentamos a seguir os resultados das medidas de F0 inicial e final desses enunciados. Aqui, novamente, elaboramos dois gráficos, para uma melhor visualização dos contornos melódicos.

Gráfico 38: F0 inicial e final dos enunciados de pedido (EP1 a EP15)

Com os resultados apresentados no gráfico 38, notamos que Bia utiliza três diferentes estratégias prosódicas nos enunciados de pedido. Com melodia ascendente, temos os enunciados EP1, EP5 e EP12; a melodia descendente foi utilizada nos enunciados EP2, EP3, EP4, EP6, EP7, EP8, EP9, EP10, EP14 e EP15. Com nivelado podem ser observados nos enunciados EP11 e EP13. Assim, esses resultados nos indicam que o padrão melódico mais utilizado por essa locutora em enunciados de pedido é o descendente.

Além desse aspecto, notamos que a tessitura também é variada nos enunciados de pedido de Bia. Para observar esse aspecto, registramos os pontos máximos e mínimos de F0 nos grupos tonais dos enunciados de pedido dessa locutora. O gráfico a seguir apresenta esses resultados.

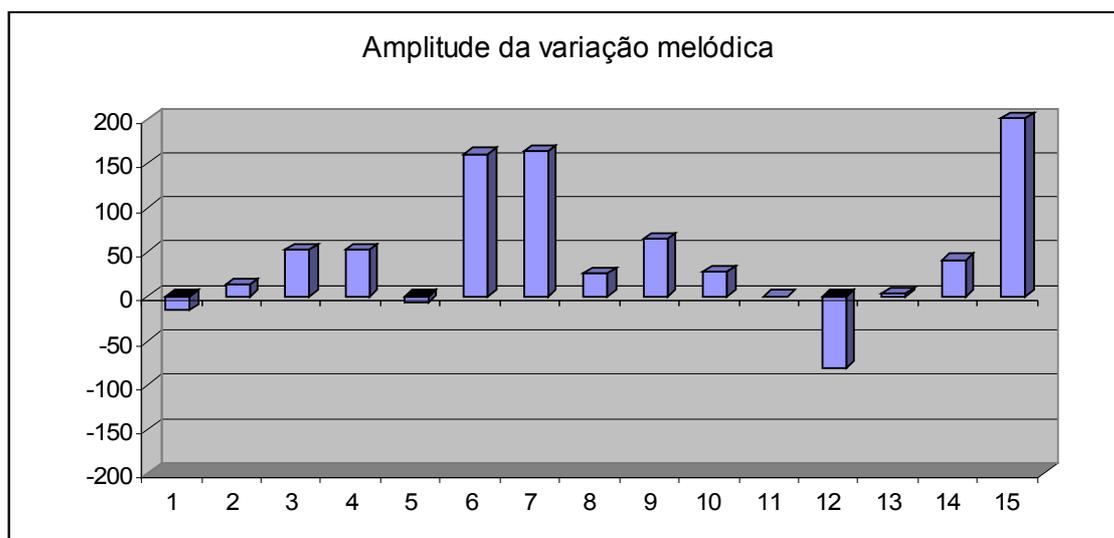
Gráfico 39: F0 mínima e máxima dos GT dos enunciados de pedido (locutor Bia)



De acordo com o que apresentamos no gráfico 39, o ponto máximo de F0 no grupo de enunciados de pedido de Bia é 406 Hz, enquanto o ponto mínimo de F0 para esses mesmo enunciados é 104 Hz. Observando atentamente a diferença entre os pontos máximos e mínimos de F0, notamos que o enunciado que apresenta maior diferença entre os dois pontos é EP15.

Sobre esse enunciado, vale comentar sobre o aspecto da atitude da locutora 3. Essa grande diferença (214 Hz) está, a nosso ver, relacionada tanto à sobreposição de uma sugestão ao ato de pedido de Bia, quanto com sua atitude autoritária ao comentar sobre a situação citada no contexto da cena com sua alocutária. Assim, ao proferir “faça de conta que não está acontecendo nada”, a locutora 3 sugere que a situação encontra-se sob seu controle e que a alocutária, que no caso é a amiga, não deve se preocupar com o fato de a polícia ter sido acionada para solucionar o caso em que se encontra envolvida.

Sobre a amplitude da variação melódica dos enunciados de pedido, apresentamos no gráfico a seguir os resultados.

Gráfico 40: Amplitude da variação melódica (pedidos)

Conforme já demonstramos anteriormente, a variação positiva indica o movimento descendente, enquanto a variação negativa indica movimento ascendente. Observando o gráfico 40, notamos que essa locutora utiliza mais movimentos descendentes (11 ocorrências). No que se refere ao uso de ascendentes nos enunciados de pedido, há 3 ocorrências, contra apenas uma sem variação.

Percebemos, então, que o uso de melodia descendente é mais usual nos pedidos de Bia. Assim como afirmamos para os parâmetros anteriores, essa parece-nos ser uma característica bastante influenciada pelas atitudes da locutora.

No que se refere à duração total do enunciado, fizemos o cálculo da média e do desvio padrão. Os resultados são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 37: Média e desvio padrão da duração total do enunciado (ordem)

	duração total do enunciado (s)
Média	0,813
dp (s)	0,357

Os enunciados de pedido de Bia têm uma média de 6 sílabas. Ao dividirmos a média de duração total do enunciado pelo número de sílabas, temos como resultado 0,135 s. Essa é a duração média das sílabas desses enunciados para essa locutora.

7.2.3.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

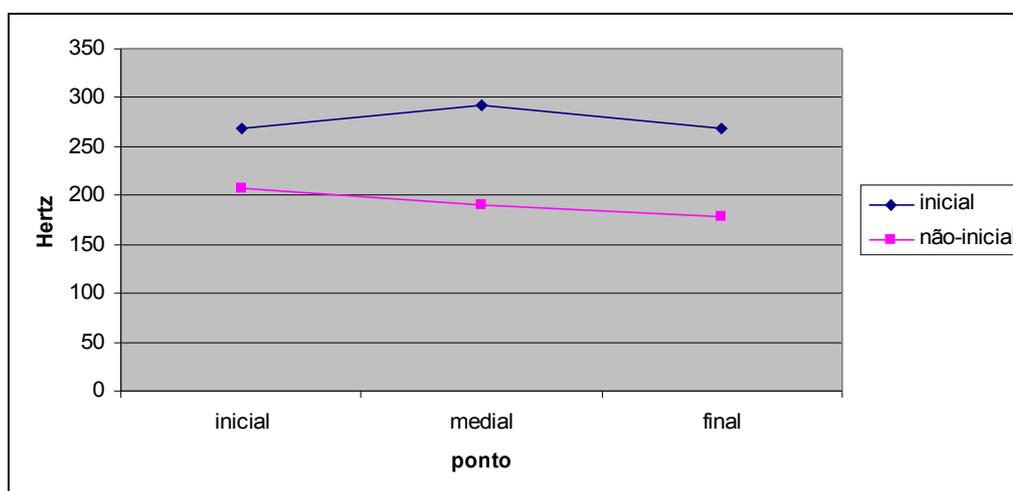
No que tange ao movimento melódico das proeminentes, observamos os pontos iniciais, mediais e finais de cada sílaba. O resultado de média e desvio padrão encontram-se na tabela 38 a seguir.

Tabela 38: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

posição	inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	dp (s)
inicial	269	58	293	91	269	59
não-inicial	208	93	190	61	178	54

Para uma melhor visualização, o gráfico a seguir apresenta os mesmos resultados.

Gráfico 41: F0 inicial, medial e final em relação à posição da proeminente no enunciado



Observando os resultados, notamos que, em enunciados de pedido, a sílaba proeminente inicial é realizada num nível mais alto que as proeminentes não-iniciais. Outra diferença entre as duas categorias de sílaba é o movimento melódico: enquanto as iniciais são realizadas com o movimento melódico ascendente/descendente, as não-iniciais têm movimento descendente. Esse resultado nos leva a pensar que as proeminentes iniciais são mais importantes para caracterizar essa força ilocucionária.

O dado sobre a duração das proeminentes também corrobora essa ideia. A seguir, apresentamos a tabela com os resultados de média e desvio padrão para esse parâmetro acústico.

Tabela 39: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (pedido)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
Média	0,189	0,187
dp (s)	0,063	0,048

Os dados de duração indicam que não há diferença significativa entre as proeminentes iniciais e não-iniciais nos enunciados de pedido de Bia. Como a diferença na duração é praticamente nenhuma, notamos, assim, que o fator que melhor caracteriza esses enunciados é realmente a variação melódica.

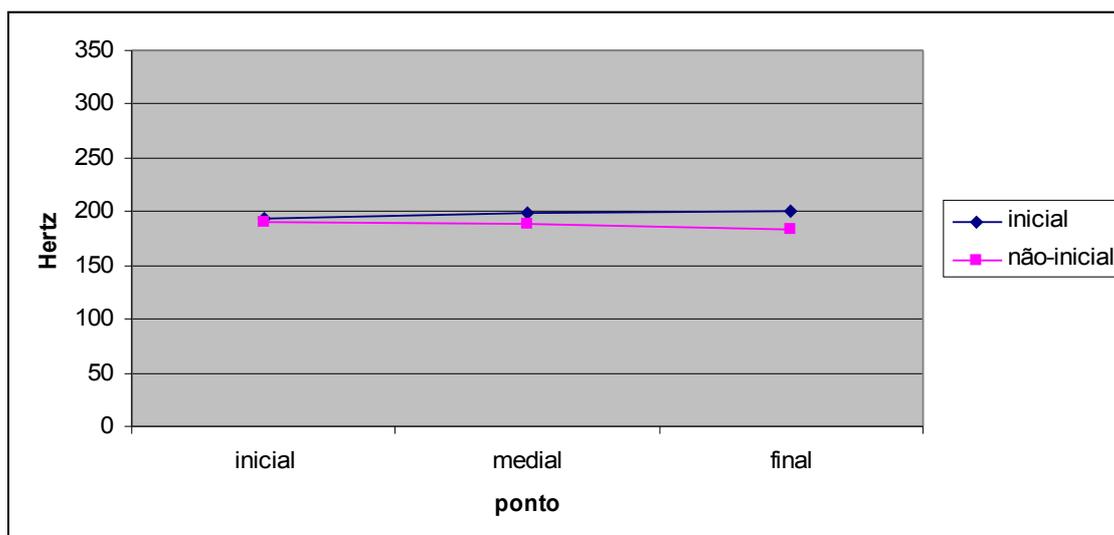
No que se refere às tônicas dos mesmos enunciados, observamos os movimentos de F0 inicial, medial e final em relação à posição da sílaba. Os resultados estão na tabela a seguir.

Tabela 40: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na tônica (valores em Hz)

ponto posição	inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	Dp (s)	média	dp (s)
inicial	193	65	199	78	201	79
não-inicial	191	65	188	67	184	70

Como procedemos para os locutores anteriores, elaboramos um gráfico para melhor visualização do movimento melódico das sílabas tônicas.

Gráfico 42: F0 inicial, medial e final das sílabas tônicas em relação à sua posição no enunciado



Assim como ocorre com as sílabas proeminentes, as tônicas iniciais são realizadas num nível mais alto que as tônicas não-iniciais. Uma diferença que podemos observar é a direção do movimento melódico: enquanto as sílabas tônicas iniciais tendem ao movimento ascendente, as não-iniciais tendem ao descendente. Esse era um resultado esperado, uma vez que as tônicas iniciais pertencem a outro grupo tonal e que, após sua realização, segue-se o movimento melódico do enunciado.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é sobre a diferença do nível de realização dessas duas categorias de sílaba. O ponto inicial de F0 tanto para as tônicas iniciais é muito próximo das tônicas não-iniciais. A maior diferença que notamos está relacionada ao ponto final das duas categorias de tônicas, cuja diferença também é pequena (7 Hz).

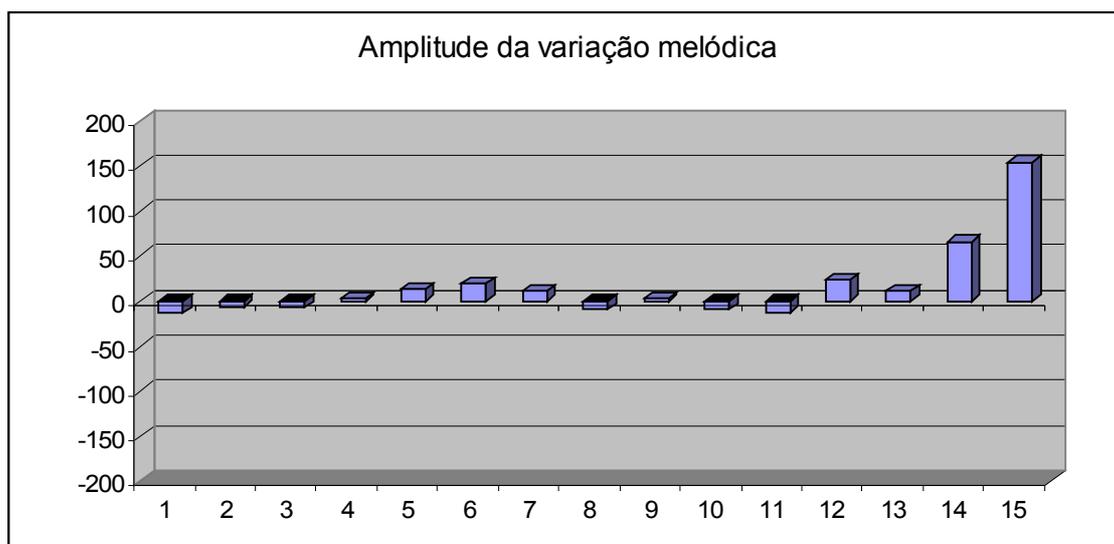
Observando o dado relativo ao movimento melódico em conjunto com os resultados de duração para essas mesmas sílabas, notamos que as tônicas em posição não-inicial são mais longas que aquelas em posição inicial. A tabela a seguir apresenta esses resultados.

Tabela 41: Média e desvio padrão da duração das tônicas em função do local de ocorrência (pedido)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,158	0,208
dp (s)	0,046	0,111

Esse dado já era esperado, uma vez que a tendência de alongar as sílabas tônicas parece uma característica dessa locutora. Relacionando os resultados de duração ao do movimento melódico, notamos que a maior duração das tônicas não-iniciais e a pouca diferença em termos melódicos, parecem indicar para uma maior importância das sílabas tônicas não iniciais. De acordo com nossa interpretação, esse resultado já era esperado para essa locutora, já que as informações mais relevantes do pedido estão relacionadas ao conteúdo do SN posterior ao verbo do pedido, e não propriamente às informações dos vocativos ou das partículas modalizadoras (como “por favor”) que antecedem ao pedido propriamente dito.

No que se refere à amplitude do movimento melódico, elaboramos um gráfico em que podemos visualizar o que ocorre com as sílabas proeminentes dos pedidos de Bia. Os resultados encontram-se representados no gráfico a seguir.

Gráfico 43: Amplitude da variação melódica da proeminente (pedido)

Pelo resultado apresentado no gráfico 43, podemos observar que há uma tendência dessa locutora em utilizar mais movimentos descendentes (variação positiva) do que movimentos ascendentes (variação negativa) nas sílabas proeminentes dos enunciados de pedido. O efeito desse uso faz com que esses enunciados de Bia assemelhem-se muito mais uma ordem do que um pedido.

A interação entre duração e variação melódica pode ser observada com os resultados do cálculo da taxa de velocidade da variação melódica. Apresentamos na tabela a seguir esses resultados.

Tabela 42: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (pedido)

enunciado	taxa de velocidade	valor (em Hz/s)
1		-17,65
2		-36,36
3		-46,98
4		10,99
5		56,91
6		231,71
7		51,16
8		-44,12
9		14,29
10		-74,38
11		-77,92
12		109,52
13		55,28
14		412,50
15		608,70

Com esses resultados, notamos que a menor taxa de velocidade de variação melódica nas proeminentes ocorre no enunciado EP4 (10,99 Hz/s). A maior taxa ocorre no enunciado EP15 (608,70 Hz/s).

Da mesma forma que os demais locutores, o ritmo utilizado nos enunciados de pedido é acentual. No que se refere ao alinhamento do pico de F0, notamos uma tendência de alinhamento inicial: 10 ocorrências no total, contra apenas 5 de alinhamento final.

Os enunciados de pedido de Bia refletem uma atitude pouco polida por parte da locutora. Conforme citamos anteriormente, essa locutora, mesmo ao proferir um pedido, parece dar uma ordem. Seu perfil autoritário e controlador interferem de tal forma na maneira como Bia utiliza as estratégias prosódicas, que é possível notar autoridade e pouca polidez até em situações de interação que o *status* dos locutores é de igualdade.

A seguir, temos um exemplo de enunciado de pedido de Bia. Na cena, a alocutária é a empregada da casa de Vitória. Bia fora a esse local para roubar uma carta escrita por aquela personagem, cujo conteúdo a incriminava. Bia finge passar mal e pede à empregada um copo de água. O enunciado foi produzido em um contexto privado informal e o *status* de Bia é de autoridade sobre a alocutária.

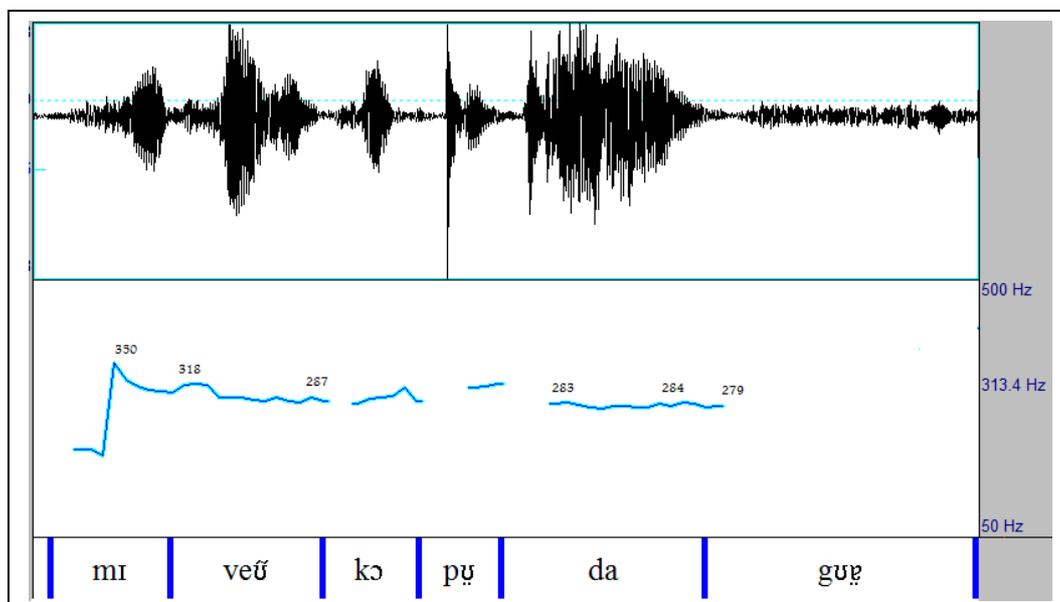


Figura 33: Forma de onda, curva de F0 e transcrição fonética de “me vê um copo d’água”. Locutor: Bia.

Na figura, observamos que o enunciado tem um movimento descendente, do início, na sílaba [mɪ], até o final em [gʊ̃ɐ̃], com 279 Hz. A sílaba inicial é mais alta que a proeminente do enunciado [veũ], cujas medidas de F0 são: inicial em 318 Hz e final em 287 Hz. Podemos observar também que o registro do enunciado é alto e a tessitura é estreita. O ritmo é acentual e a velocidade de fala é normal.

Conforme demonstramos anteriormente, o nível melódico na proeminente é mais alto do que na tônica e a duração da sílaba proeminente (0,197 s) é menor que a tônica (0,263 s). Em todas as duas sílabas notamos o uso de uma melodia descendente.

O que chama a atenção nessa produção é o fato de Bia sussurrar o enunciado, como se não estivesse se sentido bem. O uso dessas estratégias e a observação dos aspectos contextuais de produção do enunciado nos levam a interpretar o enunciado como um pedido polido por parte da locutora, o que não é comum no caso de Bia.

7.2.3.3 Ordens e pedidos do locutor 3

De acordo com o que vimos até aqui para essa locutora, podemos observar um padrão mais usual nas ordens de Bia: o descendente, da mesma forma como ocorre nos pedidos dessa locutora. Em ambas as forças ilocucionárias, notamos uma amplitude de variação melódica descendente na maioria dos enunciados.

No que diz respeito à duração total dos enunciados, notamos que, assim como ocorre com os outros locutores, as ordens são mais longas que os pedidos. Por outro lado, a taxa de velocidade da variação melódica nas sílabas proeminentes é maior nas ordens que nos pedidos, o que significa que a variação é mais lenta em pedidos do que nas ordens.

O cálculo da correlação para esse fator com aspectos contextuais mostrou-se altamente significativo. Na tabela abaixo, temos esse resultado:

Tabela 43: Correlação e valor de p para duração total do enunciado e contexto público/privado

		Público ou privado
Duração total do enunciado	Pearson Correlation	0,428
	valor-p	0,004
	N	42

O valor p demonstra que essa é uma correlação relevante. Esse resultado nos indica que, para essa locutora, a duração total do enunciado tende a ser maior em contexto privado, do que em contexto público.

No que se refere à duração das sílabas proeminentes, vimos que a posição em que essa se realiza é um fator significativo no caso dessa locutora, no caso das ordens. As proeminentes, assim como as tônicas, nesses enunciados tendem a ser maiores em posição não-inicial. Quanto às ordens, observamos que a duração média das proeminentes é praticamente idêntica.

O alinhamento do pico de F0 também é diferente nos dois tipos de enunciado. Enquanto o alinhamento no pedido tende ao início da produção das sílabas proeminentes, nas ordens o alinhamento tende às posições mediais e finais.

Sobre a correlação entre frequência fundamental e fatores contextuais, observamos que existem duas correlações significativas: a frequência inicial e final com os contextos formal/informal. Os resultados para essa locutora são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 44: Correlação e valor de p para frequência inicial e final e contexto formal/informal

		Formal/informal
F0 inicial	Pearson Correlation	-0,305
	valor-p	0,046
F0 final	Pearson Correlation	-0,306
	valor-p	0,046
	N	42

Esses resultados nos indicam que o grau de formalidade incide negativamente sobre F0. Isso significa que quanto mais alta é a frequência inicial, menos formal é o contexto. A mesma interpretação é válida para o parâmetro F0 final.

Quanto às atitudes, notamos que nos enunciados de ordem, Bia demonstra atitudes diferenciadas: pouca polidez, muita autoridade, impaciência e ironia. De forma diferente, nos enunciados de pedido, em que essa deveria se mostra mais polida e menos autoritária, isso não ocorre. A locutora demonstra, mesmo nessas situações, que se mantém no comando, demonstrando pouca polidez e muita autoridade.

7.2.4 Locutor 4: Júlia

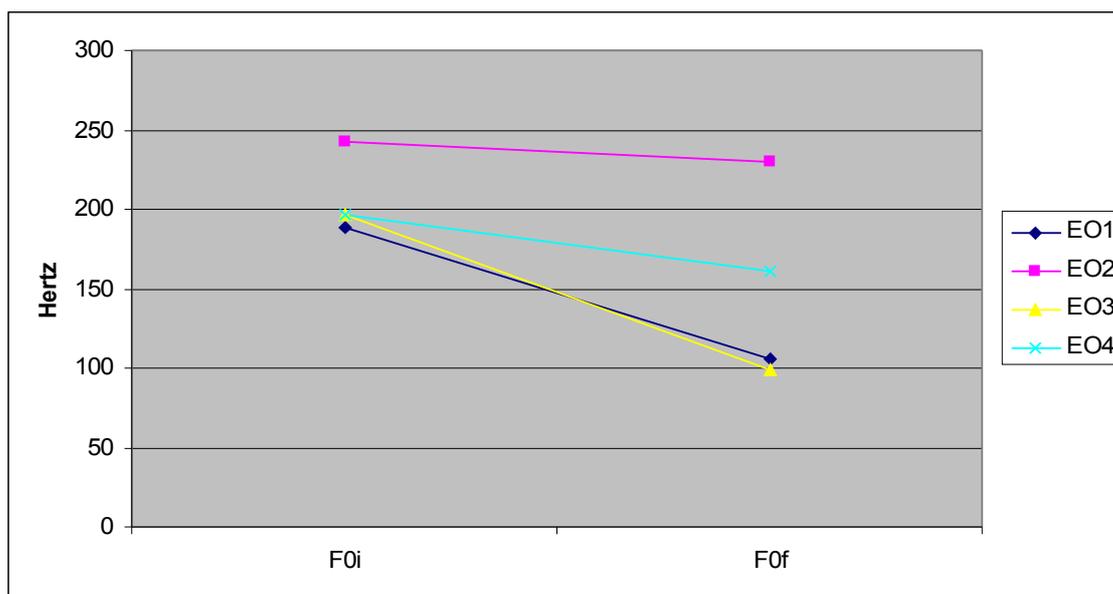
De acordo com o que vimos neste capítulo, Júlia é neta de Bia e ex-esposa de André. No momento da trama em que gravamos os dados dessa locutora, ela havia retornado à direção da empresa onde trabalham todas as personagens selecionadas. O total de enunciados dessa personagem é 22 ocorrências, sendo 4 ordens e 18 pedidos.

7.2.4.1 A ordem

Apesar de ocupar um cargo de destaque dentro da empresa e ter prestígio em relação aos seus alocutários, a personagem Júlia tem apenas 4 ocorrências de enunciados de ordem. Os papéis sociais dessa personagem nesse ato de fala são chefe, patroa e moradora. Dois enunciados foram produzidos na situação pública informal, um no contexto público formal e um no contexto privado formal. Em todas as ocorrências, notamos que Júlia demonstra autoridade de forma polida.

7.2.4.1.1 Características do enunciado

Conforme procedemos para os demais locutores, dividimos a caracterização da ordem em duas partes: primeiro, abordaremos os aspectos relacionados ao enunciado, e segundo, os aspectos relativos às sílabas proeminentes e tônicas. Do ponto de vista da caracterização prosódica dos enunciados de ordem dessa personagem, observamos a F0 inicial e final. A seguir, apresentamos os resultados no gráfico 44.

Gráfico 44: F0 inicial e final dos enunciados de ordem (locutor Júlia)

Observando o gráfico, notamos em todos os enunciados o uso do padrão melódico descendente. A partir da visualização do gráfico, observamos que a principal diferença entre os enunciados está relacionada ao ponto final de F0.

Em relação aos enunciados de ordem de Júlia é relevante ressaltar o contexto em que ocorrem os enunciados EO1 e EO2. Ambos os enunciados foram proferidos numa mesma cena. Júlia dá uma ordem inicial ao porteiro (“não é pra deixar subir”) e, na sequência, temos a repetição do enunciado, num registro mais alto que o primeiro. Ao repetir a ordem, Júlia utiliza a estratégia de elevar o registro, mantendo o mesmo padrão melódico. A nosso ver, essa é uma forma de demonstrar insatisfação quanto à insistência do porteiro em permitir a entrada de André no prédio.

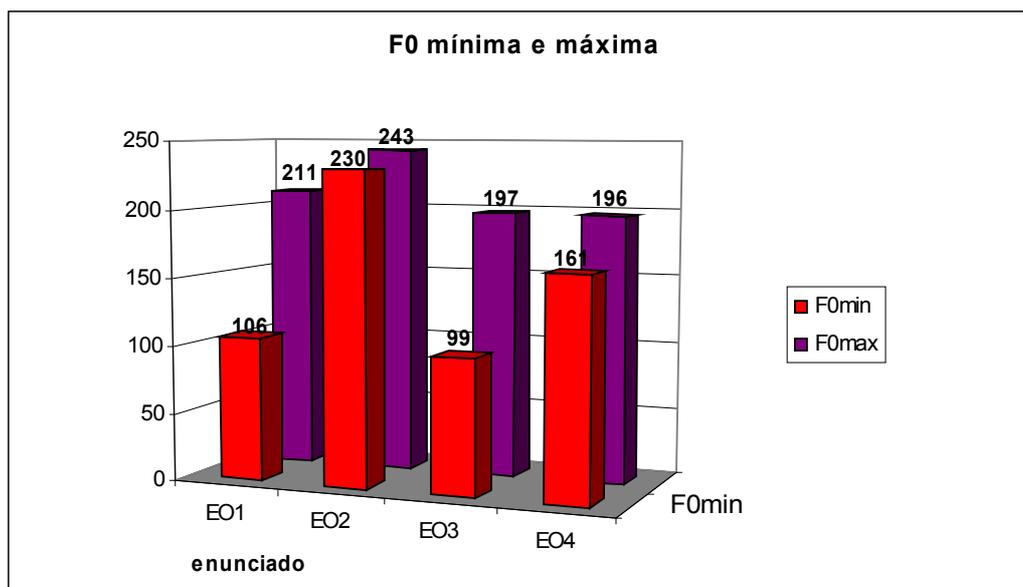
Por outro lado, EO3 é dirigido à sua secretária, na empresa (contexto privado/formal). Observamos um registro baixo, com padrão descendente, muito semelhante ao enunciado EO1. Nesse caso, notamos que Júlia é muito polida com sua secretária, utilizando, no enunciado, a partícula modalizadora “por favor”.

Em EO4 também há o uso da partícula modalizadora “por favor”. A alocutária é a empregada e o contexto é público formal. Na cena desse enunciado, Júlia recebe alguns policiais para esclarecimentos sobre o desaparecimento de Bia. A conversa termina

com a ordem de Júlia, que encerra essa interação com enunciado “acompanhe os senhores”.

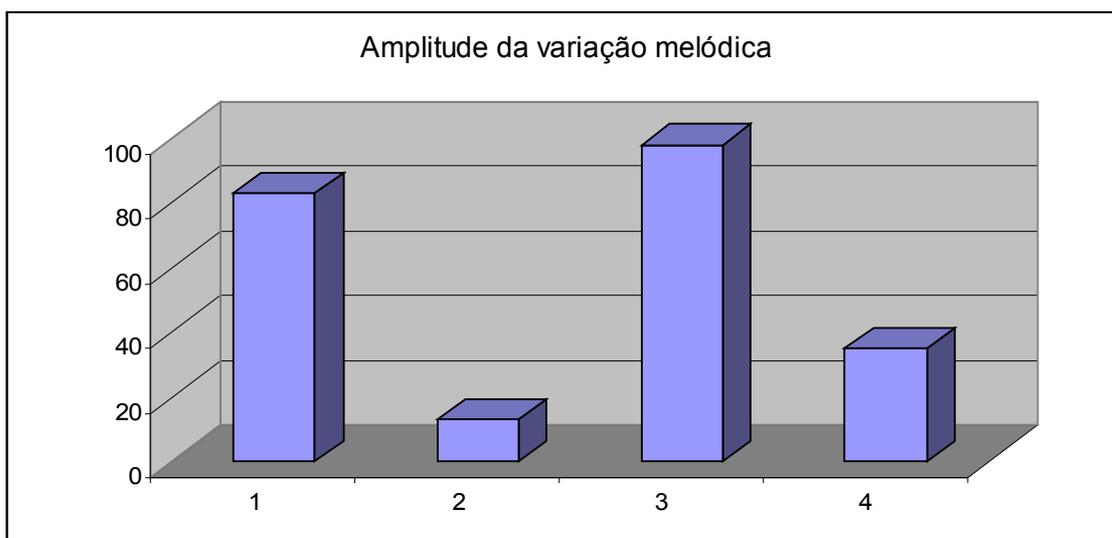
No que se refere aos pontos máximos e mínimos de F0, fizemos o registro desses pontos, da mesma forma que procedemos para os outros locutores. Para a locutora 4, os resultados encontram-se no gráfico 45, a seguir.

Gráfico 45: F0 mínima e máxima dos enunciados de ordem (locutor: Júlia)



Observando o gráfico 45, notamos que o ponto máximo de F0 do grupo tonal das ordens de Júlia variam de 99 Hz (valor mínimo registrado) a 243 Hz (maior valor registrado). Notamos, assim, que os enunciados de pedido de Júlia, na média, têm pouca variação, sendo produzidos, em média, no espaço melódico de 149 Hz a 206 Hz. Excepcionalmente, EO2 possui características diferenciadas as quais, a nosso ver, são influenciadas pela repetição da ordem, conforme descrição feita anteriormente nessa seção.

De forma a caracterizar os enunciados de pedido de Júlia, observamos também a amplitude da variação melódica, para a qual elaboramos o gráfico 46 a seguir. Os dados foram obtidos a partir da diferença entre os valores iniciais e finais de F0, de acordo com o procedimento adotado para todos os locutores.

Gráfico 46: Amplitude da variação melódica (ordem):

Observando o resultado, notamos que Júlia utiliza apenas a variação positiva, indicando que, em todas as ocorrências a direção da curva de F0 é descendente. Esse dado confirma o resultado apresentado no gráfico 44: as ordens da locutora 4 seguem um padrão descendente.

Sobre a duração total dos enunciados, fizemos o cálculo da média e do desvio padrão. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 45: Média e desvio padrão da duração total do enunciado (ordem)

	duração total do enunciado (s)
Média	1,008
dp (s)	0,098

O número médio de sílabas no grupo tonal dos enunciados de ordem dessa personagem é 7. Dividindo a duração total dos enunciados pelo número médio de sílabas, temos a duração média de cada sílaba. Nesse caso, essa duração é de 0,144 s.

7.2.4.1.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

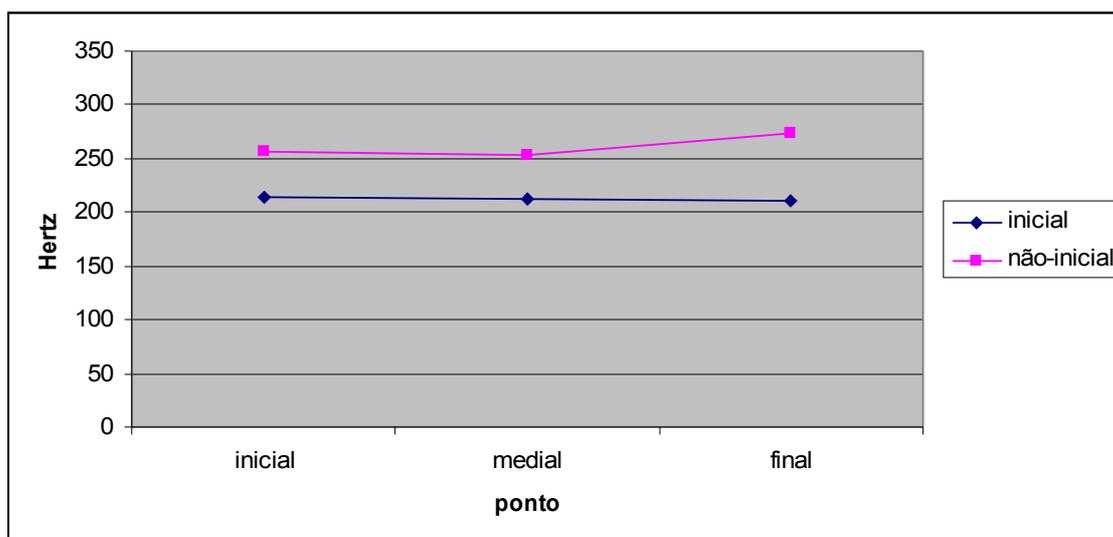
No que se refere às sílabas proeminentes, registramos os pontos iniciais, mediais de F0 nas sílabas proeminentes. A seguir, temos a tabela com esses resultados. Vale notar que, na posição inicial, tivemos apenas uma ocorrência para a locutora, portanto, não há o cálculo de desvio padrão para esse dado.

Tabela 46: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

posição	inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	dp (s)
inicial	214		212		210	
não-inicial	256	73	254	64	274	105

A partir desses resultados, elaboramos o gráfico para uma melhor visualização do movimento melódico.

Gráfico 47: F0 inicial, medial e final da proeminente em relação à sua posição no enunciado



Observando o gráfico 47, notamos que a proeminente inicial realiza-se num nível melódico mais baixo que as proeminentes não-iniciais. Além disso, o movimento melódico das proeminentes não-iniciais é ascendente, ao passo que a inicial apresenta um tom nivelado no início e um ascendente na parte final.

Sobre o alinhamento do pico de F0 nessas sílabas, notamos que não há um padrão mais utilizado, já que foram duas ocorrências com alinhamento inicial e duas com alinhamento final. Assim, não podemos afirmar o que caracteriza os enunciados de ordem de Júlia no que se refere a esse parâmetro.

Como acreditamos ser interessante relacionar o movimento melódico à duração, apresentamos a seguir, os resultados médios desse parâmetro. Assim como mencionamos no parâmetro anterior, não há dado de desvio padrão para a ocorrência da proeminente em posição inicial.

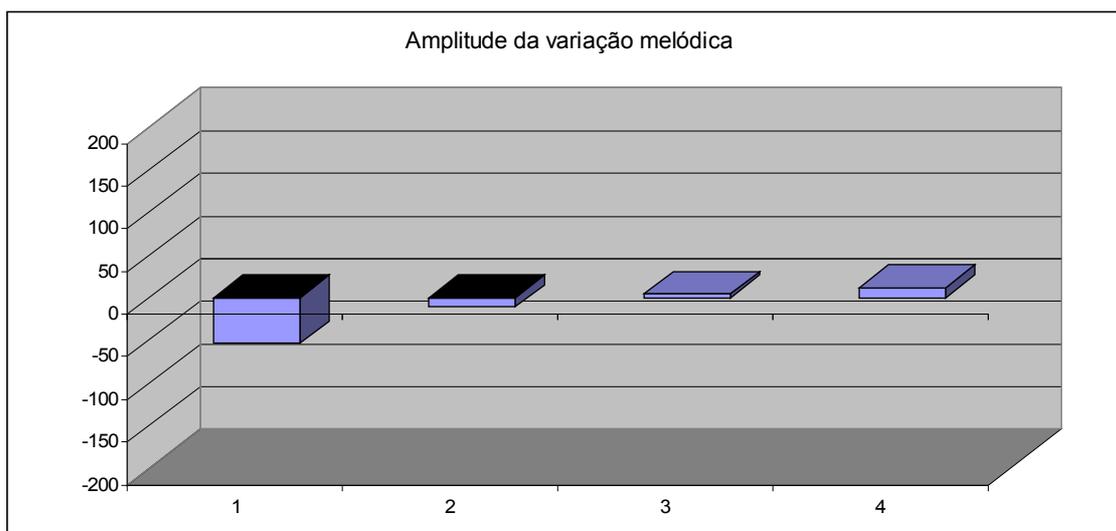
Tabela 47: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (ordem)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,140	0,215
dp (s)		0,043

Relacionando os dados de duração com os de F0, notamos que, na ordem de Júlia, as proeminentes não-iniciais, além de terem uma maior duração, também são produzidas num nível melódico mais alto. Isso pode nos indicar que, nessa posição, é necessário tanto aumentar o tempo de produção quanto aumentar o nível melódico das sílabas, uma vez que essas não se encontram na primeira posição do enunciado.

Observamos, ainda, o que ocorre com a amplitude da variação melódica dessas sílabas. Os resultados encontram-se no gráfico a seguir.

Gráfico 48: Amplitude da variação melódica na proeminente (ordem)



Observando o gráfico, notamos que nos enunciados EO3 e EO4 há ocorrência de uma variação positiva, o que significa que nesses enunciados foram registrados movimentos descendentes. Nas outras proeminentes dos outros dois enunciados, foram registrados movimentos ascendentes. Dessa forma, esse resultado não nos indica uma tendência de para esse parâmetro no que se refere a essa locutora. Ainda sobre esse resultado, Vale notar que essa locutora varia pouco o parâmetro F0 nas proeminentes dos enunciados de ordem, o que corrobora a nossa hipótese de que no grupo tonal das ordens, as proeminentes sofrem menor variação melódica.

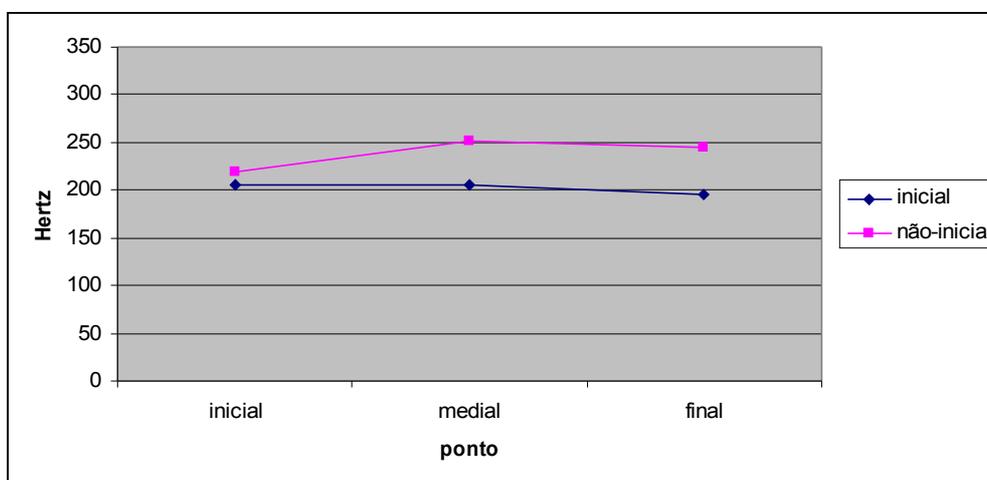
Procuramos verificar, também, o que ocorre com as tônicas dos enunciados de ordem da locutora 4. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 48: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na tônica (valores em Hz)

posição	inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	Média	Dp (s)	Média	dp (s)
inicial	206	69	205	75	196	72
não-inicial	219	25	252	41	245	39

Para uma melhor visualização dos movimentos melódicos dessas sílabas, elaboramos o gráfico a seguir.

Gráfico 49: F0 inicial, medial e final na tônica em relação à sua posição no enunciado



Da mesma forma como ocorre com a proeminente, as tônicas não-iniciais são realizadas num nível melódico mais alto que as tônicas iniciais. Ainda, notamos uma diferença no que diz respeito ao movimento melódico: enquanto há um movimento nivelado/descendente nas tônicas iniciais, o movimento melódico das tônicas não-iniciais é ascendente/descendente. Como os resultados das tônicas iniciais referem-se aos grupos tonais dos vocativos ou dos sujeitos, podemos notar que as sílabas tônicas que são destacadas são aquelas que se encontram no SN subsequente ao verbo contido no grupo tonal da ordem. Assim, verificamos que essas tônicas são mais realçadas que as tônicas iniciais, no que tange à locutora 4.

No que se refere à duração das tônicas, os resultados foram os seguintes:

Tabela 49: Média e desvio padrão da duração das tônicas em função do local de ocorrência (ordem)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,206	0,157
dp (s)	0,079	0,056

A partir dos resultados, notamos que as tônicas iniciais tendem a ser mais longas que tônicas não-iniciais, ao contrário do que pensávamos inicialmente. Em conjunto com os resultados de frequência fundamental, notamos que, mesmo não se realizando os maiores movimentos melódicos nas sílabas iniciais, é nessas que ocorre a maior duração. Assim, nos grupos tonais em que verificamos os enunciados de ordem de Júlia, notamos que a estratégia da locutora é prolongar as tônicas iniciais e destacar a melodia das tônicas não-iniciais.

Observamos também o que ocorre no âmbito da taxa de velocidade de variação melódica nos enunciados de ordem de Júlia. A seguir, apresentamos os resultados desse cálculo.

Tabela 50: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (ordem)

enunciado	taxa de velocidade	valor (em Hz/s)
1		-276,92
2		-41,67
3		28,57
4		64,52

Na tabela, verificamos que a menor taxa de velocidade ocorre no enunciado EO3, cujo valor é 28,57 Hz/s, e maior é EO1, cuja taxa é de -276,92 Hz/s.

Da mesma forma como observamos para os outros locutores, Júlia também utiliza um ritmo acentual nos enunciados de ordem. O uso do ritmo acentual, a nosso ver, é uma das principais estratégias da locutora 4 para demonstrar suas atitudes.

No que diz respeito às atitudes, notamos que a locutora é polida em seus enunciados. O que notamos de diferente nas ordens de Júlia é o enunciado EO2, em que a locutora repete a ordem dada ao seu alocutário, denotando um pouco de impaciência em relação ao fato de não ver sua ordem sendo cumprida. Nas demais ocorrências, observamos que, juntamente com a estratégia prosódica de polidez, há o uso da partícula modalizadora “por favor”. Esse aspecto, em conjunto com os parâmetros prosódicos nos levam a

perceber que Júlia tem autoridade e prefere parecer sempre polida nas situações em que tem que comandar.

O exemplo que trazemos a seguir é um dos enunciados de ordem dessa locutora. O enunciado é “por favor, acompanhe os senhores”. A alocutária é a empregada e o contexto é público formal. Na cena, Júlia dá a ordem à empregada para que conduza os policiais, que fazem a investigação sobre Bia, até a porta.

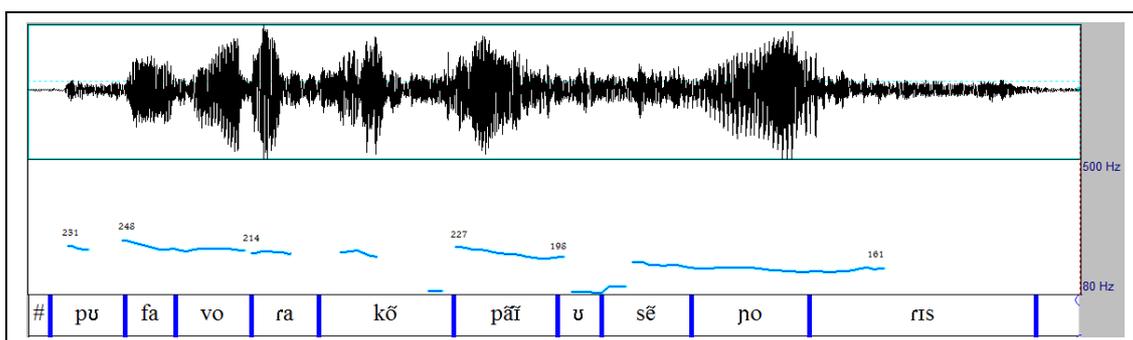


Figura 34: Forma de onda, curva de F0 e transcrição do enunciado “por favor, acompanhe os senhores”.
Locutor: Júlia.

No exemplo da figura 34, o enunciado inicia com a partícula modalizadora “por favor”, que se encontra num nível melódico mais alto que o restante do enunciado. Os valores de F0 inicial é 231 Hz e final 161. Notamos um padrão ascendente/descendente na partícula modalizadora, entretanto, interessa-nos o comportamento da curva de F0 sobre a ordem dada pela locutora.

Notamos que a ordem propriamente dita tem movimento melódico ascendente/descendente. O movimento ascendente tem início na primeira sílaba do enunciado e vai de 214 Hz até 227 Hz. O ponto de alinhamento com a sílaba proeminente é inicial. Nessa sílaba, o movimento é descendente até o final do enunciado. Notamos também que o ritmo é acentual e velocidade de fala não é alterada.

Nessa situação comunicativa, Júlia demonstra sua autoridade dando uma ordem polida. A locutora, que tem muito prestígio com sua alocutária, demonstra muito controle de si, raramente expressa emoção em seus enunciados. Geralmente é calma, exceto nas situações de interação com a avó e com André, em que percebemos alterações, sobretudo, no que diz respeito ao uso de parâmetros prosódicos.

7.2.4.2 O pedido

Com um total de 18 ocorrências, o pedido é, dentre as forças ilocucionárias analisadas, aquela mais recorrente na fala de Júlia. Nos contextos em que faz uso desses enunciados, os papéis sociais desempenhados pela locutora são ex-mulher, neta, amiga e patroa, no ambiente familiar, e cliente em outros ambientes. Quanto aos parâmetros público/privado e formal/informal, observamos que há duas ocorrências no contexto público informal, duas no contexto privado formal e 14 no contexto privado informal.

Notamos também que o *status* de Júlia em todos esses contextos é de prestígio. Mesmo nas interações com a avó, é perceptível que Bia considera importante o que diz a locutora, uma vez que sempre acata suas sugestões. Isso pode ocorrer, claro, como uma estratégia da alocutária. Porém, consideramos que Júlia tem prestígio, mesmo nessas situações.

7.2.4.2.1 Características do enunciado

De acordo com o que apresentamos anteriormente, buscamos caracterizar os enunciados de pedido da locutora, conforme procedimento já descrito. Dessa forma, no que se refere à caracterização prosódica dos enunciados de pedido de Júlia, apresentamos, a seguir, os resultados das medidas de F0 inicial e final. Para uma melhor visualização, separamos os dados em dois gráficos: os 9 primeiros enunciados (EP1 a EP9) estão ilustrados no gráfico 50, ao passo que os 9 últimos (EP10 a EP18) estão representados no gráfico 51.

Gráfico 50: F0 inicial e final dos enunciados de pedido (EP1 a EP9)

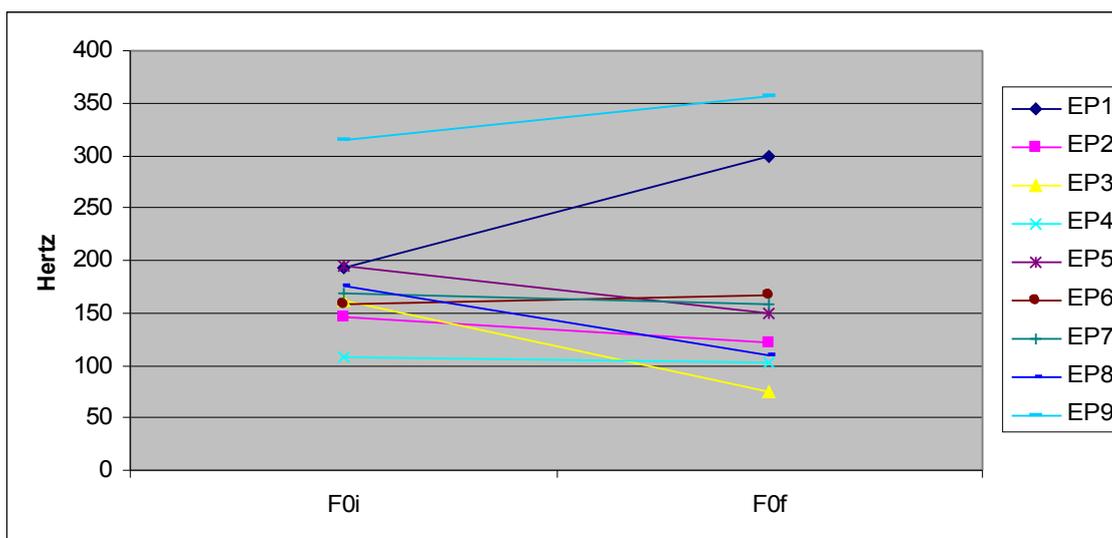
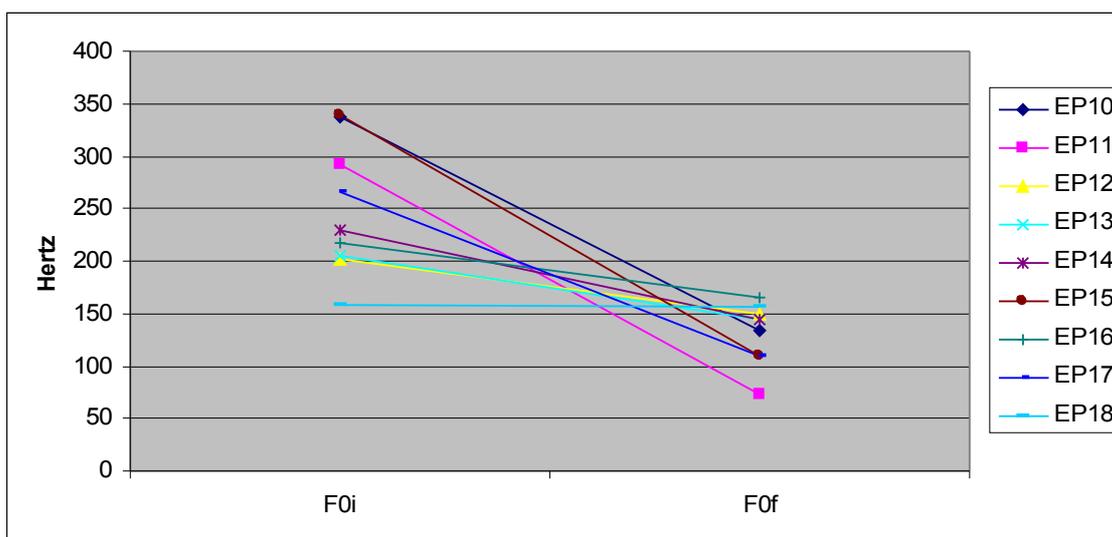


Gráfico 51: F0 inicial e final dos enunciados de pedido (EP10 a EP18)



A partir dos resultados apresentados nos gráficos 50 e 51, verificamos que Júlia utiliza três padrões melódicos nos enunciados de pedido. Dessa forma, temos com movimento ascendente os enunciados EP1, EP6 e EP9; com movimento descendente temos EP2, EP3, EP4, EP5, EP8, EP10, EP11, EP12, EP13, EP14, EP15, EP16 e EP17; e com nivelado temos EP7 e EP18.

Para observarmos o parâmetro da tessitura, registramos os valores máximos e mínimos de F0, da mesma forma como procedemos para os demais locutores. Os resultados estão representados nos gráficos 52 e 53 a seguir.

Gráfico 52: F0 mínima e máxima dos enunciados de pedido – EP1 a EP9(locutor Júlia)

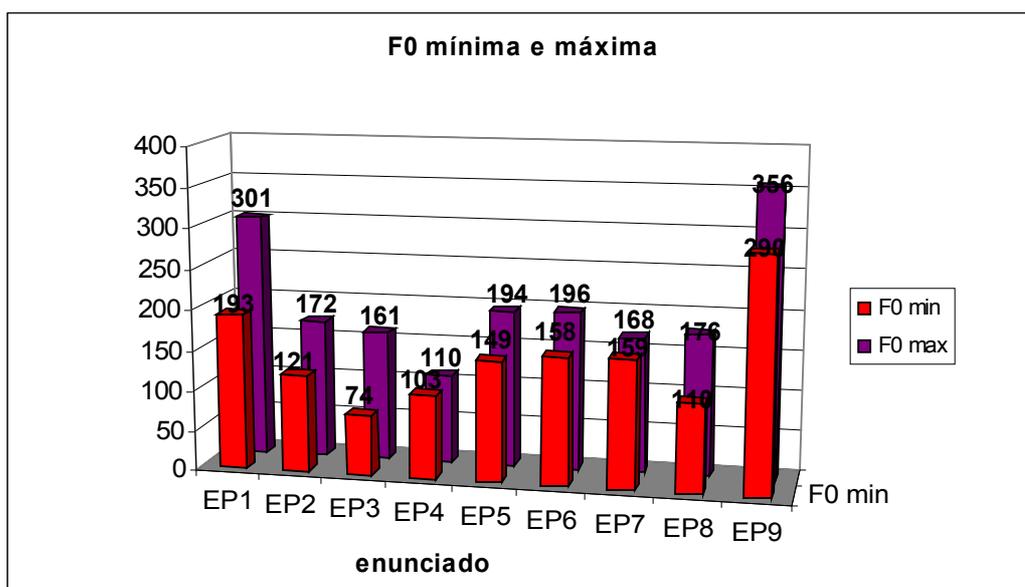
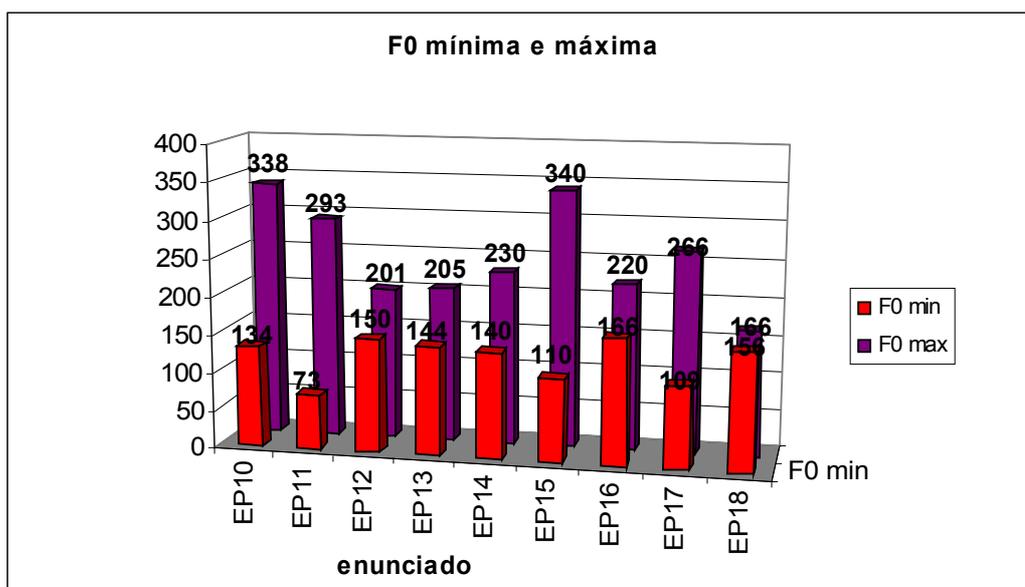


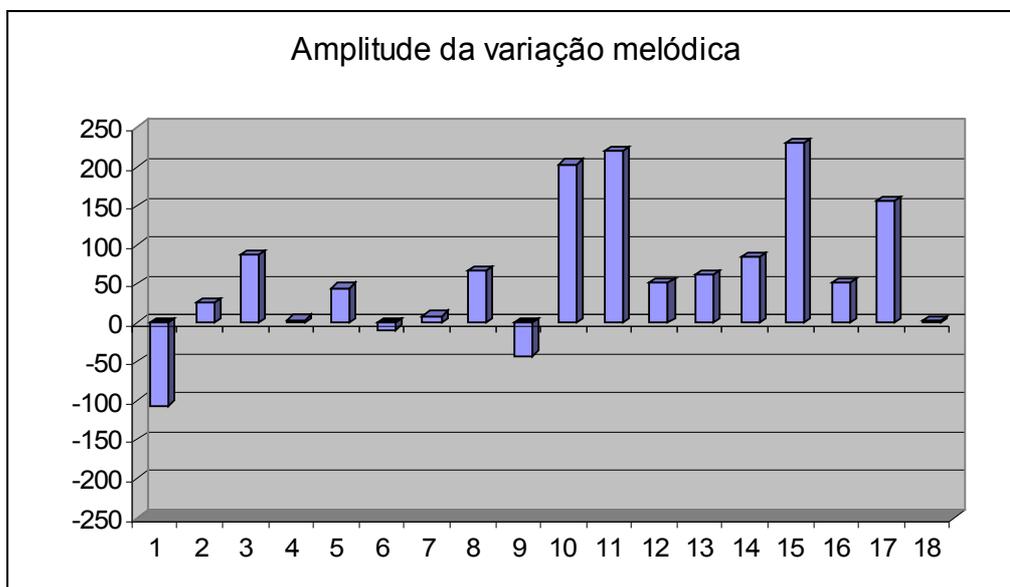
Gráfico 53: F0 mínima e máxima dos enunciados de pedido – EP10 a EP18(locutor Júlia)



De acordo com as medidas de F0 mínima e máxima nos grupos tonais dos enunciados de pedido da locutora 4, verificamos que o ponto mínimo corresponde a 73 Hz (EP11), enquanto o ponto máximo foi 356 Hz (EP9). Em média, os enunciados de pedido de Júlia sofrem pouca variação, diferentemente do que sugere a nossa hipótese. A nosso ver, essa pouca variação é uma característica dessa locutora, a qual utiliza pouco a prosódia como uma estratégia para a expressão das suas atitudes, o que comentaremos mais adiante nessa seção.

Outro resultado que apresentamos no gráfico a seguir é a amplitude da variação melódica dos enunciados de pedido.

Gráfico 54: Amplitude da variação melódica do enunciado (pedido)



Observando o gráfico, notamos que a tendência dessa locutora é utilizar movimentos descendentes nesse tipo de enunciado (variação positiva), uma vez que verificamos 15 ocorrências com esse tipo de amplitude. Outro dado relevante é que nesses enunciados Júlia apresenta uma grande variação melódica, o que não ocorre no caso dos movimentos ascendentes. Podemos verificar que o espaço da variação vai de 9 Hz a 106 Hz (ascendentes), e de 3 Hz a 230 Hz (descendentes).

Sobre a duração total dos enunciados de pedido, fizemos o cálculo da média e do desvio padrão. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 51: Média e desvio padrão da duração total dos enunciados de pedido

	duração total do enunciado (s)
Média	0,989
dp (s)	0,298

Como o número médio de sílabas nos enunciados de pedido dessa locutora é 6, ao dividirmos o número médio de sílabas pelo tempo médio de duração desses enunciados, obtivemos o resultado 0,164 s. Esse é o tempo médio de duração de cada sílaba nesses enunciados.

7.2.4.2.2 Características das sílabas proeminentes e tônicas

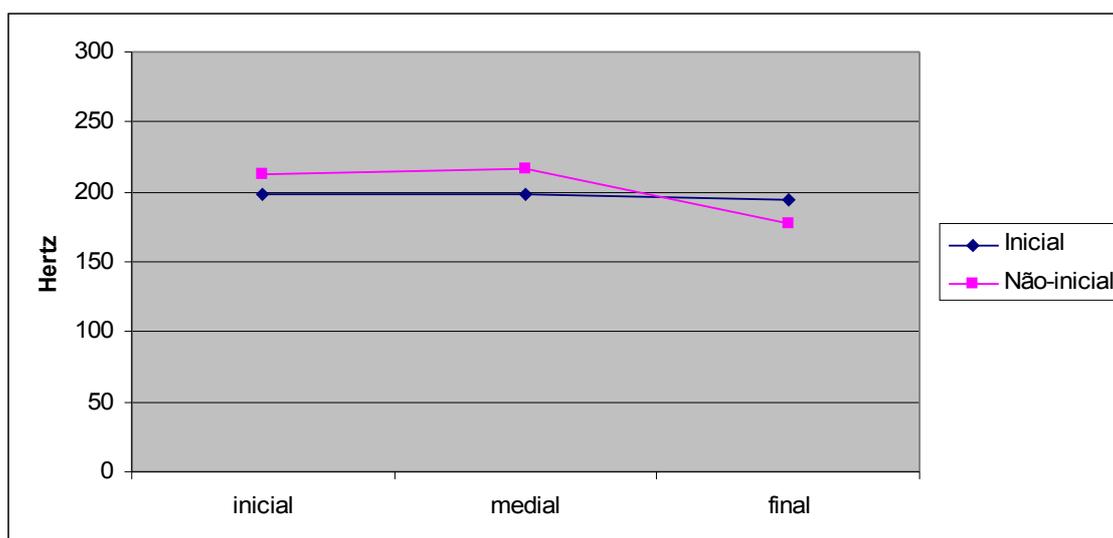
Para observarmos o movimento melódico na sílaba proeminente do grupo tonal dos pedidos, fizemos o registro da F0 inicial, medial e final dessas sílabas. Os resultados de média e desvio padrão encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 52: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na proeminente (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		Medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	dp (s)
Inicial	198	80	198	75	195	73
Não-inicial	213	64	216	70	178	64

Para uma melhor visualização do movimento melódico, apresentamos a seguir o gráfico correspondente a esses resultados.

Gráfico 55: F0 inicial, medial e final em relação à posição da proeminente no enunciado (pedido).



Com esses resultados, verificamos que as sílabas proeminentes do GT do pedido de Júlia, quando ocorre na primeira posição do enunciado, tendem a um movimento descendente, com pouca variação melódica, ao passo que as não-iniciais têm uma maior amplitude de movimento melódico e o movimento melódico dessas mesmas sílabas é ascendente/descendente.

Outro dado importante é o fato de as proeminentes iniciais serem realizadas num nível melódico mais baixo que as não-iniciais. Essas características são um indício de que, para essa locutora, as proeminentes não-iniciais tendem a ser mais destacadas com o

parâmetro da frequência fundamental. Assim, para observarmos o que ocorre em termos de duração e de modo a compararmos com os resultados de F0, apresentamos os resultados de média e desvio padrão para o parâmetro de duração.

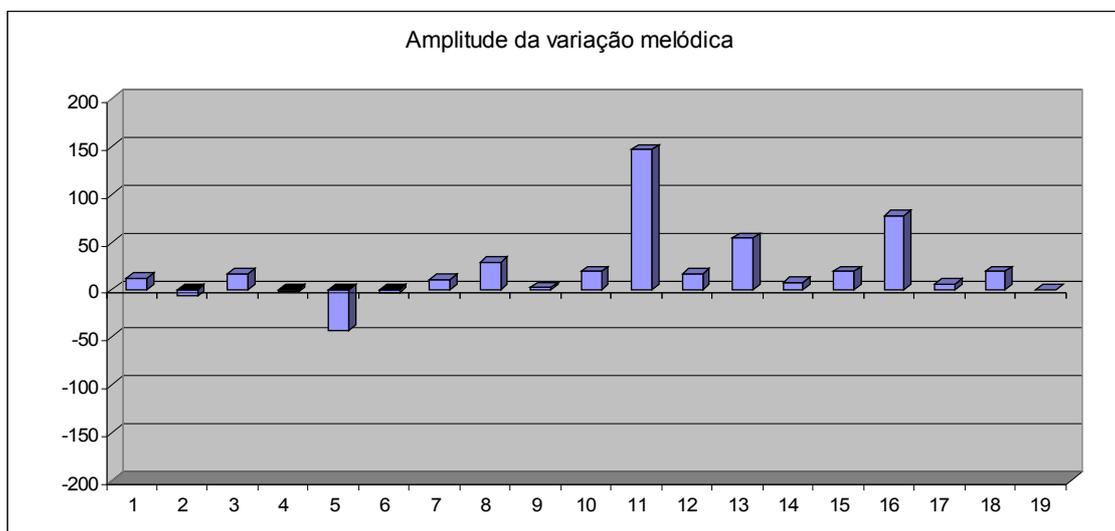
Tabela 53: Média e desvio padrão da duração das proeminentes em função do local de ocorrência (pedido)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
média	0,196	0,187
dp (s)	0,076	0,065

Verificando os dados, notamos que as proeminentes iniciais são mais longas do que as não-iniciais. Analisando esse resultado em conjunto com o parâmetro de F0, verificamos que as proeminentes iniciais têm, apesar de serem produzidas com um nível mais baixo de frequência, a duração, em média, maior que as não-iniciais. Isso significa que a proeminência inicial é ressaltada mais pela duração da sílaba que pelo parâmetro de F0.

No que se refere à amplitude do movimento melódico nas sílabas proeminentes do GT de pedido, obtivemos os seguintes resultados.

Gráfico 56: Amplitude da variação melódica na proeminente (pedidos)



Assim como observamos a amplitude da variação melódica para os enunciados de pedido dessa locutora, a tendência do movimento melódico nas sílabas proeminentes também é descendente (variação positiva). O espaço dessa variação vai de 3 Hz a 43 Hz, para os ascendentes, e de 0 a 147 Hz, para os descendentes.

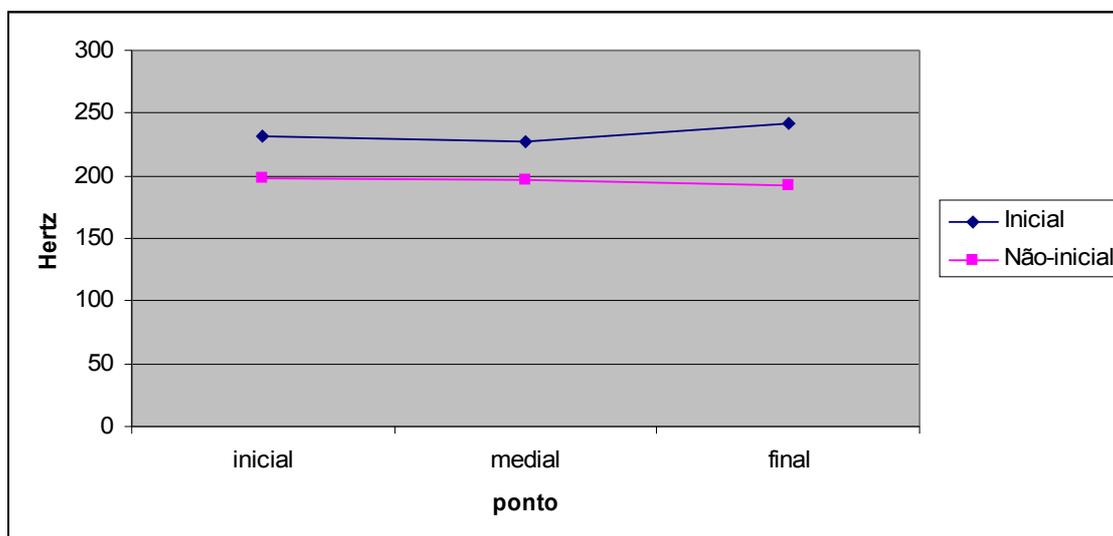
No que tange às sílabas tônicas, fizemos o cálculo de média e desvio padrão para as medidas de F0 inicial, medial e final, conforme tabela 54 a seguir.

Tabela 54: Valores da média e desvio padrão dos pontos inicial, medial e final de F0 na tônica (valores em Hz)

ponto posição	Inicial		medial		Final	
	média	dp (s)	média	dp (s)	média	dp (s)
Inicial	231	66	227	71	242	67
Não-inicial	198	63	197	64	192	63

O gráfico a seguir ilustra as informações da tabela 54. Vale ressaltar que as tônicas iniciais pertencem ao grupo tonal de vocativos e sujeitos ou de partículas modalizadoras como “por favor”.

Gráfico 57: F0 inicial, medial e final na tônica em relação à sua posição no enunciado



Conforme notamos no gráfico 57, as tônicas iniciais tendem a ser mais altas que as tônicas não-iniciais, ao contrário do que ocorre com as proeminentes. Sobre o movimento melódico, verificamos que as tônicas iniciais são realizadas com movimento ascendente, o que nos indica uma continuidade do movimento, resultado que já era esperado em função da posição em que ocorre.

Outra comparação relevante, retomando o gráfico 55, é que as tônicas iniciais são realizadas num nível melódico mais alto que as proeminentes na mesma posição. Esse fato é um indício que favorece o movimento descendente nesse tipo de enunciado de Júlia. Além disso, notamos, assim, que necessariamente não é a proeminente que possui frequência fundamental mais alta. Isso é um indício de que há outros itens dentro do SN

que podem ser enfatizados pelo parâmetro de F0, o que não significa um deslocamento da proeminência que encontramos nos verbos do grupo tonal do pedido.

No que se refere à duração das sílabas tônicas, fizemos o mesmo procedimento adotado anteriormente. Os resultados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 55: Média e desvio padrão da duração das tônicas em função do local de ocorrência (pedido)

	posição inicial (s)	posição não-inicial (s)
Média	0,177	0,192
dp (s)	0,064	0,093

Pelos resultados, verificamos que as tônicas em posição não-inicial são mais longas que aquelas em posição inicial, ao contrário do que ocorre com as proeminentes na mesma posição. Comparando esses resultados com os apresentados no gráfico 57, notamos que a duração dessas sílabas parece ser um parâmetro mais relevante que a frequência fundamental na identificação da tonicidade.

Ainda de forma a caracterizarmos prosodicamente os enunciados de pedido de Júlia, fizemos o cálculo da taxa de velocidade da variação melódica, para o qual obtivemos os seguintes resultados.

Tabela 56: Taxa de velocidade da variação melódica das sílabas proeminentes (pedido)

enunciado	taxa de variação	valor (em Hz/s)
1		-71,36
2		204,82
3		-29,46
4		-573,33
5		394,74
6		-484,58
7		182,97
8		13,95
9		148,09
10		129,59
11		752,21
12		-142,57
13		-151,23
14		-279,41
15		-794,30
16		159,15
17		-228,64
18		0,00

Nos resultados, observamos que a proeminente com menor taxa de velocidade de variação melódica é EP18 (0), ao passo que a de maior taxa é EP11 (752,21 Hz/s).

Da mesma forma como observamos para os demais locutores, o ritmo dos pedidos de Júlia é acentual. Sobre o alinhamento do pico de F0 na sílaba proeminente, observamos as seguintes ocorrências: 9 alinhamentos iniciais, 6 alinhamentos finais, 2 mediais e 1 nivelado. Como a diferença entre as ocorrências de alinhamento inicial e final é de apenas 3 ocorrências, não consideramos que esse seja um parâmetro significativo para a descrição da prosódia dos pedidos para essa locutora.

Quanto às atitudes de Júlia, notamos apenas que, nas situações comunicativas, essa locutora se expressa sempre com polidez, não dependendo de quem é seu alocutário. Contudo, é necessário observar que às vezes o fator emocional interfere na forma como produz esses enunciados. Isso ocorre, sobretudo, quando interage com André, seu ex-marido, e com Bia, sua avó, uma vez que essas personagens estão em conflito durante a trama.

Pudemos notar que a expressão de polidez de Júlia é mais evidente em função do uso das estratégias de mudança de registro e tessitura. Além desses aspectos prosódicos, notamos que essa locutora utiliza partículas modalizadoras, principalmente “por favor” e “vamos”, o que favorece à expressão de uma atitude polida.

Como exemplo de enunciado de pedido dessa locutora, escolhemos o enunciado “fala pra ela não dizer nada por enquanto”. Seu alocutário é um amigo. O contexto de produção é privado informal. Na cena, Júlia compartilha um segredo com o alocutário, que deve passar esse conteúdo para outra amiga de ambos. O *status* de Júlia é de prestígio e a relação entre os locutores é de igualdade.

A figura 35 a seguir, ilustra o exemplo por nós selecionado.

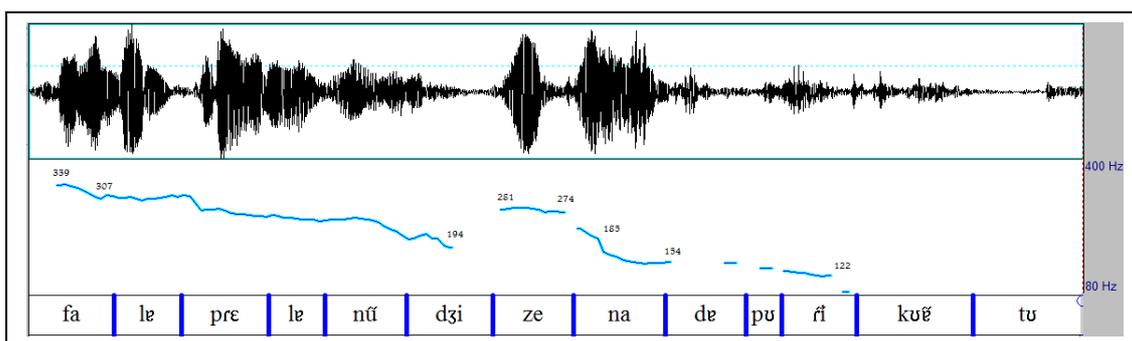


Figura 35: Forma de onda, curva de F0 e transcrição do enunciado “fala pra ela não dizer nada por enquanto”. Locutor: Júlia.

Na figura 35, podemos observar que o enunciado inicia com F0 em 339 Hz e termina em 122 Hz. O movimento melódico é descendente no grupo tonal do pedido. Observamos um movimento ascendente/descendente na parte em que Júlia profere o conteúdo proposicional do recado que o seu alocutário dará. Essa é uma estratégia para enfatizar qual é a informação importante desse recado.

No que se refere à proeminente, notamos um movimento descendente na sílaba [fa], que vai de 339 Hz a 307 Hz. Além disso, o alinhamento do pico de F0 ocorre no início da produção dessa sílaba. Nesse enunciado, assim como nos demais, notamos um ritmo acentual e a velocidade de fala aumenta em relação ao enunciado de pedido anterior que acontece na mesma cena (“liga pra Vitória”). Notamos, também, que a tessitura é larga e o registro é alto no início e baixo no final.

Essas estratégias indicam uma atitude polida por parte da locutora, uma vez que não há interesse por parte de Júlia em demonstrar autoridade. Podemos afirmar, assim, que esse pedido é polido e não autoritário, como acontece na maioria dos enunciados dessa locutora.

Assim como observamos para os demais locutores, essas observações somente podem ser feitas em função de unirmos elementos prosódicos e contextuais na análise dos enunciados. Na seção seguinte, passaremos à sumarização das estratégias utilizadas por Júlia na produção de ordens e pedidos.

7.2.4.3 Ordens e pedidos do locutor 4

Com base nas descrições feitas para essa locutora, podemos afirmar que Júlia utiliza tanto nas ordens quanto nos pedidos o padrão descendente. No que se refere à tessitura, observando os registros máximos e mínimos de F0, notamos que o espaço de variação melódica dos enunciados de pedido é maior do que o dos enunciados de ordem para essa locutora.

Notamos também que tanto nas ordens quanto nos pedidos, a amplitude da variação melódica é positiva, o que indica a ocorrência de movimentos descendentes. Contudo, nos pedidos, a variação pode ser negativa, o que não ocorreu nos dados relativos às ordens. A nosso ver, se o número de ocorrências de ordens fosse maior, poderíamos ter encontrado resultados diferentes.

Assim como verificamos para as demais personagens, os enunciados de ordem tendem a ser mais longos que os pedidos. Na nossa análise, isso ocorre em função de que os enunciados de pedido estão sujeitos a maior variação melódica e, portanto, a duração desses pode diminuir. Como essa duração é menor, temos uma velocidade de variação melódica diferente: o valor da taxa para os enunciados de pedido é menor do que o valor dessa mesma taxa para as ordens. Isso indica que a variação nos pedidos é mais lenta do que nas ordens, o que confirma a nossa hipótese sobre a utilização desse parâmetro.

Quanto às tônicas, pudemos observar que o movimento de F0 segue tendências diferentes nos enunciados de ordens e pedidos. Se, por um lado, as ordens têm uma tônica não-inicial mais alta no nível de F0, por outro, os pedidos têm a tônica inicial mais alta.

Verificamos, ainda, que os pedidos de Júlia tendem a um alinhamento do pico de F0 no início da sílaba proeminente, ao contrário do que ocorre com as ordens, em que esse alinhamento tende ao meio e final dessas sílabas. A nosso ver, essa parece ser uma característica desses enunciados da locutora Júlia.

No que se refere à correlação entre fatores prosódicos e contextuais, Júlia foi a que apresentou mais resultados significativos. A seguir, apresentamos esses resultados.

Tabela 57: Correlação e valor de p para duração frequência inicial da proeminente e contexto formal/informal

		Formal/informal
F0 inicial da proeminente	Pearson Correlation	0,467
	valor-p	0,028
	N	22

Esse resultado é interpretado como diretamente proporcional, ou seja, quanto maior a F0 inicial da proeminente, maior a correlação com ambientes informais. Isso significa que essa locutora tende a usar F0 inicial mais baixa na proeminente em ambientes formais.

Outro fator que apresentou correlação significativa foi a amplitude da variação melódica da proeminente e o ambiente público/privado.

Tabela 58: Correlação e valor de p para amplitude da variação melódica e ambiente público/privado

		Público/privado
Amplitude da variação melódica	Pearson Correlation	0,474
	valor-p	0,026
	N	22

No caso desse dado também temos uma escala diretamente proporcional. Isso significa que a amplitude da variação melódica aumenta no contexto privado e diminui se o contexto é público.

Ainda para essa locutora, foi significativa a correlação entre F0 inicial e final da proeminente e a relação entre os locutores. Vale lembrar que para esse fator contextual, observamos se a relação era de subordinação, igualdade e autoridade.

Tabela 59: Correlação e valor de p para F0 inicial e final da proeminente e relação entre os locutores

		Relação L/A
F0 inicial da proeminente	Pearson Correlation	0,490
	valor-p	0,020
F0 final da proeminente	Pearson Correlation	0,533
	valor-p	0,011
N		22

Uma vez que a correlação foi positiva, notamos que, para essa locutora, quanto mais altas as frequências iniciais e finais da proeminente, mais autoridade de L sobre A. Isso nos indica que, quando em situação de comando, em que tem que demonstrar autoridade, mais Júlia tende a aumentar esse parâmetro prosódico.

O fator contextual papel social também apresentou correlação significativa para essa locutora.

Tabela 60: Correlação e valor de p para F0 inicial e medial e papel social

		Papel social
F0 inicial da proeminente	Pearson Correlation	0,463
	valor-p	0,030
F0 medial da proeminente	Pearson Correlation	0,446
	valor-p	0,037
N		22

Observando os dados, vemos que o valor da correlação é positivo. Isso quer dizer que implicam autoridade⁴² a frequência fundamental inicial e medial tende a aumentar. Na nossa interpretação, esses fatores são indícios positivos de que os parâmetros prosódicos são utilizados também em função de aspectos contextuais.

7.3 Características gerais

De forma a agruparmos os resultados encontrados para os enunciados de ordem e pedido, elaboramos uma síntese da caracterização prosódica das duas forças ilocucionárias selecionadas neste trabalho. A observação dos parâmetros de frequência fundamental e duração nos permitem fazer alguns generalizações sobre o como os

⁴² Para criarmos o banco de dados, observamos como critério agrupar os papéis sociais desempenhados pela locutora em ordem crescente de autoridade.

falantes de português utilizam os aspectos prosódicos para diferenciar ordens de pedidos. A seguir, abordaremos cada uma das forças ilocucionárias investigadas.

7.3.1 A ordem

Diante dos resultados que apresentamos, pudemos identificar, no *corpus* coletado, enunciados de ordem para todas as personagens selecionadas. De acordo com os resultados apresentados na tabela 4, na seção 7.1, os locutores interagem com várias personagens de papéis sociais diferenciados, da mesma forma como acontece em situações não-fictícias.

No nosso *corpus*, são os empregados dos locutores o alocutário a quem se dirige o maior número de atos de ordem. Em alguns casos, observamos o uso do enunciado de ordem para personagens que desempenham outros papéis sociais, como secretária e rival, com um número bem menor de ocorrência. Essa observação corrobora a nossa hipótese de que as situações de ordem são bastante restritas, conforme previsto na Teoria dos Atos de Fala.

Conforme abordamos anteriormente, embora o critério inicial para categorizar um ato de fala como ordem ou pedido tenha sido a relação entre os papéis sociais dos locutores, esse aspecto nem sempre foi o mais relevante. No caso da ordem, contudo, observamos que a hierarquia dos papéis sociais é respeitada pelos locutores, os quais produziram esses enunciados em contextos em que se encontravam em posição de autoridade em relação ao alocutário.

Uma vez delimitado o contexto mais favorável para a produção de um enunciado de ordem, buscamos verificar quais os parâmetros, do ponto de vista prosódico, poderiam ser relevantes para caracterizá-la. De acordo com o que apresentamos no capítulo 1, o estudo de GEBARA (1976) aponta para o uso de um padrão descendente médio para a ordem.

A figura 36, a seguir, representa o padrão de GEBARA (1976) para os enunciados de ordem no Português. Na figura, SP representa a sílaba proeminente, enquanto s1 e s2 representam quaisquer outras sílabas que possam ocorrer no enunciado.

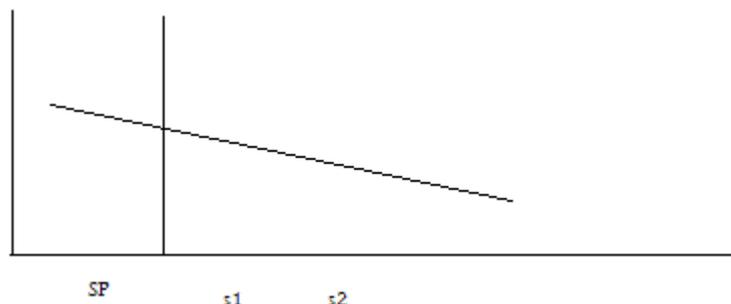


Figura 36: Padrão melódico 1 - ordem segundo GEBARA (1976).

No padrão melódico ilustrado pela figura 36, observamos que a sílaba proeminente encontra-se no início do enunciado, ponto em que se alinha o ponto mais alto da melodia, no nível médio de registro. A partir dessa sílaba, temos um movimento descendente que segue até o final do enunciado. De acordo com a proposta de GEBARA (1976), esse é o padrão típico de uma ordem.

Entretanto, a partir das observações feitas no trabalho de MORAES (1998)⁴³, em conjunto com o que apresentamos no capítulo 3 deste trabalho e, sobretudo pelos resultados encontrados no nosso *corpus*, notamos que, além do padrão descrito por GEBARA (1976), há outro em que ocorre um pequeno movimento ascendente inicial, no grupo tonal da ordem, cujo pico coincide com a sílaba tônica verbo. Assim, elaboramos a figura 37, a seguir, a qual ilustra o segundo padrão de ordem. Da mesma forma que ocorre na figura 36, SP indica a sílaba proeminente, s1 representa quaisquer sílabas que possam ocorrer entre a sílaba proeminente e a sílaba tônica, sendo essa última representada por ST (sílaba tônica).

⁴³ Ver figura 1, do capítulo 1.

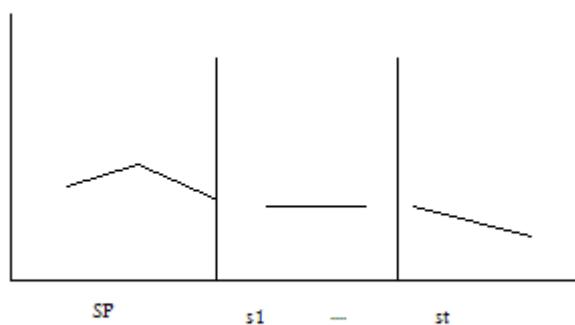


Figura 37: Padrão melódico 2 - ordem

A figura 37 apresenta um padrão em que encontramos um ascendente na sílaba tônica do verbo, por nós considerada a proeminente do enunciado. O segundo elemento postônico apresenta uma sílaba tônica, cujo movimento é descendente até o final. O número de sílabas átonas entre a proeminente e a tônica pode variar. Geralmente essas se realizam num nível mais alto que última sílaba proeminente do componente postônico, não influenciando no formato do padrão.

De acordo com nossa descrição, as sílabas proeminentes iniciais do grupo tonal da ordem podem ser realizadas com dois padrões: ascendente ou ascendente/descendente, ao passo que as não-iniciais podem ser realizadas ou com padrão ascendente ou descendente. Apesar de notarmos que a proeminente tende a ser mais alta que a tônica, conforme apresentamos nas seções anteriores deste capítulo, observamos que alguns locutores podem produzir a sílaba tônica com ênfase, seja alongando essa sílaba, seja elevando a frequência fundamental.

Como consequência desse uso, de acordo com os dados que apresentamos na seção 7.2, percebemos a expressão de autoridade por parte do locutor. Na nossa interpretação, quando a tônica é mais alta, em termos melódicos, que a proeminente, é possível inferir que, no conteúdo proposicional da ordem, a informação mais relevante para o alocutário é aquilo que será executado, e não conteúdo proposicional do verbo. Como o locutor tem certeza de que a ordem será cumprida, não há interesse em ressaltar o verbo, mas sim o SN subsequente, que indica o que deve ser feito. Assim, a atitude de autoridade pode ser melhor observada quando a proeminente realiza-se num nível melódico mais baixo que a tônica do elemento que se segue.

7.3.2 O pedido

Ao contrário do ocorre com a ordem, os pedidos podem ocorrer em inúmeros contextos, com alocutários que desempenhem qualquer papel social. De acordo com o que apresentamos anteriormente na seção 7.1, verificamos, no nosso *corpus*, que os locutores produzem pedidos na interação com todos os interlocutores. Contudo, o papel social “amigo(a)” é o mais representativo. Isso demonstra que o tipo de relação entre os locutores é um indicador relevante para esse ato de fala. Apresentamos a seguir uma análise mais detalhada desse tipo de ato, relacionando os aspectos prosódicos aos contextuais.

Assim como ocorre com as ordens, os aspectos apontados pela TAF não são suficientes para caracterizar um ato de pedido, haja vista que há situações em que o locutor, mesmo estando num nível hierárquico superior, utiliza a prosódia como um aspecto modalizador do enunciado, numa tentativa de atenuar a expressão da autoridade em relação ao falante. Assim, observamos que o aspecto prosódico interage com os aspectos contextuais. Em algumas situações comunicativas do nosso *corpus*, notamos que, apesar de a relação entre os locutores ser assimétrica, o que dentro da TAF nos levaria a crer que se tratava de um enunciado de ordem, o padrão prosódico utilizado era de pedido, uma vez que L coloca-se em posição inferior à posição de A. Assim, notamos que a relação entre os locutores não é um critério suficiente para categorizar o enunciado como uma ou outra força ilocucionária. É necessário observarmos outras pistas contextuais.

Assim como ocorre com as ordens, a proposta de GEBARA (1976) apresenta um padrão melódico para os enunciados de pedido. De acordo com autora, esse padrão assume a forma ilustrada na figura a seguir:

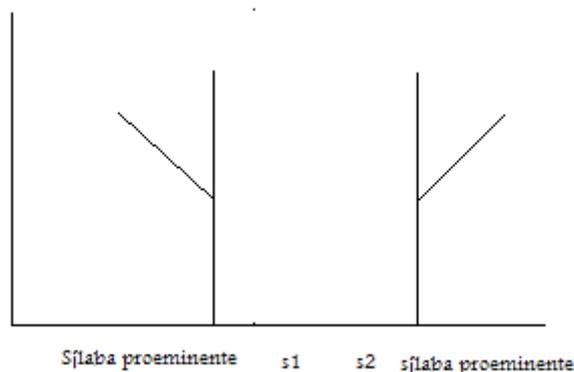


Figura 38: Padrão prosódico dos pedidos, segundo GEBARA (1976)

Para a autora, temos duas sílabas proeminentes: uma primeira, que coincide com a tônica do verbo, com melodia descendente, e uma segunda, ascendente, que coincide com a tônica do segundo elemento do enunciado.

Nos nossos dados, verificamos a ocorrência do padrão proposto pela autora. Contudo, observamos também, a partir dos dados coletados, outro padrão possível para os pedidos no português. A partir dos nossos resultados, elaboramos um esquema desse padrão. Na figura 39, a seguir, representamos a sílaba proeminente (SP), a sílaba tônica (ST) não-inicial, e as sílabas átonas que possam existir dentro do enunciado (S1, S2)

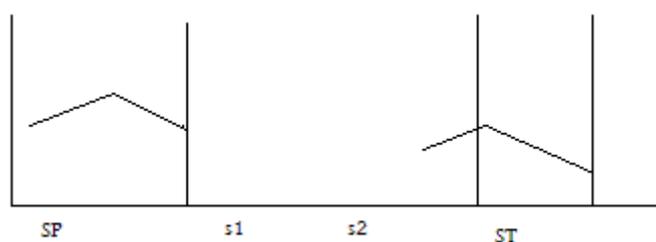


Figura 39: Padrão melódico dos pedidos

A figura 39 apresenta um padrão em que encontramos um ascendente na proeminente, que corresponde à sílaba tônica do verbo que inicia o pedido. O elemento postônico apresenta uma sílaba tônica, cujo pico de frequência é mais baixo que a proeminente do enunciado. O número de sílabas átonas entre as duas proeminentes pode variar, não influenciando na configuração do padrão melódico.

Notamos, dessa forma, que o padrão verificado nos dados coletados é diferente da proposta de GEBARA (1976). Isso não significa, entretanto, que não se possam verificar ocorrências semelhantes ao proposto pela autora. Acreditamos ser possível a produção desse padrão, mesmo que não tenhamos encontrado nenhum dado semelhante a que vimos na figura 38.

No que se refere às sílabas proeminentes do grupo tonal dos pedidos, observamos uma tendência diferenciada em função da posição que essa sílaba pode ocorrer nos enunciados dessa força ilocucionária. Nos dados, observamos que os padrões recorrentes para essas sílabas em posição inicial e não-inicial é descendente (conforme apontado por GEBARA, 1976) ou ascendente/descendente, sendo esse último mais recorrente nos dados do nosso *corpus*.

7.3.3 As atitudes nos enunciados de ordem e pedido

Conforme discutimos no capítulo 4, selecionamos inicialmente duas atitudes para observarmos nos enunciados de ordem e pedido: a autoridade e a cortesia. A nosso ver, essas pareciam aquelas que seriam melhor representadas nas forças ilocucionárias que selecionamos para análise. Contudo, na análise dos dados, verificamos que uma expressão não exclui a outra: há enunciados em que o locutor expressa sua autoridade com polidez e, em outros, expressa sua autoridade sem ser polido.

De acordo com a discussão apresentada no capítulo 4 e a partir dos nossos dados, observamos que a autoridade está mais relacionada a aspectos contextuais, em função das regras socialmente determinadas. Sabemos que, nas situações de comunicação, mesmo que o locutor escolha pela expressão autoritária, essa expressão só é legitimada se o alocutário assim o fizer. Por outro lado, a expressão da polidez seria uma atitude propriamente dita: é uma escolha do falante demonstra ou não a cortesia.

Além desse fator, notamos que outras atitudes poderiam ser encontradas nesses enunciados. No caso do nosso *corpus*, observamos que desafio e afetividade, por exemplo, também podem ocorrer nesses enunciados.

Na discussão por nós apresentada nos capítulos iniciais, verificamos que não existe um único parâmetro prosódico responsável pela expressão das atitudes. Ao contrário, de acordo com o que vimos na revisão da literatura, os autores indicam uma interação entre os fatores prosódicos na expressão da atitude do falante.

Dessa forma, é necessário delimitar quais seriam os fatores prosódicos utilizados intencionalmente pelo locutor para que o alocutário possa inferir sua atitude. Pudemos observar nos nossos dados, no que se refere à autoridade, que o registro baixo e a tessitura estreita são parâmetros que interagem, sobretudo com o aspecto da velocidade de fala, que na expressão dessa atitude é não lenta, nem rápida. Consideramos, então o rótulo normal para a velocidade de fala nessa atitude.

No que se refere à expressão da polidez, notamos que o registro também é baixo e a tessitura, estreita. O principal fator que para nós diferencia a polidez da autoridade é o aspecto da velocidade de fala, que, na expressão da polidez é mais lenta. A nosso ver, o aumento da velocidade de fala é um parâmetro de ajuste para uma expressão mais ou menos polida.

Na atitude de desafio, de forma diferente, observamos nos enunciados do nosso *corpus* que o registro é alto e a tessitura é estreita. Além disso, notamos que a velocidade de fala é rápida.

Por sua vez, a afetividade, apesar de ser um termo que pode indicar várias relações, para nós representa aquelas expressões em que o locutor procura diminuir o grau de obrigatoriedade na execução de uma ação, numa tentativa de aproximar uma relação assimétrica. Como parâmetros prosódicos relevantes na expressão dessa atitude, observamos o uso de um registro alto e de tessitura larga. Quanto à velocidade de fala, notamos o uso de uma velocidade mais lenta que as demais atitudes tratadas aqui.

7.3.4 Partículas modalizadoras

Além dos aspectos até agora apresentados, observamos nos dados, apesar de não ser a nossa proposta inicial, um número recorrente de dados em que são utilizadas outras

estratégias de modalização, principalmente o uso do “por favor” e do “vamos”. Por acreditarmos ser relevante para este trabalho, apresentamos a seguir uma reflexão sobre o uso de tais estratégias.

O uso da partícula modalizadora *por favor* ocorre em alguns casos de ordem e de pedido. Em ambos os casos, o alocutário não é um fator específico e o comportamento do perfil melódico é semelhante ao apresentado por WICHMANN (2004) em que esse tipo de partícula encontra-se no início do enunciado.

Notamos que a presença do *por favor* não altera o contorno melódico, que permanece com o mesmo padrão. Nesse caso, entendemos que a presença dessa expressão modalizadora não altera o fato de se tratar de uma ordem e que deve ser cumprida. Ao contrário do que apresenta WICHMANN (2004), o uso do *por favor* na fala das personagens analisadas nem sempre se trata de uma expressão de cortesia. Simplesmente consiste numa forma expletiva que, no contexto, não exerce influência sobre o significado da entonação.

Apresentamos, a seguir, um exemplo dessa ocorrência. O locutor é Bia e o alocutário é a empregada. O ambiente é familiar e a relação entre os locutores é profissional. Na situação, Bia demonstra impaciência em relação ao alocutário. O enunciado é “me traz uma xícara, por favor, traz”:

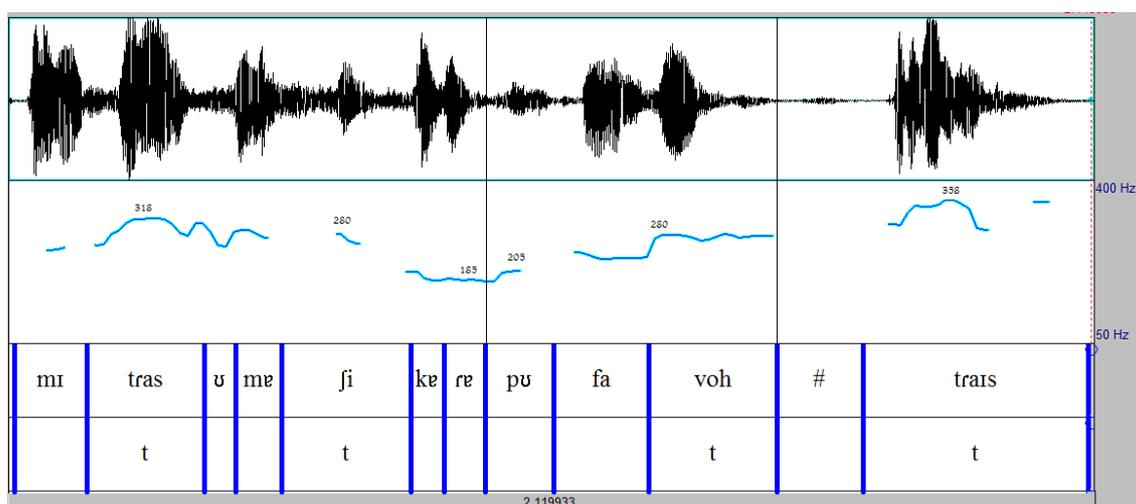


Figura 40: Forma de onda, curva de F0, transcrição fonética e marcação de proeminência do enunciado “me traz uma xícara, por favor, traz”.

O perfil melódico da ordem é idêntico ao padrão apresentado na seção 6.1.1. Interessamos o que ocorre com o uso da partícula “por favor” nesse enunciado. Na figura, observamos que a melodia que se alinha com o modalizador é ascendente, com a variação de 205 Hz a 280 Hz, o que representa uma tessitura estreita. Por sua vez, o nível de registro é médio, em relação ao próprio enunciado.

Conforme afirmamos, o uso da partícula não altera o padrão melódico utilizado. Acreditamos que isso ocorra porque, nesse enunciado, o “por favor” não altera a atitude de autoridade da locutora. Portanto, se ela não fizesse uso dela, não faria a menor diferença na interpretação da sua intenção comunicativa pelo alocutário.

No que se refere ao uso do “vamos”, notamos se tratar de uma estratégia para atenuar o grau de autoridade do locutor, assim como as pistas prosódicas. Essa é uma das estratégias mais utilizadas pela locutora Júlia, o que se explica pelo perfil psicológico da personagem. Ao utilizar esse termo, o locutor passa para outro ato de fala: o convite. A figura a seguir ilustra uma ocorrência desse caso.

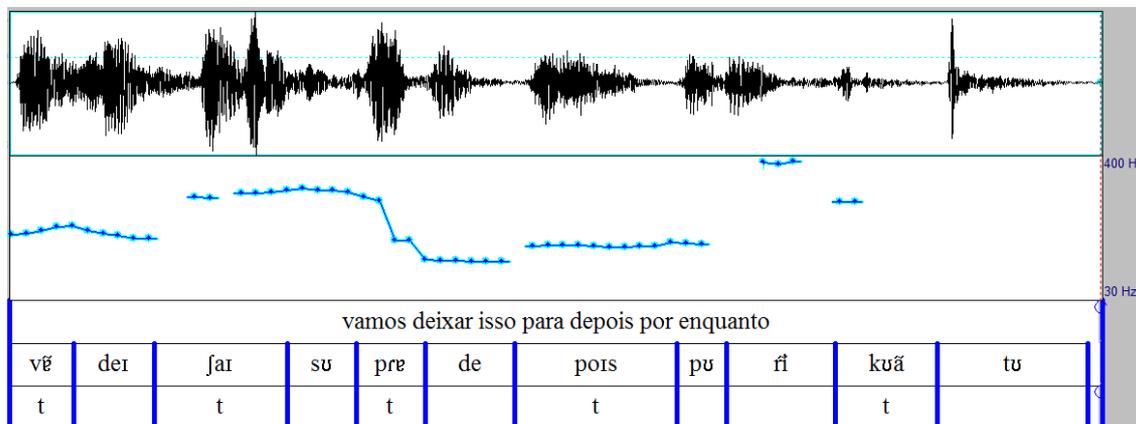


Figura 41: Forma de onda, curva de F0, transcrição ortográfica e fonética e marcação de sílaba proeminente do enunciado “vamos deixar isso pra depois, por enquanto”.

O enunciado é produzido por Júlia no contexto em que o ambiente é familiar e a relação entre as interlocutoras é afetiva, pois se trata de sua avó Bia. Na cena, Júlia não se mostra disposta a continuar a conversa iniciada por sua avó sobre os problemas pessoais entre as duas.

É interessante notar que o uso da partícula “vamos”, que faz o enunciado parecer mais um convite do que um pedido, ocorre com uma melodia ascendente: de 197 Hz a 218 Hz. O registro é médio, em relação ao enunciado e a tessitura é estreita, também em relação ao próprio enunciado. Essas características prosódicas integradas à análise do contexto nos permitem afirmar que se trata de uma atitude polida da locutora utilizar tais estratégias.

7.4 Correlação entre aspectos prosódicos e contextuais

Para cada locutor, apresentamos os resultados da correlação entre aspectos prosódicos, no que se refere à F0 e duração das proeminentes, e contextuais. De modo a observarmos os aspectos gerais de correlação, reunimos os dados de todos os locutores, primeiro sem agrupar os papéis sociais, e depois ajuntando os papéis relacionados aos mesmos ambientes. Assim, no segundo momento, papéis sociais como pai, esposa, marido, fizeram parte de um único conjunto: ambiente familiar. A seguir, apresentamos as tabelas com os resultados significativos.

Tabela 61: Correlação e valor p dos aspectos contextuais e prosódicos (sem agrupamento de papel social)

		F0 final	Público/privado	Formal/informal	Papel social
DTE Duração Total do enunciado	Pearson Correlation	0,124	0,251	0,071	0,043
	valor-p	0,209	0,010	0,473	0,664
OP Ordem ou Pedidos	Pearson Correlation	-0,205	0,209	0,072	0,311
	valor-p	0,036	0,032	0,468	0,001
FOIS Frequência Inicial da proeminente	Pearson Correlation	0,788	0,015	-0,191	0,240
	valor-p	0,000	0,883	0,051	0,014
FOF Frequência Final da proeminente	Pearson Correlation	-	-0,013	-0,225	0,208
	valor-p	-	0,899	0,021	0,033
FMP Frequência Medial da Proeminente	Pearson Correlation	0,848	-0,005	-0,252	0,183
	valor-p	0,000	0,956	0,009	0,062
	N	108	108	108	108

Na tabela, interessam-nos os resultados que correlacionam aspectos prosódicos e contextuais, por isso não consideramos as correlações apontadas pelo programa para aspectos contextuais entre si, nem para aspectos prosódicos entre si. Dessa forma,

verificamos que os valores de p mostraram-se significativos para as relações entre F0 final e a força ilocucionária, o contexto público e privado e a duração total do enunciado, a formalidade da situação e a frequência final da proeminente, bem como a formalidade da situação e a frequência medial da proeminente. Ainda notamos que o papel social apresentou resultados de correlação significativos em relação à frequência inicial e final da proeminente.

No que se refere à correlação entre F0 final e a força ilocucionária, vale observar como procedemos na interpretação desse resultado. Para fazermos o cálculo da correlação, utilizamos os valores 1 para ordens e 2 para pedidos. Como o valor da correlação é negativa, a interpretação para esse resultado é que os enunciados de ordem estão correlacionados a frequências finais mais baixas. Esse resultado já era esperado, uma vez que observamos que nos enunciados de ordem, as frequências tendem a ser mais baixas e nos enunciados de pedido tendem a ser mais altas.

A duração total do enunciado apresentou correlação significativa em relação ao aspecto contextual público/privado. A interpretação desse resultado aponta para o fato de que, nas situações públicas, a tendência é a produção de enunciados mais curtos, ao passo que as situações privadas estariam relacionadas a enunciados com maior duração. Uma explicação provável para esse resultado é o fato de que em situações públicas, os falantes tendem a restringir a quantidade de informações das ordens e dos pedidos.

Quanto aos aspectos formalidade da situação e a frequência final e medial da proeminente, notamos que em situações formais os valores de F0 em questão tendem ser mais baixos que nas situações informais. Esse resultado também era esperado, uma vez que, nas situações formais, tendemos a utilizar registros mais baixos, controlando mais os parâmetros prosódicos.

Sobre os papéis sociais, os resultados apontam para uma correlação entre esses e as frequências iniciais e finais das proeminentes. Na escala elaborada para procedermos no cálculo estatístico, os papéis sociais foram dispostos segundo a hierarquia socialmente determinada. Assim, papéis mais altos dessa hierarquia receberam os valores menores e aqueles mais baixos receberam valores maiores. Por exemplo, o diretor da empresa recebeu o rótulo 1, enquanto empregado recebeu o rótulo 10.

Como o resultado da correlação foi positiva, isso significa que, quanto mais alto na hierarquia o papel social, mais baixas são as frequências iniciais e finais das proeminentes. Esse resultado era esperado, pois, a nosso ver, na expressão da autoridade, que relacionamos aos aspectos socialmente determinados, a tendência é utilizar frequências mais baixas. Por outro lado, papéis sociais inferiores estariam correlacionados ao uso de F0 mais alta, indicando um aspecto da subordinação.

No segundo momento do cálculo da correlação, no qual agrupamos os papéis sociais em função do ambiente, os nossos resultados apresentaram menor número de correlações significativas, conforme podemos observar na tabela 62 a seguir.

Tabela 62: Correlação e valor p dos aspectos contextuais e prosódicos (com agrupamento de papel social)

		F0 final	F0 medial da proeminente	Público/privado	Formal/informal
DTE Duração Total do enunciado	Pearson Correlation	0,124	0,069	0,251	0,071
	valor-p	0,209	0,483	0,010	0,473
OP Ordem ou Pedidos	Pearson Correlation	-0,205	-0,172	0,209	0,072
	valor-p	0,036	0,079	0,032	0,468
FOIS Frequência Inicial da proeminente	Pearson Correlation	0,788	0,861	0,015	-0,191
	valor-p	0,000	0,000	0,883	0,051
FOF Frequência Final da proeminente	Pearson Correlation		0,848	-0,013	-0,225
	valor-p		0,000	0,899	0,021
FMP Frequência Medial da Proeminente	Pearson Correlation			-0,005	-0,252
	valor-p			0,956	0,009
	N			108	108

Como podemos observar, houve uma diminuição dos resultados estatisticamente significativos com o agrupamento dos papéis sociais em função do ambiente, ao contrário do que esperávamos. Assim, podemos concluir que tratar os papéis sociais de forma distinta, segundo a hierarquia socialmente determinada foi uma melhor alternativa. Esse aspecto nos indica que há fenômenos prosódicos específicos para papéis sociais específicos.

CONCLUSÕES

Consideramos, neste trabalho, que existe uma relação entre o uso de padrões melódicos e atos de fala diretivo com forças ilocucionárias de ordem e de pedido. Partimos do pressuposto que a prosódia consiste num elemento modalizador e que o ouvinte utiliza tanto das informações lexicais, prosódicas e contextuais para a produção do sentido dos enunciados.

Procuramos demonstrar que existem alguns parâmetros prosódicos que se relacionam mais estreitamente com a interpretação. Dentre eles, foram escolhidos o movimento melódico que, no nível acústico, corresponde à curva de frequência fundamental, que foi observado dentro do grupo tonal de ordens e pedidos, bem como nas sílabas proeminentes e tônicas, além do parâmetro da duração, tanto do enunciado quanto das sílabas já mencionadas. Além disso, procuramos compreender de que forma o alinhamento do pico de F0 se comporta em função do tipo de força ilocucionária, bem como observamos o comportamento da tessitura, do registro e do ritmo.

Para tanto, foram analisados enunciados selecionados de um *corpus* de fala de novela. Esses dados permitiram investigar o comportamento prosódico dos correlatos selecionados em situações de interação. Dentre as personagens, foram escolhidas quatro, dois homens e duas mulheres, cujos enunciados de ordem e pedido foram analisados.

1 - Aspectos prosódicos e atitudinais

Dentro do que apresentamos aqui, verificamos, em média, uma tendência de menor duração total dos enunciados com força de pedido que aqueles com força de ordem.

Esse dado nos indica que a duração é um fator prosódico relevante para diferenciar esses enunciados.

No que se refere ao perfil melódico do grupo tonal, o dado mais relevante diz respeito ao padrão descendente associado tanto à ordem quanto aos pedidos, sendo que essa última força apresenta uma maior variação no que se refere ao movimento melódico. Essa tendência indica que a informação mais relevante encontra-se na parte inicial desses enunciados, o que difere essas categorias de enunciados assertivos, por exemplo, cujo pico de frequência costuma ocorrer na parte final do enunciado.

Sobre as sílabas proeminentes, que também foram alvo de nossa análise, notamos que nem sempre essas são mais destacadas nos enunciados. As sílabas tônicas podem ser enfatizadas, o que pode ser percebido no uso de uma melodia mais alta ou de uma maior duração. Esse aspecto, a nosso ver, é um dos indícios da expressão da autoridade por parte do locutor, que confere maior destaque à informação do SN, pois a hierarquia social garante que a ordem ou pedido será cumprido na situação.

Vimos também que nos enunciados com força de ordem a taxa de velocidade de variação melódica é mais rápida, o que nos indica menor variação melódica num dado tempo. A nosso ver, nas ordens, o aspecto da autoridade é um fator relevante para caracterizá-la dessa forma. As ordens estão relacionadas à obrigatoriedade do seu cumprimento, o que restringe o uso da prosódia como uma estratégia modalizadora. Os pedidos, ao contrário, estão mais próximos de uma expressão de cortesia e polidez, além de denotarem um grau de obrigatoriedade menor de cumprimento da tarefa sugerida pelo conteúdo proposicional. Por essa razão, encontramos nesses enunciados as maiores variações no nível da frequência fundamental.

A questão do ritmo nos parece um ponto que também merece uma investigação mais aprofundada, sobretudo no que se refere à relação com a expressão de atitudes. Notamos que, nas ordens, o ritmo acentual reflete a velocidade de fala rápida. No nosso ponto de vista, a velocidade mais rápida é outro aspecto que é utilizada intencionalmente pelo locutor para demonstrar autoridade.

Verificamos ainda que o uso da partícula *por favor* tem uma função expletiva. De uma forma diferente do que afirma WICHMANN (2004), nos dados que encontramos, o uso desse modalizador não está relacionado a uma expressão de cortesia, tratando-se, assim, de uma parte do enunciado que segue o contorno melódico utilizado, sem demarcar uma atitude específica. Isso se deve ao fato de que, ao usá-la, as personagens o fazem sem variações de entonação, apenas para parecer educada.

Notamos que, além da estratégia prosódica para a expressão de atitudes, o uso da partícula “vamos” tem um funcionamento interessante. Nos enunciados de pedido, o “vamos” exerce a função de modificar o tipo de ato de fala, um modalizador, que sobrepõe ao ato de pedido a força ilocucionária de convite. Novamente, sugerimos uma maior investigação do que ocorre no uso dessa partícula em fala espontânea, de forma a compreendermos que efeitos de sentido essa, juntamente com os aspectos prosódicos, pode trazer ao enunciado.

2 - A relação prosódia/contexto

A visão de língua que buscamos trazer nesse trabalho se baseia na perspectiva pragmática. Sob essa ótica, a análise da linguagem deve incorporar cada vez mais os elementos do contexto e relacioná-los aos aspectos linguísticos. Esse é, a nosso ver, o principal ponto de reflexão dos futuros trabalhos da área de prosódia.

Neste trabalho, pudemos observar mais atentamente que certos aspectos contextuais, como o papel social dos locutores e a relação entre eles são parâmetros imprescindíveis na compreensão de como a prosódia é utilizada intencionalmente, como uma estratégia comunicativa. Assim, podemos afirmar que é em função das pistas contextuais que o locutor escolhe e modula a prosódia de enunciados de ordens e pedidos. Para chegarmos a essa conclusão, o teste estatístico da correlação foi de grande relevância para nos indicar tal possibilidade.

As restrições para o estudo dos aspectos contextuais são diversas. Em primeiro lugar, é preciso selecionar do contexto quais aquelas informações que são realmente relevantes para a expressão linguística. Nesse sentido, o presente trabalho traz algumas indicações

relevantes: os papéis sociais, a relação de autoridade e de submissão, a formalidade da situação foram os parâmetros mais significativos do ponto de vista estatístico. Além desses, julgamos ser relevante investigar mais profundamente a relação entre esses aspectos e outros parâmetros prosódicos em diferentes atos de fala.

Em segundo lugar, outros parâmetros prosódicos podem ser incorporados à análise em conjunto com as pistas contextuais. Dentre eles, destacamos a frequência média dos locutores, que pode ser uma variável influenciada pelo contexto.

A nossa conclusão sobre a relação prosódia/contexto é de que essa é uma alternativa de análise viável para os estudos da prosódia. A partir de estudos sobre essa relação, consideramos que seja possível ter uma noção mais próxima do que ocorre com locutores e alocutários nas situações reais de comunicação.

3 - Estudos futuros

Como uma forma de continuar este estudo, sugerimos a elaboração de testes comparativos no que se refere aos padrões melódicos de ordens, pedidos e a modalidade declarativa. Pelo que percebemos auditivamente, o uso de estratégias prosódicas, principalmente no que diz respeito à melodia, pode estar correlacionado ao comportamento e à personalidade do falante, que pode intencionalmente parecer mais ou menos autoritário. Nesse sentido, a ideia de graus de obrigatoriedade em relação à execução da ação proposta no conteúdo proposicional é algo que necessita ser mais observado.

Uma questão metodológica que é de grande relevância para os estudos prosódicos que tomam como base a análise da curva de F0 consiste na determinação de quais são os pontos-alvo que devem ser considerados num tratamento instrumental. O desdobramento do ponto medial em dois pontos é uma alternativa que representam melhor o que ocorre em termos de movimento melódico, pelo menos no que se refere à análise de curvas que são implementadas com um tom nivelado.

No que tange à nossa escolha metodológica, notamos que muitos dados foram descartados em virtude do ruído de musical que geralmente aparece no momento da fala

das personagens. Para estudos futuros que venham adotar esse tipo de *corpus*, vale destacar que uma das possibilidades é coletar os dados antes da edição da novela, o que pode colaborar para se construir uma amostra maior de dados.

Apontamos, ainda, algumas restrições deste trabalho que devem ser consideradas. A primeira dela diz respeito à análise das atitudes. Determinar quais rótulos serão utilizados é uma tarefa que exige um tratamento mais detalhado, com julgamento de outros ouvintes. Vimos a necessidade de se elaborarem teste para verificarmos se a interpretação que conferimos corresponde, de fato, a uma percepção mais próxima das intenções do falante.

Outra questão diz respeito à calibragem do programa utilizado para análise instrumental, no que se refere à extração da curva de frequência fundamental. Ao mudarmos os parâmetros máximos e mínimos, percebemos que existe uma mudança na detecção da melodia, o que resultou em vários momentos de re-análise dos dados. Uma solução possível é utilizar outro programa que cumpra a mesma função, já que os dados instrumentais devem ser precisos para corresponderem a um tratamento estatístico confiável.

Merece também uma investigação mais detalhada o grau de obrigatoriedade. É necessário compreender de que forma os ouvintes julgam esse parâmetro e de que forma ele se associa ao movimento melódico. Julgamos necessário testar de que forma o grau de obrigatoriedade se relaciona à expressão da atitude, o que pode nos indicar a que pontos do movimento melódico estão mais propensos à modalização.

REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, David. **Elements of general phonetics**. Edinburgh: University Press, 1967.
- AKMANJIAN, Adrian et alii. **Linguistics: na introduction to language and communication**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- ALTMANN, Hans.. **Intonationsforschungen**. Tübingen: Niemeyer,1988.
- ANTUNES, Leandra. **Análise da entonação dos enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2000. Dissertação de mestrado.
- _____. O alinhamento de tons do acento nuclear em enunciados declarativos na fala de crianças. In: REIS, César (org). **Estudos em Fonética e Fonologia do Português**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002. p. 77-101.
- _____. **O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. Tese de Doutorado. Mimeo.
- AUBERGÉ, Véronique. A gestalt morphology of prosody directed by functions: the example of a step by step model developed at ICP. In: BEL, B., MARLIEN, I. (org.). **Proceedings of Speech Prosody 2002**. Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, Université de Provence, 2002. p. 151-155.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BALLY, Charles. **Linguistique générale et linguistique française**. A. Francke S. A: Berne, 1944.
- BARBOSA, Plínio Almeida. Syllable-timing in Brazilian Portuguese: uma crítica a Roy Major. In: **Delta**. São Paulo, vol. 16,n.º 2, 2000 p.369-402.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística geral**. São Paulo: Nacional, 1976.
- BLUM-KULKA, S. Indirectness and politeness in requests: same or different? In: **Journal of Pragmatics**, v. 11, p.131-146, 1987.
- BOLINGER, Dwight. **Intonation and its parts: melody in spoken English**. Londres: Edward Arnold Publishers, 1985.

BROWN, Douglas. **Principles of language learning and teaching**. New Jersey: Prentice Hall, 1994.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: CUP, 1987

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do Português brasileiro**. Campinas: Unicamp, 1981. Tese de livre docência.

_____. **Dossiê da prosódia**. 2002. No prelo.

_____, MASSINI-CAGLIARI, Gladis (2001). O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa. In: CASTRO, IVO; DUARTE, Inês: **Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mateus**. Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/dlgr/mateus/mateus.htm>.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **A telenovela**. São Paulo: Ática, 1987.

CRESTI, Emanoela. **Corpus di italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.

COMPARATO, Doc. **Roteiro: Arte e Técnica de Escrever para Cinema e Televisão**. Nórdica: Rio de Janeiro, 1983.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An introduction to English prosody**. Londres: Arnold, 1986.

CRYSTAL, David. **Prosodic systems and intonation in English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

_____. **Dicionário de Linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CRUTTENDEN, Alan. **Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DURANTI, Alessandro, GOODWIN, Charles. Rethinking context: an introduction. In: _____ **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ELLIS, Rod. **The study of second language aquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FERNANDES, Norma Hochgreb. **Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e entonação do Português**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1976.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 165-186.

FÓNAGY, Ivan. As funções modais da entonação. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos** 25. Campinas, n. 25, p. 25-65. jul/dez. 1993.

_____. Des fonction de l'intonation: essay de synthèse. In: **Flambeau**. Tóquio. Université des langues étrangères de Tokyo, 2003. p. 1-20.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GEBARA, Ester Míriam S. **Alguns aspectos da intonação do Português**. São Paulo: UNICAMP, 1976. Dissertação.

GODOY E SILVA, Juliana Preisser de. **Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e dúvida no português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. Dissertação de mestrado. 172 p.

GOFFMAN, Erving. **Interactional ritual essays on face to face behavior**. New York: Panteon, 1967.

GRICE, Paul. Logic and conversation. In: COLES, P. & MORGAN, J.L. (eds) . **Syntax and Semantics III: Speech Acts**. New York: Academic Press, 1979. p. 41-58.

GUMPERZ, John. Contextualization and understanding. In: DURANTI, Alessandro, GOODWIN, Charles. **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

GUSSENHOVEN, Carlos. Intonation and interpretation: phonetics and phonology. In: BEL, B., MARLIEN, I. (org.), **Proceedings of Speech Prosody 2002**. Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, Université de Provence, 2002. p. 47-57.

HALLIDAY, M. **Intonation and grammar in British English**. Paris: Mouton, 1967.

_____. **A course in spoken English: intonation**. Oxford: Oxford University Press, 1970.

HIRST, Daniel. Form and function in the representation of prosody. **Speech communication** 46 (3-4) . Disponível em <<http://www.elsevier.com/locate/specom>>. Acesso em 25 de maio de 2007. p. 334-347,

HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert. **Intonation systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HOLMES, Janet. **Women, men and politeness**. New York: Longman, 1995.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1990.

JONES, Daniel. **An outline of English phonetics**. Cambridge: Heffer and Sons, 1969 [1918].

KEMPSON, Ruth. **Teoria semântica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

KINGDON, Roger. **The groundwork of English intonation**. Londres: Longmans, Green and Corporation, 1958.

LADD, D. Robert. **Intonation phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LAKOFF, Robin. "The logia of politeness; or, minding your p's and q's". *In: Papers from the regional meeting*, Chicago Linguistic Society, 9, 292-305, 1973.

LE QUERLER, Nicole. **Typologies des modalités**. Caen: Preses Universitaires de Caen, 1996.

LE BERRE, Carla Chiapetta. **Formulações dos atos diretivos em língua oral, no Português do Brasil**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007. Dissertação.

LEECH, Geoffrey; THOMAS, Jenny. "Language, Meaning and Context: Pragmatics", In: COLLINGE, N.E. (ed). **The Inner Nature of Language**. [s.l]: [s.e], 1990.

LEVELT, Willem J. M. **Speaking: from intention to articulation**. Massachussets: MIT Press, 1993.

LEVINSON, Stephen. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LIBERMAN, M. **The intonational system of English**. Massachussets: MIT, 1975.

LOPES, Ana Cristina Macário. **Texto proverbial português: elementos para uma análise semântica e pragmática**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1992. Tese de doutorado.

LOPES, Mário. **A frase alternativa: um estudo acústico na entonação na fala de crianças**. 2001. Dissertação. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. São Paulo: Globo, 2000.

LYONS, Jonh. **Semantics: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MARTINS-BALTAR, Michel. **De l'Énoncé à l'Énonciation: une approche des structures intonatives**. Paris: Didier, 1977.

MATEUS, , M. H. M.; ANDRADE, A.; VIANA, M. C.; VILLALVA, A. (Org.). **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MEYER, Rosa Marina Brito. **Discurso: modalização e adesão**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1980.

MOESCHLER, Jacques. **Théorie pragmatique et pragmatique conversationnelle**. Paris: Armand Colin, 1996.

MONTEIL, Pierre. **Elements de phonetique et de morphologie du latin**. Paris: Fernand Nathan, 1970.

MORAES, João. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert. **Intonation systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.p 179-194.

_____. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: BARBOSA, Plínio A, MADUREIRA, Sandra, REIS, César (edi.). **Proceedings of the Speech Prosody 2008**. Campinas: IEL, Unicamp, Motorola, Editora RG, 2008. p.389-397.

MORAES, J. A. ; COLAMARCO, M. . Você está pedindo ou perguntando? Uma análise entonacional de pedidos e perguntas na fala carioca. In: **Caderno de resumos do IX Congresso Nacional de Fonética e Fonologia e III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 43

MOZZICONACCI, Sylvie. **Speech variability and emotion: production and perception**. Doctoral Thesis. Eindhoven, Technische Universiteit Eindhoven, 1998.

NASCIMENTO, Adriana. **Análise prosódica do vocativo em fala de crianças: uma abordagem fonética**. 2000. 127p. Faculdade de Letras: Universidade Federal de Minas Gerais. 2000. Dissertação de mestrado.

NEVES, Janete dos Santos Bessa. **Estudo semântico-enunciativo da modalidade em artigos de opinião**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006. Tese de doutorado.

Oliveira, Teresa. Construções relativas:uma proposta transcategorial. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, 1997.

PAKOSZ, Masiej. Intonation and attitude. In: **Lingua**. [s.l.]: North-Holland Publish Company, 1982. p. 153-178.

PAPAFRAGOU, Anna. Inference and word meaning: the case of modal auxiliaries. In: **Lingua** 105. [s.l.]: North-Holland Publish Company, 1998. p. 1-47.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Progressão textual e modalização. In: **VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, v. I. Rio de Janeiro, 2003. p. 38-38.

PAVEAU, Marie-Anne, SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PERINI, Mário Alberto. **Modern Portuguese: a reference grammar**. New Haven:Yale University Press, 2002.

PIERREHUMBERT, J. **The phonology and phonetics of English intonation**. Massachussets: MIT IULC, 1980.

PIKE, K. **The intonation of American English**. Michigan: University of Michigan Publications, 1945. 105p.

POSTIGO, Vanderlei. Do roteiro à produção de um capítulo: a questão da autoria em telenovelas – estudo de caso de *Terra Nostra*. In: **XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação**. Disponível em <reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/5024/1/NP14POSTIGO.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2008.

QUEIROZ, Horácio dos Santos. A entonação como orientação da expressão da atitude do locutor no processo de enunciação. In: **Anais do IX Congresso Nacional de Fonética e Fonologia/III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. CD publicado em janeiro de 2007. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/labfon/congresso_2006/cdrom-2006.html>. Acesso em 15 de dezembro de 2008.

REIS, César. **L'Interaction entre l'intonation, l'accent et le rythme en portugais brésilien**. Aix-en-provence: Université de Provence, 1995.

_____. A entonação no ato de fala. In: MENDES, Eliana; OLIVEIRA, Paulo & BENNIDLER, Veronika (org). **O novo milênio: interfaces Linguísticas e literárias**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001.p 221-229.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SEARLE, J. R. **Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem**. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

_____. **Expressão e significado**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHERRE, Maria Marta Pereira . A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão socioLinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, Marcos. (Org.). **A Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 217-251.

SILVA, Jorge da, SILVA, Vera Lúcia T. Introdução ao pragmatismo linguístico. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/1/07.htm>>. Acesso em 12 de março de 2008.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. **Relevance: communication and cognition**. Oxford: Blakwell, 1995.

TENCH, Paul. **The roles of intonation in English discourse**. Frankfurt am Main: Verlag Peter Lang GmbH, 1990.

TOVAR, Antônio. **Gramática histórica latina: sintaxis**. Madrid: Afrodísio Aguado, 1946.

TUCCI, Ida. Atti del Convegno internazionale. In: **La comunicazione parlata**. Napoles: [s.e.], fevereiro de 2006. p. 461-478.

ULDALL, Elizabeth. Dimensions of meaning in intonation. In: BOLINGER, D. **Intonation**. London: Penguin Books, 1972. [First published in ABERCROMBIE, David (ed). In honour of Daniel Jones. London: Longman, 1964].

VANDERVEKEN, Daniel. **Meaning and speech acts: principles of language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

VIARO, Mário Eduardo. A expressão “por favor” em latim. In: **I Simpósio Nacional de Estudos Clássicos: Escrita e Oralidade no Mundo Clássico**. São Paulo: FFLCH-USP, 1997

WELKER, Herbert Andreas. **Partículas modais no alemão e no português e as equivalências de –aber, -eben, -etwa e –vielleicht**. Brasília: UNB, 1990. Tese de doutorado.

WICHMANN, Anne. The attitudinal effects of prosody, and how they relate to emotion. In: COWIE, R.; DOUGLAS-COWIE, E & SHRÖDER, M. (ed). **Proceedings ISCA, workshop on pitch and emotion**: [s.l.], 2000.

_____. Attitudinal intonation and the inferencial process. In: BEL, B., MARLIEN, I. (org.). **Proceedings of Speech Prosody 2002**. Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, Université de Provence, 2002.

_____. The prosody of please-request: a corpus based approach. In: **Journal of Pragmatics**, 36.[s.l.] 2004. p. 1521-49

_____. Please – from courtesy to appeal: the role of intonation in the expression of attitudinal meaning. In: **English Language and Linguistics 9**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 229-253.

WILSON, Deirdree, WHARTON, Tim. Relevance and prosody. In: **Journal of pragmatics**. 38. Issue 10. Outubro de 2006 . p 1559-1579.

WILSON, Victória. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 87-110.

YEOU, Mohamed; EMBARKI, Mohamed; AL MAQTARI, Sallal; DODANE, Christelle. F0 alignment patterns in arabic dialects. In: **XVI Internacional Congress of Phonetic Science**. Saarbrücken, agosto de 2007. Disponível em <<http://www.icphs2007.de>>. Acesso em 28 de dezembro de 2008. p. 1493-1496.

ŽARNIĆ, Berislav. Imperative change and obligation to do. In: SEGERBERG , Krister, SLIWINSKI, Rysiek (eds.). **Uppsala philosophical studies 51: Logic, Law, Morality: Thirteen Essays in Practical Philosophy in Honour of Lennart Åqvist**. Uppsala: Department of Philosophy, Uppsala University, 2003. pp. 79-95.

ANEXOS

I - Ficha técnica da novela *Belíssima*

Uma novela de	Sílvio de Abreu
Escrita por	Sílvio de Abreu , Sérgio Marques , Vinícius Vianna
Pesquisa de Texto	Carmem Righetto
Direção	Flávia Lacerda , Gustavo Fernandez , Natália Grimberg
Direção Geral	Denise Saraceni , Carlos Araújo , Luiz Henrique Rios
Direção de Núcleo	Denise Saraceni
Cenografia	May Cordeiro , Mauricio Rohlfs , Ana Maria Mello , Lueli Antunes
Cenógrafos Assistentes	Claudia Affonso , Cleonice Megale , Cristina Crizel , Danielle Faria , Gioconda Coelho , Jaqueline Guerra , Liana Stipoi , Márcia Bezerra de Mello , Marcio Coelho Fontes , Marcos A. N. Sobrinho , Marvin Franco , Mauro Vicente , Mônica Aurenção , Regina Valentino , Silvana Machado , Vânia Bastos Britto
Figurino	Geórgia Sampaio , Ro Gonçalves
Figuristas Assistentes	Alessandra Barrios , Carolina Almeida , Claudia Montenegro , Giovanni Targa , Jeane Figueiredo , Tainah Carvalho
Equipe de Apoio ao Figurino	Carlos Alberto da Costa , Charles Luiz , Cláudio Rosa , Cremilda Vieira , Heloísio Carlos da Silva , José Lima Ferreira , José Maria Bauer Pigo , Jurema Mota Coutinho , Marcelo Chagas , Marcelo Henrique Pereira da Silva , Nilza Rodrigues Faria , Patrícia Rodrigues Faria , Rosa Correa Rodrigues , Severina da Silva Viana
Direção de Fotografia	Roberto Amadeo
Direção de Iluminação	José Luiz Fernandes , Gustavo Lacerda , Leo Pinheiro
Equipe de Iluminação	Davi Magalhães , Ely Lourenço de Freitas , Giovane Araujo , Humberto Vicente Correia , Jones Tadeu , José Luiz Pereira , Paulo César dos Santos , Roberto Pereira , Roberto Tricarico , Sinésio Gonçalves
Produção de Arte	Luiz Carlos Lopes , Jussara Xavier
Produção de Arte Assistente	Aline Esteves , Ana Clarino , Gabriela Estrela
Equipe de Apoio à Arte	Agenor Malvino , Antonio Carlos Pereira da Silva , Alexandre Francisco da Silva , Sandoval Júnior
Produção de Elenco	Daniel Berlinsky
Instrutores de Dramaturgia	Yula Stenos , Dani Hu , Rossela Terranova , Rosana Garcia
Produção Musical	Sérgio Saraceni
Caracterização	Fernando Torquato , Carmem Bastos
Equipe de Apoio à Caracterização	Adriana Alves , Adélia Telles , Luiz Gabriel , Rita de Cássia , Sheila Mônica , Sonia Maria , Tânia Mendonça , Zuleica Lago , Carla de La Longuiniere
Edição	Paulo H. Farias , César Chaves , Roberto Mariano , Robson Lima , Rosemeire Barros
Sonoplastia	Kesner Puschmann , Haroldo Sá
Efeitos Visuais	Toni Cid , Chico Lima , Jorge Banda
Efeitos Especiais	Wilson Aquino
Direção de Imagem	Luiz Alberto da Silva
Câmeras	Paulo José Corado , Antonio Carlos S. de Azevedo , Renato Viana , Arlindo Lins de Oliveira , Alexandre Couto , Guto Leccioli
Equipe de Apoio à Operação de Câmera	Ataíde Jr. , Eptácio Alves do Nascimento , José Alberto da Costa , José Jorge Roberto Martins , Paulo Jefferson Leite
Equipe de Vídeo	Manoel Tibúrcio de Medeiros , Gilmar Rocha Machado , Clóvis Antonioli , André Luis Correa
Equipe de Áudio	Alexandre Santos , Eneas Antonio do Nascimento , Flávio Luiz Fernandes , Gabriel Páscoa , Jorge Marreiros , Melevel Neves da Silva , Moisés de Oliveira , Valter de Barros
Supervisor de Estúdio / Op. de Sistemas	André Almeida
Produção de Cenografia	Leandro Leão
Equipe de Cenotécnica	Aciei da Silva Campos , Adriano Oliveira Ofrede , Alexandre Tavares , André Luiz Pires , Antonio Carlos Oliveira , Carlos Alberto da Silva , Carlos José Ferreira , Carlos Renato Cardoso , Carlos Roberto Souza Ferreira , Cláudio da Silva , Cláudio Luiz Querido , Cristóvão Antonio Felix , Dario Pereira Silva , Edgil José Pinheiro , Emmanuel Ferreira , Fabio Flaviano Menezes , Fernando Barcellos , Flavio Neves Marques , Flavio

	Wayne , Francisco Canindé Azevedo , Gutemberg Batista , Jesus da Conceição , João Evangelista Silva , Jorge Carvalho Flor , Jorge Joel Cabral , José Alípio Neto , José Carlos de Souza , José Carvalho de Araújo , José Cavalcante , José Maria Ribeiro , Luiz Cláudio Perdigão , Luis Leal , Marcelo Fanzeres , Marcelo Paiva Santos , Max Brígido da Silva , Olga Antunes Marinho , Pedro Pereira da Silva , Rodrigo Almeida , Sebastião Silva Santos , Severino Geraldo Santanna , Silete Franco , Valmir Santos Soares , Vanessa Cantalice , Vanessa Salgado , Vilson Cosme Teixeira , Wagner Paulo Miranda , Wanda Maria Guimarães
Fonoaudióloga	Maria Sílvia de Siqueira Campos
Continuidade	Fernanda Borges , Carlos Domingos , Rita Peçanha , Helena Duran , Giselle Lewicki , Joana Portes
Assistente de Direção	Tande Bressane , André Câmara , Giovanna Machline
Produção de Engenharia	Abílio Páscoa
Equipe de Produção	Silvana Feu , Luciana Ferreira , Luiz Carlos Mendonça Jr , Karen Balbi , Luiz Jovita , Bárbara Duffles , Elaine Teixeira , Marcos Pedro
Coordenação de Produção	Silvana Gabbardo , Carlos Galvani , Cláudio Dager , Letícia Torgo , Rodrigo Ishikawa
Gerência de Produção	Janice Vieira

Fonte: www.globo.com/belissima - acesso em 19 de fevereiro de 2008.

II - Normas para transcrição do Laboratório de Fonética

Observações:

Personagem analisada (P).

Outros personagens estão numerados desde o número 1, a partir de cada diálogo.

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmento	Xxx
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	Maiúscula
Alongamento de vogal ou consoante	:: podendo aumentar para ::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	()
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --
Sobreposição, simultaneidade de vozes	Ligando as [linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de texto, durante a gravação.	“ ”

Fonte: CASTILHO & PRETTI (orgs.), 1986, p.9-10.

Estagiárias responsáveis:

Anaíde Lamendola

Vanessa Wright

APÊNDICES

Enunciados analisados no trabalho:

Locutor: Alberto Sabatini

EO1	esquece
EO2	um uísque#puro
EO3	esquece o uísque
EO4	faz um chá de qualquer coisa pra mim aí
EO5	assiste só (depois a gente conversa)
EO6	você fala pra mônica me ligar no celular
EO7	fala pra ornela (ligar pra júlia assumpção a qualquer hora)
EP1	pensa rebecca
EP2	pensa
EP3	vai
EP4	conta
EP5	liga
EP6	conta vai
EP7	num faz isso
EP8	conta aí
EP9	vamos conversar
EP10	num chora mônica
EP11	abre a porta filha
EP12	liga pra ivete
EP13	mônica por favor
EP14	raciocina comigo
EP15	num fala assim com o pai vai
EP16	deixa eu falar com você amor
EP17	um pouco de paciência tá bom
EP18	escuta mônica
EP19	monica não faz assim
EP20	pergunta pra ela (se eu não liguei pra ela perguntando o endereço da Rebeca)
EP21	perai
EP22	não faz isso
EP23	vamos conversar (2)

Locutor: André Santana

EO1	diga pra ela fazer as malas e ir embora
EO2	eu quero você fora daqui
EO3	fora daqui
EO4	inventa uma desculpa
EO5	me anuncie por favor
EO6	matilde por favor sirva d bia e d ornela
EP1	calma
EP2	com licença senhores
EP3	desculpa
EP4	desculpa delegado
EP5	fecha a porta

EP6 júlia não faz isso
 EP7 me desculpa
 EP8 júlia me deixa explicar

Locutor: Bia Falcão

EO1 traz
 EO2 vai 3
 EO3 você pára
 EO4 vai lá embaixo 3
 EO5 obedeça sua mãe
 EO6 dessa você não escapa
 EO7 traga toda minha roupa
 EO8 você vai levar essas malas pro meu quarto ou não vai levar
 EO9 vai
 EO10 vai
 EO11 pára
 EO12 pára
 EO13 responda
 EO14 não se mexa
 EO15 vai rápido
 EO16 leva pro meu quarto
 EO17 pega as minhas malas
 EO18 sirva o nosso jantar por favor
 EO19 ponha no quarto que sempre foi meu
 EO20 eu acho melhor você ir embora
 EO21 vai
 EO22 vai 2
 EO23 responda 2
 EO24 reconheça
 EO25 vai lá embaixo
 EO26 não seja mal educado
 EO27 traz uma xícara por favor
 EO28 eu gostaria de convidar você pruma agradável mesa a três
 EP1 vamos
 EP2 podem ir
 EP3 podem ir
 EP4 me desculpe
 EP5 pode falar
 EP6 aceita um drinque
 EP7 medeiros por favor
 EP8 não não agradeça
 EP9 me vê um copo d'água
 EP10 não me tira do sério
 EP11 olha pra mim olha bem
 EP12 olhe com atenção pra mim
 EP13 me vê um copo d'água, por favor
 EP14 por favor você pára com isso
 EP15 faça de conta que não está acontecendo nada

Locutor: Júlia Assumpção

EO1	não é pra deixar subir
EO2	não é pra deixar subir (2)
EO3	pode fazer a ligação por favor
EO4	matilde por favor acompanhe os senhores
EP1	liga pra vitória
EP2	por favor djulian
EP3	tilde fica calma
EP4	me conta como é que isso aconteceu
EP5	não vamos entrar por esse campo
EP6	por favor bia não vamos discutir mais
EP7	por favor
EP8	com licença
EP9	desculpe bia
EP10	andrê espera
EP11	desculpe o horário bia
EP12	vamos deixar isso para depois por enquanto
EP13	por favor não me encha mais a paciência
EP14	diga a ela que eu adorei as flores o cartão
EP15	e fala pra ela não dizer nada por enquanto
EP16	num pensa nisso mais não
EP17	vamos nos ater aos assuntos empresariais
EP18	me desculpe vitória

Enunciados do CD:

Enunciado (transcrição ortográfica)	figura	faixa
Traz café. (ordem)	10	1
Traz café. (pedido)	11	2
Come o feijão.	15	3
Deixa eu falar com você, amor.	21	4
Fala pra Ornela	22	5
Traz	26	6
Diga pra ela fazer as malas e ir embora.	27	7
Júlia, me deixa explicar	28	8
Fala pra Ornela ligar pra Júlia	29	9
Vamos conversar	30	10
Pega as minhas malas e leva pro meu quarto	31/32	11
Me vê um copo d'água	33	12
Por favor, acompanhe os senhores	30	13
Fala pra ela não dizer nada por enquanto	35	14
Me traz uma xícara por favor, traz!	38	15
Vamos deixar isso pra depois por enquanto.	39	16